
THE
WRECKED SERIES
Wrecked Palace
CATHERINE
COWLES



Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Patricia C

Revisão Final: Equipe Valkyrias

Leitura Final: Equipe Valkyrias

Formatação: Ari

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Doll Books Traduções (DB) e Valkyrias Traduções (VT) de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos DB e VT poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos DB e VT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Para Monica.

Obrigado pelo seu apoio desde o primeiro e—mail. Sua bondade, generosidade e defesa de minhas palavras significaram o mundo.

Wrecked Palace

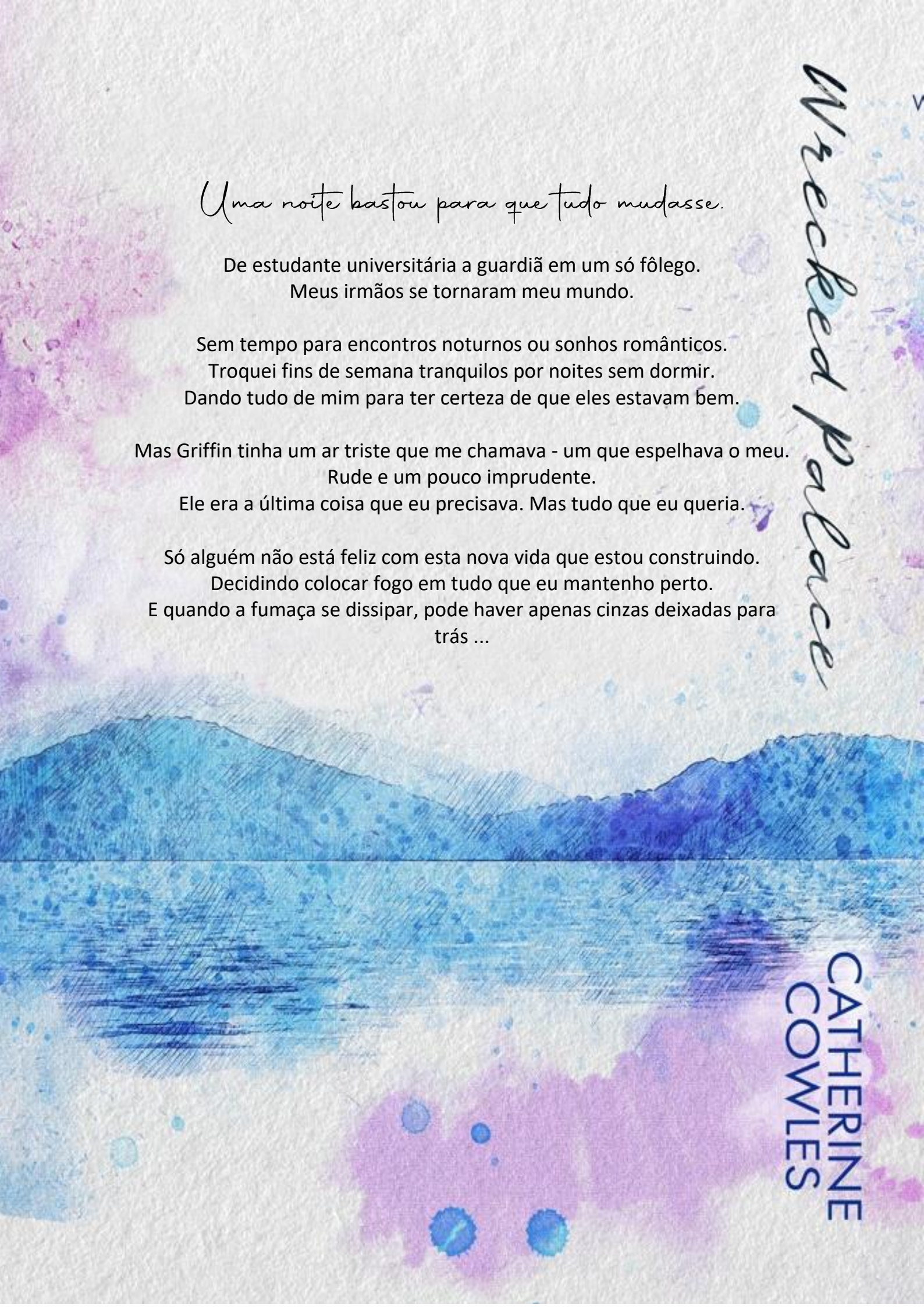
Uma noite bastou para que tudo mudasse.

De estudante universitária a guardiã em um só fôlego.
Meus irmãos se tornaram meu mundo.

Sem tempo para encontros noturnos ou sonhos românticos.
Troquei fins de semana tranquilos por noites sem dormir.
Dando tudo de mim para ter certeza de que eles estavam bem.

Mas Griffin tinha um ar triste que me chamava - um que espelhava o meu.
Rude e um pouco imprudente.
Ele era a última coisa que eu precisava. Mas tudo que eu queria.

Só alguém não está feliz com esta nova vida que estou construindo.
Decidindo colocar fogo em tudo que eu mantenho perto.
E quando a fumaça se dissipar, pode haver apenas cinzas deixadas para trás ...



CATHERINE COWLES

PRÓLOGO

Czelyn

PASSADO

O SOM de um telefone tocando me tirou de um sono profundo. Eu gemi piscando contra a escuridão. A única luz no quarto vinha das estrelas que brilhavam no escuro salpicadas por todo o teto do meu dormitório. Procurei na mesa de cabeceira, tentando encontrar o aparelho que zumbia.

— Desligue o seu maldito telefone antes que eu o jogue pela janela, — Bell gritou do outro lado do quarto. Nossa outra colega de quarto, Kenna, soltou um gemido.

— Estou tentando. Meus dedos encontraram o cabo do carregador e puxei o telefone para a cama. Olhando para a tela, meu peito apertou. 01h13 e Will estava ligando. Corri para atender. — Will? O que está errado?

Eu tinha dado um telefone ao meu irmão mais novo antes de ir para a faculdade. Mantive o celular barato abastecido com minutos porque eu precisava de uma maneira de entrar em contato com meus irmãos e para que eles pudessem me encontrar. Nosso telefone residencial não funcionava há anos, e meus pais não gostavam que nós usássemos seus celulares.

— Eu não sei o que fazer-

A voz de Will foi interrompida por um grito. Soluços que só podiam vir da minha irmã de um ano, Mia, soaram além da linha, seguidos por alguém batendo na porta. — Você me deve a porra do dinheiro, idiota. Eu paguei. Dê-me minha merda!

Eu respirei fundo.

— O que está acontecendo? Onde estão vocês gente?

— Estou no quarto das meninas. Coloquei uma cômoda na frente da porta, mas tem um cara na casa. Ele não vai embora.

A luz acendeu e Bell e Kenna estavam ao meu lado em um flash, ouvindo a angústia em minha voz. Fiz sinal para Bell pegar seu telefone.

— Onde estão mamãe e papai?

— Eles não estão aqui. Eles não aparecem há dias.

Mais pancadas surgem.

— Dê-me a porra da minha merda ou vou estripar você quando entrar aí.

Meu coração martelou contra minhas costelas em um ritmo doloroso. — Bell, chame o xerife. Alguém está na casa. Will fez uma barricada no quarto das meninas.

Bell empalideceu, mas imediatamente começou a discar. Assim que alguém atendeu, ela começou a contar a situação. Kenna se acomodou ao meu lado na cama e esfregou minhas costas.

Voltei minha atenção para Will. — Fique calmo, amigo. A polícia está a caminho. Mas quanto tempo eles demorariam para chegar lá? Nossa pequena ilha na costa do estado de Washington não tinha sua própria força policial. Compartilhamos o acesso ao departamento do xerife com o resto da cadeia de ilhas. Isso significava que, em uma emergência como esta, os policiais teriam que pegar um barco antes de entrar na ilha.

— Eu estou assustado.

O tremor na voz de Will quebrou algo dentro de mim. — Vai ficar tudo bem. Estou contigo. — Mais batidas soaram ao fundo, e Mia começou a chorar ainda mais. — Ava está segurando Mia?

— Sim, eu coloquei no armário.

Minha mão agarrou meus lençóis. Meu irmão mais novo de dez anos era experiente o suficiente para saber que precisava esconder suas irmãzinhas. O que diabos meus pais estão fazendo desde que fui para o meu primeiro ano, quatro meses atrás? — Você é tão inteligente, Will. E tão valente. O que está na frente da porta de novo?

— Eu empurrei a cômoda e depois uma cama.

— Isso é ótimo. Isso o manterá fora.

— Acredito que sim.

Deus, eu também. Se algo acontecesse com meus pequenos terrores …. Eu tentei expulsar as imagens horrendas tomando conta de minha mente.

Bell acenou com a mão para mim. — Há dois oficiais em *Anchor*. Eles estão indo para a sua casa agora.

Eu dei a ela um aceno tenso. Queria sentir alívio, mas não consegui. Não até eu saber, com cem por cento de certeza, que as crianças estavam bem. — Você ouviu isso? Há oficiais chegando daqui a pouco. Eles já estão em *Anchor*.

Will fungou. — OK. Há mais gritos e batidas, depois um som forte. — Acho que a porta está quebrando.

Eu apertei meus olhos, enviando mil orações silenciosas. — Entre no armário com Ava e Mia.

— Eu não posso. Eu tenho que lutar com ele se ele entrar. Eu tenho meu bastão.

Meu doce e corajoso menino. As lágrimas escorreram de meus olhos. Ele não vai entrar. Apenas espere.

Gritos soaram na linha. Ouvi alguém gritar que era do departamento do xerife e que se deitasse no chão. Houve mais gritos e depois um tiro. O estalo da bala foi tão alto que Kenna se sacudiu ao meu lado. Todos os meus músculos travaram. — Will, você está bem? O que está acontecendo agora?

— Estou bem. Eu não sei.

— Will, é o oficial Raines. Você está bem aí?

Meus ombros cederam de alívio. Will respondeu ao policial com voz trêmula. — Estamos bem.

Eu ouvi uma porta se abrindo e os gritos de Mia ficaram mais altos, mas foi Ava quem falou. — Eu quero Cae Cae. O som de sua súplica quebrou o último pedaço do meu coração ainda se segurando.

— Eu estarei aí em breve, Ava.

— Você ouviu isso, Avs? Caelyn virá em breve.

O oficial começou a falar novamente. — Precisamos levar o bandido para a viatura. Então nós voltaremos por vocês.

— OK. A voz de Will parecia mais forte agora. — Eu tenho que mover a mobília, Caelyn.

— Não desligue! Eu estava desesperada. Esta era minha única tábua de salvação para meus irmãos, e eu não podia deixar isso passar. — Coloque o telefone na viva voz e o coloque na cama.

— Tudo certo. Algo farfalhou e então Will falou novamente. — Você pode me ouvir?

— Eu posso te ouvir.

Os sons de móveis sendo empurrados pelo carpete e Will grunhindo ultrapassaram a linha. Prendi a respiração até ouvir uma batida.

— É o oficial Raines. Posso entrar?

Uma porta rangeu ao fundo.

— Vocês estão bem? — O oficial Raines perguntou.

— Sim, estamos bem, — Will respondeu.

O leve tremor em sua voz me fez agarrar os lençóis ainda mais apertados. Eu nunca deveria ter deixado *Anchor*. Eu deveria simplesmente ter encontrado o apartamento mais barato possível e trabalhado em um bar ou restaurante na ilha. Mas, em vez disso, fui egoísta, desesperada para usar a bolsa de estudos pela qual trabalhei tanto.

A voz de Ava interrompeu meus pensamentos. — Você pode nos levar para Cae Cae?

— Quem é Cae Cae? — Raines perguntou.

— Minha irmã. Ela está no telefone, Will disse.

— Tudo bem se eu falar com ela?

— Certo.

O telefone tocou quando ele me tirou da viva voz. — Srta. O'Connor, nós os pegamos. Eles parecem assustados, mas estão perfeitamente seguros.

Comecei a chorar. Em meio aos soluços, consegui dizer: — Obrigada. Muito obrigada.

— Claro. Nós vamos leva-los para a delegacia do xerife em *Shelter*.

— OK. Estou em Seattle. Eu estou na faculdade aqui. Mas vou chegar lá o mais rápido que puder. Você pegará este telefone para que possa me atualizar se alguma coisa mudar?

— Vou manter o telefone comigo. Respire fundo. Eles ficarão bem.

Mas isso não era totalmente verdade. Claro, fisicamente, eles estavam bem. Mas emocionalmente? As crianças ficaram traumatizadas. E eu não sabia nada sobre como curar essas feridas. Mas, como com tudo o mais, simplesmente teria que encontrar uma maneira. Eu só precisava falar com meus irmãos primeiro.

— CAE CAE!

Ava se atirou em mim assim que cruzei a soleira da sala dos funcionários na delegacia do xerife. Eu a peguei, levantando-a em meus braços e balançando-a para frente e para trás. — Eu estou aqui agora. Você está bem.

Ela pressionou seu rostinho no meu pescoço. — Eu estava tão assustada.

Eu a segurei com mais força contra mim enquanto fechava os olhos com força. — Sinto muito, Avs. — Enquanto seu pequeno corpo tremia contra o meu, eu jurei que ela nunca sentiria medo novamente.

Eu examinei a sala, meu olhar preso em Harriet, a guardiã adotiva de Kenna. Foi ela quem arranjou um barco para nós de Seattle para Shelter Island e imediatamente se dirigiu para o posto do xerife. Ela se levantou, a pequena Mia adormecida em seus braços.

Eu pisquei para conter as lágrimas. — Muito obrigado, Harriet. Eu não sei o que eu teria feito ...

— Oh, cale-se agora. Você sabe que eu faria qualquer coisa por vocês, meninas.

Kenna foi até a mulher mais velha, dando um beijo em sua bochecha. — Obrigada.

— Estou feliz em ajudar no que puder.

— Onde está Will? Perguntei.

Harriet inclinou a cabeça para o corredor. — O oficial Raines foi pegar um refrigerante e lanche para ele. Acho que a adrenalina estava passando. Ele estava ficando um pouco trêmulo.

Meus olhos se fecharam novamente como se eu pudesse afastar o pesadelo das últimas horas. Eu tinha tantas perguntas, mas não queria fazer nenhuma na frente das pequenas orelhas. Eu pressionei um beijo na cabeça de Ava. — Você pode ir com a Bell? Eu quero encontrar Will.

Ava assentiu e foi facilmente para os braços de Bell. Bell a aconchegou. — Senti muito a sua falta.

O pequeno sorriso que Ava deu a Bell fez meus ombros relaxarem um pouco. — Eu estarei de volta em um minuto.

Voltei para o corredor, procurando por qualquer sinal das máquinas de venda automática. Depois de alguns corredores errados, localizei uma cabeça de cabelo castanho desgrenhado. — Will.

Sua cabeça se ergueu com a minha voz e ele empurrou o refrigerante para um policial que parecia vagamente familiar. Will correu, me acertando com uma força que me fez dar um passo atrás. *Quando ele ficou tão grande?* Passei meus braços em volta dele enquanto mais lágrimas enchiam meus olhos. — Eu te amo.

— Eu também te amo, — ele sussurrou, sua voz falhando.

O policial veio até nós. — Oi, Srta. O'Connor. Sou o oficial Raines.

— Por favor, me chame de Caelyn. Obrigada por tudo o que você fez.

— Fico feliz em ajudar. — Um sorriso dolorido curvou seus lábios. O xerife quer conversar com você quando estiver pronto.

Eu queria conversar com o xerife também. Mas primeiro, eu tinha algumas perguntas para Will. Afastei o cabelo de seus olhos; ele precisava desesperadamente de um corte de cabelo. Quando foi a última vez que você viu a mamãe e o papai?

Will me soltou e estremeceu. Na sexta.

O sangue rugiu em meus ouvidos. Na segunda-feira de manhã cedo. — Por que você não me ligou? Eu dei o telefone a Will por um motivo. Nossos pais nunca foram atenciosos. Eu nunca saberia por que minha mãe não adotou métodos anticoncepcionais, porque ela certamente não estava interessada em criar os filhos. Ela fazia o mínimo, que muitas vezes consistia em uma única sacola de *fast food* para o jantar e usar a televisão como babá. Mas eles nunca nos deixaram sozinhos por dias a fio antes.

Will mordiscou o lábio inferior. — Eu não queria que você voltasse da faculdade.

— Por que não? Não consegui esconder a dor em minha voz.

Ele endireitou os ombros pequenos. — Você precisa terminar a faculdade e conseguir um bom emprego para que possa nos tirar de lá.

— Oh, Will. Puxei-o em meus braços, as lágrimas que eu estava tentando tanto segurar desde que cheguei à estação, escorrendo pelo meu rosto. Eu deveria ter ficado envergonhada que tudo isso estava saindo na frente de algum policial que eu mal conhecia, mas isso não me

importava. Tudo que me importava era envolver meus minúsculos terrores em abraços e leva-los para algum lugar seguro.

— O que vai acontecer conosco? — Will sussurrou.

Deus, eu gostaria de ter uma resposta para isso, mas sabia que nunca deixaria essas crianças irem para um orfanato. — Nós descobriremos juntos. Mas eu não vou te deixar. Você não está sozinho.

Will cedeu contra mim. — Me desculpe por não ter ligado. Eu deveria quando eles começaram a piorar.

Eu enrijeci. — O que você quer dizer com piorar?

Will me soltou, olhando de mim para Raines e vice-versa. — Eles estão usando drogas.

Eu rangi meus dentes. Meus pais sempre beberam muito e eu sabia que meu pai fumava maconha, mas nunca tinha visto qualquer indício de algo mais pesado. O fato de meu irmão mais novo de dez anos poder ver os sinais do uso de drogas e saber o que isso significava .... Isso destruiu a pouca esperança ingênua que me restava de que meus pais se melhorariam. — Você não tem que voltar lá. Nunca mais. — Eu me virei para o oficial Raines. — Certo?

— Correto, ele concordou. O Serviço de Proteção à Criança já passou por aqui. As crianças foram colocadas aos cuidados da Srta. Harriet até que uma decisão mais permanente possa ser tomada.

O rugido em meus ouvidos acalmou uma fração. Harriet foi uma dádiva de Deus, um verdadeiro anjo. Ela não apenas acolheu Kenna quando precisava de um lugar para morar; agora, ela estava nos dando um porto seguro também. — Obrigada.

Eu dei um aperto no ombro de Will. — Por que você não sai com o resto das meninas enquanto eu converso com o xerife? Eu sei que Kenna e Bell querem ver você.

Will assentiu estoicamente. — Você não vai sair, certo?

Meu coração apertou. — Não sem você.

— Ok. — Ele desceu o corredor em direção ao salão.

Não consegui desviar o olhar de seu corpo pequeno até que ele desaparecesse de vista. Eu inalei profundamente, me preparando para o que estava por vir. Voltei para Raines. —Foi muito ruim?

Raines fez uma careta. — A casa estava um desastre. Em todo lugar, menos no quarto das meninas. Parecia que Will estava dormido lá também. Ele mudou o colchão entre a cama de Ava e o berço. Eu ia matar meus pais. Pelo que eles fizeram essas crianças passar, o fogo do inferno seria pouco para eles — Não tinha muita comida na casa também.

Eu engoli a bile subindo na minha garganta. Por favor, me diga que isso significa que eles não têm a menor chance de recuperar essas crianças.

— Não vai acontecer. O xerife quer informá-lo sobre porque exatamente esse é o caso.

Havia um tom sinistro nas palavras de Raines que fez meu estômago revirar. — Vamos.

O policial me guiou por um labirinto de corredores antes de parar na frente de uma porta e bater.

— Entre, — uma voz rouca chamou.

Raines abriu a porta. — Xerife, esta é Caelyn O'Connor. Caelyn, este é o xerife Spaulding.

Eu dei um passo à frente. — Prazer em conhece-lo, senhor. Obrigada por cuidar do meu irmão e irmãs.

O homem, que parecia ter quase cinquenta anos, inclinou a cabeça para uma cadeira em frente à sua mesa. — Sente-se.

Fiz como instruído, e o oficial Raines se despediu. Não pude deixar de torcer um fio solto em meu jeans enquanto o xerife Spaulding me avaliava, parecendo avaliar cada fraqueza e falha em questão de segundos. — Você está na Universidade de Seattle.

— Sim senhor.

— Você trabalhando? Pegando empréstimos?

Ele devia saber que meus pais não estavam me ajudando de forma alguma. Eles estavam felizes por ter uma boca a menos para alimentar. — Eu tenho uma bolsa acadêmica integral e trabalho meio período para cobrir meu quarto e alimentação.

Spaulding assentiu, parecendo satisfeito com minha resposta. — Seus pais…

— São desperdícios totais e completos de espaço? Eu ofereci.

— Receio que seja pior do que isso.

Segurei a linha solta da minha calça jeans com mais força. — Will disse que achava que eles estavam usando drogas.

— Seu pai se envolveu com más pessoas. Tínhamos suspeitas antes, mas esta noite as confirmamos. Ele está traficando, e eu não estou falando de maconha.

O cordão saiu do meu jeans. —Traficando? Ele estava trazendo aquelas pessoas para dentro de casa? Com as crianças lá?

O olhar do xerife Spaulding endureceu. — Temo que sim. Dentro e fora de casa.

— Eu vou mata-lo.

— Você teria que encontrá-lo primeiro. E parece que não podemos fazer isso.

Eu enrijeci. — O que você quer dizer?

Spaulding recostou-se na cadeira. — Encontramos sua mãe enfurnada em um quarto de motel, agulha do lado da cama. Completamente drogada. Mas nenhum sinal do seu pai.

Agulhas. Não estávamos nem falando de medicamentos prescritos. — Eu estava em casa neste verão. Eles foram negligentes, sim, mas mamãe ainda estava cuidando de Mia. Eles beberam demais, mas não vi nenhum sinal de drogas.

— Muita coisa pode mudar em quatro meses, Caelyn.

Aparentemente, uma vida inteira pode desmoronar. — E o cara que invadiu a casa?

O xerife Spaulding entrelaçou os dedos e pousou as mãos na mesa. — Dave Herbert. Preso por uma série de acusações. Ele não vai respirar livremente por alguns anos, pelo menos.

Não foi o suficiente. Ele assustou muito meus irmãos, provavelmente os teria machucado ou pior. Meu estômago embrulhou com o pensamento.

— Isso não é tudo, Spaulding continuou. — Seu irmão nos deu um telefone celular. Acho que ele pensou que poderia nos ajudar a encontrar seus pais, porque pertencia ao seu pai. O que estava naquele telefone ... vai levar a muito mais prisões.

— Isso é bom, certo? Eu queria todos esses idiotas fora das ruas e longe da minha família.

— É bom. Mas enquanto tudo isso está abalando, eu quero que você seja cautelosa.

Todos os meus músculos pareciam se contrair de uma vez. — Você acha que eles virão atrás das crianças?

O rosto de Spaulding endureceu. — Eu gostaria de pensar que não. Mas pessoas desesperadas fazem coisas estúpidas. Eles podem pensar que ir atrás das crianças pode assustar seu pai. Ou que as crianças saibam onde seu pai está. A senhorita Harriet me garantiu que tem um sistema de segurança de última geração. Acho que você estará segura na propriedade dela, mas quero que tome cuidado quando estiver pela cidade. Talvez avise as escolas infantis.

Minha mente pensou em todos os riscos possíveis. Eu odiava que pudéssemos causar problemas à porta de Harriet. Mas que outra opção tínhamos? — Obrigada. Teremos cuidado. Você vai me manter atualizado sobre as prisões?

— Vou mantê-la informada tanto quanto possível.

— Não preciso conhecer os meandros dos casos. Eu só gostaria de saber quando posso respirar fundo novamente.

A expressão de Spaulding se suavizou. — Compreendo. Vamos colocar a propriedade de Harriet e as escolas infantis em um circuito fechado para que haja a presença da polícia. Isso deve desencorajar qualquer um de fazer algo estúpido.

— Obrigada. — Isso deveria ter me deixado mais à vontade, mas o fato de o xerife ter pensado que era necessário apenas aumentou minha ansiedade para outro nível.

Agora rosto do xerife tinha um ar de preocupação. — Precisamos que Will testemunhe sobre o telefone e as pessoas que ele viu entrando e saindo de casa. Possivelmente Ava também.

— O que? Não. Isso não pode ser seguro.

Spaulding encontrou meu olhar direto. — Se queremos que esse palhaço do Herbert e sua mãe recebam o máximo de sentenças, precisamos desse testemunho.

Fechei meus olhos, deixando minha cabeça cair para frente. Para que Will, Ava e Mia estivessem realmente seguros, para se curar, qualquer um dos envolvidos precisava ir embora por tempo possível. — Eles irão testemunhar.

— Boa.

Eu levantei a mão, interrompendo o xerife. — Mas eu preciso que você faça algo por mim em troca.

Seus olhos ficaram astutos. — E o que seria aquilo?

— Ajude-me a conseguir a custódia dos meus irmãos.

1

Caelyn

PRESENTE

— VENHAM PEGAR, PEQUENOS TERRORES, chamei da cozinha.

Will apareceu, balançando a cabeça. — Você sabe que eu não sou mais pequeno, certo?

Eu agarrei meu peito em um movimento dramático. — Não me lembre. Você tem oito anos para sempre na minha mente. — Mas isso não mudou o fato de que meu homenzinho estava agora com dezesseis anos. Ele tinha carteira de motorista. E estava se barbeando. Eu nem queria pensar em todas as garotas que o olhava com os olhos arregalados.

Eu me sacudi para fora da espiral descendente para a qual estava descendo rapidamente. — Onde estão as meninas?

— Acabei de terminar as tranças de Mia e ela estava procurando a pulseira certa para combinar com sua roupa. Ava estava arrumando sua mochila. O que você precisa aqui?

Deus, meu irmão era o melhor garoto do planeta. Bom demais. Mas não importa o quanto eu tentei fazer com que ele se soltasse, nunca aconteceu. — Você pode servir um pouco de suco para todos?

— Tudo bem.

Enquanto Will pegava os copos de suco para todos, coloquei o resto da mistura nos pratos. A torradeira apitou, disparando o pão com um pequeno salto. Eu passei rapidamente manteiga nas fatias. — Meninas, a contagem regressiva começou.

— Estava aqui! Estava aqui! — Mia bufou. Olhe minhas tranças. Will me deu fitas.

Eu me virei para olhar minha pequena fera. — Você está linda. E eu amo sua roupa.

Mia gostava de qualquer coisa com cores vivas ou que tivesse algum tipo de brilho. Hoje era uma camiseta branca com um arco-íris cintilante, calça rosa e sapatos sem cadarços com *glitter* dourado. O rosa, as fitas de bolinhas e o pulso cheio de pulseiras acabam de completar o look. — Obrigada. Seu rosto se contraiu. — Você ainda pode ver minha pulseira, certo?

A preocupação na expressão de Mia me fez agachar tanto que fiquei cara a cara com ela. — Vamos ver. Ela ergueu o braço para minha inspeção. Havia uma variedade de pulseiras de geleia, algumas com contas, mas, entre as pulseiras, havia uma pulseira da amizade da cor do arco-íris.

Dois anos atrás, esses kits de contas extravagantes haviam se tornado a última moda entre os colegas de classe de Mia e Ava. Eram ridiculamente caros e não tínhamos muito dinheiro extra para esse tipo de coisa. Então, como alternativa, ensinei as meninas a fazer pulseiras de amizade simples com barbante. Elas ficaram obcecadas, e Mia fez para todos nós pulseiras de arco-íris iguais. Até mesmo Will usava uma.

Eu levantei meu pulso, tocando no de Mia. — Força do arco-íris em pleno vigor.

Ela sorriu para mim. — Boa.

Ava apareceu na porta. — Dia. Sua voz era suave, assim como o resto dela. Minha garota era a mais sensível das almas. A terapeuta a quem eu levei Will e ela no primeiro ano que obtive a custódia me disse que ela sempre poderia ser assim. Crescer em uma casa tão instável a fez constantemente avaliar as pessoas ao seu redor, sempre cautelosa para

evitar qualquer situação volátil. Por mais que doesse no meu coração, eu sabia que a empatia de Ava e o senso das emoções dos outros também poderiam ser um superpoder.

— Bom dia, Avs. Passei um braço em volta dela para um abraço rápido. — Tudo bem, sente-se. É hora de comer.

— Panquecas? — Mia perguntou esperançosa.

Will riu. Você pergunta isso todos os dias.

Ela virou os olhos esperançosos para mim, e eu não pude conter minha risada. — Não é um fim de semana. Tentei reservar as coisas super açucaradas para ocasiões especiais.

Ela afundou na cadeira. — Verduras?

Tentei conter minha risada com sua expressão abatida. — Você vai sobreviver. Eu prometo.

— Eu gosto dos mexidos de verduras, Ava ofereceu.

— Estou feliz. Eu inventei o nome porque, quando nos mudamos para nossa pequena casa alugada, eu plantei uma horta no quintal. As crianças adoravam ajudar a cuidar das plantas e achei que isso as deixaria mais entusiasmadas com a ideia de comer os vegetais em seus pratos. Foi um sucesso ou um fracasso na maioria das vezes. Mas Ava sempre foi um soldado.

— *Eu gosto dos mexidos de verdura*, Mia repetiu com uma voz chorosa.

Eu a olhei enquanto me sentava. — Mia Renee, nós não tiramos sarro nesta casa.

Ela afundou mais em seu assento. Desculpe, Ava.

Não foi exatamente sincero, mas também não foi atrevido, então deixei passar. Todos comeram o café da manhã e meus lábios se contraíram quando Mia foi a primeira a terminar os dela. Quando ela percebeu meu sorriso, ela encolheu os ombros como alguém muito mais velho do que seus sete anos. Não foi tão ruim.

— Fico feliz em ouvir isso. Tomei um gole de suco de laranja, olhando ao redor da mesa. Ok, vamos com as coisas boas. Três coisas. Eu apontei para Ava.

— Hum.... Ela pensou por um momento. Eu tirei noventa e sete no meu teste de ortografia.

Eu estendi a mão para um *high-five*. — Fantástico! Estou orgulhosa do quanto você estudou. — Voltei minha atenção para Will.

Ele apenas revirou os olhos um pouco. — Senhor Harmon estava doente ontem e pudemos assistir a um filme durante a história.

Quebrei um pedaço da minha torrada. — Isso definitivamente se qualifica como uma coisa boa. E você, Srta. Mia?

Ela sorriu. — A treinadora Hughes quer que eu pratique com as crianças grandes na próxima semana!

Eu me endireitei na cadeira, deixando o pedaço de torrada cair dos meus dedos. — Ela quer? Por que ela não falou comigo? Eu ia matar aquela mulher.

Mia encolheu os ombros. — Ela disse que ia falar com você hoje.

Fiz tudo o que pude para garantir que meus irmãos realizassem todas as atividades desejadas pelo coração. E desde o momento em que Mia começou a falar, ela vinha pedindo ginástica. Eu a coloquei em uma aula da pré-escola de ginastica quando ela tinha quatro anos, e Mia tinha adaptado como um peixe na água. O treinador do programa me disse que

Mia tinha um potencial real. Mas os programas de ginástica de elite, mesmo aquele em nossa pequena cadeia de ilhas, eram caros.

Estava quase me matando enviá-la três vezes por semana. Se ela começasse o programa de elite, esses três saltariam para cinco. Eu não tinha certeza se conseguiria pagar. Tudo em que conseguia pensar era na carta que recebera do proprietário da casa no dia anterior sobre o aumento do aluguel. Isso seria bastante difícil, mas adicionar ginástica em cima disso? Provavelmente seria impossível. E lá se foi qualquer chance na aula de culinária que eu estava de olho nos últimos meses.

— Eu posso fazer isso, certo? Ela perguntou.

Eu engoli, minha garganta repentinamente seca. Deixe-me falar com a treinadora e veremos.

— OK. — Mia sorriu de uma forma que dizia que ela tinha toda a fé do mundo em mim. Foi um sorriso que me atingiu bem no estômago. E eu sabia que simplesmente teria que encontrar uma maneira. Talvez eu pudesse pensar em vender um rim no mercado negro.

— NÃO, NÃO, NÃO. — Kenna acenou com as mãos na frente do rosto. Não abra isso em um raio de seis metros perto de mim.

Devagar, coloquei o pacote de bacon de volta na geladeira embaixo do balcão. — Eu pensei que você estava amando bacon ultimamente.

A mão de Kenna foi para a pequena curva de sua barriga. Algo mudou esta semana. É tão bizarro. Agora, eu não suporto o cheiro disso. Isso me fez vomitar minhas tripas em segundos.

Bell franziu o rosto enquanto sentava no banquinho em frente a nós na minha cozinha. — Obrigado pela imagem mental antes de almoçarmos.

Kenna encolheu os ombros. Eu acho que você prefere ser avisada que posso vomitar na sua bolsa.

Eu segurei minha risada. Meu trabalho na *The General Store* tinha muitas vantagens, mas um dos destaques era cozinhar para meus melhores amigos quando eles passavam por aqui. Ok, bacon está fora de questão. O que será, *senhorita enjoada*?

Kenna fez uma careta para mim por um momento antes de voltar seu olhar para o quadro-negro acima da minha cabeça, observando a variedade de saladas e sanduíches. Que tal a salada de couve e maçã com frango?

— Já está vindo. Bells, você quer o BLT vegano? Eu olhei rapidamente para Kenna. Isso não vai te fazer vomitar, certo?

— Não, sua estranha carne falsa de noz saudável deve servir.

Eu balancei minha cabeça quando comecei a retirar os ingredientes. Não mais estranho do que o seu açúcar falso, avelã falsificada, misturas de café com leite falsificado. Como aquele descafeinado está tratando você hoje em dia?

Kenna apontou o garfo em minha direção. — Isso é cruel e desnecessário.

Bell soltou uma risada. — Ela sabe como bater em você e onde dói.

Kenna deu um gemido lamentável. Sinto falta do café de verdade.

— Vai valer a pena. Você não quer esse bebê ansioso por sua próxima dose de cafeína. Coloquei um pouco de couve picada em uma tigela e peguei o molho.

— Você parece o Crosby. Você sabia que ele já leu todos aqueles livros infantis? Ele até se juntou aos fóruns de mães. Cada vez que olho

ansiosa para o seu café, ele começa a listar todos os efeitos colaterais potenciais. Ele até tentou limitar minha ingestão de chocolate.

Meu peito deu um aperto doloroso, mas mantive meu sorriso firmemente no lugar. A última coisa que eu queria que Kenna soubesse é que o ciúme se instalou em algum lugar perto do meu coração. Foi uma mistura de alegria e dor. Uma felicidade enorme por minha amiga, que merecia um final feliz mais do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Mas também, uma dor lancinante, porque eu queria muito o que ela tinha — um verdadeiro parceiro que me apoiaria em todos os altos e baixos da vida. Alguém que estaria lá para Will, Ava e Mia. Quem veria as crianças como os tesouros que eram.

Bell acenou com a mão na frente do meu rosto. — Olá? Terra para Caelyn. Por favor, não corte um dedo.

Forcei meu sorriso mais largo. Desculpe. Perdida em meu próprio mundo. Eu rapidamente me concentrei em fatiar o frango mais uma vez antes de colocar as tiras de bacon vegano em uma frigideira.

— Você parece cansada. O novo cargo de gerente tem muito mais horas? Kenna perguntou.

Recentemente, assumi o cargo de gerente da *The General Store*. Isso significava que eu não só administrava a cozinha, mas também o resto do armazém. Era muito mais responsabilidade e horas, mas também significou um pequeno aumento de salário. Infelizmente, ainda não era o suficiente para cobrir o aumento do meu aluguel e a ginástica de Mia. Nem mesmo perto. O trabalho é bom. Você me conhece, às vezes me perco em outro mundo.

Kenna e Bell compartilharam um olhar preocupado que me fez conter uma maldição. — Eu juro, estou bem.

— Ok, Bell começou. Ford e eu queríamos saber em que noite seria boa para levar as crianças ao Rocco's.

Eu sabia que Bell e Kenna adoravam meus irmãos, mas também sabia que eles tentavam tirá-los de minhas mãos uma vez por semana, então eu tinha uma noite para respirar. Eles esperavam que eu tivesse usado o tempo para fazer algo para mim, mas eu normalmente o usava para pôr em dia o que quer que eu tivesse atrasado durante a semana — lavanderia, preparar as refeições, contas. Não era exatamente uma vida glamorosa, mas era recompensadora de várias maneiras. Acho que quinta-feira seria bom.

Isso deve funcionar para nós. Vou garantir que a Ford tenha alguém para cobrir no bar.

Parece bom para mim. Preparei o sanduíche para Bell e coloquei as duas refeições no balcão. O almoço está servido. Posso pegar uma bebida para vocês?

Vou tomar um chá gelado, respondeu Bell.

— Só água, Kenna fez uma careta.

Seu beicinho me fez sorrir. Já está indo. Peguei duas garrafas da geladeira de bebidas e as passei para minhas amigas. Aqui está. Eu volto já. Preciso ter certeza de que ninguém está pronto esperado lá no caixa.

Kenna acenou para mim. Não se preocupe conosco. Estaremos aqui enchendo nossos rostos.

Eu ri e caminhei pelos corredores, cumprimentando um casal que parecia ser turista e dizendo a eles para me sinalizarem quando estivessem prontos para pagar. Virei outro corredor e quase colidi com uma forma gigantesca. Oh, merda! Eu sinto muito. Eu não estava olhando para onde estava indo e — minhas palavras foram interrompidas quando meu olhar encontrou olhos azuis como gelo. — Griffin. — Seu nome saiu um pouco ofegante.

Eu limpei minha garganta. —Você precisa pagar? Eu olhei em sua cesta e fiz uma careta. Uma pilha de refeições congeladas — como sempre. Você deveria misturar alguns produtos frescos.

Ele grunhiu. —Tenho comido a mesma coisa há anos, ainda não morri.

A voz era exatamente o que você esperaria de um homem com um metro e noventa de estatura e ombros tão largos que fiquei surpresa por ele passar pela maioria das portas. Foi baixo e áspero, e me fez querer me inclinar um pouco mais perto, embora tudo em Griffin gritasse: — *Vá embora*!

Eu balancei minha cabeça para limpá-la. — Quer que eu faça um sanduíche ou uma salada antes de você ir?

Sua expressão suavizou um pouco, ou talvez eu simplesmente desejasse que sim.

— Certo. Surpreenda-me. — Seus olhos se estreitaram. Sanduíche. Sem vegetais estranhos.

Raramente conseguia mais do que doze palavras de Griffin de cada vez. Mas havia se tornado uma espécie de jogo para eu tentar tirar dele o máximo que pudesse. Mas os dias em que eu fazia seus lábios se contraírem ou seus olhos brilharem eram os que eu realmente sentia no topo do mundo. Uma mistura surpresa saindo.

Eu me virei e deixei Griffin com suas compras. Eu não tinha certeza de porque tinha um prazer tão ridículo em fornecer ao homem uma refeição completa algumas vezes por semana, mas eu tinha.

Eu congelei no final do corredor quando meu olhar se fixou em Patti Jenkins. Ela olhou para Griffin enquanto ele estendia a mão para pegar algo de uma prateleira. Eu praticamente podia ver sua mente faminta por fofocas girando. Quando ele viu seu olhar fixo nele, ela murmurou algo

em voz baixa e puxou seu filho pelo corredor e longe de Griffin. Ele ficou tenso, mas não disse uma palavra, simplesmente estudou as batatas fritas à sua frente com foco intenso.

Lutei contra a maldição que queria vir à tona e voltei para a minha cozinha. Essa mulher era uma cara de idiota intrometida e crítica. Ela tinha uma filha na mesma classe de Mia e sempre me oferecia conselhos e *ajuda* condescendentemente. Mas vê-la lançar o mesmo julgamento em relação a Griffin me deixou nervosa.

— Aquele era Griffin? Bell perguntou enquanto eu contornava o balcão.

Eu lancei um olhar penetrante em sua direção. Muitas pessoas nesta ilha falaram sobre o homem misterioso pelas costas, e eu não queria que meus amigos adicionassem a eles.

Ela ergueu as duas mãos. Ele ajudou a arrastar meu noivo para fora do oceano depois que alguém tentou mata-lo. Eu sou o time Griffin o tempo todo.

Kenna pegou uma garfada de salada. Ele deixou Grant com um olho roxo, então você sabe que sou uma fã. Sua expressão ficou séria. — Seja cuidadosa.

Eu rosnei em sua direção. Ele é um bom homem. Eu não sabia com cem por cento de certeza, mas tudo apontava nessa direção. Ele foi educado, embora um pouco rude. Mas aquele exterior sempre irritado era compreensível, considerando tudo o que ele havia passado.

Bell sorriu. E não faz mal que você queira escalá-lo como uma árvore.

Meu rosto ficou vermelho. — Shhhh! Ele vai ouvir você. — Sim, Griffin Lockwood era incrivelmente bonito. Lindo de um jeito que roubou

meu fôlego e o tornou estúpido. Mas ele não era para mim. Simplesmente senti uma espécie de afinidade com o homem taciturno. Eu sabia o que era ter a maioria de nossa pequena ilha julgando e sussurrando por causa de sua história familiar.

Griffin parecia levar tudo na esportiva, no entanto. Ele se agarrou a si mesmo e sua grande e arruinada casa da fazenda no outro lado da ilha. Ele só se aventurou na cidade com um propósito, nunca se sentar e comer em um café ou tomar uma cerveja com outros habitantes locais. Ele entrava e saía, deixando apenas perguntas e sussurros em seu rastro.

— Sanduíche pronto?

A voz áspera nos fez pular. Eu tinha certeza de que meu rosto tinha o reflexo do tomate que eu estava prestes a cortar. Hum, estou, uh, apenas decidindo o que devo colocar nele. Temos tomates Roma muito bons e o espinafre está super fresco. Talvez eu faça algo de mozarela e tomate com um pouco de vinagre balsâmico e presunto. Minha boca continuou vomitando bobagens enquanto Kenna e Bell lutavam para conter o riso.

— Vai sair em apenas um segundo, corri para pôr fim à minha doença bucal descontrolada. Logo depois que me tranquei na geladeira e nunca mais saí.

2

Griffin

JOGUEI outra pilha de quem sabe o que para fora da janela e na lixeira abaixo. Quando voltei para a casa da fazenda, fui muito mais meticuloso ao examinar cada cômodo. Agora, se parecia lixo, foram embora.

A pilha de detritos caiu com um *baque* satisfatório. Eu me virei para examinar a sala, um músculo pulsando no meu rosto. O papel de parede rosa que minha irmã tanto amava estava amarelado e descascando depois dos anos de idade e do tempo de exposição aos elementos. Mas isso foi o que aconteceu quando deixei a casa vazia por mais de uma década. Crianças jogavam pedras nas janelas. Pessoas invadiram e roubaram tudo de valor. Eles vandalizaram por prazer.

Meu estômago revirou quando vi o grafite na parede — palavras feias cortando as rosas que minha irmã mais nova considerava seu jardim privado. Eu estava de volta à ilha há alguns anos, mas era tarde demais. O dano já havia sido feito.

O xerife Raines foi quem finalmente entrou em contato para me dizer que a propriedade da minha família estava sendo destruída. Não foi fácil chegar até mim. Fiz uma arte de correr e outra de me esconder. Raines me rastreou por meio de advogados e empresas de fachada até que ele finalmente encontrou um número de telefone celular que apenas três pessoas tinham.

Eu tinha visto sua chamada como um sinal: hora de voltar para casa e restaurar o que eu tinha visto como um palácio e governado como um príncipe. Nós a chamávamos de *casa da fazenda*, nossa fuga em família

da loucura agitada de nossas vidas normais. Ela ficava em dez acres de terra intocada na outra extremidade da ilha, longe de olhos curiosos.

Beth e eu corríamos soltos pela floresta e até o lago da propriedade. Lembrei que implorava aos nossos pais para se mudarem para a Ilha Anchor permanentemente, mas eles sempre nos forçaram a voltar para nossas vidas no norte da Califórnia. Uma que exigia uniformes escolares desconfortáveis e festas da sociedade.

E quando os perdi, as pessoas que mais amava neste mundo, deixei a casa da fazenda cair. Eu era tão jovem. Mas mesmo depois que recuperei o juízo, não fui capaz de enfrentar este lugar ou as memórias que ele guardava. E ao fazer isso, eu deixei meu santuário favorito quase ser destruído. Foi um milagre a casa não ter sido totalmente queimada.

O xerife Raines me encontrou aqui no primeiro dia em que voltei. Quase vomitei o meu almoço nos arbustos quando vi o lugar. Ele se ofereceu para recomendar alguns empreiteiros de qualidade para ajudar com o grande número de reparos, mas eu recusei educadamente. Em vez disso, eu fiz algo insano. Eu jurei fazer todo o trabalho sozinho.

Foi em parte expiação, em parte processo de luto. E aprendi a amar o trabalho. Uma pequena oficina ficava a algumas centenas de metros da casa principal e estava praticamente intocada. Depois de uma limpeza completa, fiz do espaço minha casa no primeiro ano em que voltei a Anchor. Levou mais tempo do que eu esperava para as licenças e para me certificar de que não havia problemas estruturais.

Agora, eu estava morando na casa principal. Eu fui de cômodo em cômodo, começando com a suíte principal. Eu havia transportado o lixo, consertado paredes e janelas, reformado o chão e pintado tantas coisas que perdi o rumo. Mas agora eu tinha o quarto principal, a cozinha, o escritório e um outro quarto em condições habitáveis.

A cozinha foi minha maior façanha. Eu não tinha certeza porque tinha invertido tanto tempo e dinheiro em um espaço que só usava para café e refeições congeladas. Mas parecia um sonho. Talvez fosse porque minha mãe amava muito o espaço. Quando estávamos em Marin, nossa família tinha um chef. Mas aqui na ilha, minha mãe sempre cozinhava. Ela adorava ver os sorrisos no rosto de Beth e no meu quando ela nos chamava para comer uma fatia de bolo de frutas silvestres ou para provar um novo lote de biscoitos.

Eu balancei minha cabeça, tentando limpar o ataque de memórias. Eu sabia que esta sala seria a mais difícil. Eu me concentrei novamente no lixo espalhado pelo piso de madeira. Algumas das pranchas precisariam ser substituídas, ao ficar tanto tempo expostas ao mar estavam inchadas

Por mais que tentasse me concentrar nas tarefas em mãos, não conseguia evitar que as visões me inundassem — a garotinha de cabelos castanhos sentada neste mesmo chão, implorando para que eu brincasse de Barbie com ela. Eu apertei meus olhos, desejando que as imagens fossem embora. Era demais.

Tirei minhas luvas de trabalho e saí da sala. Eu precisava sair e me afastar— qualquer coisa para me distrair dos fantasmas que me assombravam aqui.

EU DESCI da minha caminhonete no estacionamento da *The General Store*. Por que sempre acabava aqui? Havia apenas algo sobre a beleza de cabelos castanhos que trabalhava na cozinha lá dentro. Normalmente, as pessoas que brilhavam com aquele tipo de positividade que a vida é bela me faziam querer socar alguma coisa. Mas com Caelyn, fiquei fascinado.

Comecei a caminhar até a loja quando um homem chamou meu nome. Eu enrijeci e me virei, esperando ver um estranho, talvez um dos repórteres ainda com esperança de que eu compartilhasse minha história com o mundo. A postura dos meus ombros relaxou um pouco quando vi

que era Ford Hardy, dono do *The Catch Bar & Grill*. Eu não disse nada, mas esperei que o homem se aproximasse. Ele não era exatamente um estranho, mas eu não tinha vontade de bater papo.

— Eu estava esperando encontrar você, ele cumprimentou.

Eu fiquei em silêncio.

Ford deu uma risadinha. Não fala muito, não é?

— Não há muito a dizer, eu acho.

A expressão de Ford ficou séria. Eu só queria agradecer a sua ajuda alguns meses atrás.

— Eu não fiz nada mais que ninguém não faria. Ford foi atacado por alguém doente da cabeça. Ele foi atacado por trás e ficou inconsciente. Eu simplesmente apareci na hora certa.

— De qualquer maneira, obrigado. Ele estendeu a mão e eu a apertei. Venha para o bar algum dia, tomar uma cerveja e uma refeição por conta da casa. É o mínimo que posso fazer.

Eu lutei contra o estremecimento que queria vir à tona. A última coisa que eu queria era sentar no bar da ilha. As pessoas sussurravam, pensando que estavam sendo discretas quando eram tudo menos isso. Pior ainda, às vezes eles achavam que era completamente aceitável se aproximar e me fazer um milhão de perguntas intrusivas. — Vou tentar passar por lá.

Ford sorriu. — Estou vendo isso como um grande *muito pouco provável.*

Meus lábios se contraíram. — Você não é um homem estúpido.

— Graças a Deus por isso. Bem, se eu puder fazer algo para recompensá-lo, é só me avisar. Meu irmão é empreiteiro e poderíamos ajudar você alguns dias naquela sua casa, se quiser.

Meu maxilar se apertou. — Eu estou bem. Mas obrigado pela oferta.

Ford acenou com a cabeça e acenou para mim antes de voltar para *The Catch*. — Não há data de validade para isso.

Eu não aceitaria a oferta de ajuda de Ford, a menos que ficasse desesperado. Eu precisava fazer isso sozinho. Comecei a ir para a loja puxando a porta de tela que rangia, entrando. Ainda era um pouco cedo, mas quando 4h00 era o seu despertar habitual, 16h30 era quase perfeito para o jantar. Além disso, eu poderia evitar a multidão depois do trabalho.

Eu fui em direção à cozinha no final do supermercado, mas parei quando ouvi a voz de Caelyn.

— Existe alguma maneira de você me dar mais horas? Ou mais da contabilidade para fazer?

Sr. Walters, o dono da loja, riu. Você já está fazendo tudo, querida. Eu quase não apareço mais aqui.

— "Bem, você conhece alguém que possa estar procurando ajuda para coisas que eu poderia fazer em casa? Ela pressionou.

— Os dois empregos que você tem não são suficientes? Você vai trabalhar até morrer. E você precisa estar em casa para essas crianças.

— Eu sei. A voz de Caelyn pareceu murchar com as palavras. Mas Mia foi aceita neste programa de ginástica e custa um braço e uma perna.

A voz de Walters suavizou. Eu ficaria feliz em emprestar o dinheiro das mensalidades.

— Não, Caelyn cortou o Sr. Walters. Você fez mais do que o suficiente por nós.

Um sentimento estranho invadiu meu peito. Uma sensação de torção que queimava. Eu tinha ouvido falar em toda a ilha que Caelyn

tinha levado seus três irmãos mais novos depois que seus pais se envolveram em algum tipo de apreensão de drogas. Eu não poderia imaginar enfrentando tudo isso quando ela própria devia ser pouco mais que uma criança.

Limpei minha garganta, dando um passo em torno do final do corredor. Caelyn olhou para cima, a carranca estragando seu lindo rosto rapidamente se transformando em um sorriso brilhante. — Griffin. É bom te ver. Você finalmente cedeu a experimentar uma das minhas saladas?

Eu balancei minha cabeça. — Acho que vou ficar com o sanduíche.

Walters sorriu. Eu não sei, Caelyn pode fazer uma couve parecer muito saborosa.

Não tentei lutar contra a careta do meu rosto. Não, obrigado.

Walters deu uma risadinha. Talvez outro dia. Tudo bem, estou indo. Ele se virou para Caelyn. Avise-me se mudar de ideia.

Caelyn ficou na ponta dos pés, pressionando os lábios na bochecha do velho. Obrigada.

Walters saiu da loja, e ficamos apenas Caelyn e eu. Sentei no banquinho perto do balcão. Era raro eu esperar aqui pela minha comida, mas não consegui resistir à tentação hoje. Eu tinha esse desejo inegável de me certificar de que ela estava bem.

— Então, o que vai ser? Alguma versão de carne e queijo?

Eu quase ri. *Quase.* Parece bom para mim. Mas eu sei que você vai colocar alguns vegetais lá de alguma forma.

— Tenho que evitar que você pegue escorbuto.

Eu quase me engasguei. Pensei que era falta de vitamina C e bebo meu suco de laranja.

Caelyn balançou a cabeça e começou a tirar as coisas de uma geladeira embaixo do balcão. Também existe vitamina C nos vegetais. E muitas outras coisas nutritivas de que você precisa.

— Que bom que eu venho aqui algumas vezes por semana, então.

— Coisa boa.

Uma ideia estava se formando no fundo da minha mente. Um que só pode ser a resposta para ajudar Caelyn a sair de sua situação difícil e me dar alguns bons benefícios também.

A porta de tela se abriu. — "Cae Cae!" — a voz de uma jovem gritou. Logo, houve um flash de movimento passando por mim.

Caelyn contornou o balcão e levantou a menina em seus braços enquanto ela se atirava em Caelyn. Como foi o seu dia?

— Tão bom. Eu ensinei piruetas no recreio, e você deixou meu biscoito favorito no meu almoço.

Caelyn riu. Parece um bom dia para mim. Onde estão os outros minúsculos terrores?

A menina sorriu para Caelyn. — Eles estão vindo, mas estavam muito lentos, então corri quando cheguei ao estacionamento. Seu olhar se fixou em mim. — Uau. Você é um gigante?

Eu queria rir, mas ver o afeto fácil entre a garota e Caelyn roubou minha habilidade de falar.

— Mia, este é o Sr. Griffin. Griffin, esta é minha irmã mais nova, Mia.

A garota parecia tanto com Beth naquela idade que eu me esforcei para encontrar palavras. — Prazer em conhece-la, Mia. Minha voz saiu

mais áspera do que antes, e tentei forçar meus lábios em um sorriso, mas a ação parecia estranha.

— Ei, mana, uma voz masculina chamou.

Virei para ver um menino que parecia ter cerca de dezesseis ou dezessete anos. Assim que me viu seu rosto ficou cauteloso. Ele rapidamente cruzou para suas irmãs, puxando outra garota atrás dele. Quem é?

Caelyn apertou os lábios como se estivesse segurando uma risada. Este é o Sr. Griffin. Griffin, estes são Will e Ava, meus outros dois irmãos. Espero que você não se importe, mas eles geralmente ficam comigo por trinta minutos antes de Molly assumir. Crianças, vocês podem ir para o escritório enquanto eu preparo o sanduíche do Sr. Griffin.

— Eu quero ficar com você e ajudar, Mia lamentou.

— Eu vou para o escritório, Ava ofereceu. Ela deu um passo atrás do irmão como se estivesse se escondendo de mim.

— Eles podem ficar. As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las. Estranho e um pouco áspero, mas Mia sorriu.

— Veja, o Sr. Griffin quer que eu ajude a fazer seu sanduíche.

Caelyn balançou a cabeça. Bem, se for esse o caso, é melhor lavarmos as mãos.

Ava se dirigiu para o escritório dos fundos enquanto Will se sentou ao meu lado no balcão, me olhando com atenção. Caelyn ajudou Mia a subir em um banquinho ao lado da pia, e eles lavaram as mãos, Mia cantando algum tipo de música que contava os segundos.

— Tudo limpo, ela avisou. Nenhum germe pode durar até trinta.

Eu não pude segurar minha risada neste momento. Eu acho que eles não podem.

— Eu nunca pensei que veria esse dia, Caelyn começou colocando a mão sobre o coração. Eu acredito que você riu, Griffin Lockwood. Quem diria que bastava uma criança de sete anos cantando sobre germes?

3

Caelyn

EU PENSEI QUE as contrações labiais de Griffin foram um soco, mas não tiveram nada em sua risada. Era um pouco áspero como se estivesse revestido de lixa, assim como sua voz. O tom parecia deslizar pela minha pele e enviou um arrepio agradável pela minha espinha.

— Eu gosto da risada dele, Mia interrompeu.

O vermelho subiu pela nuca de Griffin e eu me senti um pouco culpada por colocá-lo na berlinda. Mia estendeu o braço para mim.

— Você pode secar minha pulseira de arco-íris? Não quero que fique molhado e caia.

A atitude protetora de Mia sobre sua pulseira enviou uma mistura de calor e preocupação através de mim. Eu amava que ela fosse tão apegada ao que ela havia feito um símbolo de nossa família, mas temia o dia em que ela superasse a coisa. Já estava parecendo um pouco apertado. Teríamos apenas que fazer mais alguns em breve.

— Claro. — Esfreguei cuidadosamente uma toalha em seu pulso.

Ela se levantou para Griffin ver. Este é o meu arco-íris. Eu e Ava fizemos e Caelyn ajudou. E todos nós temos um. Até mesmo Will.

Will olhou para Griffin como se o desafiasse a achar estranho para um garoto de dezesseis anos usar uma pulseira de amizade arco-íris. Griffin assentiu. — Uh, linda.

Mia sorriu. Obrigada.

— Vamos, Mi, eu disse, tentando mudar seu foco para outro lugar. Suba em seu banquinho. Eu preciso que você coloque o salame no sanduíche.

Ela subiu no banquinho e olhou para Griffin. Você gosta de salame? É o meu favorito.

— É um dos meus favoritos também.

Eu nunca tinha ouvido tantas palavras de Griffin em uma visita antes. Enviei a ele um sorriso agradecido por tolerar a tagarelice de Mia.

— Você gosta de queijo cheddar ou americano? Ela perguntou.

— Cheddar.

— Eu também." — Ela sorriu. — Gatos ou cachorros?

Hmmm ... Griffin levou uma quantidade exagerada de tempo considerando as opções. — Cachorros. Definitivamente cachorros.

Mia balançou a cabeça. — Eu quero um gato. Venho perguntando desde sempre. Ela dormiria comigo, eu a vestiria e seríamos melhores amigas.

Um fantasma de algo que parecia muito com dor passou pelos traços de Griffin. Você tem tudo planejado.

Os ombros de Mia caíram. Exceto que não podemos ter animais de estimação em nossa casa. O proprietário malvado não deixa.

— Mia, eu repreendi. — O proprietário não é mau. Ela simplesmente não quer animais em sua propriedade. Pontadas de culpa pareciam cavar em minha pele. Eu trabalhei tão duro para dar a essas crianças uma infância normal — uma infância cheia de todas as coisas que eu nunca tive. Mas animais de estimação não eram algo que eu pudesse tornar realidade. Ava sempre olhava ansiosamente para os cães nas feiras de adoção. E Mia implorava por um gato regularmente. Mas

quando eu mal conseguia manter à tona com as contas que já tínhamos, economizar para uma casa própria não estava exatamente no meu radar. Talvez um dia.

— Um dia está tão longe, Mia lamentou.

Griffin encontrou seu olhar desapontado. Mas pense no quanto você apreciará quando finalmente conseguir.

— Tipo, eu só como panquecas nos fins de semana? Perguntou Mia.

Griffin sorriu, e foi verdadeiramente devastador. Exatamente assim.

Mia acenou com a cabeça e começou a trabalhar, colocando pedaços de salame em fatias de massa fermentada rústica. O olhar de Griffin mudou para o meu, e eu murmurei, *obrigada*. Quem sabia? Aparentemente, Griffin era o encantador de crianças.

— MAIS UNS DEZ MINUTOS NOS bifes, disse Crosby enquanto pegava sua cerveja na mesa de piquenique e dava um gole. A mesa foi uma que Bell me ajudou a comprar de uma venda de garagem e a repintar, então não era mais uma bagunça cheia de farpas, mas sim uma obra-prima lisa e em tons cálidos.

Kenna recostou—se em uma espreguiçadeira. — Bom, porque estou morrendo de fome.

Crosby se curvou e pressionou os lábios em sua barriga ligeiramente arredondada. — Olhos Castanhos, você está sempre com fome atualmente.

Seu olhar se estreitou sobre ele. — Você está dizendo que estou comendo demais?

Crosby se endireitou, erguendo as duas mãos em sinal de rendição. — De jeito nenhum. Eu acho que você é perfeita.

Ford deu uma risadinha. Pare agora, cara. Você está fodido.

— Linguagem, Bell criticou.

Ford estremeceu. Desculpe, Caelyn.

Eu acenei para ele. — Eles estão jogando e não podem ouvir nada do que estamos dizendo. Mia estava forçando Will a brincar de observador enquanto trabalhava em algumas de suas cambalhotas. E Ava foi arrastada para bancar o juiz de cada movimento.

Olhei em volta para meus amigos, minha família e uma onda de sensações conflitantes me inundaram. Calor nesta comunidade incrível da qual me encontrei fazendo parte. Aquela que estava sempre disposto a dar uma mão e apoiar. E, no entanto, aquelas pequenas centelhas de ciúme comiam o calor. Eu odiava isso. Queria afastar os sentimentos, mas eles não se moviam.

As ternas carícias que Crosby fez na barriga de Kenna. Os beijos que Ford pressionou na têmpora de Bell. Eu queria isso para mim. Mas assim que esses pensamentos entrassem em minha mente, eu me daria um tapa mental. Esses eram meus dois melhores amigos do mundo. As únicas pessoas que estiveram lá por mim, não importam o quê. E eu estava extremadamente feliz por eles. Eu não queria envenenar nada disso com meu ciúme.

— Olaaaaaa? Caelyn?

Voltei ao presente com a voz de Kenna. Desculpe. O que?

Ela se endireitou na cadeira. — O que está acontecendo com você ultimamente?

Eu forcei um sorriso. — Você me conhece, estou apenas pensando nas milhões e umas coisas da minha lista de tarefas.

Bell estendeu a mão e a esfregou para cima e para baixo nas minhas costas. Bem, pare com isso. Agora é a hora de relaxar. É sexta-feira e é hora do jantar em família. Desligue das preocupações.

Eu amava Bell como se ela fosse outro membro, mas ela não entendia o tipo de preocupação que eu sentia. A lista interminável de coisas girando constantemente em minha mente. Um aumento do aluguel, a ginástica de Mia, se eu deveria levar Ava a outro terapeuta, como eu iria pagar a faculdade de Will em um ano e meio.... Obriguei-me a manter meu tom leve, embora o que eu realmente queria fazer fosse gritar. — Vou fazer o meu melhor, chefa.

Ford sorriu para sua noiva. Eu faria o que ela pedisse. A mulher pode ser cruel.

— Não sei, — concordei.

Bell fez uma careta para nós dois. Vocês são maus. Eu não sou tão ruim.

Kenna soltou uma risada. Você também pode ser um sargento instrutor.

— Tenho quase certeza de que é você, argumentou Crosby. — Você quase fez um dos homens de Hunter chorar ontem.

— Eu não fiz, Kenna protestou.

— O que você está fazendo com a equipe de construção do meu irmão? Ford perguntou, a diversão no seu tom.

Crosby não conseguiu conter o riso. Quando eles estavam tirando todos os móveis do andar de baixo.

— Os móveis antigos de valor inestimável, interrompeu Kenna.

— Kenna não achou que eles estavam sendo cuidadosos o suficiente. Ela gritou ordens para eles tão alto que um dos rapazes mais jovens tinha lágrimas nos olhos. Eu juro.

Kenna gemeu. Ele não tinha. Não dê ouvidos a Crosby, ele está mentindo.

— Como é estar de volta à casa de hóspedes? Depois de uma violenta batalha judicial, Kenna finalmente obteve todos os direitos legais sobre a propriedade que Harriet havia deixado para ela. Mas a luta terminou em um ataque brutal que quase custou a vida Kenna e sua gravidez.

Os dedos de Kenna procuraram os de Crosby. É bom. Harriet estava adiando muitas manutenções na casa principal. Faz sentido fazer tudo de uma vez antes do bebê nascer. E é bom recuperar o espaço que foi minha casa por tantos anos. Não vou deixar um idiota estragar tudo para mim.

Bell ergueu uma taça para Kenna. — Que Bom.

— Estou orgulhosa de você, Ken, eu repeti.

Crosby apertou a mão de Kenna e voltou para a grelha para verificar os bifes. — Estamos quase terminando.

Eu tirei minhas pernas de debaixo da mesa de piquenique e me levantei. — Vou buscar a salada. Crianças, hora de lavar as mãos.

Mia levantou-se de um salto para trás. Bife!

Will balançou a cabeça e ajudou Ava a levantar. — Estávamos vindo.

Eu fui para a cozinha. Tirando a salada da geladeira, balancei o molho caseiro que fiz antes. Derramando com cuidado sobre as verduras, eu misturei tudo junto.

— Will disse que Griffin estava por perto quando as crianças chegaram à loja hoje.

A voz de Kenna me fez pular. Faça um pouco de barulho ao entrar em uma sala, por favor?

— Mas então eu perderia meu status de ninja. Ela se aproximou de mim no balcão, me encarando.

Suspirei. Ele estava comprando um sanduíche. Há algo de errado nisso?

Os lábios de Kenna se franziram. — Claro, não há nada de errado com isso. Contanto que você seja cuidadosa.

Eu me virei para encará-la totalmente. Cuidado com o que exatamente? Praticamente todo mundo nesta ilha trata Griffin de maneira injusta. Eles olham e cochicham, morbidamente curiosos sobre ele e sua família, ou tentam arrancar algo dele. Ele é gentil e honrado. E Will pode não ter contado, mas ele também foi *maravilhoso* com Mia hoje.

— Caelyn, eu não penso mal sobre Griffin. Ele obviamente tem uma forte bússola moral. Mas também sei que ele está ferido de uma forma que significa que não vai deixar ninguém entrar em sua vida de uma forma real. Sua família inteira se afogou diante de seus olhos, a imprensa o perseguiu por anos e as pessoas o venderam a torto e a direito. Isso marca um homem. Só não quero que você tenha muitas esperanças...

Kenna deixou suas palavras morrerem e eu estremeci. Claro, Kenna tinha visto além de todos os meus comentários vigorosos sobre Griffin, o *deus grego.* Ela viu sob a superfície. Viu que minha paixão era mais profunda do que achar o homem bonito e intrigante. Havia algo em suas feridas que chamava as minhas. Uma atração e compreensão. Mas eu sabia que isso significava que só poderíamos ter uma amizade.

Sempre fui do tipo que gostava de pássaros feridos. Pensar que poderia consertar as coisas para eles e então seríamos uma grande família feliz. Nunca acabou bem. Durante todo o ensino médio e a faculdade, tive um relacionamento desastroso após o outro. Mas eu aprendi minha lição. E uma vez que consegui a custódia dos meus irmãos... eu poderia contar em uma mão o número de encontros em que estive.

Voltei para a salada, misturado mais uma vez para garantir. Você não precisa se preocupar. Eu não estou indo por esse caminho. Tudo que eu gostaria de Griffin é ser sua amiga. Parece que ele precisa de um.

Mas isso não me impediria de tentar ganhar suas contorções labiais e risadas. Porque eles pareciam a luz mais forte brilhando sobre mim, e eu queria estar sob o sol.

4

Czelyn

— NÃO NÃO NÃO. Bati minha cabeça contra o volante com cada palavra. Isso não estava acontecendo. Talvez se eu fechasse meus olhos e desejasse muito, acabaria em uma praia ensolarada em algum lugar. Um lugar onde garotos bonitos da piscina me traziam bebidas e lanches sem fim.

Eu abri um olho. Sem areia e surf. Havia apenas fumaça saindo do capô do meu SUV. Deixei minha cabeça cair de volta para o volante. Estava superaquecendo cada vez mais recentemente. Eu sabia o que estava errado, mas adiei levar ao mecânico. O pensamento de mais um boleto inesperado fez com que lágrimas queimassem meus olhos.

Eu tive uma longa conversa com a treinadora Hughes hoje, e ela queria Mia na academia cinco vezes por semana. Mia estava implorando para ir. E havia até uma família disposta a deixa-la viajar com eles para *Shelter Island*, para que eu não precisasse carregar as outras crianças comigo para levar Mia para praticar. Eu queria tanto encontrar uma maneira de fazer isso acontecer para ela. Inferno, eu venderia plasma se fosse necessário. Se ela tivesse o necessário para conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade, isso poderia mudar tudo para ela. Sem mencionar que nada iluminava Mia, como quando ela estava fazendo suas acrobacias.

Soltei um suspiro e observei a fumaça continuar saindo do meu motor. Eventualmente, isso iria parar e então eu lidaria com ele. Uma coisa de cada vez.

O som de um veículo se aproximando me fez verificar meu espelho retrovisor. Uma caminhonete familiar parou ao lado da estrada atrás de

mim. Inclinando minha cabeça para o céu, eu silenciosamente implorei ao Universo para me engolir inteira. Por que esse homem teve que testemunhar tantos dos meus momentos embaraçosos? A queimadura na parte de trás dos meus olhos ficou mais forte quando Griffin saiu de sua caminhonete.

Observei enquanto suas longas pernas diminuíam a distância que nos separava. Tudo sobre ele dizia que ele estava no controle e no comando. Respirei fundo para me acalmar, desejando que minhas emoções ficassem paralisadas. Soltei meu cinto de segurança e abri a porta. — Ei, — eu cumprimentei enquanto saía do SUV.

Griffin fez uma careta para o meu SUV mais velho do que a sujeira. O que aconteceu? Você está bem?

— Estou bem, eu disse, forçando leveza em minha voz. *Big Bertha* aqui decidiu superaquecer.

Eu nem mesmo recebi um lampejo de sorriso com meu comentário sobre *Big Bertha*. Em vez disso, Griffin deu a volta no veículo para ver melhor a fumaça. Vou chamar um reboque.

— Não! — Eu moderei meu tom. — Não. Obrigada. Só preciso esperar que pare de soltar fumaça antes de abrir o capô. Eu tenho anticongelante na parte de trás.

A expressão de Griffin endureceu ainda mais. — Não é seguro para você dirigir assim. Ou para você abrir o capô sem luvas de segurança. Você tem alguma dessas?

Lambi meus lábios, amaldiçoando o fato de que eu nem tinha uma toalha no meu SUV. Não. Mas eu posso apenas esperar.

— Ou você pode chamar um mecânico, — Griffin argumentou.

Eu me irritei com seu tom. — Olha, eu já lidei com isso inúmeras vezes antes. Eu sei o que fazer. Não é uma solução permanente, mas

funcionará bem por enquanto. Vou consertar a mangueira do aquecedor quando puder.

Griffin inclinou a cabeça para trás como se rezasse por paciência. Eu tenho luvas na minha caminhonete.

— Ainda temos que esperar que ele pare de soltar fumaça. Você vai se atrasar para o que quer que vá fazer. Não há necessidade de você se sentar aqui comigo. Porque eu não conseguia suportar o olhar investigativo de Griffin — aquele que parecia ver tudo. Eu já sabia que minha vida estava uma bagunça, que eu mal estava me segurando por um fio. Eu não queria que ninguém mais testemunhasse meu desastre.

— Eu não vou deixar você na beira da estrada sozinha, ele rosnou.

— Está bem então. — Aparentemente, aquela bússola moral perfeitamente ajustada não permitia donzelas em perigo. A questão era que, enquanto estava em perigo, estava longe de ser uma donzela.

Griffin voltou para sua caminhonete, cada passo um ataque ao solo. Ele abriu a porta da cabine e procurou algo. Depois de um minuto, ele bateu a porta e voltou em minha direção, um par de luvas nas mãos.

Eu engoli em seco, forçando meu olhar para longe de seus ombros largos e rosto carrancudo. Em vez disso, optei por examinar meu veículo ainda soltando fumaça. As ondas brancas eram um pouco menores agora. Mas *Big Bertha* não deu sinais de parar completamente.

— Onde estão as crianças?

Eu olhei de volta para Griffin. Foi a primeira pergunta que ele me fez. Eu fazia seus sanduíches e estava tentando arrancar sorrisos dele por anos, mas esta foi a primeira coisa que ele realmente perguntou. Tive um palpite de que era uma coisa de autoproteção. Se ele não perguntasse a ninguém, talvez eles retribuíssem o favor. — Will está no treino de futebol. Mia faz ginástica. E Ava está com Kenna em seu escritório. Eu

estava indo busca-la, na verdade. Eu lancei um olhar para o meu SUV, xingando-o mentalmente de seis maneiras a partir de domingo.

Griffin assentiu. — Família ocupada.

— Dois terços dos minúsculos terrores realmente gostam de suas atividades.

— Como eles ganharam esse nome?

Os lábios de Griffin se contraíram com a pergunta. Deus, eu era uma otária por aquele movimento. Limpei minha garganta, forçando meu olhar para longe de sua boca. Comecei a chamar Will de pequeno terror desde o dia em que minha mãe o trouxe do hospital para casa, e ele me manteve acordada metade da noite. O apelido simplesmente pegou.

— Como eles se sentem sobre isso?

Eu me virei para encarar Griffin totalmente. O que há com todas as perguntas de repente?

Ele encolheu os ombros descuidadamente. — Temos tempo de sobra.

Eu dei uma olhada rápida no capô do meu veículo. Ainda vazava um pouco de fumaça. — Bem. Pergunta por pergunta. Griffin ficou em silêncio por um momento e eu levantei uma sobrancelha em desafio.

— Justo é justo, eu acho.

Eu fiz o meu melhor para esconder meu sorriso. Havia apenas cerca de um milhão de coisas que eu queria saber sobre o homem misterioso que se aventurava em minha loja algumas vezes por semana. Mas eu sabia que tinha que escolher com cuidado. Se eu fosse muito pessoal muito rápido, ele se fecharia em um flash. Qual é o seu vegetal favorito?

Griffin piscou algumas vezes. É isso que você vai perguntar?

Dei de ombros. Mentes questionadoras querem saber.

— Milho, eu acho.

Soltei um suspiro exasperado. — Milho não conta como um vegetal.

Os olhos de Griffin se estreitaram. É um vegetal.

— Bem. Dê-me outro.

Ele revirou os olhos para o céu. — Aspargos. Isso conta como duas perguntas, a propósito.

De repente, comecei a pensar em todas as maneiras de colocar aspargos no cardápio da *The General Store*, planejando pesquisar receitas, retirando meus antigos favoritos. Eu me dei uma sacudida mental. Eu não precisava planejar nada em torno desse homem. — Tudo certo. Sua vez. Pergunta à vontade.

— Quantos anos você tinha quando obteve a custódia de seus irmãos?

Fiz o meu melhor para manter meu sorriso firme no lugar. — Vinte e um. Ainda sou um bebê de muitas maneiras. Eu não tinha ideia no que estava me metendo. Se não fosse pela *Shelter Island Child Alliance*, eu estaria em um problema sem solução. Eles me ajudaram com aulas para pais e um milhão de outros tipos de apoio.

Griffin soltou um assobio baixo. — Tão jovem.

— Eu era tudo que eles tinham.

— Eles têm sorte de ter você.

— Eles têm. Eu não era a guardiã perfeita, mas também sabia que ninguém teria se esforçado mais do que eu para dar uma vida boa às crianças sob seus cuidados. Eu olhei para o homem na minha frente. Uma leve cicatriz dividia uma sobrancelha e sua bochecha, mas

de alguma forma, isso só aumentava sua beleza, tornava-a mais *real*. — Como está indo a reforma da casa?

Griffin piscou algumas vezes como se estivesse surpreso por eu saber que ele estava trabalhando na enorme casa de fazenda na extremidade oposta da ilha. Mas todos sabiam. Houve conversas abafadas sobre como era uma pena que a casa tivesse caído em tal degradação. Quando Griffin voltou para *Anchor*, todos esperavam que ele contratasse um empreiteiro para restaurar o lugar. Os habitantes da ilha ficaram chocados quando se espalhou que Griffin estava fazendo o trabalho sozinho. Ninguém mais colocou os pés na casa desde os primeiros meses em que ele chegou aqui.

Griffin torceu as luvas de trabalho em suas mãos. Há muitas coisas que adoro nesta ilha. E todo mundo sabendo da sua vida não é um deles.

— O fato de você estar restaurando a casa da fazenda é realmente um segredo de estado?

Um músculo no rosto de Griffin pulsou. Não é isso. Eu só ... gosto da minha privacidade.

Faz sentido. Lembro vagamente de que várias pessoas venderam histórias para os tabloides sobre Griffin e sua família. Fotos também. Seu nome foi espalhado nas manchetes por anos. Minha voz ficou baixa. — Você não precisa me dizer nada que não queira.

A última coisa que eu queria era pressionar Griffin para algo que o incomodasse. Eu entendia melhor do que a maioria, como as pessoas podem estar perversamente interessadas em sua dor, sua tragédia. — Depois que assumi a custódia de meus irmãos, houve muitos visitantes *bem-intencionados* na propriedade de Harriet. Aqueles que ofereceram apoio, mas na verdade só queriam todos os detalhes essenciais do que meus pais haviam feito. Harriet finalmente começou a recusar qualquer vista. Mas isso não os impediu de se aproximar de mim

na cidade. Pior, eles nem se preocuparam em guardar suas palavras perto das crianças.

Uma mão desceu pelo meu braço, o calor passando pela minha camisa de mangas compridas. — Você está bem?

Eu balancei minha cabeça um pouco. Sim. Desculpe. Apenas ... distraída, eu acho.

As sobrancelhas de Griffin se juntaram enquanto ele deixava sua mão cair. Eu perdi o toque instantaneamente. O calor dela. O peso. Como um grosso cobertor de segurança. Ele olhou no meu rosto, procurando o que exatamente, eu não sabia. — A casa está melhorando. Mas é muito lento, já que estou fazendo tudo sozinho.

Tive o desejo repentino de oferecer ajuda, mas sabia que não seria recebido com a gentileza que pretendia. Você vai chegar lá. Pode levar uma década, dado o tamanho da casa e da propriedade, mas de alguma forma, eu não acho que Griffin se importaria.

— Eu vou. — Ele olhou para o SUV. Acho que podemos abrir o capô agora.

Estendi a mão para pegar as luvas... — Ok

— Eu posso fazer isso.

Eu cortei Griffin com um aceno de cabeça. — Mesmo. É o meu SUV.

Hesitante, ele me entregou as luvas. Uma faísca de algo queimou quando nossos dedos roçaram — uma percepção astuta da primeira vez que fizemos contato pele a pele. Eu respirei fundo e forcei minha atenção para o veículo. Mas tudo que eu conseguia pensar era que não queria que nossos momentos roubados na estrada acabassem.

5

Griffin

ABRI a porta de tela da *The General Store* e ela voltou ao lugar atrás de mim quando entrei. Não fui capaz de parar de pensar em meu encontro com Caelyn. Nossa conversa e aquela que ouvi com do Velho Walters se repetiram indefinidamente em minha mente. Caelyn precisava de uma pausa. Ela devotou sua vida a três crianças que teriam sido colocadas em um orfanato sem ela, e ela não podia nem pagar para consertar seu SUV.

Uma série de imagens assaltaram meu cérebro, cada uma pior que a anterior. Todos eles pintaram um quadro vívido do que poderia acontecer se algo realmente desse errado com o veículo de Caelyn. Eu engoli a bile que subiu pela minha garganta e me caminhei adiante. Percorri um corredor até chegar à pequena cozinha nos fundos da loja.

Caelyn olhou para cima de onde ela estava separando uma variedade de suprimentos. — Ei. Você está mais cedo do que o normal.

— Eu queria falar com você sobre uma coisa.

A expressão de Caelyn tornou-se cautelosa. —Eu juro que *Big Bertha* está bem. Tudo que ela precisava era de um pouco de liquido refrigerante.

Isso estava longe de ser tudo que a armadilha mortal precisava. Provavelmente precisava ir para o ferro-velho, mas dizer a Caelyn isso não me levaria a lugar nenhum. —Eu tenho uma proposta de trabalho para você.

Seus olhos verdes se arregalaram um pouco. Um trabalho?

— Sim. Eu queria saber se você estaria interessado em algum trabalho de chef particular? — A ideia estava rodando em minha mente desde a primeira vez em que Walters e Caelyn conversaram, só não fui capaz de descobrir como torna-la viável.

— Mas eu trabalho aqui...

— Isso seria algo que você poderia fazer em paralelo. Eu estava pensando que você poderia preparar comida em casa e depois deixa-la na minha casa uma ou duas vezes por semana. Você sabe que basicamente vivo de comida congelada, então isso pode ser uma grande ajuda se você achar que tem tempo.

Caelyn me olhou com atenção. — Mas você não abre mão de suas refeições congeladas.

Pressionei minha boca em uma linha firme para não rir de seu olhar desconfiado. —Acho que cheguei ao ponto em que todos eles estão começando a ter o mesmo gosto. Eu não me importaria com alguma variedade. E tenho trabalhado mais horas. Eu preciso de mais calorias.

Observei enquanto Caelyn refletia sobre a minha oferta em sua mente. Eu esperava que ela aceitasse. Se eu pudesse apenas ter dado a ela algum dinheiro extra, eu o teria feito. Mas eu aprendi muito sobre Caelyn ao longo dos anos em que estive na loja. E uma dessas coisas era que ela estava incrivelmente orgulhosa. Ela precisava se sentir como se tivesse merecido tudo o que foi dado a ela.

—Eu acho que poderia funcionar muito bem. Se você tem certeza de que realmente precisa.

Os músculos entre minhas omoplatas relaxaram um pouco. Tenho certeza. Realmente seria uma grande ajuda.

Caelyn sorriu — não, ela *sorriu*. Era o mesmo sorriso que me fez sentir como se tivesse levado uma pancada sólida no plexo solar na

primeira vez que o vi. Ela teve um pequeno tremor. Isso vai ser incrível. Nunca consigo planejar menus completos aqui. Vou precisar de uma lista de seus alimentos favoritos e coisas que você não gosta. Ela me lançou um olhar severo. E nem pense em colocar — *todos os vegetais* — na sua lista do que não gosta.

Eu levantei as duas mãos. Eu nem sonharia com isso.

— Quantas refeições por semana você está pensando?

— Todos dias, se você puder administrar.

Caelyn piscou para mim. — Mesmo?

— Seria uma grande ajuda. Um pelo qual eu poderia pagar generosamente. Eu limpei minha garganta. Devemos também falar sobre o pagamento. Eu estava pensando em 2.500 por semana mais gasolina e despesas, mas podemos negociar se você precisar de mais.

O queixo de Caelyn caiu, seus olhos se arregalando. — Dois mil e quinhentos por semana? Griffin, isso é loucura.

— Você quer três?

— Você foi atingido na cabeça por alguma coisa enquanto estava trabalhando em sua casa? Isso é muito dinheiro.

Eu ri. — Sem ferimentos na cabeça. Fiz algumas pesquisas sobre as taxas vigentes para chefs particulares. Dois e quinhentos por semana é bastante normal.

— Onde? Na cidade de Nova York?

Mordi o interior da minha bochecha. Muitos lugares. Lugares como Nova York, Los Angeles e Londres.

Caelyn balançou a cabeça. — Eu não estou cobrando isso. Eu sinto que estou aproveitando.

Eu escolhi minhas palavras com cuidado. — Eu não me sentiria confortável com você levando menos de dois mil por semana. Eu quero pagar o que você merece. Isso era verdade. Caelyn era uma cozinheira incrível. No verão, a fila para seus sanduíches poderia estar fora da porta. E pelos fragmentos que juntei sobre a mulher, ela deu e deu e raramente era totalmente apreciada por tudo o que fazia.

Caelyn ficou em silêncio por um momento antes de responder. OK. Quando você quer que eu comece?

Eu sorri. O mais breve possível.

Ela tirou um bloco de papel e uma caneta de uma gaveta da cozinha. — Tudo certo. Provavelmente poderei fazer a primeira entrega no domingo. Estou pensando que domingo será o grande lance e então posso parar na quarta ou quinta-feira com uma entrega menor. Mas podemos solucionar os problemas à medida que avançamos.

— Parece bom para mim. Tirei minha carteira do bolso e tirei um cartão de crédito, entregando-o a Caelyn.

— O que é isso?

— Um cartão de crédito para despesas.

Ela estudou o pedaço de plástico. —Tem meu nome nele.

Dei de ombros. — Eu estava otimista de que você diria sim.

Caelyn riu, balançando a cabeça. — Bem, você é muito convincente.

— Eu faço meu melhor. Certifique-se de monitorar sua quilometragem para a gasolina. Ou você pode simplesmente encher uma vez por semana e colocar no cartão. Você decide.

Os olhos de Caelyn brilharam, as lágrimas reprimidas fazendo o verde parecer brilhar. Isso é demais.

— Não. É justo.

Ela respirou fundo. Obrigada. Isso vai fazer uma grande diferença para nós. Ela me estudou. Mas você já sabe disso, não é?

Eu fiz o meu melhor para suavizar minha expressão, o sentimento um pouco estranho. — Coisas boas devem acontecer a pessoas boas.

— Você tem um coração bom, Griffin Lockwood. Mesmo se você preferir que as pessoas não vejam.

Suas palavras queimaram como se tivessem sido gravadas em minha pele com um ferro em brasa. Quando foi a última vez que alguém disse algo assim para mim? Provavelmente antes da morte de meus pais. Eles estavam sempre dizendo a Beth e a mim como éramos dignos e amados. Mas isso havia desaparecido junto com minha família. As palavras de Caelyn foram uma dor física, semelhante à quando os dedos congelados começaram a recuperar a sensação.

Minha família teria ficado tão desapontada em como eu me escondi do mundo. Como eu me afastei dos necessitados ao meu redor, com muito medo de deixar alguém entrar. Mas talvez eu estivesse encontrando alguns pedaços de mim novamente. As partes boas que deixei abandonadas por muito tempo.

6

Czelyn

EU ESTAVA PASSANDO meu dia no piloto automático. Foi um milagre eu não ter me queimado ou colocado bacon de verdade em um BLT vegano. Mas tudo em que conseguia pensar era no fato de que finalmente conseguia respirar. O ardor em meus olhos estava de volta, mas forcei as lágrimas a descer. Lágrimas de felicidade, alegria e *alívio*.

Eu seria capaz de lidar com o aumento do aluguel e a ginástica de Mia. Eu seria capaz de guardar algo para pagar as mensalidades da faculdade de Will. Talvez eu até conseguiria começar a economizar para aquelas aulas de culinária, afinal. Eu agarrei a borda do balcão e sorri para os ingredientes do sanduíche na minha frente. Eu mal podia esperar para contar às crianças.

Um lampejo de movimento chamou minha atenção, e eu olhei para cima para ver um homem esguio caminhando no corredor. Seus olhos dispararam de um lado para o outro, e seus dedos se moveram em movimentos rápidos e sem sentido. *Merda.* Eu não precisava lidar com isso hoje.

Eu lentamente abri minha gaveta de lixo da cozinha, pegando meu celular e meu spray de pimenta. Nossa ilha era pequena, apenas 1.500 pessoas fora da temporada, mas isso não significava que estávamos livres de roubos. E eu era uma mulher que trabalhava quase sempre sozinha até o início do verão. O maior problema em nossa pequena cadeia de ilhas eram as drogas. E eu sabia melhor do que a maioria das maneiras insidiosas como isso poderia infectar sua vida.

Eu limpei minha garganta. — Posso te ajudar senhor?

O homem deu um pulo. Uh. Eu preciso, uh, eu preciso de alguns cigarros.

— Nós não vendemos isso aqui. Você terá que ir ao posto de gasolina.

Ele deu um aceno brusco e saiu da loja tão rápido que quase atropelou um cliente que entrava. — Caramba, eu murmurei e contornei o balcão da minha estação para me certificar de que a pessoa estava bem.

— Uau, disse Shay. – Ladrão de loja?

Eu balancei minha cabeça. — Eu acho que ele estava chapado. O que ele pensava que encontraria em uma mercearia para alimentar seu vício, não tenho certeza.

Shay olhou por cima do ombro com uma expressão preocupada. E você estava aqui com ele sozinha? Isso não é seguro, Caelyn.

— Oh eu estou bem. Eu tenho meu spray de pimenta e o posto do xerife na discagem rápida.

Shay não parecia satisfeita. — Você deveria pensar em carregar uma taser. Talvez até uma arma.

Meus olhos se arregalaram. — De jeito nenhum. Sem armas. — Muitas crianças entravam e saíam da loja — inclusive as minhas. Eu não queria nada ao redor deles que pudesse resultar na perda de vidas.

— Uma taser, então, ela pressionou.

Estudei Shay por um momento e vi a preocupação em seus traços. Ela vinha à loja há alguns anos, desde que assumiu como zeladora de uma das pequenas ilhas particulares de nossa pequena cadeia de ilhas. Mas eu realmente não sabia muito sobre ela, a não ser que ela tinha um sorriso e palavras amáveis cada vez que entrava. Fui

por instinto, estendendo a mão e apertando seu braço. Estou bem. Eu prometo. Mas vou tentar conseguir uma taser.

A postura de seus ombros relaxou um pouco. — Boa.

— Agora, eu tenho seu pedido atrás. Você precisa fazer algumas compras? Quer um sanduíche? Shay só vinha uma vez por semana ou assim. Eu comecei a fazer pedidos do continente para ela para tudo o que ela precisava. Livros, quebra-cabeças, itens especiais.

Shay sorriu. Você sabe que eu nunca posso recusar uma de suas misturas. E eu tenho que fazer umas compras.

— Faça isso e eu pego suas coisas.

Shay parou por um momento. Talvez você devesse ligar para o xerife primeiro. Só para avisá-lo.

— Não sei se é necessário. O xerife Raines era um bom homem, mas não precisava se preocupar com algo tão pequeno como isso.

— Melhor prevenir do que remediar. Você não quer que aquele cara volte e cause problemas.

Shay tinha razão. Toquei no meu celular para desbloqueá-lo. Só vou demorar um minuto.

EU CUIDADOSAMENTE EQUILIBREI duas caixas de pizza e uma sacola de mantimentos enquanto fechava a porta do SUV com meu quadril. A primeira coisa amanhã, eu levaria *Big Bertha* ao mecânico e consertaria a mangueira do aquecedor. Não há mais superaquecimento para mim.

Nem mesmo o encontro do meio-dia estragou meu dia. O xerife Raines foi mais do que gentil quando liguei para informa-lo do que havia acontecido. Ele tinha enviado um policial para verificar o posto de gasolina e depois veio falar comigo, mas o homem já tinha ido embora há

muito tempo. No entanto, eu apreciei o esforço. Com sorte, agora que sabia que não vendíamos cigarros, ele evitasse o *The General Store*.

Eu balancei minha cabeça um pouco enquanto caminhava até a calçada. As flores da primavera que Ava, Mia e eu plantamos estavam começando a florescer. Em pouco tempo, a frente de nossa pequena casa estaria inundada de cores.

— Eu venho trazendo presentes, eu chamei enquanto abria a porta.

— Presentes? Eu quero presentes! Mia gritou, pulando do sofá.

— Isso é pizza? Em uma noite da semana?

O choque na voz de Will me fez lutar contra uma risada. — E eu tenho sundaes de sobremesa.

Ava pegou a sacola da loja. — Sem chips de alfarroba e iogurte congelado?

Kenna riu. — Eu disse que alfarroba não era a mesma coisa que chocolate.

Eu gemi. Eu nunca iria resistir às minhas tentativas de manter esta família com uma alimentação saudável. Sem alfarroba ou *Froyo*.

Os olhos de Ava brilharam. — confete e chantilly?

— Você sabe. Meu peito apertou com o sorriso no rosto de Ava. Isso por si só já seria motivo suficiente para trazer as guloseimas para casa.

Kenna se levantou de seu lugar no sofá e me olhou com desconfiança. — O que aconteceu?

Minhas sobrancelhas se juntaram. — O que você quer dizer?

Ela desenhou um círculo no ar com o dedo, indicando tudo em minhas mãos. Você nunca traz *fast food* para casa, a menos que os pequenos terrores estejam implorando por semanas.

Kenna tinha razão. Não é que eu não achasse que as crianças deveriam comer guloseimas, mas eu queria que elas comessem alimentos saudáveis primeiro. Era uma das poucas coisas sob meu controle quando se tratava de nossas vidas, e por que trabalhar na *The General Store* sempre foi tão bom. O Sr. Walters sempre me deu comida que iria expirar nos próximos dias. Eu fiz disso um jogo criando refeições com alimentos doados do supermercado.

Eu arrastei meus pés e os olhos de Kenna se estreitaram. — Diga logo, *Shortstop*.

Eu me engasguei com uma risada. — Você não me chama assim há anos.

— É um lembrete de que ainda posso lutar, e é exatamente o que farei se você não confessar o que está acontecendo.

Sempre fui pequena, e Kenna era alta e curvilínea. Ela começou a me chamar de – *Shortstop* — na terceira série, e isso pegou por um bom tempo. Eu ajustei minhas mãos sobre as caixas de pizza. Deixe-me anotar isso, e então vou lhe contar as *boas* notícias.

Kenna ainda parecia cética, mas me seguiu e as crianças até a cozinha. Eu coloquei as caixas no balcão e entreguei o saco de guloseimas sundae para Will. — Arruma isso?

— Claro, ele concordou.

Peguei pratos dos armários e uma salada que fiz ontem da geladeira.

— Desembucha.

Eu me virei para encarar Kenna e o resto da gangue. — Eu consegui um segundo emprego.

Linhas de preocupação surgiam na testa de Will. Você quer dizer um terceiro emprego? Você já tem a loja e a ioga.

— A ioga realmente não conta por que tenho apenas alguns clientes. E é mais divertido do que qualquer coisa. Este novo trabalho paga muito bem.

Kenna arqueou uma sobrancelha. — Não envolve um poste, não é?

— Kenna! — Eu repreendi. — As orelhas minúsculas.

— Um poste como os bombeiros usam? Mia perguntou, seus olhos se arregalando. Você vai ser bombeiro, Cae Cae?

Lancei um olhar infeliz para Kenna. — Não, não vou ser bombeiro. Kenna estava tentando ser engraçada.

— O que você vai fazer? Ava perguntou.

— Vou ser um chef privado. Meu cliente só quer que eu entregue as refeições duas vezes por semana, então posso fazer de casa e ainda estar com todos vocês. Isso significa que Mia pode fazer sua ginástica e, Will, podemos começar a economizar para a faculdade.

O rosto de Will endureceu. Eu não quero que você morra de trabalhar para pagar a minha faculdade. Tenho procurado pela cidade um emprego de meio período. Eu posso pagar meus próprios estudos. Você já está se desgastando com o tanto que faz. Você vai ficar doente.

Mia puxou minha mão, os olhos brilhando. Eu não quero que você fique doente. Eu não preciso das aulas extras.

Eu levantei Mia em meus braços, enviando um olhar severo na direção de Will. — Pessoal, estou bem. Esta oferta é meio que o emprego dos meus sonhos. Posso criar menus divertidos para alguém. E eu cozinho uma tonelada por aqui mesmo. Por que não ser pago para fazer um pouco mais? Eu não vou ficar doente, Mi.

— Promessa? Ela sussurrou, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Promessa. — Eu ajustei meus braços sobre Mia. Logo, ela seria muito grande para eu sequer levantá-la.

— Quem é o cliente? Kenna perguntou.

Engoli em seco, evitando o olhar de Kenna. — É Griffin Lockwood.

— Oh, inferno, não, Will cortou.

— Will! Linguagem. Eu coloquei Mia no chão, mas mantive um braço em volta dela.

Will agarrou as costas de uma cadeira. — Ele provavelmente só quer entrar nas suas calças.

— Por que o Sr. Griffin iria querer suas calças? Ele não caberia neles. Ele é um gigante, Mia ofereceu prestativamente.

Eu esfreguei minhas têmporas. Isso não era nada como eu tinha imaginado que esta noite seria. — Vocês, parem. Eu quero isso. É uma grande oportunidade e Griffin é muito bom. Eu encontrei o olhar de Will. Eu acho que saberíamos melhor do que a maioria para não acreditar nas fofocas da ilha sobre alguém. Ele tem sido muito bom para mim e este trabalho vai mudar as coisas para nós.

Will olhou para o chão, mas seu aperto na cadeira permaneceu. — Desculpe.

— Desculpas aceitas. Agora, podemos, por favor, pelo amor de tudo que é sagrado, nos empanturrar de pizza e sorvete?

— Sim! Mia gritou, correndo para a mesa de jantar e se estatelando.

Eu olhei para Kenna. — Você vai se juntar a nós?

— Por que não? Crosby está escalando e depois vai tomar cervejas com Ford e outro amigo. Acho que ganhei pizza com minhas pessoas favoritas.

Passei um braço em torno dela. — Eu também acho.

O jantar correu sem problemas. Até o último pedaço de pizza foi devorado, e a barra de sundae deixou a cozinha um desastre. As garotas pareceram se recuperar, mas Will ainda estava quieto — não amuado, mas pensativo. Ele pediu licença para ir para o quarto mais cedo e, em pouco tempo, Ava e Mia estavam na cama. Mas Kenna ficou para me ajudar a limpar.

Ela me entregou uma tigela para colocar na máquina de lavar. — Você está bem?

Suspirei, colocando o prato no lugar. Estou bem. Achei que todos ficariam tão animados quanto eu. — E eu poderia admitir que doeu um pouco que eles não ficaram felizes.

— Desculpe. Estou feliz por você, de verdade.

Eu me endireitei, encontrando o olhar de Kenna de frente. — Você está?

Kenna apertou os lábios em uma linha dura. Eu estou…

— Mas? — Eu sabia que Kenna estava escondendo algo. De alguma forma, desde o início, eu me descobri como o bebê do nosso pequeno trio. Talvez porque eu fosse alguns meses mais jovem, ou porque era menor, ou porque tinha uma natureza mais sensível. Bell e Kenna sempre foram extremamente protetores comigo — quase maternal. Mas eu não precisava disso. Eu precisava que meus amigos ficassem ao meu lado.

Kenna pegou uma toalha e começou a secar meticulosamente as mãos. — Chamariz de pássaro ferido, ela murmurou.

— Eu não vou atrás de Griffin. Mas qual seria a pior coisa que aconteceria se eu o fizesse? Griffin não está retribuindo meus sentimentos? Novidades, Kenna, já tive meu coração partido antes. Em

mais maneiras do que posso contar. Não seria a primeira vez e não seria a última. Mas eu não me escondo da vida porque há um potencial para ser ferido.

Kenna deu um passo para trás como se eu a tivesse golpeado. Murmurei uma maldição sob minha respiração. — Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso.

Ela ergueu a mão. — Não. Você está certa. Eu me escondi de muita coisa na vida por muito tempo.

— Mas você não precisa mais. Minha amiga havia passado por tanta coisa, mas ela finalmente estava deixando as pessoas entrarem. — E estou tão orgulhosa de você por isso. Eu não deveria ter dito isso. Golpe baixo.

Kenna me puxou para um abraço apertado. — Perdoada.

— Obrigada, eu sussurrei em seu ouvido. — Te amo muito.

— Te amo ainda mais. — Ela parou por um momento, segurando o abraço. — E é por isso que eu sempre quero proteger você. Mas estou supondo que pode ser um pouco sufocante.

Eu ri. Talvez um pouquinho.

Kenna me soltou, mas continuou segurando meus ombros. — Que tal eu deixar você viver sua vida e apenas apoiá-la ao longo do caminho?

Eu apertei seus braços. — Você já faz.

E eu ficaria para sempre grata pelo apoio dessas amigas que eram mais como irmãs.

7

Griffin

— TA .TA. TÃO FRIO, GRIFFIN.

Eu segurei Beth mais apertado contra mim, o sal no ar picando o corte no meu rosto. *— Está tudo bem, Pequenina. Tudo vai ficar bem.*

Foi uma mentira total e completa. Mas eu não tinha nada para dar a minha irmã além de mentiras esperançosas. Eu ouvi em algum lugar que você poderia viver pelo menos uma semana sem água. Eu estava me apegando a esse fato. Mas algo mais estava errado com Beth. Ela estava ofegante desde o momento em que a puxei para o bote salva-vidas. Eu pensei que era histeria. Saber que não tínhamos encontrado nossos pais nos destroços do barco. Mas agora eu sabia que era mais.

— Tão cansada.

— Não! Você não deve dormir. Ainda não. Eu estava com medo de que se os olhos de Beth fechassem, eles nunca mais abririam.

— Dói quando eu respiro.

Porra. Tinha que ser algo com seus pulmões. Talvez tenha colapsado? Isso aconteceu com um amigo do meu time de futebol. Ele teve que inflá-lo no hospital, e era muito sério.

A batida do meu coração parecia bater contra minhas costelas em um pedido desesperado de ajuda. Mas eu não tinha rádio. Não faço ideia de onde estávamos. Nem mesmo uma maldita bússola para me apontar na direção certa. Tudo que eu tinha eram minhas orações silenciosas.

— Amo você, Griff.

A emoção queimou o fundo da minha garganta. — *Não fale assim. Aposto que não estamos muito longe do Havaí. A guarda costeira provavelmente está procurando por nós. Mamãe recebeu um telefonema de socorro antes que o barco começasse a afundar.*

Mas entre àquela hora e agora, uma tempestade nos levou, sabe Deus para onde. O veleiro havia afundado e mamãe e papai haviam sumido. O oceano estava milagrosamente quieto agora. Muito quieto. O silêncio corroeu minha sanidade. Segurei a mão de Beth com um pouco mais de força. — *Apenas espere. A ajuda está chegando.*

Seus lábios rachados se curvaram um pouco. — *Um bom irmão mais velho. Até brincava de boneca comigo quando eu implorava.*

— *Ei. Você prometeu nunca tocar nisso. É nosso segredo.*

Beth piscou contra o sol. — Eu não acho que os peixes vão dizer.

Eu ri apesar de tudo. Se a notícia chegar à minha equipe, eu sei de quem vou culpar. Meu time. Escola. Visitas à faculdade. Baile de formatura, tudo parecia um mundo ridículo, distante. Eu estive tão envolvida em tudo isso. E agora, tudo que me importava era nos colocar em segurança.

A respiração ofegante de Beth se intensificou e eu me inclinei sobre seu corpo deitado. *Pequenina*, respire. Devagar e constante. Siga-me.

Tentei mostrar a ela como, mas parecia impossível para Beth seguir. A sua respiração agora tinha um som úmido agitado. Ela tossiu e sangue espirrou no ar. O pânico agarrou meu peito e apertou, um aperto brutal. — *Beth. Apenas espere. A ajuda está chegando. Por favor, aguarde. Faça isso por mim.*

Mas ela não disse nada. Seu corpo se apertou, seus olhos se arregalaram. E então ... silêncio. Apenas o bater da água no bote salva--vidas.

— Beth?

Não havia nada. Ninguém. Eu estava completamente sozinho.

Eu pulei na cama, o suor escorrendo pelo meu rosto. Afastei as cobertas e coloquei minhas pernas para o lado da cama, tentando recuperar o fôlego. Já fazia um tempo desde que eu tive um sonho que durou tanto tempo. Normalmente, eles eram imagens cruéis, apenas o suficiente para arruinar qualquer chance de sono ininterrupto. Mas esse era o filme completo. Desde a tempestade até as consequências. A única peça que faltava era o estado histérico em que eu estava quando a Guarda Costeira finalmente me encontrou.

Eu me levantei da cama, meus movimentos trêmulos. Fui até o banheiro no piloto automático, ligando o chuveiro frio. Eu tirei a camiseta e a boxer grudadas na minha pele com suor e entrei no chuveiro. A sacudida da água gelada foi apenas a passagem. Eu deixei o jato bater em mim, esfriando minha pele superaquecida. Lentamente, eu aumentei a temperatura, esperando que a água lavasse os restos do sonho. Nunca funcionou, mas isso não me impediu de tentar.

Eventualmente, desliguei o jato. Saindo do chuveiro, peguei uma toalha. Secando rapidamente, vesti roupas para o dia. Eram apenas 3h30, mas eu sabia que não havia mais sono no meu futuro. Eu não correria o risco de encontrar os fantasmas que estavam à espreita lá.

Calçando as botas de trabalho que esperavam do lado de fora da minha porta, desci as escadas em direção ao meu escritório. Foi um dos primeiros quartos que concluí no nível de entrada. As janelas amplas permitiriam a entrada de luz assim que o sol nascesse. Eu tinha tantas memórias de visitar meu pai enquanto ele se sentava atrás de uma mesa neste espaço. Aquela mesa estava danificada e não havia reparos, mas eu ainda a tinha na oficina, incapaz de me desfazer dela.

Eu relaxei na cadeira atrás da nova mesa que comprei. Não parecia caber no quarto também, mas, novamente, nada cabia. Toquei no teclado

da área de trabalho e a tela ganhou vida. Digitando a senha, cliquei em um ícone na parte inferior da tela. Instantaneamente, oito visualizações de câmera surgiram. Eu tirei um momento para estudar cada um. Nada fora do comum. Apenas uma pequena criatura noturna correndo por uma das vistas dos fundos da propriedade.

Apertei uma tecla e outras oito visualizações surgiram. Nada fora do normal vindo aqui também. Eu estava bem ciente de que minha obsessão com a segurança da casa da fazenda era quase prejudicial à saúde. Eu podia ouvir psiquiatra que meu tio me forçou a ver na minha cabeça. — *É compreensível ter preocupações com a segurança. Apenas não deixe que eles comandem sua vida.*

Eu tentei continuar normalmente por um tempo. Eu me candidatei à faculdade. Até assisti por dois anos. Mas nada seria *normal* novamente. A imprensa me perseguiu, tão ansiosa para saber o que aconteceu durante a semana em que a família Lockwood se perdeu no mar. Eles estavam desesperados por uma conta do único sobrevivente.

E todos ao meu redor estavam ansiosos para ganhar dinheiro. Um oficial da Guarda Costeira roubou fotos do meu corpo ferido e maltratado e do corpo morto da minha irmã. Os tabloides os espalharam nas capas. *Destruída a família favorita da América.*

Colegas de classe na nova escola que fui forçado a frequentar quando me mudei com meu tio também ganharam dinheiro. A maior parte do que eles deram aos meios de comunicação foi revelando mentiras. Que eu estava usando drogas. Que eu esfaqueei um professor. Cada história ficava cada vez mais ridícula.

Eu pensei que a faculdade seria um novo começo. E por um tempo, foi. Eu escolhi uma pequena escola no nordeste. Eu conheci uma garota. E pela primeira vez, parecia que valia a pena viver novamente. Mas tudo isso desabou também.

Depois disso, eu só queria desaparecer. Eu fiquei muito bom nisso também. Eu deixei crescer a barba. Pagando tudo em dinheiro. Comprei um carro novo e dirigi por todo o país. Eu ficava em um lugar por alguns meses, às vezes mais, mas nunca mais do que um ano. Eu não sabia na época, mas estava inconscientemente voltando para *Anchor*. Devagar, mas com segurança, em direção ao oeste

Quando o xerife Raines entrou em contato comigo sobre a casa da fazenda, eu estava pronto para voltar para casa. E *Anchor* sempre seria mais um lar do que a monstruosidade moderna de uma casa em Marin. A casa da fazenda em *Anchor* tinha sido o coração e a alma de nossa família. Restaurá-la significava trazer minha família de volta à vida da única maneira que eu poderia.

Saí do meu software de segurança e tentei tirar as velhas memórias da minha mente. Cliquei no ícone do meu e-mail. Havia pelo menos uma dúzia de mensagens desde que eu verifiquei alguns dias atrás. Eu gemi ao ver o nome do meu advogado. Abrindo a mensagem, meu peito apertou. A casa em Marin foi vendida. Foi a última parte que eu estava segurando sem motivo real. E agora, ela se foi. Houve uma dor com a notícia, mas nenhuma dor verdadeira. Não era como se eu quisesse voltar para lá. Minha casa estava em *Anchor* agora.

Mudei para outro e-mail, este de um remetente desconhecido. Eu guardei meu e-mail e número de telefone como se fossem códigos de lançamento nuclear, nunca divulgando nenhum deles, a menos que fosse absolutamente necessário. Olhando as primeiras linhas do e—mail, meu queixo endureceu.

Sr. Lockwood,

Eu sou Marcy Roberts do Celebrity Weekly. *Estou tentando entrar em contato com você há algum tempo. Eu adoraria fazer um artigo detalhado sobre você e sua família em homenagem ao aniversário de vinte anos de sua morte. Por favor, me ligue no número abaixo.*

Eu rapidamente bloqueei o endereço de e-mail e o denunciei como spam. O que havia com o fascínio pela dor de outras pessoas? Fazia alguém se sentir melhor em relação à própria vida ao se concentrar nas tragédias dos outros? Ou era simplesmente o fenômeno do acidente de carro — as pessoas não podiam deixar de observar e olhar fixamente?

Os porquês de tudo isso não importavam. Eu não queria ter nada a ver com o nome de minha família estampado na impressa e na tela. Eu tive lembretes suficientes com meus pesadelos.

8

Czelyn

— Tem certeza de que quer ir? Perguntei a Will enquanto colocava um monte de comida em uma caixa térmica.

— Tenho certeza. Todos nós podemos ir para a praia depois.

Estudei meu não tão pequeno irmão. Will não parecia estar julgando ou preocupado, mas parecia determinado a me acompanhar até Griffin para minha primeira entrega. — O que é isso?

Will encostou o quadril no balcão. — O que você disse na outra noite. Isso me atingiu. Eu sei o que é ter pessoas me julgando por causa do meu passado, falando sobre mim pelas minhas costas. Eu não deveria ter me virado e feito o mesmo com Griffin. Não é como se eles dissessem algo realmente ruim. Principalmente porque é estranho como ele fica sozinho em casa o tempo todo. Mas gostaria de ter a chance de conhecê-lo um pouco melhor por mim.

Eu puxei Will para um abraço apertado. — Você sabe que é o melhor garoto da história das crianças, certo?

— Você está me sufocando.

Eu o soltei com uma risada. — Sufocando você de amor.

Will gemeu e balançou a cabeça. — Então, posso ir com você?

Olhei para fora da cozinha para a sala onde Ava e Mia estavam colorindo. — Todos nós teremos que ir. Não tenho mais ninguém para cuidar das meninas.

— Vou ficar de olho neles quando chegarmos lá, certifique-se de que não tenham problemas.

Fechei os olhos por um breve momento, imaginando Mia balançando em algum tipo de maquinaria. — Meninas. — Elas ergueram os olhos do desenho. Você pode se comportar da melhor maneira possível quando eu deixar a comida na casa do Sr. Griffin?

Ava acenou com a cabeça e Mia sorriu. Vamos visitar o gigante?

Will se engasgou com uma risada, mas lutei contra a maldição que queria vir à tona. Por favor, não o chame de gigante.

Suas pequenas sobrancelhas se juntaram. Por que não?

— Isso pode ferir seus sentimentos.

— Eu não quero ferir os sentimentos dele. Ela olhou para seu papel. Vou levar este desenho para ele. Ele vai gostar disso.

Eu dei a ela um sorriso vacilante. Tenho certeza de que ele vai. — Embora eu não tivesse ideia do que Griffin faria com o desenho de um arco-íris e um unicórnio que mais parecia uma mancha colorida.

VIREI o volante do meu SUV para fazer a curva da estrada da ilha que levava à casa de Griffin. Eu não tinha percebido, mas ele passava por minha casa toda vez que ia para a cidade. Não pude deixar de me perguntar se ele sabia que aquela casinha amarela ensolarada era minha.

Eu olhei no espelho retrovisor. Ava olhou para a paisagem ondulante ao nosso redor, mas Mia olhou atentamente para o desenho dela como se procurasse por imperfeições. Eu engoli minha risada e voltei meus olhos para a estrada. Todos sabiam onde ficava a casa da fazenda. Houve inúmeras festas lá quando eu estava no colégio, mas nunca fui a

uma. Maior parte da multidão festeira as frequentava. Eu tinha sido mais do tipo de garota que foge do luau na praia.

Eu parei no portão eletrônico. Havia um teclado e o que parecia um interfone com uma pequena câmera montada acima dele.

— Ele não está brincando, Will comentou.

— Muita gente invadiu sua casa enquanto ele estava fora. Faz sentido. — Eu só podia imaginar que traição deve ter sido.

— Isso é péssimo.

— Grande momento. Procurei o botão certo, encontrando-o sob o que parecia ser um alto-falante. Eu pressionei e uma campainha soou.

A voz áspera de Griffin veio através da linha. Ei, Caelyn. Basta seguir a estrada principal até a casa.

— OK. Minhas palmas umedeceram quando os portões se abriram. Eu senti que estava prestes a ter um primeiro encontro. Ridículo. Este era um trabalho. Uma gentileza que Griffin havia dado. Nada mais.

— Que legaaaallllll. Como o Sr. Griffin sabia que era você, Cae Cae? Ele é mágico? Perguntou Mia.

Will bufou. Há uma câmera.

Mia fez uma careta na direção do irmão. Ele ainda pode ser mágico.

Eu dirigi meu SUV na estrada e em direção à casa da fazenda. — Você está certa. Ele poderia ter todos os tipos de magia. Não saberíamos.

Mia sorriu, torcendo o papel no ar como se estivesse dançando. — Então ele vai amaaarrr meu unicórnio mágico.

Eu mordi meu lábio. O pobre Griffin não tinha ideia do que estava por vir. Felizmente, uma menina de sete anos muito enérgica não era

uma ofensa passível de demissão. Parei no ápice da estrada circular, estacionando em frente à enorme casa que já tinha visto dias melhores. A pintura estava descascando e algumas venezianas pendiam de uma dobradiça.

Will soltou um assobio baixo. Este lugar é quase tão grande quanto *The Gables.*

Ele não estava errado. A propriedade que Harriet deixou para Kenna era maior, mas não tanto. Havia algo sobre a casa da fazenda, no entanto. Uma música triste que parecia me puxar. Um conhecimento profundo do que a casa poderia ser.

A porta da frente se abriu e Griffin apareceu. Ele usava jeans que abraçavam suas coxas musculosas e uma camiseta que se agarrava a seus ombros largos. Seu cabelo cortado rente apenas acentuava os planos angulares de seu rosto. Eu engoli, minha garganta de repente seca.

— Ele é totalmente um gigante mágico, — Mia sussurrou.

— Não diga isso, lembra? Ava repreendeu.

Mia ergueu as mãos. — Eu *sei*.

— Tudo bem, meninas. Comportem-se bem. Eu encontrei seus olhos no espelho retrovisor, e ambos concordaram. Enviei uma prece silenciosa para que conseguíssemos passar por essa entrega de alimentos sem grandes desastres.

Saí do SUV, parando na porta do passageiro atrás de mim para abri-la e ajudar Mia a sair da sua cadeirinha. Assim que ela desceu, correu em direção a Griffin.

— Mia, chamei, mas era tarde demais.

Ela parou derrapando na frente de Griffin e estendeu seu desenho. — Eu fiz isso para você. É um desenho de desculpas. Desculpe se chamei você de gigante e isso feriu seus sentimentos. Mas ainda acho que você é um gigante e tem magia. Mas isso é legal. Você deve se orgulhar disso. Cae Cae sempre me diz que as coisas sobre nós que são diferentes são as mais especiais.

Eu respirei fundo, congelada no meu lugar. A boca de Griffin se curvou e meus pulmões desinflaram. Ele se agachou para ficar ao nível dos olhos dela. — Posso te contar um segredo? Mia assentiu silenciosamente. Eu sou um gigante.

Ela sorriu tão amplamente que me preocupei que seu rosto se partisse em dois. — Eu sei?

Griffin se inclinou um pouco mais perto. —E eu também tenho magia. Ele fez um movimento rápido atrás de sua orelha e puxou uma moeda, depositando-a na palma da mão aberta.

Mia soltou um grito que teria mandado todos os cães em um raio de cem metros correndo. Você viu? Você viu? O Sr. Griffin é mágico! — Ela olhou de volta para ele. Posso ficar com ela?

Seus olhos azuis brilharam. — Saiu do seu ouvido.

— Vou coloca-la no meu cofrinho de unicórnio.

— Uma economista. Eu gosto disso.

Ela deslizou a moeda no bolso. Estou economizando para comprar alguns tapetes para poder praticar mais cambalhotas em casa.

Griffin levantou-se. Cambalhotas, hein?"

— Sim. Eu vou para as Olimpíadas um dia.

— Eu acredito nisso.

Meu coração deu um aperto doloroso. Na esperança de Mia. Com o doce incentivo de Griffin. Foi muito tudo. Lágrimas picaram meus olhos enquanto eu tentava força-las a voltar.

— Não chore agora, Will sussurrou.

— Eu não posso evitar. É tão incrivelmente doce.

Will balançou a cabeça e olhou para o céu. Você precisa obter plugues em seus dutos lacrimais ou algo assim.

Não foi uma má ideia. Eu chorava com *tudo*. Lágrimas tristes. Lagrimas de felicidade. Lágrimas de opressão. Lágrimas de raiva. Era como se sempre que eu tivesse uma sobrecarga emocional — o que acontecia com frequência — a válvula de escape fosse meus olhos.

— Ei, você está bem? Griffin estava de repente na minha frente. O que está acontecendo?

— Nada, eu juro. Foi simplesmente doce. Você e Mia.

A testa de Griffin enrugou. — Foi doce?

Will se aproximou. — Nem tente entender. Ela chora ao cair de um chapéu. Na outra noite, ela estava soluçando em um comercial de Sociedade humanitária.

Eu me virei para Will. —Essa música me pega todas as vezes.

Griffin soltou uma risada sufocada. — Ela tem razão nisso.

Minhas bochechas aqueceram quando olhei de volta para Griffin. Desculpe pelo serviço de entrega em massa, mas ninguém queria ficar em casa.

— Não tem problema. Ele olhou para as crianças antes de se virar para mim. — Você pode trazê-los sempre que precisar.

O punho de Mia disparou no ar. — Sim! Eu quero mais magia.

— Você pode estar em sérios problemas agora, eu sussurrei. O entusiasmo de Mia pela vida era incomparável e, quando ela descobria algo de que gostava, ela entrava de cabeça. Meu olhar voltou para Ava, que ainda estava perto do carro. Minha outra garota foi mais cautelosa. Ela precisava de tempo para testar as águas antes de mergulhar.

— Não se preocupe comigo, disse Griffin. — Eu posso lidar com alguns truques de mágica. Isso me dará uma desculpa para aprimorar minhas habilidades.

Mesmo que houvesse calor na expressão de Griffin, também havia uma dor latente em seus olhos. Não pude deixar de me perguntar se de alguma forma estava relacionado à família dele. Se seu pai o tivesse ensinado esses truques. Por que os bons foram perdidos cedo demais, mas os ruins pareciam perdurar por muito tempo depois de suas datas de vencimento? — Ela adoraria isso.

Will se endireitou ao meu lado. — Você tem um ótimo lugar aqui.

Griffin olhou para a casa. Eu tenho muita coisa a fazer ainda. Mas vai chegar lá.

— Não sei muito sobre reparos, mas posso pintar e fazer coisas básicas. Avise-me se precisar de ajuda.

As palavras de Will me encheram de orgulho enquanto eu lutava contra as lágrimas pela segunda vez em questão de minutos. Ele era um garoto tão bom. E ele se tornaria um homem incrível.

Griffin encontrou o olhar de Will, parecendo avalia-lo sob uma luz diferente. Ele hesitou por alguns segundos; o silêncio era cauteloso e estranho. —Eu estive pensando que eu poderia usar um segundo par de mãos por aqui. É um trabalho difícil e pode se tornar entediante, mas eu pagaria pelo seu tempo.

— Isso seria incrível. Na verdade, estou procurando um emprego de meio período para começar a economizar para a faculdade.

— Eu ficaria feliz com a sua ajuda se estiver tudo bem com sua irmã.

Will olhou para mim com um olhar suplicante. — O que você acha? Está tudo bem?

Eu puxei um fio solto da minha calça jeans. Eu queria que Will tivesse tudo o que o fizesse feliz, mas não pude deixar de notar que Griffin estava vindo em nosso resgate em todos os lados. Se as coisas não dessem certo por qualquer motivo, o tapete seria puxado não só de mim, mas também do resto da minha família. — Como você vai chegar aqui? Will tinha sua licença, mas não tínhamos um carro extra.

— Vou vir de bicicleta, ele ofereceu instantaneamente. — São apenas três quilômetros.

— Posso te dar uma carona para casa quando terminarmos no final do dia. Griffin olhou para mim. Se você se sentir confortável com isso.

Suspirei. — Por que não?

Will me deu um rápido abraço de um braço. — Obrigado.

— Eu também quero ajudar, lamentou Mia. — Eu posso pintar.

Eu esfreguei minhas têmporas. Se Mia *ajudasse a* pintar, a casa de Griffin pareceria uma pintura de Pollock com as cores do arco—íris. — Você sabe o que provavelmente seria uma grande ajuda?

Mia me olhou com dúvida. — O que?

— Se você desenhasse muitas fotos bonitas para quando a casa estiver pronta.

Ela refletiu por um momento. — Unicórnios?

— Claro, respondi.

— Definitivamente vou precisar de muitos unicórnios nesta casa, disse Griffin e arco-íris também.

Will se engasgou com uma risada. Só não diga nada sobre glitter. Essa merda vai ficar na sua casa para sempre.

Os olhos de Griffin se arregalaram um pouco. — Devidamente anotado.

Enquanto ficamos ali rindo e planejando todas as obras de arte de Mia para a casa da fazenda, mesmo com Ava dando algumas sugestões, eu não pude evitar o calor que se enraizou na minha barriga — a doce simplicidade de tudo isso. Mas fiz o possível para deixar o sentimento fluir por mim e não o segurar com as duas mãos.

Porque esta não era minha casa, e Griffin não era meu homem.

9

Griffin

EU SORRI quando o alerta soou no meu telefone, apertando o botão para o portão abrir sem dizer uma palavra. Desenvolvemos uma rotina nas últimas semanas. Caelyn deixava Will e comida algumas vezes por semana. Às vezes, ela e as meninas ficavam um pouco por perto para ver qualquer projeto em que estávamos trabalhando.

Eu não podia negar que os momentos em que tive que me aquecer na luz de Caelyn foram os melhores da minha semana. Ela irradiava essa positividade milagrosa para quem havia passado pelo que ela passou. Eu juntei mais algumas peças do quebra-cabeça quanto mais a via e mais tempo trabalhava lado a lado com Will. Ele foi cauteloso no início, mas deixou algumas coisas escaparem enquanto transportávamos o lixo e removíamos o chão.

Quando eu saí, o SUV de Caelyn subia o topo da colina. Eu ignorei o salto em meu pulso enquanto isso. Assim que o veículo estacionou, Mia saltou de seu assento e saiu para fora do SUV. Ela saiu correndo, um papel caindo em sua mão enquanto o fazia. A três metros de distância, a garota se lançou sobre mim.

O movimento me pegou de surpresa e corri para pegá-la, apoiando-a em meu quadril. — Você está tendo aulas de voo agora também? — Meu peito apertou com as palavras, uma visão de Beth se lançando ao meu pai de uma forma semelhante.

Mia deu uma risadinha. — Eu amo voar.

Eu baguncei seu cabelo. — Bem, você é muito boa nisso.

— Mia, Caelyn avisou.

— Uh-oh, — eu sussurrei no ouvido de Mia. — Esse tom significa problemas.

Mia franziu o rosto. — Eu sei.

Caelyn veio até nós. — Qual é a regra sobre sair do carro?

— Eu tenho que esperar até você me deixar sair, ela respondeu com uma voz derrotada. — Mas eu tive que dar a Griffin sua nova foto. Eu estava muito animada.

Caelyn fez o seu melhor para manter uma expressão severa, mas o pequeno tremor em seus lábios a denunciou. —Você só vai ter que controlar essa empolgação.

Mia suspirou. — Vou tentar.

— Obrigada. Caelyn olhou para mim, um tom rosa lindo cobrindo suas bochechas. — Me desculpe por isso.

— Não é um problema. Gosto de uma saudação entusiástica. Fiquei muito chocado ao perceber que as palavras soaram verdadeiras. Na última década, eu só queria espaço. Eu não queria ser lembrado de tudo que perdi. Mas quanto mais eu estava perto da família O'Connor, mais eu sentia a necessidade de deixá-los entrar em meu mundo. Houve momentos dolorosos com certeza, mas eu ainda queria mais.

— Ei, Griffin, Will cumprimentou. Ava estava logo atrás dele, mas me ofereceu um sorriso e um pequeno aceno. Meu peito doeu pela garota. Ela era extremamente tímida. Mas estávamos começando a fazer progressos. O olhar de Will se concentrou no desenho na mão de Mia. Ela fez para vocês gatinhos mágicos hoje.

Estudei o papel que Mia estendeu para eu ver. —São essas pedras preciosas?

Ela assentiu com entusiasmo. —Meus adesivos favoritos. E os diamantes dão aos gatinhos poderes mágicos.

— Claro, eles fazem. Coloquei Mia no chão e peguei o desenho que ela ofereceu. Vamos encontrar um lugar para este aqui.

Eu fui até a traseira do SUV de Caelyn, abrindo a porta malas e pegando a caixa térmica. Caelyn pegou o desenho e uma sacola cheia do que eu tinha certeza de que eram suas preparações mais deliciosas. —Só me avise quando for demais. Vou tentar moderar a criatividade de Mia.

Olhei para Caelyn enquanto levantava a caixa. —Eu não me importo, realmente.

— Sua casa inteira ficará coberta de arco-íris se você não tomar cuidado.

Eu ri. — Existem coisas piores. Tantas coisas piores do que uma menina me cobrindo com arco-íris e magia. E não era como se ninguém além dos O'Connors e eu estivéssemos presentes dentro dessas paredes de qualquer maneira. Os desenhos deram vida à casa da fazenda, algo que não existia há muito tempo.

Nossa equipe desorganizada entrou na casa e foi em direção à cozinha. Caelyn deixou escapar um suspiro quando entramos. — Eu nunca vou esquecer como é linda esta cozinha. — A luz em seus olhos parecia dançar enquanto ela se virava na minha direção. — Você nunca fez uma única refeição aqui, não é?

Esfreguei minha nuca. — Eu aqueço o que você faz no forno ou no micro-ondas.

Caelyn riu, o som perfurando meu peito. — Que desperdício.

Dei de ombros, pensando em todo o tempo que minha mãe passou dentro dessas paredes, na alegria que isso lhe trouxe. Talvez eu

precisasse tentar fazer biscoitos ou algo assim. Do tipo que você tem pré-assado e apenas coloca em uma assadeira.

A risada de Caelyn se intensificou. — Você está olhando para o forno como se ele fosse ganhar vida e atacar.

Eu olhei em sua direção. Pode ser.

— Você é um gigante. Você pode derrota-lo, disse Mia com total confiança.

Eu dei um baguncei seu cabelo. Obrigado, Mi. Agora, vamos encontrar um local para esse desenho. Eu me virei para a geladeira já lotada. Consegui alguns ímãs na loja, mas logo, teria que encontrar outro espaço para eles. Talvez no escritório.

— Que tal lá? Mia apontou para um pequeno ponto descoberto no lado esquerdo.

— Parece perfeito para mim. Peguei o papel do balcão e coloquei na superfície.

Will endireitou-se de onde ele se encostou no balcão. No que vamos trabalhar hoje? Além das decorações de parede de arco-íris, quero dizer.

O garoto adorava fazer piada comigo. Mas as frases curtas me deram uma estranha sensação de orgulho — algo sobre ele se sentir confortável o suficiente para brincar comigo. Vai ser chato, mas é algo que preciso de dois pares de mãos.

O interesse de Caelyn foi despertado. Eu posso ficar por aqui e ser um terceiro par. As meninas podem brincar no quintal enquanto eu ajudo, se você não se importar.

— Eu não me importo. Mas você tem certeza de que não tem nada que precise fazer?

—Tenho certeza. Ela olhou para as meninas. Tudo bem se ficamos um pouco aqui?

Mia sorriu. — Eu amo isto aqui. O quintal tem muito mais espaço para dar cambalhotas.

Caelyn ficou séria. — Nada muito louco. Você não tem um observador ou colchões.

— Eu não vou. Promessa.

— E você, Ava? Caelyn perguntou.

— Eu não me importo. Ela parou por um momento, olhando para a janela. — É tranquilo aqui.

— Parece que você tem um par extra de mãos, Lockwood.

Eu sorri. — Bem, vamos coloca-las em bom uso. Levei nossa equipe pela porta dos fundos. As meninas se dirigiram para o quintal, Mia imediatamente se jogando em piruetas e truques mais complexos que eu não sabia o nome. Ava foi direto para o banco que tinha sido um dos favoritos de minha mãe. Ela puxou um livro de uma bolsa que eu não tinha notado que ela estava carregando.

Uma centelha de preocupação passou por mim. —Elas ficarão bem aqui? Estaremos apenas na oficina ali, e o portão está trancado.

Caelyn começou a andar. —Elas ficarão bem. Ava não se moverá daquele lugar agora que seu livro está aberto. E Mia poderia se manter ocupada indo e voltando por horas.

Will riu. Estou meio surpreso que ela não dê saltos de costas durante o sono.

Dei uma olhada rápida por cima do ombro e, com certeza, Mia estava pulando de um movimento para o outro. —Como diabos o corpo dela se retorce assim?

Caelyn bufou. Eu não faço ideia. —Eu com certeza não herdei esse gene das cambalhotas.

Eu fiz uma careta, a preocupação me dominando novamente. —Ela não vai se machucar, certo?

Caelyn fez uma pausa e se virou para mim, sua expressão gentil. — Mia me assusta desde que foi capaz de andar. Mas eu juro que ela conhece seus limites. Ela não vai se machucar.

Eu ainda não estava completamente convencido da ideia de uma menina de sete anos jogando seu corpo para o ar e apenas esperando que ela caísse em pé. Mas não era minha função discutir. Obriguei-me a continuar caminhando em direção a oficina.

Abri a porta e apertei o botão da enorme porta da garagem. A luz se espalhou pelo espaço de fora quando ele se abriu. Quando liguei as luminárias superiores, Caelyn se engasgou. — Há tantos móveis.

Eu examinei o espaço ao nosso redor. Muito do material foi danificado e não tem conserto. Mas havia uma quantidade razoável da qual eu simplesmente não conseguia me forçar a abrir mão. É hora de fazer um inventário real. Alguém vem buscar as coisas das quais quero me livrar amanhã de manhã. Só temos que tirar para fora para que eles possam ter acesso. — Eu não ia deixar ninguém entrar e passear, mesmo apenas na oficina. Eu não confiava que estranhos não tivessem dedos pegajosos ou saíssem procurando coisas importantes da minha família para vender.

Caelyn caminhou através do espaço lotado, seus dedos espanando peças de móveis enquanto ela passava. — Bell iria adorar este lugar. Sabe, ela pode ajudá-lo a consertar algumas dessas coisas, se quiser. Eu poderia ligar para ela e fazer com que ela viesse aqui.

— Não. A única palavra saiu mais dura do que eu pretendia. E a dor que passou pelo rosto de Caelyn me fez chutar a mim mesmo. — Não gosto de pessoas que não conheço na casa da fazenda.

Simpatia encheu a expressão de Caelyn, mas os ecos de dor ainda dançavam em seus olhos. — Justo.

Eu balancei a cabeça e me concentrei na tarefa em questão, tentando ignorar o lembrete de que relacionamentos típicos, aqueles que envolviam amizade com vizinhos e conhecidos, não eram para mim.

E isso incluía belezas de cabelos castanhos que trouxeram luz ao meu mundo pela primeira vez em anos.

10

Caelyn

EU NÃO CONSEGUIA PARAR DE PENSAR em Griffin. Razão pela qual eu estava assando *muffins* de banana com gotas de chocolate para ele na minha rara manhã livre, em vez de cuidar dos dez milhões de outras coisas que eu precisava fazer. Continuei vendo a dor misturada com o que quase parecia medo em seus olhos quando ele me disse que não deixava estranhos entrar em sua casa — nem mesmo na área externa. Eu não tinha percebido como era grande o gesto que ele permitisse que eu e as crianças entrassem nas paredes que ele construiu para si mesmo, que incrível presente de confiança tinha sido. Mas eu não conseguia esquecer a imagem do rosto de Griffin enquanto ele falava uma única palavra, — *não.*

Eu odiava a imagem causando estragos em minha mente e coração. O pensamento de como ele tinha estado sozinho nos últimos anos. Eu tinha ouvido os sussurros, é claro, mas eu era jovem quando os Lockwoods embarcaram na viagem de barco do Japão ao Havaí, com destino final na Ilha *Anchor*. Uma grande tempestade os tirou do curso, virando o veleiro e inundando-o com água. Apenas as duas crianças conseguiram entrar no bote salva-vidas. Mas a irmã de Griffin morreu com um colapso no pulmão enquanto ele observava.

A família Lockwood foi a favorita da sociedade por gerações. Eles tinham senadores e até um presidente em sua linhagem familiar, mas Christopher Lockwood era um homem determinado a seguir seu próprio caminho. Ele fundou uma empresa de software que lhe rendeu uma fortuna, grande parte da qual ele doava todos os anos. A perda da família causou ondas de dor em todo o mundo.

Lembrei de pessoas na ilha falando sobre isso quando aconteceu, preocupando com o menino que havia passado tantos verões aqui. Mas o resto do mundo parecia ainda mais curioso — não, nervoso — por informações sobre o que havia acontecido. Um oficial da Guarda Costeira havia sido expulso sem honras por vender fotos de Griffin e o corpo de sua irmã a um tabloide sórdido. E o tio que conseguiu a custódia de Griffin acabou na prisão por tentar roubar uma grande parte do dinheiro que os Lockwoods deixaram para Griffin.

Não admira que o homem tivesse problemas em confiar e mantivesse as pessoas à distância. E eu sabia que as histórias que conhecia eram apenas a ponta do iceberg, tinha certeza de que havia mais incontáveis histórias de traição e manipulação.

A última coisa que eu queria era que Griffin sentisse como se eu o estivesse usando. Mas aqui estava ele, dando-me um trabalho de que eu precisava desesperadamente e outro para meu irmão, que estava ganhando vida com seu novo propósito. Will tinha se apaixonado pela restauração da velha casa. Ele transbordava de orgulho ao me mostrar os calos começando a tomar forma nas palmas de suas mãos. Eu não queria que ele perdesse o que estava ganhando, mas não poderia viver comigo mesma se Griffin sentisse que estávamos tirando vantagem.

Abri a porta do forno para verificar os *muffins*. Perfeito. Tirei as duas bandejas do fogão para esfriar. Eu tinha dobrado a receita porque Ava nunca me perdoaria se eu fizesse seu favorito e não guardasse um pouco para ela. Assim que tirei as luvas do forno, a campainha tocou.

Cruzei a curta distância da cozinha até a entrada e abri a porta. — Callie! O que você está fazendo aqui?

Puxei a mulher para um abraço forte e ela riu. — Seus abraços são sempre os melhores.

Eu a soltei e dei um passo para trás. — Entre. Acabei de tirar alguns *muffins* de banana com gotas de chocolate do forno. Eles devem estar prontos para comer em alguns minutos, se você quiser.

— Você sabe que nunca vou recusar o que quer que você esteja fazendo.

Conduzi Callie para a cozinha. — Café? Chá?

— Qualquer coisa com cafeína.

Eu a observei com mais atenção. As olheiras debaixo dos seus olhos eram mais pronunciadas do que o normal, e ela estava um pouco pálida. — Você está trabalhando muito. Callie era muito dedicada às crianças e famílias que ajudava na *Shelter Island Child Alliance* — às vezes em detrimento de sua própria saúde.

Ela sorriu enquanto balançava a cabeça. — Só uma trabalhadora reconhece outra.

Apontei para a mesa da cozinha, gesticulando para Callie se sentar. — Você está certa.

— Kenna disse que você conseguiu outro emprego.

Eu não pude evitar a carranca que formou meu rosto. — Não dê ouvidos a essa fofoca. Este é um trabalho que posso fazer em casa e dificilmente é um trabalho extra.

Callie puxou uma cadeira e se sentou. — Por que não acredito nisso?

Meus dentes de trás rangeram enquanto eu servia duas xícaras de café em canecas. Acrescentei um pouco de leite de soja ao meu e creme e açúcar ao de Callie. — Por que ninguém parece acreditar que eu posso cuidar da minha própria vida? — Estava realmente começando a me irritar. Eu cuido de mim mesma e dessas crianças desde os meus 21 anos. Eu sabia o que era demais para mim e o que não era.

Callie estava de repente ao meu lado. — Não é nada disso. Você enfrenta mais do que qualquer pessoa que eu conheço. Você é incrivelmente forte e corajosa e ama esses pequenos terrores com uma dedicação que eu desejo que todas as crianças que passaram pela *Alliance* tivessem.

Lágrimas se juntaram em meus olhos. — Por que você tem que ir e me deixar toda emocionada?

Ela sorriu. — Porque eu sou má. Ou porque você chora por qualquer coisa.

Eu bati nela com uma luva de forno. — Eu não posso evitar que cada emoção que eu tenho saia dos meus olhos.

— Não, você não pode. — Ela pegou sua caneca e inclinou a cabeça em direção à mesa. — Vamos sentar.

A combinação de suas palavras e tom, disse que nosso tempo de brincadeiras acabou. A preocupação estava atormentando o meu interior, eu fui até a mesa e rapidamente afundei em uma cadeira. — O que está errado? — Um milhão de possibilidades diferentes passaram pela minha mente, nenhuma delas boa.

A expressão de Callie era gentil, mas a sua mão apertando a caneca era tão forte que seus nós dos dedos ficaram brancos. — Sua mãe teve a liberdade condicional antecipada. Fui notificada porque as crianças passaram por um de nossos programas.

Meu queixo caiu. Não tínhamos ouvido falar de Chrissy O'Connor nenhuma vez desde sua prisão. Ela nunca tentou entrar em contato comigo ou fazer as pazes com as crianças. Ela nunca enviou um cartão de aniversário ou Natal. Sempre tive uma mistura de alívio e dor pela falta de contato. Mas isso me salvou de ter que decidir se permitia ou não o contato, mas eu sabia que tinha machucado Will e Ava. Mia não se lembrava da mulher.

Eu limpei minha garganta. — Ela recebeu uma sentença de doze anos. Faz menos de sete.

Callie estremeceu. —As prisões estão lotadas e minha fonte diz que ela não criou problemas durante seu tempo lá. O conselho de liberdade condicional achou que ela era uma boa candidata para liberdade condicional.

Eu lembrava vagamente do promotor do caso me dizendo que eu deveria me registrar no conselho se eu quisesse ser notificada das audiências ou de sua libertação. Mas, honestamente, não pensei que houvesse alguma maneira de ela sair antes que seus doze anos terminassem — definitivamente não depois de menos de sete. Mas, aparentemente, essa era apenas minha crença ingênua no sistema. Minha cabeça se ergueu. —Ela não vai voltar para *Anchor*, vai?

Callie balançou a cabeça.

— Eu falei com o oficial de condicional dela. Ela vai se mudar para *Shelter Island*, para esse estacionamento de trailers do lado norte.

Eu balancei a cabeça rigidamente. Pelo menos havia um pouco de distância. E não era como se ela tivesse dado qualquer indicação de que queria alguma coisa a ver com os filhos que ela deixou para os lobos. Você sabe se há algum sinal do meu pai? Eu conversava com o xerife Raines de vez em quando para ver se ele tinha ouvido alguma coisa, mas já fazia um tempo.

— Liguei para Parker no caminho para cá. Ainda não há sinal dele. Mas assim que sua mãe sair, eles ficarão de olho no motel. Talvez ele apareça.

Eu só podia esperar. Então talvez ele finalmente pagasse por toda a dor que havia causado em seus filhos. Meu sangue esquentou enquanto pensava em como Will tentava ser perfeito, assumindo muito mais do que um garoto de dezesseis anos deveria; como Ava era retraída e medrosa, e

como Mia estava determinada a nos manter unidos com sua pulseira de arco-íris.

Sean havia marcado seus filhos e trazido o mal para suas vidas. Quando o xerife na época entrou mais fundo na rede que as ações de meu pai haviam exposto, ela era muito mais escura e vasta do que qualquer um esperava. A polícia estadual foi chamada e, em seguida, o FBI. Alguns soldados de infantaria acabaram sendo condenados à prisão, mas não foi a grande apreensão que os policiais e federais esperavam.

Eu só estava feliz por ter acabado. Que eu e as crianças podíamos nos mudar da casa de Harriet para nossa casinha. A partir daí, começamos a construir uma vida. Logo, tínhamos uma rotina e éramos felizes. Não tínhamos todas as coisas materiais que queríamos ou precisávamos, mas tínhamos um ao outro e estávamos seguros.

Eu tracei desenhos invisíveis na lateral da minha caneca de café. — Chrissy não disse nada sobre querer ver as crianças, certo?

A raiva iluminou as feições de Callie. — Nenhuma palavra.

Eu soltei um suspiro, recostando-me na cadeira. — Por mais que isso me torne uma vadia sem coração, estou feliz.

A expressão de Callie se suavizou. — Você pode ficar aliviada porque alguém que machucou seus irmãos não quer voltar para a vida deles.

Eu olhei para o teto como se ele contivesse todas as respostas que eu estava procurando. — Eu digo a eles?

— Que ela saiu?

Eu balancei a cabeça, trazendo meu foco de volta para Callie. — Parece desonesto não o fazer, mas eles nunca falam sobre ela. Eles não perguntam sobre nenhum deles.

— Isso é porque você criou um lar estável e amoroso. É mais do que eles já viveram com Chrissy e Sean. Você os conhece melhor. O que seu instinto diz?

— Eu preciso dizer a eles. Pelo menos Will. — Era a coisa certa a se fazer. Se eu estivesse no lugar dele e alguém escondesse algo assim de mim, ficaria puto da vida.

Callie tomou um gole de seu café. — Então reserve um tempo só para vocês dois e conte a ele. Se decidir que quer contar às garotas mais tarde, você conta. Acho que Will gostaria que você contasse a ele primeiro. Isso vai lhe dar espaço para reagir como ele precisa.

Ela estava certa. Se eu contasse a todos eles, Will iria querer manter tudo controlado para proteger suas irmãs. Ele só se preocuparia com Ava e Mia, em vez de processar como ele precisava. Eu encontrei o olhar de Callie. — O que eu faria sem você?

— Estar perdida e à deriva no mundo?

Eu enrolei meu guardanapo e joguei para ela. — Obrigada. Quero dizer. Você e a *Alliance* ... vocês fizeram muito por nós. — Callie ainda estava na faculdade quando vim para a *Alliance*, mas já tinha sido estagiária e agora comandava o programa.

— São histórias como a sua, aquelas que têm um final feliz, que fazem todas as longas horas e desgostos valerem a pena.

Eu só podia imaginar tudo que Callie tinha visto e ouvido. Eu sabia que isso deve tê-la marcado profundamente. — Cada criança e família que passa por essas portas têm sorte de ter você.

Ela estendeu a mão e apertou a minha. — Obrigada. Olhando para o relógio, ela ficou de pé. — Eu preciso voltar ao escritório, mas ligue se precisar de alguma coisa.

— Eu vou.

Callie olhou para o fogão. — Acha que posso levar um desses?

— Você pode levar *dois*.

Ela me deu um abraço rápido. — Você é muito boa para mim.

Mandei Callie sair com dois *muffins* e comecei a colocar o resto em recipientes de plástico. Minha mente girava enquanto eu me movia, uma mistura de raiva, tristeza e medo circulando. Eu sabia que poderia adiar deixar cair os *muffins* para Griffin, mas eu queria vê-lo. No meio da agitação da última hora, eu queria o que poderia ser um sorriso ou uma daquelas raras risadas que me aqueceram até o fim.

Só isso deveria ter me mantido longe. Mas isso não aconteceu.

11

Griffin

Eu grunhi enquanto jogava a cadeira quebrada na lixeira adicional que havia sido entregue na propriedade. Entre isso e os dois caras que tinham acabado de carregar um caminhão com móveis, a oficina estaria quase vazia pela primeira vez em anos. A culpa rodou em meu interior, as mesmas palavras me assombrando nas últimas doze horas. O jeito que eu gritei com Caelyn. A dor em seu rosto.

Ela ficou de folga o resto da tarde enquanto ajudava Will e eu a transportar os móveis para fora e coloca-los no quintal para os carregadores pegarem. E Will tinha me dado um olhar estranho ou dois. Esta manhã, eu fiz uma ligação para *Second Chances* e perguntei a Bell Kipton se ela gostaria de dar uma olhada nas peças antes de irem para a *Goodwill*. Ela havia aproveitado a oportunidade. Os carregadores iriam deixa-la ver os moveis ao redor do caminhão antes de voltarem para a casa da fazenda para um segundo carregamento.

Eu não tinha certeza se Bell contaria a Caelyn sobre minha ligação. Quem eu estava enganando? Eu esperava ansioso que ela fizesse. Que talvez se ela fizesse, tudo voltaria ao normal, e eu não perderia esse sopro de ar fresco que encontrei.

Joguei a próxima peça de mobília quebrada com um pouco mais de força do que o necessário. Eu não precisava ficar pensando em como uma mulher me fez respirar mais fácil. A última vez que me perdi na forma como uma mulher iluminou meu mundo, acabou em desastre e meus segredos foram revelados. E muito pior. Eu precisava me concentrar em restaurar a casa da fazenda e nada mais.

O som de pneus esmagando cascalho veio da frente da casa. Não era pesado o suficiente para ser o caminhão voltando. Murmurei uma maldição e me dirigi para a garagem. Eu deixei o portão aberto para os carregadores voltarem, pensando que era raro alguém subir pelo caminho particular. Eu deveria saber melhor.

Eu caminhei ao redor da casa e vi um sedan que parou na frente da casa da fazenda. Eu examinei as placas. Washington, mas com quadro de locadora de veículos. Meus olhos se estreitaram quando uma mulher saiu do veículo.

— Você está em uma propriedade privada. Receio ter que pedir para você ir embora.

A mulher tinha cabelo castanho claro que estava enrolado em ondas que emolduravam seu rosto. Seu sorriso era praticado, falso. — O portão estava aberto.

Eu cruzei meus braços sobre meu peito. Isso não muda o sinal de *Proibido Entrar* ou o fato de que você não é bem-vinda aqui.

— Você nem sabe quem eu sou. Talvez eu pudesse ser bem-vinda.

A viscosidade de suas palavras e expressões significava que eu sabia exatamente quem ela era. Claro, eu não sabia seu nome ou empregador, mas ela tinha *repórter* escrito em cima dela. Tirei meu celular do bolso de trás. — Acho que afinal, vou ligar para o xerife.

— Esperar. Por favor. Apenas me dê dez minutos. Estive mandando e-mails e ligando para seu advogado. Ninguém nunca retorna minhas perguntas. Você não quer que sua história seja divulgada no mundo? — Ela passou na frente do carro, invadindo cada vez mais o meu espaço.

Minha pele se arrepiou com a ação, como se cada passo que ela dava roçasse minha carne. — Se as pessoas não retornaram suas ligações,

entenda o que isso quer dizer. Não vou dizer uma palavra a você além de *dar o fora* da minha propriedade.

— Depois disso, acho que terei um caso muito bom para assédio. Possivelmente uma ordem de restrição também.

A mulher, que presumi ser a Marcy Roberts que estava enchendo minha pasta de spam, congelou. Uma dureza deslizou sobre suas feições quando sua verdadeira natureza apareceu. — Isso seria um erro, Sr. Lockwood.

Escutei o som de outro veículo. Eu olhei para o caminho, murmurando uma série de maldições. O SUV de Caelyn atingiu o topo da colina e meus músculos enrijeceram. Ela não sabia como lidar com repórteres. Inferno, ela podia deixar algo escapar sem mesmo perceber. Seu veículo parou atrás do carro alugado e ela saiu. Seu cabelo castanho estava em duas tranças amarradas com faixas coloridas. Não pude evitar o lampejo de um sorriso, sabendo que Mia devia ter exigido muito.

Caelyn pegou uma cesta do SUV, seu olhar indo de mim para Marcy e vice-versa, a incerteza preenchendo suas feições. — Sinto muito interromper. Eu só queria deixar esses *muffins* aqui.

A expressão de Marcy se transformou em uma de boas-vindas em um piscar de olhos. Foram-se as ofertas astutas e ameaças conniventes. — Você não está interrompendo. Sou Marcy Roberts. E você é?

Eu podia ver ideias para histórias, cheias de mentiras e conjecturas, fermentando em sua cabeça. Não responda a ela, eu gritei.

Caelyn saltou e a cabeça de Marcy se voltou para mim. — Isso não é muito bom. Seria lamentável se eu tivesse que escrever um artigo sobre como você é abusivo com os convidados em sua casa. Quer repensar essa afirmação? Ela se virou para Caelyn. Talvez você queira compartilhar sua história sobre o Sr. Lockwood? Pagamos bem por exclusividades.

Os músculos das minhas costas e ombros ficaram tensos. Todas as mentiras que foram impressas sobre mim ao longo dos anos. Todas as fofocas e especulações. Esses abutres nunca quiseram apenas deixar minha família descansar em paz. Deixe— *me* descansar em paz.

A mandíbula de Caelyn caiu, seu olhar saltando de Marcy para mim e vice-versa. Quando todas as peças se juntaram, ela avançou e se colocou entre mim e Marcy, seu rosto ficando vermelho. A cara que ela fez era hilária e adorável. Ela parecia como se fosse me defender de qualquer ataque, uma cesta de *muffins* em seu braço. — Você precisa sair.

— Interessante. — Marcy puxou um bloco de notas do bolso e começou a rabiscar.

Caelyn deu um passo à frente. — Se você não partir na contagem de três, vou te acertar com esta cesta. Você está em propriedade privada e agindo de maneira ameaçadora. Eu estaria bem dentro dos meus direitos.

Marcy ergueu os olhos do bloco de notas. — Tão parecida com o homem que você está defendendo. Você sabia que ele colocou um repórter no hospital? O cara ficou em coma por três dias.

Meu intestino revirou enquanto eu olhava para o cascalho, incapaz de olhar para Caelyn, com medo de ver medo ou repulsa. Eu era jovem e estúpido, não sabia o que fazer e estava ficando um pouco louco. E o repórter em questão havia tornado minha vida um inferno por anos. Ele de alguma forma foi capaz de transformar qualquer pessoa de quem eu tinha chegado perto.

— Bem, Caelyn começou, se eles fossem parecidos com você, eu posso ver por quê.

Minha cabeça se ergueu e percebi Caelyn empurrando Marcy em direção ao seu carro, usando a cesta de *muffins* para fazer isso. Caelyn

deu outro pequeno empurrão. — Vai embora. — Pegando seu telefone, ela tirou uma foto. — Isso vai para o xerife. Ela olhou para mim. — Devo pegar a carteira de motorista dela também? Dar para Raines?

— Me larga, sua vadia louca. Você não pode tocar em mim ou na minha carteira, Marcy vociferou.

Os olhos de Caelyn se estreitaram. — É aí que você está errada. Posso fazer o que quiser, contanto que você esteja nesta terra. É sua escolha ficar ou partir. Mas vou avisá-la agora, o xerife aqui não gosta de estranhos incomodando seus cidadãos.

Os olhos de Marcy se arregalaram um pouco. — Seus caipiras, vocês são loucos.

— Você se lembre disso antes de pensar em voltar, — Caelyn chamou enquanto Marcy entrava em seu carro.

O cascalho voou enquanto Marcy saia pela estrada. Eu puxei Caelyn para longe do veículo. — Merda! Você está bem? O cascalho não pegou você, não é?

A tensão saiu de Caelyn. — Estou bem. Ela olhou para o caminho e depois para mim, seus olhos se arregalando. — Eu acabei de ameaça-la com minha cesta de *muffins*?

Um sorriso dividiu meu rosto. — Querida, você a assustou pra caramba com a cesta.

Uma pequena risada escapou de Caelyn. Então outra. E logo, ela se desmanchou em gargalhadas. Acabei de ameaçar alguém com *muffins*. Quem sou eu?

Observei Caelyn com cuidado, sem saber se ela apenas achava isso engraçado ou se estava perdendo o controle. Você está bem?

Ela se endireitou, as lágrimas de sua risada enchendo seus olhos. Este foi um dia seriamente confuso.

Eu enrijeci. —O que mais aconteceu?

Caelyn balançou a cabeça e enxugou os olhos. — Nada.

— Não parece nada. — Uma mistura de ansiedade e algo parecido com medo me atormentou. Preocupação, percebi, por uma mulher com quem eu não deveria estar começando a me preocupar.

— Você tem o suficiente para lidar. — Seu olhar foi de volta para a garagem. Ela vai escrever uma história sobre você?

Mordi o interior da minha bochecha. Eu queria forçar Caelyn a me dizer tudo o que estava errado, não falar sobre algum repórter idiota. — Ela provavelmente escreverá algo completamente cheio de mentiras, e as pessoas acreditarão completamente.

Caelyn mordiscou o lábio inferior. —Sempre foi assim para você?

— Pior. Procurei em seu rosto por algum sinal de engano. Não havia nada além de franqueza e empatia honesta. Você não me procurou?

Seus olhos se arregalaram. —Não. Ela corou. Quer dizer, eu ouvi falar sobre você e sua família pela cidade. Eu teria que viver em outra parte, para não saber. Mas não pesquisei na internet nem nada. Eu não faria. Seu olhar fixou no meu. Eu sei o que é ter a ilha pensando que sua vida está aberta para discussão e fofoca. Eu não faria isso com outra pessoa.

Sentei nos degraus de pedra na frente da casa. Claro, ela entendeu melhor do que a maioria. —Eu sinto muito. Eu só…

Caelyn foi até a escada e se abaixou até a lousa. Você está acostumado com as pessoas olhando para você como algo diferente de humano. Eles não percebem o quão doloroso é.

Eu olhei nos olhos verdes de Caelyn cheios de compreensão. No passado, na melhor das hipóteses, obtive uma simpatia que me fez arrepiar. Mas Caelyn era diferente. Ela realmente entendia o que era viver sob um microscópio, suas memórias mais dolorosas, alimento para fofoca. Ela sabia o que era ter que manter seus escudos constantemente levantados porque alguém poderia descuidadamente dizer algo que te lembraria de seus dias mais sombrios a qualquer momento. Como você faz isso?

Sua sobrancelha se enrugou. — Fazer o que?

— Você é tão ... positiva.

Caelyn riu. — Eu não sou uma *Pollyanna*. Eu tenho minha cota de dias difíceis. Hoje foi um. Mas por mais sofrimento e dor que haja no mundo, também há uma beleza infinita. Você sabe o que eu pergunto aos pequenos terrores todas as manhãs? Diga-me as coisas boas. Há muito disso ao nosso redor, mesmo em meio às coisas difíceis. Você só precisa ter um momento para reconhece-las.

Percebi a simplicidade das palavras de Caelyn, mas também o poder nelas. Ela estava certa. Mas porque estive tão focado em me isolar do mundo, evitando qualquer chance de traição ou dor, perdi muitas dessas oportunidades. Você é uma mulher sábia.

Ela sorriu. — Uau, obrigada cavalheiro.

Eu balancei minha cabeça. — Você vai me dizer o que aconteceu hoje?

Caelyn suspirou e olhou para as colinas e florestas que nos cercam. Minha mãe está saindo da prisão.

— Isso era esperado?

Ela se abaixou, pegando um pedaço de cascalho e rolando-o entre os dedos — Ela deveria cumprir doze anos. Só foi a metade disso.

Eu reprimi uma maldição. Nosso sistema de justiça estava mais que falido. As pessoas que mereciam as sentenças mais duras geralmente tinham uma chance, e aqueles que mereciam uma segunda chance geralmente pagavam por muito mais tempo do que deveriam. Você pode lutar contra isso?

— É tarde demais.

— Eu sinto muito. As crianças sabem?

Ela balançou a cabeça. Eu descobri esta manhã enquanto eles estavam na escola. Tenho que contar a Will logo. Não tenho certeza sobre as meninas.

Faz sentido. Will era mais adulto do que adolescente, mas Ava e Mia ainda tinham essa inocência. — Você saberá quando chegar a hora certa de contar a elas.

Caelyn jogou a pedra no ar, pegando-a na palma da mão. — Acredito que sim.

Ficamos em silêncio por um longo momento antes de eu falar. — O repórter que eu dei um soco… foi há muito tempo. Ele invadiu meu apartamento e …

Caelyn estendeu a mão, sua palma descansando no meu antebraço. — Você não me deve nenhuma explicação. Você me mostrou uma e outra vez como sua alma é boa.

Seu toque, suas palavras, eles se infiltraram em meus ossos. O calor delas era tão quente que queimava. E eu nunca quis esquecer o sentimento.

12

Caelyn

Eu cantarolei para mim mesma enquanto limpava os balcões após a correria do almoço, prestando muita atenção a cada centímetro e nos cantos. Havia algo catártico na limpeza. Era uma das poucas coisas em que você podia ver seu progresso em preto e branco.

Eu me perguntei se Griffin sentia o mesmo por sua casa. Adorei ver as mudanças concretas cada vez que a visitei. E parecia que o progresso estava acontecendo um pouco mais rápido agora que Will estava ajudando.

Meu peito aqueceu com as memórias de ontem que voltaram a minha mente. Foi a primeira vez que Griffin realmente me deixou entrar. Eu sabia que era assustador para ele, aterrorizante, mas ele fez isso de qualquer maneira. E sentado nos degraus de pedra, de repente não me senti tão sozinha.

Era uma coisa difícil de descrever, até mesmo de realmente entender, mas eu me sentia sozinha desde que tomei a custódia das crianças. Sim, eu tinha Bell e Kenna, Callie, *Alliance*, e Harriet antes de ela falecer, mas o verdadeiro peso disso repousava sobre meus ombros. E por mais que aquelas mulheres incríveis em minha vida me amassem e apoiassem, elas não conseguiam entender como era ter todos na ilha sussurrando sobre você, sabendo que seus pais trouxeram drogas para a comunidade, para uma casa com crianças. Eles não conseguiam entender como era assustador saber que o bem-estar dos irmãos que você amava mais do que a vida dependia de você e apenas de você.

De uma forma completamente diferente, Griffin entendeu tudo. Mas suas feridas eram muito mais profundas. Ele perdeu sua família inteira,

incluindo a irmã que ele tentou salvar. E em vez de uma ilha invadindo sua vida, o mundo inteiro o fez. Eu não conseguia imaginar os tipos de cicatrizes que isso deixou para trás.

Senti uma sensação de aperto no peito, um aperto profundo. Eu queria ser a única a em ajuda-lo a aliviar essas dores, cuidar das marcas deixadas para trás. Fechei meus olhos por um breve momento. Eu poderia estar lá por Griffin, ser sua amiga e ouvinte, mas eu precisava segurar essa parte mais profunda do meu coração. Porque se eu soltasse esse pedaço, eu cairia. E Griffin não estava em condições de me pegar.

Alguém limpou a garganta e eu olhei para cima. Patti.

— Sonhando acordada de novo, não é? Ela perguntou, as sobrancelhas levantadas.

Endireitando minha coluna, forcei um sorriso. — Só pensando enquanto eu limpo. Com o que posso ajudar? Você gostaria de um sanduíche ou uma salada?

— Nenhum dos dois. Você sabe que eu faço minhas próprias refeições.

Eu segurei o rolar de olhos que eu queria dar. Patti disse isso como se merecesse uma medalha por cozinhar sua própria comida. — Posso ajudar em mais alguma coisa? Mentalmente, eu estava gritando, *por que você está aqui?*

Ela endireitou a bolsa no ombro. — Eu queria ver se Mia gostaria de vir e brincar com Mallory neste fim de semana.

Fiz o possível para manter minha expressão agradável. — É muita gentileza sua oferecer, mas temos planos para este fim de semana. A filha de Patti, Mallory, era muito parecida com a mãe: uma sabe-tudo e uma fofoqueira. Mia não era sua fã.

Patti ergueu uma sobrancelha. — Oh? O que estará fazendo?

O brilho de interesse em seus olhos me deixou em estado de alerta. Mia tem ginástica e vamos passar algum tempo juntos como uma família no domingo.

— Com Griffin Lockwood's? Ouvi dizer que você tem passado muito tempo lá.

Eu enrijeci. Aparentemente, a fábrica de fofocas estava fazendo hora extra e, claro, Patti estava no centro de tudo.

— Você já ouviu? Eu não ia dar nada a ela. Não era da sua conta, e me irritou imediatamente que ela estava falando sobre Griffin pelas costas.

A expressão de Patti ficou séria.

— Isso é realmente sábio, Caelyn? Eu sei que você ainda não é mãe, então seus instintos podem não estar tão bem ajustados quanto o resto de nós, mas ele tem uma história violenta.

Contei até dez em minha cabeça e soltei um longo suspiro. Não, ainda estava furiosa demais para falar. Contei até dez novamente e encontrei o olhar de Patti. — Eu já tive o suficiente da sua merda de superioridade. Você se senta, julga e fofoca, sem pensar uma única vez sobre a feiura do seu próprio coração. Patti se engasgou, mas continuei falando. Griffin Lockwood é um homem gentil e decente que passou por um inferno. Você e suas amiguinhas só pioram isso ao espalhar boatos sensacionalistas. E você não me conhece, Patti. Nem uma coisa real sobre mim. Posso não ter dado à luz esses filhos, mas os amo como se fossem meus. Eu faria qualquer coisa para protege-los. E isso significa que farei o que for preciso para protege-los do veneno que você vomitar. "

Palmas soaram de um dos corredores e Shay apareceu. — Amém. Seu olhar endureceu ao ver Patti. Você é uma vadia intrometida que precisa de uma vida. Saia daqui e não volte mais.

As bochechas de Patti coraram enquanto ela parecia lutar para respirar. — Bem, eu acho que que devo esperar esse tipo de comportamento de uma excêntrica como você. Você se esconde naquela pequena ilha e raramente vem à cidade. Você provavelmente é uma criminosa.

O rosto de Shay ficou pálido por um momento, mas ela se recuperou rapidamente. — Mesmo se eu fosse, ainda seria um ser humano melhor do que você.

Patti proferiu algo muito pouco feminino sob sua respiração e então se virou para mim. — Vou ligar para os Serviços de Proteção à Criança para relatar minhas preocupações.

Eu congelei. Eu só podia imaginar o tipo de história que Patti iria tecer. Um que eu tinha certeza de que terminaria com a visita de uma assistente social. Eu tinha a custódia permanente dos meus irmãos, mas com muitas mentiras e manipulação, isso poderia mudar. Eu desejei que meu coração voltasse a bater sob controle e não tão descontrolado. Tudo ficaria bem. Eu ligaria para Callie e veria qual era seu conselho. Ela saberia o que fazer.

Eu respirei lenta e profundamente. —Faça o que for preciso. Mas o carma está vindo para você. Pelo menos eu esperava que fosse.

Patti olhou para mim e então saiu correndo por um corredor e saiu pela porta da frente. Eu afundei contra o balcão. Sem dizer uma palavra, Shay contornou o bar e entrou na cozinha. — Você está bem?

Eu balancei a cabeça. O que há de errado com aquela mulher?

— Ela é louca. E uma vadia. Isso é o que. Shay apertou meu braço. — Pessoas assim … eles são profundamente infelizes. Não é sobre você.

Eu dei a Shay um sorriso pálido. Lamento que você tenha se envolvido no meio disso.

Ela bufou. Por favor, estou feliz em dar um golpe quando for justificado. — Ela olhou para a porta. Acho que agora eu também vou ter problemas com ela hein?

Eu estremeci. Não era divertido ser o centro do foco de Patti. E seria ainda pior se você tivesse feito algo que ela achasse ofensivo. — O mínimo que posso fazer para compensar é preparar o almoço para você.

Os lábios de Shay se curvaram. Acho que isso significa que preciso cuidar de minhas costas ao redor da vizinha intrometida.

Eu ri. Não seria uma má ideia.

— Então cozinhe algo delicioso para mim. Mas faça algo para você também. Você está parecendo um pouco pálida.

Eu estava me sentindo um pouco tonta. Tomei um gole do meu suco que estava no balcão. Duas misturas deliciosas chegando.

Depois de comer alguma coisa e conversar com Shay que não envolvia nada muito sério, me senti muito melhor. Quando Shay se levantou, puxei-a para um abraço rápido. — Obrigada. Eu sei que não nos conhecemos muito bem, e significa muito que você interferiu por mim.

Shay pareceu um pouco surpresa com o abraço e meus sentimentos, mas apertou meus ombros. — A qualquer momento. Você é uma boa pessoa, Caelyn O'Connor, e ninguém deveria estar te tratando mal.

— Obrigada. E devemos fazer isso de novo algum dia. Talvez você possa vir jantar, conhecer os pequenos terrores.

A boca de Shay abriu e fechou, um pouco de cautela passando por suas feições. — Isso é muito gentil da tua parte. Talvez um dia desses, quando eu tiver uma folga.

Eu reconhecia uma desculpa quando ouvia uma. Eu só não sabia por quê. —É um convite aberto. Mas também é sem pressão.

A postura dos ombros de Shay relaxou um pouco. — Obrigada.

— Vejo você em breve.

— Até logo.

Acenei para Shay e comecei a limpar meu posto de trabalho. Olhei para o relógio assim que Molly entrou correndo na loja. — Estou aqui! Estou aqui! Sinto muito pelo atraso, Caelyn.

Eu sorri para a jovem. Você está cinco minutos atrasada. Não se preocupe.

— Obrigada. Você é um anjo. Vá em frente. Vou terminar de limpar.

Peguei minha bolsa debaixo de um armário. — Obrigada. Apenas me envie uma mensagem se você tiver algum problema.

— Eu sei.

Peguei minhas chaves. E o Sr. Walters estará aqui para ajudá-la a fechar.

Molly riu. — Sim mãe. Eu prometo, e não convidarei nenhum garoto.

Eu mostrei minha língua para ela enquanto passava. Faça boas escolhas!

— Diga não as drogas! Ela gritou quando eu saí.

Eu ri enquanto saía para o sol e o estacionamento. Tirei meus óculos de sol da minha bolsa e os coloquei enquanto caminhava em direção ao meu SUV. *Big Bertha* havia sofrido uma bela reforma no mecânico na semana anterior. Claro, ela parecia a mesma, mas seu interior estava brilhante e arrumado. Eu desativei o alarme e fui abrir a porta, mas um

pedaço de papel flutuou de onde estava preso sob o limpador de para—brisa.

Inclinei para frente e o peguei, dando uma olhada rápida em seu conteúdo. Eu congelei. Em letras maiúsculas, dizia: *VOCÊ VAI PAGAR*.

13

Griffin

Mais uma vez, me vi em minha caminhonete, indo em direção à cidade. Pegando a rota que me levava até a ensolarada casa amarela de Caelyn e o *The General Store*. Uma rota que eu não precisava seguir. Que desculpa eu inventei dessa vez? Eu precisava de leite. E daí se eu quase não bebia leite?

Eu precisava me controlar. Eu quase me convenci a dar a volta no quarteirão e ir para casa quando avistei Caelyn parada ao lado de seu SUV no estacionamento. Ela estava congelada no lugar, seu olhar fixo em um pedaço de papel, seu rosto pálido.

Eu não pensei. Eu simplesmente estacionei minha caminhonete na beira da estrada e saltei. Corri em sua direção e, quanto mais perto eu chegava, mais meu peito se apertava. Ela parecia ... apavorada.

— Caelyn, chamei.

Sua cabeça se levantou, os olhos correndo ao redor.

— O que está errado? O que aconteceu?

Ela tremia enquanto estendia a mão para mim, o papel na mão. — Isso estava no meu carro quando saí da loja.

Peguei a nota e examinei, deixando escapar uma ladainha de maldições. — Faz quanto tempo?

— Eu — eu acabei de sair. Estou lá desde esta manhã.

Peguei meu telefone e disquei um dos poucos contatos do meu celular. Tocou algumas vezes e então uma voz rouca atendeu. — Xerife Raines.

- É Griffin Lockwood.
- Ei, Griffin. O que posso fazer para você?

Eu olhei para o papel, tentando descobrir a melhor forma de explicar. Estou fora da *The General Store* com Caelyn O'Connor. Alguém deixou um bilhete ameaçador em seu SUV.

Os sons de fundo silenciaram. Que tipo de ameaça?

Eu li a nota para ele.

— Estou na *Island Sports* agora respondendo a um roubo. Tente não tocar na nota mais do que já fez. Estarei aí em dez minutos.

— Obrigado. Eu apertei desligar no meu telefone e voltei para Caelyn. — O xerife Raines estará aqui em dez minutos.

Ela mordiscou o lábio inferior. — Talvez seja apenas crianças brincando. Não devemos preocupa-lo.

Eu encontrei o olhar de Caelyn. As crianças estão na escola agora.

Seus olhos se arregalaram. Escola. Devo pegar as crianças em quinze minutos. — Ela começou a mexer em sua bolsa, procurando freneticamente por algo. — Eu não estou atrasada. Nunca. Nem uma vez. Eu sei como é quando seus pais se esquecem de pegar você uma e outra vez.

Coloquei a nota de volta no SUV e peguei os ombros de Caelyn em minhas mãos. — Está tudo bem. Eles vão entender.

Caelyn respirou lento e calmo, como se estivesse tentando controlar todas as emoções que a atravessavam. Vou ligar para a escola primária e avisar que vou chegar atrasada. Você pode ligar para a escola e pedir

que digam ao Will para esperar com as meninas? Ele sabe como cuidar delas.

Eu apertei seus ombros. — Claro. — Eu soltei Caelyn, mesmo que fosse a última coisa que eu queria fazer, e peguei meu telefone novamente. Depois de uma busca rápida, encontrei o número do colégio e expliquei a situação para a secretária da escola. Ela precisava falar com Caelyn para verificar a história, mas assim que isso fosse feito, a mulher concordou em deixar Will saber que Caelyn estava atrasada e encontra-la na escola primária.

Enfiei meu telefone de volta no bolso quando Caelyn estava encerrando sua chamada. Ela agarrou o dispositivo com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. A professora de Mia vai esperar com eles até eu chegar lá.

— Eles vão ficar bem. Completamente seguro.

Caelyn soltou um suspiro trêmulo. — Só não quero que eles tenham medo.

— Você fez isso para que eles não sentissem medo.

Caelyn acenou com a cabeça, mas não parecia aliviada. Ela estava muito nervosa, como se não pudesse ficar parada.

Um SUV do departamento do xerife parou atrás da minha caminhonete e Parker Raines saiu. Eu balancei a cabeça em saudação. Caelyn deu um pequeno aceno estranho. — Xerife."

Ele sorriu calorosamente. — Eu já te disse uma e outra vez, me chame de Parker.

— Eu sei. É estranho porque o velho xerife só queria títulos formais. Mas isso não importa. De agora em diante, você é Parker. Você conhece meus amigos e eu o chamo de Sheriff Hotstuff. Ela soltou um pequeno grito. — Não acredito que disse isso em voz alta. Quando estou

nervosa, divago. E essa nota me deixou muito nervosa. Vou calar a boca agora.

Caelyn apertou a boca fechada enquanto suas bochechas ficavam vermelhas. Parker e eu olhamos um para o outro e então nós dois soltamos uma gargalhada. O rosto de Caelyn ficou ainda mais vermelho. Não é engraçado, ela murmurou para mim.

Eu sorri. Vamos lá, é um pouco engraçado. — Você também tem um apelido para mim? Eu não pude deixar de perguntar.

O olhar de Caelyn saltou ao redor, em qualquer lugar, menos em mim. — Não. Sem apelido para você, desculpe.

Ela estava mentindo, e agora eu estava curioso para saber qual era o apelido.

Parker finalmente conseguiu controlar o riso. — Já fui chamado de várias coisas no trabalho, mas não tenho certeza se Sheriff Hotstuff é um deles.

Caelyn cobriu o rosto com as mãos. — Eu nunca vou superar isso.

Parker bateu no braço de Caelyn com o seu. Acredite em mim, de todas as coisas que já passei quando me chamaram, isso nem chega a ser classificado no radar de constrangimento.

As mãos de Caelyn caíram de seu rosto. Obrigada.

— Tudo bem, Parker começou. Diga-me o que aconteceu.

Caelyn imediatamente ficou séria, uma pitada de medo entrando em suas feições. Tive o desejo repentino de puxá-la para meus braços. Para protege-la de qualquer coisa que colocasse esse tipo de olhar em seu rosto. Ela olhou para a loja e depois para Parker. — Eu estava trabalhando em meu turno normal e, quando saí, vi um pedaço de papel

sob o limpador de para-brisa. Achei que fosse apenas um panfleto ou algo assim. Mas não era.

Parker tirou um par de luvas do bolso de trás, junto com um saco plástico. Vamos dar uma olhada. Ele colocou as luvas e pegou a nota, seu rosto endurecendo enquanto lia. Com cuidado, ele colocou o papel em um saco de evidências. — Alguma ideia de quem te deixaria um bilhete como este?

O rosto de Caelyn empalideceu. — Nenhum mesmo. Você acha que talvez alguém tenha colocado no carro errado? Ou é apenas uma brincadeira doentia?

Não achei que alguém que se deu ao trabalho de escrever uma nota como essa a colocaria no veículo errado. Mas eu entendi por que Caelyn queria ter esperança de que pudesse ser verdade.

— É possível ...” Parker começou. Mas é provavelmente improvável. Vou ver se as câmeras de segurança do banco captaram alguma coisa, mas não acho que cheguem tão longe. Aquele cara voltou para a loja? Aquele sobre o qual você me ligou antes?

— Que cara? Eu rosnei.

Caelyn se encolheu. — Um homem entrou na loja. Parecia que ele estava em algo. Verificando provavelmente. Quando eu disse a ele que não vendíamos cigarros, ele saiu. Ela olhou para Parker. Ele não voltou. E, honestamente, só liguei para falar dele porque outra cliente estava assustada. Ela queria que eu ligasse para o departamento do xerife e avisasse.

— Ela estava certa em que você me ligasse, disse Parker.

Tudo o que eu conseguia pensar era em um cara ansioso para sua próxima droga, se esgueirando pela *General Store*. Pior, ele poderia estar

procurando o lugar em busca de dinheiro para pagar pela próxima dose. Eu me virei para Parker. — Você tem policiais passando por aqui?

Parker esfregou a nuca. — Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, o condado me aprovou para contratar mais funcionários. Agora temos alguém na ilha o tempo todo. Vou mandar colocar a loja em seu trajeto normal.

Eu me virei para Caelyn. — Você tem algo para se proteger? Uma faca? Taser? Eu odiava a imagem de Caelyn tendo que lutar contra alguém, mas a ideia de que ela poderia não ter nada com que se defender era ainda pior.

Um pequeno sorriso curvou sua boca. Você parece Shay.

— Eu não sei quem diabos é essa, mas se ela está dizendo para você ser cautelosa, eu gosto dela.

Parker deu uma risadinha. — Eu também. — Sua expressão ficou séria. Há uma possibilidade remota que precisamos considerar.

Caelyn começou a torcer a alça de sua bolsa. — O que?

— Que isso pode estar relacionado aos seus pais.

Eu não sabia muito sobre os pais de Caelyn, a não ser que eles foram acusados de crimes relacionados às drogas e perderam a custódia das crianças. Mas o tom de Parker deixou todo o meu corpo tenso.

Os olhos de Caelyn se arregalaram. — Minha mãe saiu da prisão.

Parker balançou a cabeça lentamente como se estivesse tentando juntar peças invisíveis em sua mente. — Não pensei nela como uma opção. Não entrei em contato com seu oficial de condicional desde que ela foi libertada, mas vou remediar isso.

Caelyn estremeceu, embora o sol brilhasse fortemente, e eu tive outro desejo de puxá-la para perto. Quando o mundo daria uma chance

a essa mulher? Ela mordiscou o lábio inferior. — Ela não demonstrou interesse em mim ou nas crianças. Nenhuma vez ela iniciou o contato. Você realmente acha que depois de todos esses anos, a primeira coisa que ela faria é me deixar um bilhete desagradável?

Parker tirou as luvas e tirou o celular do bolso. — Eu honestamente não tenho certeza. Mas você foi parte integrante de mantê-la presa por tanto tempo. Seu testemunho, permitindo que Will testemunhasse, é por isso que a sentença dela foi máxima.

— Mas ela está fora. E não é como se ela pudesse ficar com raiva do meu pai. Ele nem mesmo viu o interior de uma prisão.

Parker balançou a cabeça. Algumas pessoas têm uma amargura que nem mesmo os anos a diminuirão. E por falar no seu pai, você não ouviu nada sobre ele, não é?

— Não. Caelyn olhou para o oceano no final da rua. “Eu costumava ligar para a polícia estadual e meu contato do FBI a cada dois meses ou mais para ver se eles tinham ouvido algo, mas não o faço há algum tempo. E não é como se ele estivesse aparecendo na nossa porta com presentes para todos os aniversários e natais que ele perdeu. Ela olhou para Parker. E as pessoas com quem ele se envolveu?

A expressão de Parker endureceu. — Eles ficaram espertos depois que Sean quase explodiu sua operação. Sabemos que as drogas ainda passam pelas ilhas, mas sempre que pegamos um indivíduo, eles estão mais preparados. Qualquer coisa em seus telefones celulares está em um código que não fomos capazes de decifrar.

— Sean é seu pai? Perguntei.

Caelyn acenou com a cabeça, seus dedos envolvendo mais apertado em torno de sua bolsa. —Então, as pessoas para quem ele trabalhou ... ainda estão aqui?

— Não sei se são as mesmas pessoas ou uma nova safra. Eles nunca fizeram um movimento contra você, então duvido que sejam eles agora. Não é realmente o estilo deles. Eles são mais do tipo que queima um prédio.

— Parker... eu adverti. Caelyn não precisava desse tipo de merda em sua cabeça. E nem eu. Já estava a dois segundos de perder o controle.

Parker estremeceu. — Desculpe. Eu não queria te assustar. Isso é apenas uma maneira diferente do que eles fazem. Acho que você pode respirar. Provavelmente, é sua mãe tentando chamar a sua atenção. Vou falar com seu oficial de condicional e fazer uma visita pessoal à sua residência. Nesse ínterim, deixarei esta nota no laboratório e verei se algo aparece.

— Obrigada, Parker. Eu realmente aprecio sua ajuda com tudo isso. Você sempre parece ser aquele que intervém quando minha vida está desmoronando.

Eu olhei entre os dois, me perguntando se havia algo um pouco mais pessoal acontecendo. Parker percebeu meu olhar e balançou levemente a cabeça. — Eu estava de plantão na noite em que alguém invadiu a casa dos O'Connor.

A expressão de Caelyn ficou tensa. — “Ele está sendo educado. Parker respondeu à chamada como um oficial, quando Will, com apenas dez anos na época, me ligou em pânico porque meus pais haviam desaparecido por vários dias e alguém tinha acabado de invadir a casa. Ele se barricou em um quarto com Ava e Mia. Eu podia ouvir o homem batendo na porta e gritando por suas drogas. Eu estava na faculdade em Seattle na época. Sua voz falhou. Eu não pude chegar até eles, não estava lá para protege-los. Felizmente, Parker chegou a tempo.

Agora suas palavras para Parker faziam sentido. Assim como a raiva queimando em seus olhos. Caelyn amava seus irmãos ferozmente, e eu

sabia o que era ter medo de perder alguém que deveria ter sido capaz de proteger.

— Eu estava apenas fazendo meu trabalho. E você sabe que farei tudo o que puder para ajudar você e aqueles adoráveis *hooligans*.

Caelyn balançou a cabeça, as lágrimas enchendo seus olhos. — Não é só você fazendo seu trabalho. Não para mim.

Parker pigarreou, parecendo um pouco desconfortável. — Bem, então direi que estou feliz em fazê-lo. E vou continuar fazendo esse trabalho, começando com o processamento, ele ergueu o papel dento do plástico.

Estendi a mão para apertar a de Parker. — Deixe-nos saber qualquer novidade.

— Eu farei. Fique de olho nela, sim?

Eu engoli, minha garganta de repente parecendo uma lixa. A última pessoa que eu deveria cuidar havia dado seu último suspiro na frente dos meus olhos. — Eu ficarei.

Parker se dirigiu para seu SUV e eu me virei para Caelyn. — Você está bem?

Ela parecia tão perdida. Quando seu olhar encontrou o meu, estava quase vazio. —Isso é extremamente pouco profissional, mas eu realmente gostaria de um abraço agora.

Eu não pensei. Eu apenas me movi. Envolvi Caelyn em meus braços do jeito que eu queria desde o momento em que a vi olhando para aquele maldito pedaço de papel. Ela era tão pequena, seu rosto afundando em meu peito enquanto eu a segurava com força. Mas tão pequena como Caelyn era, ela parecia se moldar aos planos mais duros do meu corpo perfeitamente. Há quanto tempo eu não toquei em alguém dessa forma? Na faculdade, talvez?

Deus, isso foi há um milhão de anos. Mas a ausência de toque só fez a sensação de seu coração batendo contra minha carne muito mais forte; o calor de sua pele irradia muito mais forte contra a minha. Eu a segurei com mais força contra mim com apenas um pensamento reverberando em minha mente.

Eu nunca quis desistir.

14

Czelyn

OBRIGUEI-me a liberar minhas mãos sobre Griffin. Era a última coisa que eu queria fazer. Seu tamanho, por si só, dava a sensação de que ele poderia me proteger do mundo. E seu calor lutou contra o frio que se enraizou em meus ossos.

Senti minhas bochechas aquecerem quando recuei. —"Me desculpe por isso. Eu só..." Eu não tinha ideia de como terminar aquela frase. Eu estava perdendo o controle. E eu precisava de alguém para me segurar pelo menos uma vez.

Griffin apertou meu ombro, deixando seus dedos percorrerem meu braço antes que caíssem. —"Você também pode precisar de alguém."

Eu engoli contra a secura repentina na minha garganta. Meus olhos ardiam com a força das lágrimas, querendo ser libertadas. Mas se eu as soltar agora, com certeza vou ter um colapso. "—Obrigada. Eu, uh, é melhor ir buscar as crianças. Obrigada novamente por ... humm... tudo.

—"Dê-me suas chaves."

Eu pisquei para Griffin. —"Por quê?"

Ele estendeu a mão. — "Você não vai dirigir agora. Você teve um susto. Vou levar você para pegar as crianças. "

—Como você vai voltar para buscar sua caminhonete?"

— "Vou pegar um táxi ou caminhar. "

Havia apenas um táxi em toda a ilha, e o motorista, Shorty, tirou mais dias de folga trabalhou. — “Você não tem que fazer isso. Mesmo. Eu vou ficar bem. Prometo."

Griffin manteve a mão estendida. —"Chaves."

Suspirei, puxando minhas chaves da minha bolsa. — “Com que rapidez voltamos a frases e grunhidos de uma palavra. ”

Griffin arrancou as chaves da minha mão. —"Entra, espertinha."

— “Oooooh, três palavras. Talvez nem tudo esteja perdido. ”

Griffin subiu no meu SUV e empurrou o banco do motorista para trás. — “Falo quando tenho algo a dizer. Eu não desperdiço as palavras. ”

Coloquei meu cinto de segurança enquanto saíamos do estacionamento. — “Isso é realmente muito profundo. Você deve pensar em escrever poesia. ”

—"Acho que vou passar."

—"Estou chocada."

Tamborilei meus dedos contra meus joelhos enquanto Griffin dirigia, como se a ação pudesse fazer *Big Bertha* ir mais rápido. Griffin estendeu a mão, descansando a mão sobre meus dedos hiperativos. —"Eles estão bem."

Lambi meus lábios e balancei a cabeça. —"Eu sei. Eu só preciso vê-los. ”

—"Entendi. Mas contenha o pânico, ou eles ficarão assustados. ”

Ele estava certo. Fechei os olhos por um breve momento, fazendo um exercício de respiração de ioga. Quando meus olhos se abriram, Griffin apertou minha mão. —"Ai está."

Quando sua mão escorregou, senti a perda instantaneamente. Eu limpei minha garganta. —"Eu ainda vou abraça-los com força."

Os lábios de Griffin se contraíram. —"Isso é justo."

Quando entramos no estacionamento da escola primária, avistei meus minúsculos terrores esperando com um professor. Mia estava dançando, Ava tinha o nariz enfiado em um livro, mas Will ... ele estava em guarda. Não havia outras palavras para descreve-lo. Seu olhar movia em um padrão constante, examinando o ambiente. Quando ele avistou o SUV, sua postura já tensa se endireitou ainda mais.

Algo estava errado. Will estava preocupado. Eu deixei uma série de maldições preencher minha mente. A última coisa que eu queria fazer era dar ao menino mais uma coisa com que se preocupar.

Griffin parou na frente de nosso grupo e pulamos. Assim que Mia viu Griffin, ela voou para ele. —"Griffin!"

Ele a pegou quando ela se lançou sobre ele. —"Ei, *Pequenina*."

— “Senhorita Shepard, este é meu gigante, Griffin. Ele tem magia. ”

Os olhos da Srta. Shepard brilharam enquanto ela sorria para Mia. —"Você teve sorte de encontra-lo, não foi?"

Ela assentiu com entusiasmo. —"A mais sortuda."

Avancei, envolvendo um braço em torno de Ava. — “Eu sinto muito pelo atraso. Ocorreu um problema na loja e me atrasei.

Os olhos de Will se estreitaram com minhas palavras, mas a Srta. Shepard acenou para mim. —"Não é um problema de todos modos. Você me deixou adiar a papelada por mais alguns minutos. ”

—"Obrigada por sentar com eles."

—"A qualquer momento." Ela olhou de volta para Mia e Griffin. — “Vejo você amanhã, Srta. Mia. Você pode me contar tudo sobre o seu gigante mágico. "

O calor subiu pela nuca de Griffin enquanto a Srta. Shepard se afastava. Eu não pude evitar a risada que escapou. —"Você pode ter uma reputação totalmente nova na cidade agora."

Griffin ergueu os olhos como se rezasse por paciência. —"Deus me ajude."

—"Eu vou te ajudar, Griffin," Mia ofereceu. "O que você precisa?"

—"Hmm. Acho que preciso de uma ida ao parque e uma pizza. O que você acha? Vocês vão comigo? "

—"Sim!" Mia atirou o punho no ar e então se torceu nos braços de Griffin para que ela pudesse me ver. "Podemos ir, certo?"

— “Acho que parece uma ótima ideia. ”

Enquanto Griffin ajudava Mia a se sentar em seu assento no SUV, e Ava subia no banco de trás, Will puxou meu braço. — “O que aconteceu na loja? ”

Eu soltei um longo suspiro. — “Eu vou te informar mais tarde. Mas está tudo bem. ”

Will não parecia acreditar em uma palavra que saía da minha boca. — “Eu não sou mais uma criança, Caelyn. Eu posso lidar com o que está acontecendo. Eu mereço saber. ”

— “Você pode ser sábio para a sua idade, mas você não é um adulto. Ainda não. Não deseje acabar sua vida de adolescente. ”

— “Eu não dou a mínima para isso. Eu quero saber o que está acontecendo. ”

— “Linguagem, ” eu avisei. “Eu vou te contar, mas não é sua responsabilidade lidar com o que está acontecendo. É minha."

Os olhos de Will endureceram. Mas em vez de dizer qualquer coisa, ele permaneceu em silêncio. Sem uma palavra, ele sentou na última vaga livre no SUV.

Sentei no banco do passageiro e esfreguei rapidamente as têmporas. Eu podia sentir uma dor de cabeça monstruosa chegando. Griffin lançou um olhar preocupado para mim e Will. — “*Seaside Park* certo? ”

— "Esse é o meu favorito," Mia entrou na conversa.

Eu sorri, mas sabia que parecia um pouco forçado. — "Isso é ótimo."

A viagem de cinco minutos consistiu inteiramente em Mia tagarelando, Ava ainda com o nariz enfiado no livro e Will olhando pela janela. Pelo menos dois em cada três deles estavam felizes. Griffin parou em uma vaga de estacionamento vazia perto dos balanços. Mia saiu correndo para as barras de macaco, Ava colocando seu livro para trás.

Os olhos de Will se estreitaram em mim. — “Você vai me dizer o que diabos está acontecendo agora? Ou você vai inventar outra desculpa esfarrapada? "

—"Will", gritou Griffin. —"Não fale com sua irmã desse jeito."

Will voltou seu olhar aquecido para Griffin. — “Você nem mesmo faz parte desta família. Você não tem voz em nada disso. ”

“Posso não fazer parte da sua família, mas ninguém fala assim com sua irmã na minha frente. Não está bem."

Eu engoli enquanto Griffin e Will se enfrentavam em algum tipo de batalha silenciosa de vontades. Eu não tinha certeza se deveria intervir ou esperar que eles saíssem. Mas depois de alguns segundos que

pareceram mais uma hora, Will recuou. Toda a tensão saiu de seus ombros e sua cabeça caiu. —"Eu sinto Muito. É só que ... eu sei que algo está acontecendo. " Ele se virou para mim. “Você mudou nos últimos dias. E você nunca se atrasa nos dias em que nos busca. Eu só quero saber o que está acontecendo. ”

Eu puxei Will para um abraço forte. Meu garoto era muito perspicaz para eu esconder qualquer coisa dele. —"Você está certo. E eu sempre planejei te contar. Eu só estava procurando a hora certa. As coisas têm estado loucas nos últimos dias, e— ”

— E você não queria me dizer o que é isso, ” Will terminou por mim.

Não foi exatamente isso. Não da maneira que Will pensava, de qualquer maneira. Eu não queria sobrecarrega-lo com o que nossa mãe fora da prisão poderia trazer à tona. — “Não é porque eu não acho que você possa lidar com isso. É porque eu não quero que você precise. "

Ele balançou a cabeça lentamente. —"Entendi."

Ele entendeu porque sentia o mesmo por Ava e Mia. Ele faria qualquer coisa para proteger essas meninas. Endireitei meus ombros como se isso fosse me ajudar a me preparar para o golpe que estava prestes a desferir. — “Mamãe foi libertada da prisão antes do tempo. Ela está em liberdade condicional. "

—"O que? Faz apenas seis anos. ”

—"Eu sei. Acho que ela é uma prisioneira modelo. Sinto muito, Will. ”

Um músculo em sua bochecha pulsou. — “Você não tem nada para se desculpar. Ela sim. Exceto, aparentemente, ela não tem que pagar por isso. ”

Eu agarrei os braços de Will. — Ela vai pagar por isso todos os dias pelo resto da vida porque não entende você, nem Ava, nem Mia. Ela está perdendo o maior presente que já recebeu. ”

Os olhos de Will ficaram vermelhos quando ele apertou ainda mais o maxilar, tentando conter as lágrimas. —"Ela merece mais."

—"Ela merece. Mas sabemos que o mundo nem sempre é justo. ” Eu odiava que fosse uma lição que nós dois aprendemos muito jovens. Eu gostaria que nós dois tivéssemos tido muito mais anos onde as únicas coisas com que tínhamos com que nos preocupar eram quais brinquedos queríamos ou se poderíamos ir brincar com nossos amigos. Mas não foi esse o caso.

Os olhos de Will brilharam. — “Ela apareceu na loja hoje? É por isso que você estava atrasada? "

Minhas mãos caíram dos braços de Will enquanto meus olhos procuravam Griffin. Embora eu não tivesse certeza do que estava procurando. Ajuda, talvez? As palavras certas para dizer a Will o que aconteceu? Griffin me deu um pequeno aceno de cabeça, um encorajamento silencioso.

Eu torci meu polegar na bainha da minha camiseta enquanto procurava pelas palavras. — “Eu não tenho certeza se ela estava lá ou não. O xerife Raines acha que é possível. Havia uma nota no meu SUV que não era boa. ”

—"O que ela dizia?" Will perguntou em voz baixa.

—"Não me lembro do texto exato."

Will voltou seu foco para Griffin. —"Houve uma ameaça?"

— “Nada explícito. Mas, sim, era ameaçador. ” Griffin disse isso sem rodeios, sem rodeios, simplesmente confiando que Will poderia lidar com a informação.

—"Eles vão prendê-la?"

Griffin não desviou o olhar do olhar zangado de Will. "O xerife vai questionar sua mãe e falar com o agente da condicional."

Will concordou. —"Se ela fez isso, ela vai voltar para a prisão?"

— “Eu diria que é uma aposta bastante segura. Mas eles têm que provar isso primeiro. Pode não ter sido ela. "

Will jogou as mãos para cima. —"Quem mais poderia ser? Papai se foi — provavelmente a Canadá ou México. Mamãe é a única que ficaria brava assim. "

Eu esperava que fosse esse o caso. Porque por mais confuso que fosse o que nossa mãe tinha feito, eu não conseguia imaginá-la realmente se esforçando para me machucar. Por negligência ou egoísmo, claro, mas não por ações maliciosas. Mas talvez a prisão tivesse mudado Chrissy, tornando-a mais sombria. Eu não fazia ideia.

Eu balancei minha cabeça para me trazer de volta ao presente. Parker é ótimo em seu trabalho. Ele vai descobrir quem fez isso. — Pelo menos, eu esperava que ele fizesse.

— Griiiiiiffffffiiiiin! — Mia gritou das barras de macaco. Venha brincar comigo.

Griffin olhou para Will. — Você está bem?

Will assentiu, suas bochechas ficando um pouco vermelhas. — Desculpe por mais cedo. Eu estava apenas frustrado.

— Eu entendo. Só não descarte suas frustrações em sua irmã.

— Eu não vou. Prometo.

Griffin deu um aceno com o queixo e se dirigiu para Mia, que estava executando um giro nas barras que fez meu coração parar na

garganta. Will bateu seu ombro contra o meu enquanto observávamos Mia e Ava jogarem com Griffin. — Me desculpe, eu fui um idiota.

— Perdoado. Vou permitir a você um momento idiota a cada trimestre.

Will riu. — Obrigado.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto Griffin disse algo para Ava. Ela mordeu o lábio, parecendo pensar sobre suas palavras, e então assentiu. Ele a ergueu e segurou sua cintura enquanto ela caminhava pelas barras de macaco.

— Ele é muito bom com elas, disse Will.

— Ele é. E toda vez que eu via um momento de ternura como este, Griffin se infiltrava no meu coração um pouco mais.

15

Griffin

— ISSO É TÃÃÃO BOM.

Eu mal consegui entender as palavras que saíram da boca cheia de Mia enquanto ela comia sua pizza. Eu segurei uma risada. —Estou feliz que você gostou.

Ela sorriu, seus dentes vermelhos por causa do molho. —Pizza é a minha favorita. Bem, não tão favorita quanto panquecas, mas perto.

Will balançou a cabeça, rindo. —Não há nada nesta Terra que você ame mais do que panquecas.

Mia ficou pensativa por um minuto. — Não.

— É realmente bom, disse Ava suavemente do lado oposto da cabine onde ela se sentou ao lado de Will. Obrigada por nos levar.

Meu coração quebrou um pouco mais com as palavras faladas suavemente. O jeito quieto de Ava significava que cada frase que recebia dela era preciosa. —De nada. É possível que tenhamos que fazer disso uma tradição semanal.

Os olhos de Mia se arregalaram. —Mesmo? Isso seria incrível. Podemos, Cae Cae? Nós podemos?

Nossa mesa inteira se virou para enfrentar Caelyn. Ela ergueu as mãos. —Bem! Vocês todos vão se transformar em pequenas pizzas.

Will sorriu. Pelo menos não é aquela porcaria de trigo integral que você tenta passar por noite de pizza em casa.

As bochechas de Caelyn ficaram rosadas. —Você não consegue sentir a diferença entre a massa de trigo integral e a normal.

Ava sorriu para seu prato. — Você realmente pode.

Caelyn deixou escapar um suspiro exasperado. —Bem. Eu sei quando estou perdendo uma batalha.

— Não tenho tanta certeza disso, disse Will. Você manteve essas coisas de alfarroba por um longo tempo.

— O que é alfarroba? Perguntei.

— Chocolate nojento, Mia ofereceu.

Will balançou a cabeça. —Você não pode chamar de chocolate. Não tem açúcar.

— Eu desisto, gente. Prometo nunca mais fazer biscoitos ou qualquer outra coisa com alfarroba. Apenas me dê um minuto, Caelyn gemeu.

Eu sorri para ela. Caelyn era a louca por saúde mais adorável que já conheci, e passei a maior parte dos meus anos de formação na Califórnia. — Eu não acho que você tentou colocar alfarroba em qualquer coisa que você fez para mim. Tudo que Caelyn preparou para minhas refeições estava delicioso. Mesmo que ela tentasse esconder vegetais em tudo. Eu tinha mordido uma almôndega outro dia para encontrar cenouras e abobrinhas misturadas. Eu ainda tinha comido tudo.

— Eu sabia que era melhor não usar a alfarroba com você, ela murmurou.

Pressionei minha boca em uma linha dura para não rir. — Você sabe o que eu acho que precisamos depois disso?

Mia lambeu os dedos para limpar. — O que?

— Sorvete.

Caelyn gemeu enquanto Ava e Mia aplaudiam. Will não conseguiu segurar a risada. — Oh, cara, é tão bom ter um adulto do lado de uma boa comilança.

Os olhos de Caelyn se estreitaram em Will em um brilho falso. — Sabe, tenho gentilmente ignorado seu estoque na garagem. Mas eu poderia sentir o desejo repentino de fazer uma pequena limpeza de primavera ...

A boca de Will caiu aberta. — Você sabe disso?

— Saber sobre o quê? Perguntei.

Caelyn, muito afetada e apropriadamente, dobrou seu guardanapo de papel em um quadrado limpo. Will tem um baú cheio de guloseimas na garagem que ele pensou ser um segredo. Seu olhar se voltou para ele. Mas as irmãs mais velhas sabem tudo.

Mia assentiu solenemente. — Isso é porque eles são mágicos.

Eu baguncei seu cabelo enquanto olhava para Caelyn, seus olhos verdes brilhando de alegria. — Você não está errado sobre isso, *Pequenina*. Nada errada. A primeira vez que chamei Mia do apelido que usei para a minha irmã, simplesmente escapou. Isso me chocou profundamente quando aconteceu, mas agora parecia ... *certo*. Algo sobre a menina me lembrava muito Beth. Foi doloroso, mas aqueceu aqueles lugares escuros em meu peito, tudo ao mesmo tempo.

Enquanto as crianças continuavam a rir e a incomodar Caelyn, algo no ar mudou. Uma espécie de sexto sentido nascido de anos vivendo sob um microscópio me fez saber que havia olhos em mim. Eu olhei para cima para ver uma grande mesa de mulheres e crianças. As crianças estavam ocupadas conversando entre si, comendo e rindo, mas as

mulheres pareciam sussurrar umas para as outras, seus olhos de vez em quando se voltando para nossa mesa.

Meu corpo inteiro travou. O desprezo em alguns de seus rostos fez meu estômago apertar. Eu tinha sido um tolo em pensar que poderia me aventurar na cidade com Caelyn e seus irmãos e não receber nenhuma atenção. Mas eu honestamente não tinha considerado isso. Eu só estava pensando em como poderia distrair Caelyn de seu pesadelo de um dia. Como eu poderia manter o foco das crianças em algo que não fosse o atraso da irmã para busca-los e o que poderia estar errado.

Mas, é claro, as pessoas falariam. Eles sussurrariam sobre minha história. Perguntando por que estive com os O'Connors.

Uma mão quente pousou no meu joelho, queimando a pele. — Não é sobre você, Caelyn sussurrou.

— Claro, é sobre mim. Sempre foi. E se ela fosse vista comigo, as pessoas começariam a falar sobre ela também.

Os dedos de Caelyn cravaram em minha carne. — Não é. Tive um encontro com sua líder supremo hoje cedo. Elas estão chateadas comigo e fofocando.

Meu olhar saltou para Caelyn, procurando seu rosto. — Que tipo de encontro?

Caelyn mordiscou o lábio inferior. Patti Jenkins. Aquela com o sorriso de desprezo no rosto? Ela sempre achou necessário informar a todos sobre as maneiras como estou desmoronando no trabalho de guardiã.

— Serio? Perguntei. Caelyn era uma guardiã incrível. Seria impossível que as crianças fossem mais bem cuidadas.

— Ela é apenas um daqueles humanos miseráveis que precisam se sentir melhor tentando de derrubar os outros. Mas quando ela me disse

que eu não tinha bons instintos porque não era uma mãe de *verdade*, quase perdi o controle.

— O que? Eu rosnei.

— Eu te disse. Ela é uma verdadeira sem noção.

Eu estudei Caelyn cuidadosamente. —Diga-me a verdade. Isso tem a ver comigo?

Os lábios de Caelyn formaram uma linha dura. —Ela mencionou você, sim. Mas muitas outras coisas também.

Meu estômago afundou. —Já estava começando. A última coisa que eu queria era que Caelyn tivesse mais coisas sobre seus ombros simplesmente porque ela tinha uma amizade comigo. — Nós podemos ir.

Sua cabeça se ergueu. — Você está de brincadeira? Meus olhos se arregalaram. Não permitimos que gente ignorante e cruel ganhe. Essa é uma regra.

Will olhou para nós, pegando a conversa no final. —Ela está certa. É uma regra em nossa família, e se você anda conosco, você tem que seguir.

Eu engoli contra a queimadura no fundo da minha garganta. —Bem, eu não posso quebrar as regras que me levariam a ser expulso do clube infantil descolado.

— Caramba, certo. Os olhos de Caelyn se encontraram com os meus. Não se atreva a ouvir qualquer bobagem ou sussurros vindos de pessoas que não te conhecem. Ou eu vou ... eu não sei o quê, mas vai ser ruim.

Will se engasgou com uma risada. — Quando ela está realmente nervosa ou com raiva, ela nunca consegue pensar em punições no momento. ”

A tensão em meus ombros diminuiu quando vi o rosto vermelho de Caelyn. — Eu prometo que não vou ouvir.

— Boa. Ela bateu com as mãos na mesa. — Agora, vamos pegar o maldito sorvete.

Ava riu com a ferocidade do tom de Caelyn. — Você realmente quer aquele sorvete, não é?

Ela sorriu para Ava. — Posso conseguir duas colheres.

— Cuidado. Você pode acabar em coma induzido por açúcar, Will avisou. — Seu corpo não está acostumado a todos aqueles doces.

Ela mostrou a língua para Will e ele riu. Mia estendeu os braços para mim e eu a peguei. Ela se enterrou no meu ombro. — Griffin?

— Sim?

— Você virá depois? Eu sei que não é sexta-feira, mas talvez possamos assistir a um filme? Ela perguntou, olhando para Caelyn com esperança.

Eu olhei na mesma direção, sem saber se eu tinha ultrapassado os limites. Mas a verdade era que eu queria qualquer desculpa para não a deixar nem as crianças. Eu esperava que o bilhete tivesse sido deixado por sua mãe rancorosa, mas não queria arriscar deixá-los sozinhos esta noite.

Ela ergueu as mãos. — Só vivemos uma vez, certo? Noite de cinema, então.

Mia levava suas noites de cinema muito a sério. Depois de uma intensa discussão sobre qual filme assistir, nós acabamos com uma versão antiga de *Swiss Family Robinson* que Mia e Ava podiam praticamente

recitar de cor. Quando os piratas atacaram, Ava cobriu o rosto com um travesseiro enquanto Mia imitava uma luta de espada como se pudesse derrota-los sozinha.

Will foi um soldado na maior parte do tempo, mas finalmente desistiu no meio do caminho para terminar o dever de casa. No momento em que os créditos rolaram, Mia tinha desmaiado de seu alto açúcar e Ava esfregou os olhos.

— Tudo certo. Caelyn ficou de pé. — É hora de levar festeiros para a cama para que não durmam na aula amanhã.

Ava assentiu com sono. — Obrigada, Cae Cae. Obrigada, Griffin. Esta noite foi muito divertida.

Eu sorri enquanto a garota cambaleava de pé. —A qualquer momento. Abaixei-me para pegar uma Mia morta para o mundo.

— Oh, você não tem que fazer isso, disse Caelyn.

— Eu não me importo. Mia pesava quase tanto quanto um saco de farinha. Você pode me apontar a direção certa?

Caelyn acenou com a cabeça, levando-me pelo mesmo caminho que Ava tinha tomado. Paramos em um pequeno quarto que tinha duas camas de solteiro. Acima de cada um havia um arco—íris com seus nomes pintados em uma escrita brilhante. Meu olhar percorreu o espaço, absorvendo tantos detalhes quanto possível. A pequena mesa cheia de projetos de arte e artesanato. Uma cômoda com montes de joias de brinquedo no topo. As fotos de Caelyn e seus irmãos que estavam em várias superfícies. Era cálido e acolhedor e, embora pequeno, tudo que uma menina poderia desejar.

Eu coloquei Mia cuidadosamente em sua cama enquanto Caelyn puxava as cobertas. Eu sorri para os unicórnios coloridos pontuando o

pijama de Mia. Eu acho que você foi inteligente ao fazê-las mudar antes do filme.

Ava rastejou em sua própria cama. —Sempre ficamos com muito sono para nos trocar depois.

Caelyn deu um beijo na testa de Mia e então foi até Ava para fazer o mesmo. — Você está com *Scooter*? — Ava ergueu um cachorro de pelúcia e assentiu. Tem sua luz noturna? Ela olhou para a tomada ao lado da cama e assentiu novamente. Amo vocês, muito, muito, muito.

— Eu muito mais, — Ava sussurrou de volta, seus olhos ficando pesados.

Eu segui Caelyn em silencio para fora da sala. Eles são muito adoráveis.

Ela sorriu por cima do ombro. — A maior parte do tempo. Mas quando elas brigam... Ela soltou um assobio baixo. — Pode ficar muito agudo por aqui.

Eu ri. — Eu posso imaginar.

Paramos na pequena sala de estar, Caelyn arrastando os pés. — Alguma chance de você querer uma noite de sono realmente horrível em nosso sofá? Não é necessário ficar se for estranho. Eu trabalho para você e...

— Eu gostaria de ficar. Eu já estava me perguntando quais eram as chances de eu ser preso se eu dormisse na minha caminhonete do lado de fora da casa dos O'Connor.

Ela soltou um suspiro. — Obrigada. Estou tentando não me deixar assustar, mas estou um pouco.

Estendi a mão e apertei seu braço. Eu queria puxar Caelyn em meus braços, abraça-la e dizer que tudo ficaria bem, mas esse não era o meu

lugar. — Estou feliz por ficar. E é compreensível que você esteja se sentindo insegura agora. Dê um desconto.

— Obrigada. Vou me preparar para dormir e vou pegar um cobertor e um travesseiro para você.

— Obrigado. — Eu examinei o sofá que seria minha cama durante a noite. Era de tamanho decente, mas as protuberâncias poderiam tornar as coisas interessantes. Tentei encher uma almofada após a outra, mas não parecia adiantar muito. Mas eu poderia lidar com qualquer coisa por uma noite.

— Aqui está.

Eu me virei ao ouvir a voz de Caelyn e congelei no meio do caminho. Ela usava uma camiseta folgada e shorts minúsculos que fizeram o ar dos meus pulmões desaparecer de repente. De alguma forma, embora Caelyn fosse pequena, suas pernas ainda pareciam durar dias. Planos intermináveis de pele branca e suave. Eu não pude deixar de me perguntar como seria a sensação. Se era tão suave quanto parecia.

Eu me dei uma sacudida mental. — Obrigado. Minha voz estava mais forte do que eu pretendia quando peguei o travesseiro e o cobertor oferecidos.

Caelyn brincou com a bainha de sua camiseta. — Obrigada de novo … por tudo. Isso significa mais do que eu posso dizer.

Minhas costelas se contraíram com suas palavras. Caelyn merecia alguém cuidando dela. Alguém que tornava sua vida mais fácil, em vez do contrário. — Farei o que puder para ajudar.

Ela assentiu. — Bem, vejo você pela manhã. Espero que você durma bem.

— Você também.

Caelyn se virou e se dirigiu para uma escada que levava a um *loft* na sala de estar.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Aonde você vai?

Ela se virou, um sorriso brincando em seus lábios. Para a cama, no meu *loft*.

— Você não tem um quarto? Você dorme no *loft*?

As bochechas de Caelyn ficaram rosadas e eu queria me chutar. Eu não queria envergonhá-la. Ela pigarreou. — Quando procurávamos um lugar para morar, esse era de longe o melhor bairro. Vou escolher segurança e bons vizinhos do que meu próprio quarto sempre.

— Isso é inteligente. Eu não conseguia imaginar como seria aterrorizante para uma jovem de 21 anos estar procurando por uma casa e tendo que considerar a segurança de seus irmãos mais novos ao fazer isso. — Você me impressiona.

O corpo de Caelyn deu um pequeno tremor. — Por quê?

— Porque você lidou com mais coisas do que a maioria dos adultos e fez isso enquanto fazia com que três crianças se sentissem seguras e amadas.

Suas bochechas ficaram mais vermelhas. — Qualquer irmão...

— Não. — Eu a cortei. — Nenhum irmão faria.

As lágrimas começaram a se formar em seus olhos. — Não me faça chorar. Eu vou ficar muito brava com você.

Eu ri, caminhando para Caelyn e puxando-a para um abraço. — Não chore. Você sabe que não lido bem com as lágrimas.

Ela fungou em meio a uma risada. Não tem medo de quase nada, mas de lagrimas sim, hein?

Quando se tratava de Caelyn, elas certamente o fizeram. Eu relutantemente a soltei. Durma um pouco.

— Eu vou.

Observei enquanto ela subia a escada, pensamentos sobre como seria fácil para ela escorregar e cair preenchendo minha mente. Pensamentos sobretudo que Caelyn tinha desistido, para dar a seus irmãos a melhor vida possível que ela pudesse. Eu fui para o sofá, me deitando e puxando os cobertores em volta de mim. A luz de cima se apagou, mas não consegui dormir por horas. A mulher com os olhos verdes me assombrando a cada hora intermitente que me encontrava.

Quando amanheceu, eu gemi e dei a volta. Quando o fiz, recuei, meu coração martelando no peito. Encontrei um rosto sorridente, a apenas alguns centímetros do meu.

As perninhas de Mia balançaram para frente e para trás enquanto ela se sentava na mesa de centro. — Eu estava esperando você acordar. Quer fazer ginástica comigo?

Esfreguei minha bochecha barbada. — Que horas são?

— Quase seis. Tentei ficar na cama, mas estava muito animada.

Eu ri e me levantei, jogando minhas pernas para o lado do sofá. Minhas costas gritaram em protesto. Aquele sofá não era adequado para dormir. — Acho que acordaríamos as pessoas se fizéssemos ginástica.

Mia balançou a cabeça. — Nós vamos sair. Então não vamos acordar ninguém. Não tenho permissão para sair sozinha, a menos que tenha permissão, mas ninguém está acordado. Você irá comigo, certo, Griffin?

Claro, eu iria com ela se ela pedisse. Porque essa pequena fera me envolveu em seu dedo assim como sua irmã mais velha.

16

Caelyn

Desci os degraus do deck traseiro, a grama coberta de orvalho fazendo cócegas em meus pés calçados com chinelo. Eu não pude evitar o sorriso ridículo que se espalhou pelo meu rosto com a visão na minha frente.

Mia deu uma estrela e depois um salto duplo. Quando ela terminou, Griffin aplaudiu. —Isso é incrível."

— Você poderia fazer isso também. Eu posso te ensinar. — Ela começou a puxar seu braço.

Ele riu, balançando a cabeça. — Desculpe, *Pequenina*, eu não posso me dobrar assim.

As risadas e sorrisos de Griffin estavam ficando muito mais fáceis hoje em dia, mas eu não considerava nenhum deles garantido. Eles ainda tinham a habilidade de me dar um soco direto na barriga da melhor maneira possível. Ele estava realmente deixando meus pequenos entrarem. As crianças eram boas para ele e eu esperava que eu também.

— Ok, ginastas malucas, hora do café da manhã, chamei.

Mia deu um pulo no ar. — Panquecas?

— Smoothies primeiro. Eu estendi os dois smoothies.

Seu rosto se contraiu. — Não os verdes.

Griffin pareceu repentinamente cauteloso. — Verde ... smoothies?

— Ela põe vegetais neles, queixou-se Mia.

Eu tentei o meu melhor para conter minha risada, mas não aguentei ao ver a expressão de completo horror no rosto de Griffin. — Você vai gostar. Eu prometo.

— Eu não gosto de comer salada. E merda, com certeza não quero beber.

Mia se virou para ele. — Você disse um palavrão. Você tem que fazer tarefas extras.

Ele estremeceu e cobriu suas orelhas. — Não me escute. Ele murmurou *desculpa* para mim.

— Não se preocupe com isso. Você apenas terá que limpar a cozinha após o café da manhã.

Griffin sorriu. — Justo.

Eu estendi um smoothie para ele. — E você tem que tentar isso.

Ele parecia menos entusiasmado com essa perspectiva, mas aceitou a bebida. Cautelosamente, ele tomou um gole. Seus olhos se arregalaram. — Isso é bom.

Eu revirei meus olhos. — As verduras não são ruins.

— Não são ruins, mas geralmente têm gosto de ... uma palavra que não posso dizer perto das orelhas minúsculas.

Mia riu e puxou a mão livre de Griffin. — Vamos. Vamos tomar para que possamos comer panquecas!

Ele balançou a cabeça enquanto deixava Mia conduzi-lo escada acima e entrar na casa. Eu o segui. Will já estava trabalhando, mexendo a massa da panqueca, e Ava estava sentada em uma das cadeiras lendo um livro. Ela ergueu os olhos quando entramos. Eu trouxe água para todos. Devo fazer suco também?

— Por que você não pergunta a todos o que eles querem?

Ava olhou um pouco hesitante para Griffin. — Você gosta de suco com suas panquecas?

Ele deu a ela um sorriso gentil, que apertou algo dentro de mim de uma forma quase dolorosa. Não é necessário suco de laranja para mim, obrigado. Eu sou bom com água.

— Eu quero leite, Mia disse.

Prosseguimos na preparação do café da manhã que parecia um pouco mais com o caos meio controlado. Mas de alguma forma, todos conseguiram se sentar em volta da mesa da cozinha com um prato de panquecas.

Peguei a bandeja que Will me entregou. Ok, dá-me coisas boas. Três coisas.

Mia praticamente saltou em sua cadeira. Posso ter mais de um? Eu tenho tantos.

Meu peito aqueceu enquanto eu colocava uma panqueca em seu prato e depois no meu. — Você pode ter quantos quiser.

Ela sorriu e ergueu um dedo. Griffin jogou nas barras de macaco comigo. Comemos a melhor pizza de todos os tempos, embora fosse uma noite de escola. Precisamos assistir meu filme favorito. E estou ensinando ginástica para Griffin. A cada ponto, ela erguia outro dedo.

Will bufou. Como estão indo seus *splits*, Griffin?

Griffin deu a Will um sorriso pálido. — Melhor que o seu, aposto.

Will arqueou uma sobrancelha. — Talvez tenhamos de colocar isso à prova.

Eu levantei a mão. A última coisa que precisávamos era que isso se transformasse em uma competição estranha e machista. — Eu realmente não quero ter que levar nenhum de vocês ao hospital quando você rasga um músculo. Eu me virei para Ava. — Qual é a sua coisa boa?

Ela pensou por um momento. Minha garota levava tudo a sério, até mesmo decidindo o que havia de melhor no dia anterior. — Estávamos todos juntos. E foi um dia muito divertido.

Meus olhos queimaram e começaram a se encher de lágrimas. Will gemeu. — Serio? Você está chorando com isso?

Eu olhei para Will através das minhas lágrimas. — Foi muito fofo.

Griffin parecia ligeiramente em pânico. — Você está feliz ou triste?

— Feliz, eu disse, tentando me controlar. Muito feliz.

Os ombros de Griffin relaxaram, parte da ansiedade escapando de suas feições. Will riu. — Você só vai ter que se acostumar com as lágrimas se planeja ficar por aqui.

Griffin esfregou o queixo com a barba por fazer. — Lágrimas não são meu forte.

Mia se inclinou para mais perto dele. Por quê? Simplesmente estão apenas deixando os sentimentos saírem.

Eu tentei muito incutir em meus irmãos a crença de que nenhum sentimento era ruim ou errado. E nem expressar esses sentimentos, contanto que você não estivesse machucando outra pessoa. Mia deixou seus sentimentos voar, não importando a situação. Ava era mais quieta, mas sempre que tínhamos nosso tempo apenas nós duas, ela os deixava livres. Will estava mais reprimido. Muitos anos com pais que não davam a mínima, e um pai que o julgava por quaisquer lágrimas derramadas.

Griffin se mexeu na cadeira, parecendo procurar as palavras certas. — Eu odeio a ideia de que um de vocês possa estar sofrendo.

Mia estendeu a mão e a colocou em seu braço. — Todo mundo as vezes tem dores. Mas elas não duram para sempre.

Tão sábio para um ser tão pequeno. Eu senti meus olhos se enchendo de lágrimas novamente.

— Oh, Deus, Will reclamou. Alguém a distraia, rápido.

Ava estendeu a mão e fez cócegas no meu lado. Eu gritei e me contorci. Eu dei a ela meu melhor rosto *sério*. — Isso não é permitido.

Ela sorriu. —Mas você não está chorando mais.

— Justo. Voltei meu foco para Will. É a sua vez, e é melhor você fazer bem.

Ele sorriu. — Não é muito bom, ou você inundará a mesa com suas lágrimas. Eu balancei minha cabeça e fiz sinal para ele continuar com isso. “Comemos panquecas em um dia de aula e meu teste de química foi transferido para a próxima semana. ”

Coloquei minhas mãos sobre a mesa. — Obrigada.

— Espere, — Ava entrou na conversa. — Você e Griffin deveriam fazer um também.

Meu rosto esquentou. — Não precisamos fazer Griffin…

Ele me cortou. — Comi uma pizza incrível, um smoothie verde que não tinha gosto nem um pouco ruim, e aprendi a fazer uma estrela.

Se você tivesse me dito há dois meses que este homem estaria sentado à minha mesa de café da manhã brincando com as tradições idiotas de nossa família, eu teria dito que você levou um golpe extraforte na cabeça. Mas aqui estava Griffin, e era como se ele pertencesse a nossa

familia naquele assento extra na nossa mesa. Minha mente continuava captando um pequeno fato, no entanto. — Você aprendeu a fazer estrela?

Ele deu uma risadinha. —Não foi bonito.

— Você vai melhorar, Mia ofereceu. Você apenas tem que praticar.

Eu fiz o meu melhor para conter meu riso. —Eu preciso ver isso.

Griffin estremeceu. — Talvez outro dia. Eu acho que posso ter lesionado algo.

Eu bufei. Posso pegar uma bolsa de gelo antes de você sair.

— Eu posso precisar.

— E você, Cae Cae? Ava perguntou.

— Este café da manhã. Vocês são bons para minha alma. E ninguém me faz rir mais do que meus pequenos terrores.

— E Griffin, acrescentou Mia. Ele faz você rir também.

Meu olhar fixou com o de Griffin do outro lado da mesa. —Sim. Ele me faz rir também.

17

Griffin

Caelyn e eu observamos enquanto as crianças subiam no ônibus escolar. Aparentemente, a ilha era tão pequena que as escolas compartilhavam ônibus. Houve um aperto fantasma no meu peito enquanto eles desapareciam a bordo. Eu não pude evitar a preocupação, o milhão de *e se*, girando em minha mente. Lutei contra a vontade de perguntar se seguro era deixá-los andar no ônibus escolar sozinhos, sabendo que Caelyn não apreciaria a pergunta.

Ela me bateu com o ombro. — Obrigada novamente por tudo.

Eu olhei para ela — bochechas rosadas, olhos verdes brilhando ao sol da manhã. —A qualquer momento.

Ela sorriu. Tenha cuidado com o que você oferece. Mia poderia deixar você morando em nosso sofá permanentemente.

Uma parte de mim teria concordado alegremente com o acordo. Eu odiava que não haveria ninguém cuidando de Caelyn e seus irmãos esta noite. Ninguém para ficar entre eles e alguém que pode querer levar as coisas além de um bilhete ameaçador.

— O que há com essa cara fechada? Ela perguntou.

Eu fiz o meu melhor para aliviar minha expressão, mas sabia que fuiapenas parcialmente bem-sucedido. —Devíamos falar sobre precauções.

A diversão caiu do rosto de Caelyn. —Acho que você está certo. Conversei com Will e ele vai ficar de olho nas meninas. Ele será extremamente cuidadoso ao leva-las da escola até a loja alguns dias por

semana. Vou pedir a Parker uma foto atualizada da minha mãe para mostrar a Will para que ele fique alerta.

O aborrecimento apertou meu estômago. E você?

— Eu? Ela honestamente pareceu surpresa por eu ter perguntado. Como se fosse ridículo eu me preocupar com ela também.

— Sim, você, eu rosnei. A nota foi deixada em seu SUV. Foi dirigido a *você*. Eu quero saber como você planeja se manter segura.

A expressão dela endureceu. — "Há anos cuido de mim e daqueles três pequenos. Eu não sou uma idiota. Tenho spray de pimenta na bolsa e Parker na discagem rápida. Não temos sistema de alarme, não podemos pagar, mas temos boas fechaduras. Não é sofisticado, mas funciona.

Soltei uma série de maldições em minha mente. Eu não quis dizer isso. — Eu sei que você cuida muito bem dessas crianças e de você mesmo. Mas este não é exatamente o seu problema de segurança diário. Só estou preocupado.

Um pouco da rigidez diminuiu dos músculos de Caelyn. — Eu sinto muito. Sou um pouco sensível quando se trata de pessoas pensando que não posso cuidar de mim e da minha família.

— Entendido. Mas eu não acho isso.

— Eu sei, ela sussurrou. Estou apenas um pouco tensa.

— Acho que é compreensível. Houve uma tonelada atirada em Caelyn nas últimas semanas, e ela não teve tempo para si mesma para processar. Por que eu não vou pegar as crianças na escola? Posso leva-los para a casa da fazenda. Eles podem correr por aí, e então você tem um pouco de tempo para si mesma antes de vir busca-los. Tome um café, dê um passeio.

Caelyn ficou em silêncio por um momento. — Eu não sei.

— Eu gosto de tê-los por perto. E Will deveria trabalhar comigo hoje de qualquer maneira. Eu não o quero andando de bicicleta até a minha casa sozinho até que saibamos o que está acontecendo.

— Tem certeza de que não se importa? Vai demorar mais ou menos duas horas até que eu termine o trabalho.

Eu apertei seu ombro. — Demora um pouco mais. Dê um tempo a si mesmo. Algum tempo para processar esta semana.

Ela mordiscou o lábio inferior. — Eu não me importaria em fazer uma rápida prática de ioga.

— Faça. Caelyn precisava de tempo e espaço apenas para ela, e eu faria tudo que pudesse para ajudá-la a conseguir isso.

— OK. E vou levar meu spray de pimenta.

Eu ri. Fico feliz em ouvir isso.

— Obrigada … de novo.

— Não, obrigado. Enfiei minhas mãos nos bolsos. A que horas você tem que estar no trabalho?

Caelyn olhou para seu telefone. — Adivinha!!! Preciso abrir em dez minutos.

— Vamos então.

Caelyn trancou a porta da frente e fomos para o SUV. A viagem para *The General Store* foi tranquila, meu cérebro se esforçando para pensar em todas as coisas possíveis que poderiam dar errado nas próximas oito horas ou mais.

Caelyn parou em uma vaga na parte de trás do estacionamento, mas eu parei antes de sair. — Ligue para Parker e depois para mim se algo fora de o comum acontecer. Qualquer coisa. Melhor ser muito cauteloso.

— Eu vou, oh gigante super protetor.

Meus olhos se estreitaram sobre ela. — Acho que o termo gigante está reservado para Mia.

Caelyn sorriu. — Justo. Te vejo um pouco depois das cinco.

— Vejo você então.

Saímos do SUV e esperei até que ela estivesse em segurança dentro da loja antes de ir para a minha caminhonete. Parei perto da porta do motorista e olhei para o outro lado da rua. Meu olhar se fixou em Ford e seu amigo Crosby. Tomei uma decisão em frações de segundo e caminhei até eles.

Crosby tinha um sorriso largo. — Você acabou de sair do SUV de Caelyn? Às oito da manhã?

Levei um segundo para entender a insinuação. Mas Ford me venceu em qualquer resposta. Ele deu um tapa na nuca de Crosby. — Isso não é legal, cara.

— Não é o que você pensa. Minha nuca coçou e lutei contra a vontade de esfrega-la. — Caelyn teve alguns problemas ontem. Eu só estava cuidando dela e das crianças.

Todos os traços de humor fugiram do rosto de Crosby. Que tipo de problema?

Eu sabia que Caelyn não teve tempo de contar às amigas o que aconteceu, mas também sabia que, quando o fizesse, provavelmente minimizaria a coisa toda. Eu queria que as pessoas ao seu redor, especialmente aquelas que trabalhavam nas proximidades, ficassem de olho em qualquer coisa suspeita. — Alguém deixou um bilhete ameaçador em seu SUV ontem.

— Que diabos? Ford murmurou.

— A mãe dela acabou de obter liberdade condicional, então Parker acha que pode ser ela. Mas, a menos que as impressões digitais estejam na nota, não saberemos com certeza.

Os olhos de Ford se arregalaram. — Chrissy conseguiu liberdade condicional? Ela deveria ter anos restantes em sua sentença.

Eu fiz uma careta, pensando no quanto machucou Caelyn e Will saber que ela não estava cumprindo sua sentença completa. — Superlotação e bom comportamento, eu acho.

Crosby soltou um assobio baixo. — O que podemos fazer?

— Vocês dois são próximos. Fique de olho. Talvez encontre motivos para passar na loja mais do que o normal? — O bar de Ford ficava do outro lado da rua da loja, e o escritório de advocacia de Crosby ficava bem ao lado, então não era fora do normal nenhum dos dois frequentar a loja. Eu só podia esperar que Caelyn não percebesse que estava sendo cuidada. Olhei para o estacionamento vazio na rua principal. — Eu odeio que ela esteja lá sozinha a maior parte do dia agora.

Ford concordou. — Isso vai mudar em algumas semanas. A temporada turística já está aumentando. O velho Walters vai conseguir ajuda para ela em breve.

— Se você o conhece, talvez você possa ter uma palavra com ele? Sugerir que ele traga alguém agora? — Perguntei.

— Não é uma má ideia, concordou Crosby. Eu posso ligar para ele agora. E vou me certificar de manter um olho e ouvido bem abertos. Vou contar a minha assistente, Penny, o que está acontecendo também. Iremos parar lá pelo menos uma vez por dia.

O aperto que estava no meu peito desde a primeira vez que pensei em deixar Caelyn sozinha esta manhã diminuiu um pouco. — Obrigado.

Ford me estudou cuidadosamente. — O que está acontecendo entre vocês dois?

Seu tom não era ameaçador, mas ainda me irritei com a pergunta. Eu tive muitos anos de pessoas bisbilhotando minha vida privada. Eu respirei lentamente, me dando tempo para não arrancar sua cabeça com a minha resposta. — Nós somos amigos.

— Eu sei que você acha que não é da minha conta, mas Caelyn significa algo para mim. — Ele acenou para Crosby. — Para nós dois.

— Ela significa algo para mim também. Caelyn é uma boa mulher. E essas crianças são especiais. Eles foram muito maltratados e merecem coisa melhor do que isso. Só estou ajudando onde posso.

Crosby sorriu e me deu uma tapinha nas costas. — “Estou feliz que você esteja cuidando dela. Ela merece isso e muito mais. Talvez.

— Crosby... Ford disse em um tom baixo de advertência.

— Tudo bem, tudo bem. Ele ergueu as duas mãos. Eu não vou interferir. E vou ficar de olho na Srta. Caelyn. Agora tenho que ir, ou Penny vai arrancar meu coro estar atrasado para esta reunião.

Crosby correu pela rua e Ford balançou a cabeça enquanto caminhava. — Ignore-o.

— Tudo bem.

Ford deu uma risadinha. Vou mandar meu irmão ficar de olho também. Hunter está trabalhando em um projeto de construção no quarteirão. Eles estarão atentos, já que tem uma visão clara da loja.

Eu estendi a mão para Ford apertar. — Eu agradeço.

A mão de Ford agarrou a minha e segurou. — Ela já passou por muita coisa, e seu coração está tão terno quanto parece. Ande com cuidado.

Eu encontrei seus olhos e não desviei meu olhar. — Eu não vou machucá-la.

Ford a soltou. — Fico feliz em ouvir isso. Ligue-me se ouvir alguma atualização ou se Caelyn precisar de alguma coisa.

— Eu ligarei.

Eu me senti mais à vontade enquanto caminhava e subia na minha caminhonete. Mas quando eu a liguei, ainda era difícil *pra caralho* ir embora.

18

Czelyn

Pelo amor do sorvete de calda tripla. Soltei um gemido quando peguei a terceira panela que deixei cair hoje.

— Uh—oh. Isso parece sério.

Eu pulei enquanto me endireitava, deixando escapar um grito abafado. A nota deixada no meu SUV ontem tinha causado um efeito na minha cabeça. Eu jurei para mim mesma que não permitiria, mas as palavras tinham escapado e agora estavam causando estragos em meu cérebro. A ideia de que alguém, provavelmente minha mãe, desejava que eu me machucasse, me fez pular com a minha própria sombra.

Eu fiz o meu melhor para suavizar minha expressão enquanto observava o homem na frente da minha estação. Ele era alto, com cabelos e traços escuros. Bonito com um pouco de arrogância. — Me desculpe. É apenas um daqueles dias. Com o que posso ajudar?

Era um pouco cedo para a hora do almoço. Normalmente, o momento em que Griffin teria escapado para evitar as multidões do almoço. Apenas o pensamento deu uma pequena pontada no meu peito. Embora eu o visse várias vezes por semana agora, perdi suas visitas surpresa à loja. A demanda por sanduíches sem vegetais.

— Eu vi o *aviso de Há Vagas* na janela e pensei em ver se você está procurando por alguém em meio período. Ouvi muitas coisas sobre seus sanduíches. Eu moro em *Shelter*, mas dizem que este é o lugar para almoçar no *Anchor*.

A voz profunda do homem me tirou de minhas reflexões. — Estou feliz em saber que estamos fazendo um nome. Mas se você mora em

Shelter, tem certeza de que quer vir aqui para trabalhar em meio período? Foi um pouco difícil. Achei que ainda não precisávamos de ajuda extra. Mas o Sr. Walters apareceu algumas horas atrás, insistindo que queria duas pessoas trabalhando o tempo todo.

— Eu realmente preciso de horas extras. Estou tentando conseguir a custódia conjunta de um filho, e os advogados não são baratos.

Poucas coisas me teriam feito querer contratar mais alguém. Talvez porque meus pais nunca tenham lutado por mim e meus irmãos um só dia em suas vidas. — Você tem alguma experiência em mercearia?

O homem sorriu. — Ensacando e estocando prateleiras na escola. Mas já passou um tempo desde que fiquei na caixa registradora. A propósito, sou Max.

— Caelyn. Estendi a mão para apertar sua mão. Desculpe, não me apresentei.

— Não tem problema.

— Qual é a sua disponibilidade?

— Eu trabalho à noite em um bar em *Shelter*, então estou disponível para qualquer turno do dia aqui.

Era exatamente o que precisávamos. E eu tinha que admitir, seria bom não ter que correr para frente e para trás entre o caixa da frente e minha cozinha nos fundos. — Parece que este pode ser uma boa opção. Por que você não puxa um banquinho para que possamos conversar sobre os detalhes enquanto eu preparo um sanduíche?

— Serio? Assim sem mais nem menos?

Dei de ombros. — Por que não? Não é uma proposta de casamento. Se as coisas não derem certo, seguiremos caminhos separados. Agora, que sanduíche posso trazer para você?

Max olhou para o menu do quadro-negro. — Todos parecem ótimos. Porque você simplesmente não me dá o seu favorito.

— Confiante. Tem alguma coisa que você não come?

— Sou bastante aventureiro.

Não outro *vegan-fóbico*, pelo menos. Eu sorri para a minha tábua de corte enquanto o rosto de Griffin enchia minha mente. — Vou com uma mistura de *prosciutto* que é a favorita dos fãs.

— Parece incrível. — Max sentou no banquinho. Então, há quanto tempo você trabalha aqui?

— Parece uma eternidade. — Eu trabalhava na loja desde que estava no colégio. Tive a sorte de quando precisei de um emprego depois de assumir a custódia dos meus irmãos, o Sr. Walters me devolveu o meu antigo trabalho. Ele também é mais do que compreensivo sobre todos os milhões de emergências que surgiram nos meus primeiros anos como tutor dos meus irmãos. E ele deixou minhas responsabilidades crescerem com o tempo. — No entanto, o posto de alimentos preparados é novo. Apenas um ou dois anos.

— Então, você é uma nativa nascida e criada?

Eu deslizei o sanduíche na prensa *panini*. É o que eu sou. E você?

Max brincou com um guardanapo de papel em seu jogo americano. Cresci em *Shelter* e duvido que algum dia vá embora.

— E por que nós queremos? Este é um dos lugares mais bonitos do mundo. Quer dizer, não que eu tenha visto muitos outros lugares, mas apenas baseado em fotos...

Ele deu uma risadinha. — Concordo. Temos muita sorte de estar onde estamos. Sua família ainda está aqui?

Levantei a parte superior da prensa e usei minha espátula para deslizar o sanduíche em um prato. — Toda a família que importa.

— Parece que há uma história aí.

— Não há sempre quando se trata de família? ”

— Não é verdade? Max deu uma mordida no sanduíche e seus olhos se arregalaram. Puta merda. Isso é incrível.

Eu ri. — Acho que seu amigo falou a verdade, afinal.

— Eu acho que ele fez. Eu sinto que devo a ele pelo menos uma cerveja agora.

— Parece um pagamento justo para mim. Ou você pode simplesmente pagar, e dizer a outra pessoa para comer aqui. — Por mais movimentada que fosse a temporada de turismo por aqui, sempre podíamos usar mais o boca-a-boca. Em algum momento, talvez o Sr. Walters expandisse nossa operação e pudéssemos começar um verdadeiro café. Eu me segurei antes de me perder em todas as possibilidades. — Você quer algo para beber?

— Vou tomar uma Coca, se você tiver.

— Isso eu posso fazer. Abaixei e peguei uma na pequena geladeira embaixo do balcão. Aqui está.

— Obrigado. Este é realmente um dos melhores almoços que eu tenho há algum tempo.

— Eu amo ouvir isso. Na maioria das vezes, as pessoas compram as coisas para levar, então não recebo a reação.

— *Shortstop*!

A voz de Kenna ecoou pela pequena loja e eu enrijeci. — Estou de volta aqui, mas tenho um cliente. — Eu olhei para Max, corando. Eu sinto

muito. Essa é uma das minhas melhores amigas, e seus modos são um pouco ausentes. Enviei um olhar penetrante na direção de Kenna quando ela apareceu.

Max se levantou, juntando os restos de seu sanduíche e sua Coca recém-aberta. — Não se preocupe com isso. Eu vou sair daqui. Mas você precisa que eu preencha alguma papelada?

— Você pode fazer isso no primeiro dia. Que tal amanhã ao meio-dia?

— Estarei aqui. Obrigado, Caelyn.

Observei quando Max saiu apressado da loja e então voltei meu olhar para Kenna. — Serio? Você vai assustar meu novo funcionário agora?

Ela parecia um pouco envergonhada. — Desculpe. Achei que ninguém voltaria aqui. — Eu não disse uma palavra, apenas mantive meu olhar em Kenna. Seus olhos se estreitaram. — Não me dê aquele olhar severo de *mãe*. Você se lembra de todas as vezes que você e Bell vieram à minha casa nos últimos meses e me deram muito trabalho por não ter contado a você o que estava acontecendo na minha vida?

— Hum, acho que foi mais Bell do que eu, mas com certeza.

Kenna tinha nos mantido no escuro muitas vezes enquanto ela tentava lutar contra um passado que havia mostrado sua cara feia. Suas mãos foram para seus quadris. — Isso não parece um pouco hipócrita agora?

Kenna deixou suas palavras pairarem no ar, mas demorei um minuto para entender o que ela queria dizer. Meus olhos se arregalaram. — Como você ficou sabendo? Parker?

— Não. Ela parou por um momento, fazendo meu cérebro girar em círculos. — Griffin conversou com Crosby e Ford.

— Griffin? *Meu* Griffin? Eu odiava o quanto queria que aquele pouco de propriedade fosse verdade.

As sobrancelhas de Kenna se ergueram. — *Seu* Griffin?

— Você sabe o que eu quero dizer. O Griffin do qual sou amiga, não algum outro Griffin aleatório por aí. Minhas bochechas esquentaram com cada palavra. Por que não consegui controlar minha boca quando fiquei nervosa? Era como se crescesse pernas e fugisse todas as vezes.

Kenna sorriu. — Claaarro. De qualquer forma, ele conversou com os caras esta manhã e disse que alguém deixou um bilhete ameaçador no seu carro. Por que você não nos contou o que estava acontecendo?

— Eu não estava *te* contando.

— A falta de chamadas recebidas de seu número diz o contrário.

Eu soltei um gemido. — Eu juro. Isso não sou eu escondendo algo de você. É que — Griffin estava dirigindo quando vi o bilhete. Ele ligou para Parker e depois ficou comigo. — Lágrimas quentes começaram a crescer atrás dos meus olhos. Ele foi comigo buscar as crianças. Nos levou ao parque e para comer pizza. Ele dormiu no sofá. Ele me fez sentir segura.

Deus, quanto tempo se passou desde que a segurança da minha pequena família não descansava apenas em meus ombros? Provavelmente nunca. E saber que você era o responsável por garantir que nenhum dano acontecesse a três dos seres mais preciosos do planeta? Foi exaustivo. Totalmente e completamente valioso, mas cansativo de uma forma que se infiltrou em seus ossos. Pela primeira vez desde que peguei a custódia dos meus irmãos, eu relaxei na noite passada. Eu dormi tão profundamente que nem tinha ouvido Mia sair para a sala e acordar Griffin. Eu estava em paz total.

Kenna me observou com atenção, suas engrenagens mentais girando. — Ele é bom para você.

— Somos amigos, Ken. Isso é tudo.

— Não estou tentando julgar ou controlar, eu juro.

Percebi sua expressão, completamente aberta e receptiva. Eu amava minha melhor amiga, mas aberta e receptiva não era seu modo de agir usual. Ela estava constantemente preocupada que alguém pudesse machucar as pessoas que ela amava. Mas se apaixonar por Crosby fez milagres em sua vida. E parecia que ela havia levado a sério nossa conversa algumas semanas atrás. Meus ombros relaxaram um pouco. — Obrigada. Ele é muito gentil. Ele é ótimo para as crianças. E acho que temos sido bons para ele também.

Pensei em como Griffin havia se tornado muito mais aberto nas últimas semanas. Era como se ele estivesse naquele estado de animação suspensa, existindo, mas não vivendo plenamente. Meus pequenos terrores e o caos que eles criaram trouxeram a vida real de volta à existência de Griffin. E eu esperava que eu também.

— Estou feliz. Realmente estou, disse Kenna.

Contornei o balcão e a puxei para um abraço. — Obrigada.

— Se você começar a chorar comigo, vou te dar meus conselhos de irmã mais velha super protetora novamente.

Eu ri enquanto a deixava ir. — Vou tentar mantê-lo sob controle.

Kenna afastou o cabelo do rosto. — Obrigada. Agora, *me* conte sobre este bilhete.

Eu fiz uma careta, mas contei o que tinha acontecido desde encontrar o bilhete até a chegada de Parker e tudo o que veio

depois. Kenna soltou um assobio baixo. Você realmente acha que é sua mãe?

— Quem mais poderia ser? Não é como se eu regularmente irritasse as pessoas tanto assim. Eu levo uma vida muito chata. — Minha mente voltou à cena com Patti. Ok, talvez eu irritasse as pessoas ocasionalmente.

— O que há com esse olhar?

— Que olhar?

Kenna deixou escapar um pequeno grunhido de frustração. — Aquele que diz que há outra coisa que você não está me contando.

Esse era o problema de ter amigos que te conheciam tão bem. Eles poderiam ler cada micro expressão em seu rosto. — Tive um encontro com Patti ontem.

— O que aquela vizinha intrometido queria?

Eu sorri com a carranca intensa no rosto de Kenna. — O de costume, fazer conhecida sua desaprovação de minhas habilidades parentais.

— Alguém precisa coloca-la em seu lugar. Quer que eu faça isso? Por favor, deixe-me fazer isso. Esses hormônios da gravidez estão me deixando extremamente violenta e preciso de uma válvula de escape.

Eu me engasguei com uma risada. — Na verdade, eu cuidei disso.

Kenna ficou em silêncio por um momento. — Você cuidou disso? Como? Comprando um café e um *muffin* para ela?

— Não. Eu disse que ela era uma fofoqueira venenosa, e então Shay disse a ela para ir embora. Eu estava muito orgulhosa de mim mesmo. Mas o lembrete da ameaça de Patti de ligar para os Serviços de Proteção à Criança enviou um medo ao meu interior.

— Droga, garota. Ser amiga de Griffin parece combinar com você.

Forcei um sorriso quando encontrei o olhar de Kenna. — Acho que somos bons um para o outro.

19

Griffin

— Sério? Mia gritou.

Eu ri enquanto abotoava uma das minhas camisas velhas ao redor dela para proteger suas roupas de escola. — Sério. Vocês podem fazer o que quiser aí. Will e eu estaremos do outro lado do corredor trabalhando no outro quarto.

— Isso é incrível! Vou pintar um arco-íris e um unicórnio e gatinhos... Mia continuou com sua lista enquanto começava a pesquisar suas opções de tinta e pincel.

— O que você acha, Avs? Perguntei.

Ela mordiscou o lábio inferior enquanto abotoava o último botão de seu avental improvisado. — Você tem certeza? Não vai danificar as paredes?

Meu peito apertou com a incerteza na voz de Ava. Ela era tão cuidadosa em seguir as regras, para não se meter em problemas. Eu esperava fazer algo um pouco louco, mas em um ambiente seguro, ela poderia abaixar um pouco as defesas. —Houve alguns danos nas paredes, por isso temos que refazê-las completamente. Você pode enlouquecer aqui porque cobriremos tudo com gesso e tinta em alguns dias.

Mia se virou para encarar Will e eu. — Você vai cobrir meu unicórnio?

Eu forcei minha risada. Sim. Mas a magia do seu unicórnio ainda estará sob toda aquela pintura. E saberemos que está lá.

Ela pensou por um momento e então assentiu, pegando um pincel e começando a trabalhar. Ava ficou parada por mais um minuto e então avançou lentamente e selecionou um pequeno pincel. Em vez de escolher as cores mais brilhantes do grupo, ela escolheu alguns tons suaves de verde.

— Elas estarão bem, Will sussurrou.

Eu concordei. — Estaremos do outro lado do corredor se precisar de alguma coisa.

Mia acenou com a mão, sem parar seus golpes ousados na parede. Ava enviou um pequeno sorriso em minha direção. — Obrigada, Griffin. Isso é muito legal.

Por que essa simples declaração me fez sentir como se tivesse ganhado na maldita loteria? Essas crianças estavam se infiltrando em meu coração um dia de cada vez. Eu empurrei aquela voz fraca que dizia que era um risco deixá-los entrar na minha vida, me permitir *cuidar* deles. Porque eu sabia como era fácil perder tudo.

— Então, o que está na agenda para hoje? Will perguntou, me tirando dos meus pensamentos em espiral.

— Pintar, pintar e pintar.

Will soltou um gemido. — Por que sinto que pintamos mais do que fazemos qualquer outra coisa?

O garoto não estava errado. — É pintar e transportar essa merda. Eu congelei, encontrando o olhar de Will. —Não diga a sua irmã que eu jurei.

Will soltou uma risada. —Ela te deixou com medo, hein?

— Ela tem algumas punições épicas. E estou preocupado que ela comece a dobrar minha ingestão de verduras como uma delas.

Will sorriu e se dirigiu para os rolos contra a parede oposta. Ele se curvou, examinando a lata de tinta. —Rosa? Tipo de escolha de cor surpreendente.

Olhei ao redor da sala que não parecia mais tão familiar. O papel de parede rosa foi removido e as tábuas empenadas do piso substituídas. Mas eu ainda queria, de alguma forma, homenagear a garota em cujo quarto este havia pertencido. — Este costumava ser o quarto da minha irmã. Sua cor favorita era rosa, e isso de alguma forma parece certo.

Will ficou quieto por um momento. — Eu realmente sinto muito pelo que aconteceu com sua família.

Nunca tínhamos conversado sobre isso, ele e eu. Mas eu sabia que ele tinha que conhecer alguns dos traços gerais. Seria impossível viver nesta ilha e não saber. — Obrigado. Eu também.

Will ficou em silêncio enquanto misturava a tinta e derramava na bandeja. Eu já tinha selado a moldura do teto, portas e janelas recém— colocadas. Em pouco tempo, estávamos trabalhando em um ritmo fácil.

— Então, como está o treinamento de primavera para o futebol? Perguntei. Caelyn havia compartilhado que Will era um dos melhores jogadores do time de nossas ilhas. E eles levaram isso a sério. Isso significava um programa durante todo o ano para garantir que os membros da equipe permanecessem em forma.

— Está bem. Chato *pra* caralho, principalmente.

Eu o estudei do outro lado da sala. Nas horas em que trabalhamos juntos, Will não compartilhou nada sobre futebol. Ele falava sem parar sobre suas irmãs. Todo o ridículo que eles fizeram. As histórias engraçadas e aventuras que eles contaram. Ele falava muito sobre música — bandas que descobrira recentemente ou canções que estava aprendendo no piano ou violão. Mas nunca futebol.

Eu limpei minha garganta. — Você não gosta, não é?

Os olhos de Will se arregalaram. — O que você quer dizer?

A expressão levemente em pânico em seu rosto fez todos os tipos de alarmes dispararem em minha mente, mas mantive minha voz uniforme e casual. — Você simplesmente nunca fala sobre isso. Se você ama o esporte, falaria sobre ele.

Will voltou seu foco para a parede, passando o rolo com o tom rosa em traços uniformes e regulares. — Não é minha coisa favorita a fazer.

— Então por que você faz isso?

Ele encolheu os ombros. — Eu sou bom com o futebol. E se as coisas continuarem progredindo do jeito que estão agora, talvez eu consiga uma bolsa de estudos. Se eu puder ir.

Eu mantive meu próprio rolo movendo-se pela parede, tentando não fazer Will se sentir como se ele estivesse no local. —Por que você não iria para a faculdade? De tudo o que Caelyn me disse, Will era o principal candidato para um passeio completo em algum lugar.

Um músculo em seu maxilar se moveu. —Alguém tem que ajudar Caelyn. Não vou deixa-la sozinha para cuidar de tudo. Talvez eu possa trabalhar alguns anos e depois ir para a escola. Ou fazer aulas online ou algo assim.

Minha garganta começou a arde na parte de trás. Esse garoto. Tao maduro para sua idade e tão abnegado. Eu queria consertar tudo para ele naquele momento. Para prometer que estaria lá para Caelyn e suas irmãs mais novas. Eu engoli as palavras. —Sua irmã, ela sabe o que está fazendo. E ela tem um sistema de apoio incrível. Bell e Ford, Kenna e Crosby. Você sabe que todos eles intervirão se ela precisar deles. Eu estarei também.

Os golpes de Will na parede se tornaram um pouco mais fortes. — Ela não vai contar a eles se precisar de ajuda. Ela nunca faz.

Meu aperto no meu rolo aumentou quando pensei em Caelyn sofrendo em silêncio. Eu sabia que ela era orgulhosa, queria fazer as coisas sozinha, mas se Will podia vê-la lutando, isso deveria ter piorado no passado. Mas Will não poderia assumir, ele era muito jovem e tinha um futuro brilhante pela frente, se ao menos pudesse alcança-lo.

Eu pausei minha pintura e me virei para encará-lo. — Se você pudesse fazer qualquer coisa, o que seria? Sem regras, sem se conter, nada.

Will manteve sua atenção na tarefa em mãos. — Talvez algo com música.

Sinceramente, não tenho certeza.

Eu ajustei o pincel na minha mão.

Eu queria que Will tivesse qualquer sonho que ele decidisse. E eu faria tudo o que pudesse para ajudá-lo a descobrir o que poderia ser.

20

Caelyn

— Você não precisava fazer tudo isso, sabe.

Eu olhei para o outro lado, Will estava perseguindo Mia e Ava através do gramado e olhei para Griffin. O brilho do crepúsculo parecia fazer seus olhos quase brilharem. Não era nenhuma dificuldade, olhar para aquele homem. — É o mínimo que posso fazer. — Obrigada novamente por manter as meninas ocupadas.

Griffin fez uma careta. — Você não tem que me agradecer por isso. Gosto de passar tempo com eles.

Eu forcei minha risada de volta. É bom saber que a carranca não está completamente fora de serviço.

A expressão no rosto de Griffin apenas se aprofundou. — Eu não faço cara feia. Eu não pude mais segurar minha risada. — O que é tão engraçado?

— No primeiro ano em que você entrou na loja, acho que você sempre fez cara feia. Eu fiz uma brincadeira tentando fazer você sorrir.

— Serio?

Dei de ombros. — Você estava carrancudo, mas eu poderia dizer que era uma fachada.

Griffin balançou a cabeça, olhando para o quintal enquanto Mia soltou um grito especialmente agudo. Acho que não sou tão durão quanto pensava.

— Isso não é uma coisa tão ruim. Eu gosto mais do verdadeiro eu. Eu fechei minha boca. As palavras simplesmente escaparam sem que eu quisesse liberá-las. Eles revelaram demais sobre como eu observei Griffin de perto, quanta alegria eu tive dele saindo de sua concha, nos deixando entrar.

Griffin ficou em silêncio, mas seu olhar voltou para mim. Eu podia sentir isso em mim, mesmo sem olhar em sua direção. Parecia aquecer cada lugar que tocava. Limpei a garganta, tentando dissipar qualquer energia que estivesse se reunindo entre nós na mesa de piquenique. — As crianças adoram estar aqui.

— Estou feliz. É bom ter um pouco de vida de volta ao lugar. E não faz mal que você ofereça um banquete para acompanha-lo.

Eu examinei a mesa na nossa frente, minhas bochechas aquecendo. Eu posso ter exagerado um pouco. Mas eu queria fazer algo especial para Griffin, para compartilhar a comida que eu fiz para ele, com pessoas que se importavam com ele e não com sua cozinha vazia.

Eu tinha escolhido um tema italiano desde que tínhamos comprado nossos primeiros tomates da temporada. Eu fiz uma *bruschetta* de entrada, uma variedade de saladas e um macarrão de tomate caramelizado para o prato principal com pão de alho ao lado. A sobremesa tinha frutas frescas e sorvete de baunilha.

Griffin se virou ligeiramente no banco. Posso *te* perguntar uma coisa?

Sua voz me tirou dos meus pensamentos em espiral. — Certo.

— Por que cozinhar?

— O que você quer dizer?

Ele tamborilou com os dedos na madeira da mesa, como se procurasse as palavras certas. — Você ama isso, certo? Eu concordei. — Por quê?

Ninguém nunca me perguntou isso antes. Sempre foi apenas uma verdade que aceitei. Mas Griffin, ele sempre parecia um pouco mais profundo do que o resto do mundo. Eu brinquei com a ponta do meu guardanapo. Não compartilhei muito da minha infância com ninguém. O constrangimento geralmente me impedia. Mas alguma atração em mim queria compartilhar a verdade do meu *porquê* com Griffin.

— Quando eu estava crescendo, se eu quisesse comida que não viesse de um menu *fast-food* de um dólar ou de um *Cup of Noodles*, eu tinha que fazer sozinha. Às vezes, meus pais se esqueciam completamente de nos alimentar. Simplesmente se tornou minha praia. Comecei a fazer compras de supermercado e cozinhar para mim e para os pequenos terrores. Eventualmente, o Sr. Walters me deu um emprego e sempre me mandava para casa com produtos que estavam prestes a estragar em alguns dias. Tornou-se uma espécie de jogo. O que eu poderia fazer com o que eu tinha?

Olhei para Will, Ava e Mia, meu peito aquecendo. — Adoro poder cuidar deles dessa forma. E cresceu a partir daí. Ainda parece um jogo de várias maneiras. Descobrir quais sabores inesperados se complementam. Eu só queria saber mais.

— O que você quer dizer? Griffin perguntou. — Sua comida é incrível. Alguns dos melhores que já comi, e já comi em restaurantes com estrelas Michelin.

Seu elogio me atingiu em uma onda de calor. —Acho que você é tendencioso porque é amigo da cozinheira.

Griffin zombou. Eu sou um tipo difícil quando se trata de meu estômago. Não me importa quem é o chef.

Eu ri. — Bom saber.

— Então, o que é que você quer aprender?

Observei a variedade de pratos à nossa frente e imaginei todas as possibilidades. —É infinito, realmente. Sou totalmente autodidata, então é quase como se eu não soubesse o que não sei. Adoraria aprender com um professor que pudesse criticar minha técnica. Adoraria aprender cozinhas diferentes. Meu sonho é fazer uma viagem ao redor do mundo e ter aulas de culinária ao longo do caminho. Aprender os pratos básicos de cada lugar que visitei.

— Essa seria uma experiência e tanto.

— Do cara que tem medo de ligar o forno.

Ele jogou o guardanapo para mim. — Ei, agora. Eu esquento a comida que você faz para mim, e às vezes eu faço isso no forno.

Eu levantei as duas mãos em sinal de rendição. —O que eu estava pensando? Você é um chef mestre.

— Obrigado. Agradeço por reconhecer minha habilidade de reaquecimento.

Eu sorri para o meu guardanapo. Quem foi este homem? Ele brincou e riu. Deixou meus irmãos correrem soltos pela sua casa. Permitiu que eu assumisse sua cozinha. Eu olhei para Griffin, para o seu belo rosto. Meus dedos coçaram para percorrer suas bochechas barbadas. Em vez disso, apertei meu guardanapo. — E você? Existe algo que você está morrendo de vontade de fazer? Algum lugar que você adoraria visitar?

Griffin mudou de posição no banco, ficando em silêncio por um momento antes de responder. — Eu quero estar aqui. Terminar esta casa. Isso é o que eu quero acima de tudo.

Meu peito apertou com suas palavras. Havia tanta dor e saudade em cada um. — Você já fez um progresso incrível. E agora está indo ainda mais rápido.

— Will é ótimo. Ele tem um talento real para essas coisas.

Um orgulho brilhante deslizou por mim. — Ele é um bom garoto, trabalha muito.

— Graças a ele, consertamos mais dois quartos no segundo andar.

Meus olhos se arregalaram. — Isso é incrível. Você conseguiu recuperar algum dos móveis? Ele tinha se livrado de tanto que estava armazenando na loja, eu não tinha certeza se havia algo para colocar de volta nos quartos.

Griffin esfregou a nuca. — Me desculpe por isso."

— Sobre o que?

— Gritar com você quando estávamos limpando a oficina.

Meus dedos começaram a coçar novamente. Desta vez, não pude resistir a estender a mão. Eu deixei minha mão apertar brevemente o joelho de Griffin, o jeans áspero queimando minha palma. — Você não precisa se desculpar por ter limites.

Griffin grunhiu. — Mas eu preciso me desculpar por ser um idiota. Ele ergueu a mão antes que eu pudesse falar. Por favor, não me castigue por praguejar.

Eu ri. — Você está seguro, já que não estava na frente das crianças.

— Graças a Deus. Ele começou a mexer no rótulo de sua cerveja. Eu tive um monte de gente me vendendo. Minhas histórias, minhas fotos. A única maneira de isso não acontecer seria se eu estivesse sozinho e ninguém soubesse quem eu era. Mas quando me apaguei, deixei minha família ir também. Eu os perdi e a mim mesmo de novo. Mas

desta vez, a culpa foi minha. Nosso lugar favorito, aquele onde eu me sentia mais próximo deles, foi quase destruído — relíquias de família danificadas sem poder ser consertadas.

— É isso que estava na oficina? Perguntei. Griffin assentiu. Tudo começou a fazer ainda mais sentido. Claro, ele estava no limite. Ele estava enfrentando todos os danos que as pessoas infligiram a uma das poucas peças que ele havia deixado de sua família.

— O pior foi perder a mesa do meu pai. Esteve em nossa família por gerações. Minha irmã e eu costumávamos nos sentar embaixo dela como se fosse nosso forte pessoal, enquanto ele nos contava sobre todas as pessoas que já haviam sentado ali antes. Beth achava que era mágico.

Meus olhos queimaram. Foi a primeira vez que ele falou de sua irmã. — Ela parece outra pessoa que eu conheço.

Griffin sorriu, um sorriso que ainda era triste. — A primeira vez que vi Mia, ela me lembrou tanto Beth que quase me roubou o fôlego.

Eu apertei meus dedos, forçando-os a ficar no meu colo para que eu não jogasse meus braços em volta de Griffin. — É muito difícil para você? Ficar perto dela?

Ele balançou sua cabeça. — É um tipo bom de dor. Mia me lembra todas as boas lembranças que tenho de Beth. Estive muito focado em perde-la por muito tempo.

— Estou feliz que isso ajude de certa forma. Você pode falar sobre ela se quiser. Beth. Adoraria ouvir mais sobre ela.

Griffin olhou para as crianças rolando na grama, mas era quase como se não pudesse vê-los, como se estivesse perdido em outro tempo. — Não estou acostumado a falar dela. Mas talvez um dia.

Eu não pude evitar o lampejo de decepção. Eu queria saber tudo, tudo que ele iria compartilhar comigo. Eu queria que ele fosse capaz de

trazer sua irmã e seus pais para a luz novamente. Mas não podia forçar. Eu sabia melhor do que ninguém que, compartilhar essas partes secretas de você não poderia ser apressado. — O convite está aberto.

— Obrigado.

— Mas estou feliz que você esteja por aqui. Eu sentiria falta de suas carrancas e grunhidos. E iria partir o coração de Mia não ter seu gigante por perto.

Griffin balançou a cabeça. — Eu te disse, eu não faço cara feia.

— O que você disser, Sr. Gigante Mágico. Você sabe que mal posso esperar que o boato local comece a espalhar isso. O gigante mágico que só sai de seu castelo uma vez por semana.

Essa carranca familiar se esticou no rosto de Griffin. — Você está divertindo demais com isso.

Dei de ombros. — É um pouco engraçado.

— Eu vou te mostrar o engraçado.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Griffin se lançou, me arrancando do banco e me puxando por cima do ombro. — Soltei um grito que fez todas as crianças correrem em nossa direção.

— Eu quero fazer isso! Mia implorou.

Eu bati nas costas de Griffin. . —Deixe-me descer. Juro por Deus que colocarei pimenta caiena em toda a sua comida por uma semana se você não o fizer.

Ava apareceu de cabeça para baixo na minha linha de visão. — O que você fez, Cae Cae?

— Ela está sendo uma instigadora, Griffin respondeu.

— O que é um insta—grator? Perguntou Mia.

Will riu. — Um instigador. Significa que ela está causando problemas.

Griffin começou a caminhar pelo quintal. E os encrenqueiros deveriam dar um mergulho na lagoa, vocês não acham?

As garotas aplaudiram, dançando ao nosso redor quando comecei a me torcer e me debater. Não se atreva, Griffin Lockwood."

— Eu teria cuidado se fosse você, Will avisou. — A vingança de Caelyn é épica.

Griffin diminuiu a velocidade ao chegar à beira do quintal. Acho que não quero fazer nada que arrisque meu suprimento de comida.

— Ah, cara, Mia reclamou. Teria sido tão divertido assistir você jogá—la na lagoa.

Eu ri quando Griffin lentamente começou a me colocar no chão, mas minha respiração parou quando ficamos cara a cara, nossos lábios se separaram por um toque. Dificilmente seria necessário qualquer movimento para eles se encontrarem. Para provar Griffin na minha língua.

— Por que vocês estão olhando um para o outro? Perguntou Mia.

Will soltou uma tosse que mais parecia uma risada estrangulada.

Eu saí da de dentro da névoa que os lábios de Griffin me tinham, e me contorci para me deixar livre. — Griffin estava apenas se certificando de que eu não envenenaria sua comida.

Mia pareceu repentinamente preocupada. — Você não está, certo?

Fiz uma avaliação simulada para Griffin. — Não se ele estiver se comportando da melhor maneira.

Mia lançou um olhar simpático, nascido de anos em que se meteu em problemas. — Isso acontece muito comigo também.

Griffin ergueu as duas mãos em sinal de rendição. — Melhor comportamento. Palavra de escoteiro.

— Você era um escoteiro? Perguntei.

Griffin balançou a cabeça, um brilho nos olhos. Esse brilho malicioso fez meus olhos caírem para sua boca novamente. E eu não pude deixar de me perguntar como seria esquecer o mundo ao meu redor e me perder no gosto e na sensação de tudo que era Griffin.

21

Czelyn

— Lembra do que conversamos? Eu perguntei enquanto descia a rua com Ava e Mia a tiracolo.

— Não toque em nada e mantenha as vozes baixas, Ava respondeu instantaneamente.

— Isso não parece muito divertido, Mia reclamou.

Fiz uma pausa, virando-me para enfrentar meu pequeno terror. Aquele que era uma bola de energia rodopiante e que poderia, eu tinha certeza, destruir a nova loja de Bell em questão de segundos. — Mia Renee…

Ela soltou um grito. — Eu sei eu sei. Às vezes temos que fazer coisas que não queremos fazer.

Eu engoli minha risada. E se passarmos por isso inteiras, podemos ir ao parque depois.

— Mas só se você não quebrar nada, Ava acrescentou prestativa.

— Eu não vou quebrar nada! Talvez você quebre alguma coisa. E então você estará em apuros. E então irei ao parque, mas você terá que dar um tempo.

— Meninas. — Eu levantei a mão. Era uma daquelas manhãs. Do tipo em que tudo era uma luta. A camisa que Mia queria vestir estava suja. Ava havia deixado o livro que queria ler na escola. E Will estava tentando nos apressar para que pudéssemos deixa-lo no trabalho com Griffin. Mia estava tendo um ataque desde que saímos da casa da fazenda

porque ela queria ficar com os garotos. Eu respirei fundo. — Eu preciso de cinco minutos para falar com Bell. É isso aí.

Eles balançaram a cabeça e permaneceram em silêncio pelo resto da caminhada até o *Second Chances*, embora eu as tenha visto mostrando a língua uma para a outra. Eu ignorei. Um sino antigo tilintou quando abri a porta da loja de Bell. Estava aberto há apenas alguns meses, mas os negócios já estavam crescendo. Um designer de interiores local que trabalhou em várias casas de luxo descobriu as peças exclusivas que Bell restaurou e se apaixonou. Seu negócio sozinho poderia ter mantido a loja funcionando.

— Minhas pessoas favoritas, Bell gritou do fundo da loja. Isso certamente ilumina minha manhã.

— Desculpe passar por aqui sem avisar.

— Você sabe que é bem-vinda a qualquer hora. Bell fez uma avaliação rápida do meu rosto e se virou para as meninas. Ford está na sala de descanso e tem *muffins* do *The Mad Baker*. Por que vocês não vão buscar?

Mia e Ava se animaram imediatamente. Elas me lançaram um rápido olhar e, assim que assenti, eles saíram em busca das guloseimas. Eu soltei um suspiro.

— O que está acontecendo? Você parece exausta, Bell perguntou.

— É apenas uma daquelas manhãs. Todo mundo está infeliz. O que eu precisava era de uma semana inteira em uma praia ensolarada. Um daqueles resorts que tinham atividades que mantinham as crianças ocupadas o dia todo para que você pudesse se deitar na piscina e pedir que alguém trouxesse comida e bebida.

— Você está com uma expressão no rosto que honestamente não consigo ler.

Eu sorri. — Estou me imaginando em um desses resorts chiques onde homens bonitos trazem bebidas de frutas com pequenos guarda-chuvas neles.

Bell deu uma risadinha. — É bom ter uma zona Zen.

— Eu vou lá frequentemente.

Bell me puxou para um abraço rápido. — Sinto muito, foi uma manhã difícil.

— A vida acontece. Os *muffins Mad Baker* devem melhorar seu humor significativamente.

— Eles sempre funcionam para mim. Agora, o que a traz aqui?

De repente me senti nervosa, como se talvez o plano que se formou em minha mente na noite passada fosse uma péssima ideia. Não posso simplesmente ir visitar minha melhor amiga?

Bell me olhou com desconfiança. — Certo…

Ela era a mestra em deixar que os silêncios fizessem o trabalho por ela. Ela deixou uma única palavra pairar no ar até que de repente você tinha a necessidade urgente de preencher o silêncio. Exatamente como me sentia agora. — Eu preciso de sua ajuda com algo.

— Qualquer coisa. Você sabe disso.

— Quando os entregadores trouxeram as coisas de Griffin por aqui, você pegou alguma coisa?

As sobrancelhas de Bell se ergueram. — Muita coisa. Por quê?

— Tinha uma escrivaninha no meio daquelas coisas? Deveria ser uma, bem grande.

Bell fez sinal para que eu a seguisse pela loja, chamando Ford enquanto ela caminhava. — Já voltamos. Do outro lado do corredor havia

um depósito e oficina para tudo que não caberia na loja. Ela abriu uma porta pesada e me levou para o lado da oficina do espaço. — Algo assim?

Eu vi a peça, parecia que tinha passado por uma guerra. A parte superior estava danificada e uma das pernas quebrada. Mas eu podia ver como isso se encaixaria perfeitamente no escritório de Griffin. Eu me agachei, tentando ver se eu poderia caber debaixo dela da maneira que Griffin fazia quando criança. Meu olhar se fixou em algo quando o fiz. Nomes gravados na parte de baixo de uma gaveta. Provavelmente dez no total. A maioria eu não reconheci. Mas dois juntos, eu sim. *Griffin* e *Beth*.

Eu me arrastei para fora da mesa. — Você pode concertar isso?

— Eu vou tentar. Ela passou por maus bocados. Mas meio que me chamou a atenção quando a vi no caminhão. Não sei por quê. Quando meu pai viu, ele pensou que eu estava louca.

— Eu quero que você conserte, e então eu preciso compra-la de você. Eu estava ganhando mais dinheiro agora; eu poderia pagar a restauração de Bell.

Ela pegou meu braço. —Querida, eu a darei para você. Que significa tudo isso?

Eu balancei minha cabeça. —Eu pagarei por ela. De verdade. Eu posso pagar. Eu só — Griffin precisa disso em sua casa. Acho que ele pensou que não havia conserto. Mas você pode consertar. Só não faça nada com os nomes na parte de baixo da gaveta.

Bell ficou quieta, a compreensão preenchendo sua expressão. Beth era irmã dele, não era?

Eu balancei a cabeça, as lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos. —Ele precisa desta mesa.

— Então vamos consertar para ele.

— Obrigada.

Ela entendia melhor do que ninguém que algumas coisas ajudavam a manter aqueles que você perdeu. Os itens se tornaram pontos de contato. Ela iria se certificar de que Griffin pudesse manter o controle dele.

Bell me puxou para outro abraço. — Eu amo seu coração.

— Amo o seu também. E estas mãos astutas que fazem milagres acontecerem.

Ela soltou um pequeno bufo, me liberando. — Não vamos nos deixar levar. Já tenho um ego grande o suficiente.

Bell não tinha ego, mas tinha habilidades incríveis quando se tratava de restauração de móveis. Só esperava que a mesa pudesse ser salva. E que Griffin não pensaria que eu estava exagerando. Coloquei a palma da mão na madeira entalhada, como se pudesse melhorá-la. Risos vindos da direção da loja me tiraram dos meus pensamentos. — Venha, vamos garantir que minhas irmãs não estejam destruindo sua loja.

Bell sorriu. — Se alguém está causando destruição, é Ford.

Voltamos para o *Second Chances* para encontrar Ford segurando Mia de cabeça para baixo enquanto ela ria loucamente. Ava simplesmente olhava, balançando a cabeça.

— Ford, Bell repreendeu. — Você poderia deixa-la cair.

— O que? Como isso? Ele fez um movimento como se fosse deixar Mia ir, e ela gritou de alegria.

— Eu nunca vou ter bebês com você se continuar assim.

Ele virou Mia com a cabeça para cima e a colocou de pé. Caminhando até Bell, ele a puxou em seus braços. — Vamos,

Trouble. Teremos dezenas de filhos. Encher aquela nossa casa com eles assim que for reformada.

Uma dor familiar me encheu. Aquele que falava de ciúme. Fechei meus olhos por um breve momento antes de abri-los novamente. Bell colocou os braços em volta do pescoço de Ford, dando um beijo em seus lábios. — Se você quer uma dúzia de filhos, terá que dar à luz pelo menos dez deles.

Mia deu uma risadinha. —Os meninos não podem ter bebês, Bell.

Bell largou Ford e se virou para Mia. — Então eu acho que a Ford vai ter que se contentar com dois.

— Eu quero seis, Mia compartilhou.

— O céu nos ajude a todos, murmurei.

Ford me deu uma tapinha nas costas. — Boa sorte com isso.

Eu não conseguia nem começar a colocar na minha cabeça Mia ter seus próprios bebês um dia. Eles estavam crescendo muito rápido. Parecia que foi ontem que eu estava segurando os dedinhos de Mia enquanto ela conseguia andar. Eu balancei minha cabeça. — Ok, crianças. Quem quer ir ao parque?

— Eu! Ava e Mia responderam em uníssono.

— Vamos em frente. O que você diria para Ford e Bell?

— Obrigada pelos *muffins*, — Ava respondeu calmamente.

— Sim, obrigada. Eles eram os melhores. Quase tão bom quanto panquecas, Mia acrescentou.

Ford deu uma risadinha. — A qualquer momento.

Bell deu um abraço nas meninas e saímos para a calçada. Mia deu alguns passos à frente, girando algo entre os dedos.

— O que você tem aí, Mi? Perguntei.

— Um bracelete. Eu fiz isso ontem à noite. É para Griffin. Quer ver?

Eu parei no meio do caminho. Mia se virou e me ofereceu a pulseira. Uma onda de cores do arco-íris. Um que se parecia com os que minha família usava.

— Acha que ele vai gostar? Ela perguntou esperançosa.

Engoli em seco contra a emoção acumulada no fundo da minha garganta. Eu estava cometendo um erro terrível envolvendo essas crianças com Griffin? E se ele decidisse deixar a ilha? Ou que ter crianças cheias de energia correndo em volta de sua propriedade o tempo todo era irritante? E se ele começasse a namorar alguém e ela não nos quisesse por perto? Eu fechei cada pensamento, um por um, empurrando-os com força da minha mente. — Acho que ele vai adorar.

— É muito bonito, Ava ofereceu.

Mia sorriu. Mal posso esperar para dar a ele.

Enviei uma prece silenciosa para que Griffin estivesse debaixo o arco-íris e não esmagasse o espírito de Mia. Talvez ele pudesse pelo menos inventar uma desculpa para não poder usar, mas dizer a ela que a deixaria por perto. Felizmente, ela se contentaria com isso.

Ao devolver a pulseira a Mia, percebi um movimento com o canto do olho — uma figura virando rapidamente a esquina do outro lado da rua. Ela estava mais velha, agora com mechas grisalhas no cabelo, mas eu reconheceria esse perfil em qualquer lugar. Minha mãe. Ela estava aqui. E ela estava olhando.

22

Griffin

Disse a mim mesmo várias vezes que estava perdendo o controle, que nada estava errado. Mas eu não conseguia afastar a sensação. Caelyn estava fora quando ela pegou Will ontem. Tensa, como se esperasse que alguém pulasse dos arbustos a qualquer momento. Eu simplesmente queria ter certeza de que ela estava bem. Ter uma conversa em que as orelhas pequenas não estivessem ouvindo.

Eu parei em uma vaga de estacionamento na beira do estacionamento e desci da minha caminhonete. Indo para *The General Store*, meus passos vacilaram quando vi a mulher olhando furiosa vindo em minha direção, uma criança em um braço e uma sacola de mantimentos no outro. Ela murmurou algo sob sua respiração.

Levei um momento para reconhece-la como a pessoa que estava me olhando com raiva na pizzaria algumas semanas atrás. — Desculpe, não entendi.

Ela bufou e ergueu o queixo. Eu tentei advertir Caelyn. Para guia-la no que significa ser mãe. Mas ela não quer ouvir. Essas crianças precisam de alguém em casa com elas. Alguém que pode se dedicar aos seus cuidados. Em vez disso, ela está obcecada em cultivar esta pequena lanchonete. E agora, ela está envolvida com *você*. Um solitário com uma veia violenta. Provavelmente nem se importa que ela esteja ignorando as crianças no processo.

Minhas mãos se fecharam e flexionaram, o desejo de ser direto, duro. Mas mantive minha voz calma. — Você deve ter uma vida triste por ter todo esse tempo para julgar os outros. Talvez seja hora de você concentrar um pouco dessa atenção internamente.

Eu continuei andando enquanto ela se engasgou de indignação. Normalmente, eu teria deixado isso me afetar. Eu teria sentido a necessidade de recuar para a casa da fazenda, a atenção e o julgamento fazendo minha pele parecer muito apertada para o meu corpo. Mas essa mulher era ridícula. O fato de que ela via Caelyn como menos do que era tudo que eu precisava saber sobre a feiura de sua alma.

Eu não ia deixar isso me infectar. Se as pessoas escolheram acreditar nas mentiras que foram contadas sobre mim ao longo dos anos, que assim fosse. Eu simplesmente continuaria vivendo minha vida.

Abri a porta da loja e fiquei aliviado ao ver um caixa secundário na frente da loja. A mulher me deu um sorriso e um aceno. — Avise-me se precisar de ajuda para encontrar alguma coisa.

Eu balancei a cabeça e fui para a estação de Caelyn. Ela estava no centro de sua pequena cozinha, olhando pela janela para as docas. Ela parecia incrivelmente perdida naquele momento. Eu tive que lutar contra o desejo de contornar o balcão e puxá-la em meus braços. Para prometer a ela que tudo ficaria bem. Em vez disso, sentei em um dos banquinhos na frente dela. — Você está pronta para me dizer o que diabos está acontecendo?

Caelyn saltou e girou. — Nossa, faça um pouco de barulho quando você se caminhar, ok? Você é como Kenna com seu treinamento ninja.

Eu queria rir, mas não pude porque estava muito focado nas olheiras que circundavam os olhos de Caelyn. — Algo aconteceu. Conte-me. Eu não poderia ajudar, não poderia protege-a, se ela não me contasse o que estava acontecendo. — Você recebeu outra nota?

Caelyn balançou a cabeça. — Não, nada disso. Eu só ... tenho noventa e sete por cento de certeza que vi minha mãe ontem.

Eu enrijeci. — Onde?

— Fora das *Second Chances*. Eu estava saindo com as meninas e vi alguém virando a esquina do outro lado da rua.

— Você ligou para Parker?

Caelyn se encostou no balcão. — E dizer a ele o quê? Que acho que vi minha mãe, que não via há mais de seis anos? Além disso, não há nada que ele possa fazer. Não é como se tivéssemos uma ordem de restrição ou algo assim.

A impotência parecia irradiar por todo o corpo de Caelyn. Eu odiava tudo sobre como ela se via agora. Era o oposto de tudo o que me atraiu para Caelyn desde o momento em que a vi nesta mesma loja. Sua vitalidade, fogo, luz. Tudo parecia ter vazado dela.

Eu me levantei e dei a volta no balcão, puxando-a em meus braços. Eu a segurei com força contra mim como se pudesse infundir vida de volta nela. —Tudo vai ficar bem.

— Mas e se não ficar? Ela murmurou em meu peito. Nós dois sabemos que as coisas nem sempre funcionam.

Minhas costelas se contraíram com suas palavras. — Mas isso vai. Vou ligar para Parker e dizer que você a viu. São todas as informações que ele deveria ter de qualquer maneira. — Por mais que eu quisesse demorar mais, me forcei a deixar Caelyn ir. Mas primeiro, estendi a mão e deslizei a mão sob seu cabelo, apertando seu pescoço. Você tem pessoas cuidando de você.

Uma centelha de luz entrou nos olhos de Caelyn. —Por acaso você sabe como de repente eu tenho uma loja muito mais ocupada do que antes? O Sr. Walters decidiu contratar outro funcionário de meio período. Crosby e Penny visitam aproximadamente três vezes ao dia. Ford está sempre se esquecendo de algo que ele precisa vir buscar. E nem me fale sobre a frequência com que meus amigos estão aqui.

Eu tirei minha mão do seu pescoço, colocando-as nos bolsos. Você acreditaria que sua personalidade é tão charmosa que as pessoas não conseguem ficar longe?

Caelyn bufou. — Claaarro.

Minha expressão ficou séria. — Nós nos preocupamos com você. Só queremos ter certeza de que há muitas pessoas por perto e que você se sinta segura.

Ela estendeu a mão, apertando meu braço. — Obrigada.

Seu calor parecia infiltrar em mim com o pequeno contato, um calor que se espalhou rápido e ferozmente. Um que me fez sentir frio em sua ausência. Eu queria mais, e isso me deixou muito nervoso. — Eu devo ir.

Os ombros de Caelyn se endireitaram. —Claro. Você tem certeza de que está bem para pegar os pequenos terrores de novo?

Essa pequena ação colocou distância entre nós. Distância que eu não queria, mas era mais segura para nós dois. — Eu adoro tê-los em casa. Mesmo.

— Eu me sinto melhor quando eles não vêm para a loja sozinhos. Especialmente se minha mãe estiver por perto.

Eu não conseguia imaginar como um confronto como aquele iria terminar. Ava e Mia provavelmente não seriam capazes de identifica-la, mas Will sim. Era muito melhor evitar totalmente essa possibilidade. — Eu também acho isso inteligente.

Caelyn acenou com a cabeça, franzindo os lábios. — OK. Vou para a sua casa assim que sair do trabalho.

— Sem pressa. Eu realmente amei ter todos os irmãos O'Connor na casa da fazenda. Pela primeira vez em mais de uma década, eles me fizeram acreditar que eu realmente traria vida de volta ao lugar.

Escutei uma garganta limpando atrás de mim. — Desculpa por interromper.

Caelyn deu um pequeno salto. — Ei, Max. Você não está interrompendo nada. O que você precisa?

O homem deu um sorriso que era um pouco esperto demais para o meu gosto. Quem eu estava enganando? Eu não queria nenhum cara enviando sorrisos esperançosos para Caelyn. Max se aproximou dela. — Só preciso saber se o produto deve ser descarregado agora ou no final da tarde.

Eu fiz uma careta para as costas do cara. Caelyn arregalou os olhos para mim. — Vejo você à noite?

Suas palavras engoliram minha carranca. Porque eles faziam parecer que Caelyn era minha, e uma parte de mim, uma que crescia a cada dia, queria que ela fosse.

Eu sentei na grama e encostei contra o tronco da árvore. Levei muito tempo para me estabelecer neste local. Foi uma decisão que eu não estava pronta para tomar aos dezesseis anos. Não foi até que eu voltei para *Anchor*, para a casa da fazenda, que eu soube que seu local de descanso final tinha que ser aqui. Eu misturei cinzas com terra e enterrei uma foto de família em homenagem aos corpos que eu não tive que colocar para descansar, esperando que de alguma forma as almas de minha família alimentassem o crescimento ao meu redor. Que eles se tornariam parte das árvores, da grama e das flores silvestres que cresciam nos arredores do lago. O lugar que sempre foi o favorito de todos nós.

Quando a casca da árvore atingiu minhas costas, quase consegui me convencer de que eles ainda estavam comigo. — Desculpe, faz um tempo.

Peguei um longo pedaço de grama, fazendo um pequeno buraco no centro. Eu podia ver meu pai tentando ensinar Beth e eu a assobiar. Beth aprendeu imediatamente, mas eu lutei, soando mais como se estivesse sufocando do que assobiando. Quando eu finalmente consegui, ela me derrubou no chão, mais feliz por mim do que nunca por ter aprendido o truque.

Havia milhões desse tipo de memórias. Aquelas que eu enterrei em minha mente, porque muitas delas foram roubados e exibidos para todo o mundo ver.

Mas as coisas estavam mudando. Eu estava compartilhando a casa da fazenda com Caelyn, Will, Ava e Mia. E eu me vi querendo mostrar a eles Beth e meus pais também.

Eu já estava, mesmo que eles não soubessem. O truque de mágica que meu pai me ensinou. O banco favorito da minha mãe. O lago que minha irmã me implorou para visitar diariamente. Aos poucos, fui deixando minha família sair da caixa bem guardada em que os mantinha. E não me sentia como se os tivesse perdido com isso. Na verdade, sua presença parecia ainda mais forte.

— Eu trouxe algumas pessoas por aí. Eu torci a folha de grama em meu dedo. — Mãe, você adoraria Ava. Vocês duas provavelmente passariam horas em seu jardim naquele banco conversando sobre seus livros favoritos. Beth e Mia seriam um inferno sobre rodas, causando ataques cardíacos diários. E, pai, Will é o seu tipo de filho. Ele absorve tudo que você lhe ensina.

Minha voz falhou. Havia muito que você tinha para me ensinar, e eu odeio ter que aprender tudo sozinho. Eu cometi tantos erros. — Porque apesar dos rumores infames impressos sobre mim, havia verdades

horríveis também. Eram coisas nas quais a imprensa não estava interessada. Como eu fechei o mundo ao meu redor. Como eu me perdi no álcool por pelo menos um ano. Como eu esqueci tudo que meus pais me ensinaram. Para servir, para ajudar os menos afortunados. Eu desliguei tudo ao meu redor e me perdi em um poço de minha própria dor.

— Estou acordando. Eu sorri para a grama ao redor do meu dedo. Mamãe sempre disse que tínhamos que fazer as coisas no nosso ritmo. Mas tenho certeza de que papai está balançando a cabeça, querendo que eu já me apresse.

Eu liberei a grama da minha mão e a deixei cair no chão. — Caelyn está ajudando. Eu acho que ela sempre fez. Desde que a vi, e aquele sorriso me atingiu bem no estômago. Ela tem esse jeito de mudar a forma como eu vejo as coisas. Ela sempre procura o bem. Mesmo quando as coisas estão realmente difíceis.

Minha família teria amado Caelyn, seus irmãos, tendo a casa da fazenda cheia de risos e caos … vida. Senti a raiva familiar aumentar, o calor que me encheu quando me lembrei de algo que estava faltando. Algo que eles deveriam estar experimentando ao meu lado.

Eu respirei fundo, deixando o ar do final da primavera aliviar a dor. — Eu amo vocês. Sinto sua falta todos os dias.

Eu me levantei e me dirigi para a minha caminhonete. Enquanto fazia dirigia para a escola para pegar as crianças, percebi que a raiva não tinha ficado do jeito que normalmente ficava. Eu não senti isso me corroendo por dentro, infectando tudo ao meu redor.

Eu parei no final de uma longa fila de carros e avistei Mia dançando enquanto esperava com Ava e Will. Sempre havia música tocando que só Mia conseguia ouvir. E a maneira como ela não parecia se importar se alguém estava olhando … Deus, eu esperava que ela nunca perdesse isso.

Conforme avançava com minha caminhonete, Mia me avistou e começou a acenar freneticamente. Will balançou a cabeça, mas o fez sorrindo. Ava estava alheia a tudo, perdida nas páginas do livro em seu colo.

Quando parei na zona designada para recolhê-los, Mia correu em direção ao veículo. Will a pegou pela alça de sua mochila e sussurrou algo em seu ouvido. Ela fez uma careta para ele, mas diminuiu seus movimentos, permitindo que Will abrisse a porta da cabine da minha caminhonete e a ajudasse a entrar.

— Griffin! Eu tenho algo para você.

— É meu dia de sorte, então.

Ela deslizou pelo assento e começou a remexer em sua mochila enquanto Ava entrava.

— Ei, Avs, eu cumprimentei.

— Oi, Griffin.

Não era uma jogada por jogada de seu dia, mas era alguma coisa. Ava e eu estávamos fazendo um progresso lento e constante. Ela não se escondia mais atrás de um irmão quando eu estava por perto, ela até me deixava ajuda-la com o dever de casa depois da escola ocasionalmente.

— Aqui! — Mia estendeu algo na minha direção enquanto Will pulava no banco da frente.

— O que é isso? Peguei o item de cor brilhante de seus dedos pequenos.

— Esse é o seu arco-íris. Então você é parte de nossa família e nunca precisa sair.

Meu olhar saltou da pulseira para Mia para Will. Ele havia congelado no banco do passageiro. Tudo era simples no mundo de Mia, mas isso não significava que ela não carregasse consigo o conhecimento de que seus pais haviam desaparecido de sua vida. Ela pode não ter nenhuma memória deles, mas ela sabia que eles se foram. Provavelmente entendia mais do que seus irmãos pensavam.

— Mi, Will começou.

— Eu amei, eu rapidamente interrompo. — Você pode colocá-la no meu braço?

Mia sorriu quando um professor fez uma careta para nós por demorarmos na fila. Eu não dei a mínima. Eu seguraria todo mundo por horas se isso significasse que Mia se sentia segura e protegida. Seus pequenos dedos amarraram as pontas em um nó muito completo. — Eu fiz um tamanho gigante.

Eu ri. — Coisa boa. Eu levantei meu pulso. O que é que vocês acham?

Foi o olhar de Ava que encontrou o meu no espelho retrovisor. — Parece que você nos pertence.

Algo em meu peito quebrou com suas palavras, a simples sinceridade delas. E pela primeira vez em muito tempo, eu *realmente* senti que pertencia.

23

Caelyn

Eu me inclinei para trás na cadeira de balanço, as pernas curvas fazendo um som reconfortante enquanto eu me movia. Tomei um gole do meu vinho e fechei os olhos por um momento. Eu podia ouvir Ava e Mia na sala de estar brigando sobre quem escolheria a peça do jogo primeiro, e os acordes fracos do teclado do piano de Will enquanto ele praticava em seu quarto. Esses sons eram tão calmantes quanto os degraus de madeira da minha cadeira contra a varanda. Estávamos em casa, seguros, juntos.

Forcei meus olhos a abrirem e toquei na tela do meu telefone. Eu bati o nome de Callie em meus contatos e esperei o telefone tocar. Demorou um minuto e, quando Callie atendeu, parecia sem fôlego. — Ei, Caelyn.

Eu sorri para o céu escuro. —Perdeu seu telefone de novo?

Callie soltou um bufo. —Ele foge de mim, eu juro. Eu podia imaginá-la batendo freneticamente em todos os papéis em sua mesa em busca de seu telefone fantasma. Callie fazia milagres de muitas maneiras, mas estava sobrecarregada, mal paga e precisava de cerca de quatro assistentes. Então, como vai?

Meu sorriso sumiu. — Eu preciso contar algo para você. Ou veja se você pode me ajudar. Ou talvez apenas peça seu conselho.

— Caelyn, Callie me cortou. Apenas me diga o que está acontecendo.

O telefone de Callie pode fugir dela, mas para mim, foram minhas palavras — e sempre quando eu estava nervosa ou ansiosa. Soltei um

longo suspiro, tentando me concentrar e organizar meus pensamentos. Tive um encontro particularmente desagradável com aquela Patti Jenkins de quem falei. E depois que a vi novamente hoje, ficou claro que ela não havia liberado esse rancor.

— Aquela que é sempre vive julgando?

— É esse mesmo. Entramos no assunto e ela ameaçou ligar para o *Serviço de Proteção de Menores*. Eu só … quero ter certeza de que estamos bem. Quero dizer, eles não vão tentar levar as crianças porque eu disse a essa mulher que ela era uma humana horrível, certo? Quando as palavras saíram, o pânico apertou minhas costelas, apertando meus pulmões.

— Oh, querida. Não. Respire fundo.

Eu obedeci, imaginando a respiração pela qual conduzi meus alunos nas minhas aulas de ioga. Lágrimas escorreram pelos cantos dos meus olhos. —Eu odeio estar com medo o tempo todo. Apenas esperando que algum outro sapato caia.

— É difícil fazer isso sozinho. E você teve que lutar muito para conseguir a custódia em primeiro lugar. É completamente compreensível que essa mulher horrível a tenha assustado. Ela *te* bateu onde você está mais vulnerável.

Eu balancei a cabeça como se Callie pudesse me ver. — O que eu faço?

O ruído dos papéis embaralhados em segundo plano no final da linha de Callie. Nada. Vou ligar para o Serviço de Proteção a Menores e informa-los da situação. Por mais triste que seja, não é incomum que alguém faça uma denúncia falsa por raiva ou vingança. Eles sabem como identifica-los. E as intenções desta senhora Patti virão em alto e bom som.

Girei a taça de vinho entre os dedos. — O triste é que tenho certeza de que ela pensa que está certa. Que sou uma guardiã horrível e estou arruinando a vida das crianças.

— Você sabe que isso não é verdade, certo? Callie perguntou suavemente. Eu fiquei em silêncio. Eu sabia que me importava com meus irmãos mais do que qualquer outra pessoa, mas também sabia que falhava em todos os sentidos. Houve tantos dias em que eu senti que mal estava me segurando. Caelyn O'Connor, você me escuta, e você me escute bem. Você é uma guardiã incrível para essas crianças. Eu gostaria de poder cloná-lo e entregar a todas as crianças que passaram pelas portas do Alliance. Não deixe uma mulher amarga e odiosa entrar em sua cabeça.

Uma pequena risada me escapou com a ferocidade do tom de Callie. Obrigada, Cal. Você é a melhor, você sabe disso, certo?

— Eu sou muito incrível. Mesmo que eu não saiba onde meu telefone está na metade do tempo.

— Você realmente é. Eu parei por um momento. Você vai me dizer o que o Serviço de Proteção a Menores diz?

— Claro. Ligarei para meu contato amanhã de manhã.

— Estou fazendo *brownies* para você", ofereci imediatamente. Nada poderia ser suficiente para retribuir Callie e a *Alliance* por tudo que eles fizeram por nós, mas eu poderia mantê-la abastecida com produtos de assados.

— Cobertura de creme de queijo? — Ela perguntou esperançosa.

— Você que sabe.

— Mal posso esperar. Eu tenho que ir. Eu tenho outra ligação em alguns minutos. Mas respire fundo e tente não se preocupar. Tudo vai ficar bem.

— Eu vou. Tenho vinho, uma cozinha limpa e crianças que não estão tentando se matar.

Callie deu uma risadinha. —Parece uma combinação vencedora.

Era. Quando Callie e eu nos despedimos, eu me levantei, esticando e enchendo meus pulmões com ar que continha apenas uma pitada de sal. Abri a porta da frente para ouvir Mia gemer: Mas eu quero ser a vermelha.

Eu coloquei minha melhor cara séria. — Pedra, Papel, Tesoura. E se tivermos um mal perdedor, essa cor desaparece.

Os olhos de Mia brilharam com calor, mas ela assentiu. As meninas brigaram e Ava foi a vencedora. Mia segurou a língua enquanto Avs pegava o pedaço vermelho. Eu sentei ao lado de Mia e lhe dei um abraço, sussurrando em seu ouvido: — Estou orgulhosa de você.

Ela sorriu para mim. — Orgulhosa para panquecas amanhã?

Eu não pude segurar minha risada. — Sabe, acho que um dia você deveria ser advogada. Você é muito boa em negociar.

Mia abriu a boca para falar, mas um som estrondoso perfurou o ar. Tudo parecia acontecer em câmera lenta ou em super velocidade, tudo ao mesmo tempo. Voltei minha atenção para a origem do som, mas antes que pudesse reconhece-lo, cacos de vidro voaram e algo cortou minha têmpora.

A força do golpe teve flashes de luz pontilhando minha visão. Gritos encheram o ar ao meu redor, mas pareciam distantes, como se estivessem viajando pela água. Lentamente, eles se tornaram mais pronunciados conforme o mundo voltava ao foco.

— Abaixem! Eu chorei, cobrindo Mia com meu corpo e puxando Ava para o meu lado para que eu pudesse protege-la também. Não houve

nada além de silêncio e, em seguida, o barulho de pneus. Eu me endireitei lentamente.

Ava, com os olhos arregalados e cheia de lágrimas, procurou pela sala em pânico. — Cae Cae, ela sussurrou.

— Está tudo bem. Nós vamos ficar bem. — As coisas estavam longe de estar bem como eles poderiam estar.

Eu cuidadosamente levantei Mia, gotas de sangue escorrendo pelo rosto dela. Meu coração parou no meu peito. Mas antes que eu pudesse pronunciar qualquer palavra, Will apareceu no corredor. — Que diabos? Seus olhos se arregalaram quando ele viu o vidro ao nosso redor.

O medo e a raiva em seu rosto me tiraram do meu pânico. — Will, pegue Ava. Vá para o quarto das meninas.

Will puxou Ava para ficar de pé, envolvendo um braço ao redor dela enquanto a apressava. Eu levantei uma Mia soluçante em meus braços e corri para o quarto, mas não antes de avistar o que parecia ser um tijolo no chão da nossa sala de estar. Tentei parar de tremer enquanto agarrava Mia com mais força.

Assim que chegamos ao quarto, peguei meu telefone e disquei 9—1—1. O operador atendeu no segundo toque. — Departamento do xerife. Qual é a sua emergência?

— Esta é Caelyn O'Connor. Alguém acabou de jogar um tijolo pela janela da minha frente. Minha irmãzinha está ferida. E não sei se alguém ainda está aí. Você pode enviar alguém? O tremor em minha voz denunciou meu medo.

— Você está em algum lugar seguro agora? Você pode se trancar em outro quarto?

— Não há fechadura, comecei, mas ao fazê-lo, Will deslizou a cômoda das meninas na frente da porta. — Temos algo que manterá as pessoas afastadas.

— Bom. Fique onde está. Tenho oficiais a caminho. Você pode permanecer na linha?

Sentei—me na cama, Mia ainda chorando em meus braços. — Eu vou te dar ao meu irmão. Preciso avaliar os ferimentos da minha irmãzinha.

— Tudo bem, concordou o operador.

Passei o telefone para Will. — Você pode falar com ele? Ele acenou com a cabeça e eu voltei minha atenção para Mia. Tenho que soltar você para que eu possa olhar para o seu rosto, Mi. Ela apenas se agarrou a mim com mais força. Está tudo bem. Você está bem. Eu só preciso verificar o seu corte. Peguei uma das mãos de Mia e enfiei seus dedos no cinto da minha calça jeans. Apenas segure-me aqui. Eu não vou a lugar nenhum.

Os dedos de Mia apertaram o laço e eu fui capaz de me livrar de suas mãos. Eu rapidamente fiz vi os danos no rosto de Mia. Sua bochecha tinha uma série de pequenos cortes, mas nada parecia muito sério. Dói em algum lugar além de sua bochecha?

Mia balançou a cabeça e eu soltei um suspiro. OK. Ava, você pode me passar um lenço de papel da sua mesa?

Ava estava ao meu lado em um flash, a caixa na mão. — Aqui está. — Ela ficou em silêncio por um momento antes de perguntar em voz baixa:

— Ela vai ficar bem?

Eu dei a Ava um sorriso que esperava não ser tão falso quanto parecia. — Ela vai ficar bem.

— E você? Ela perguntou, estudando o lado do meu rosto.

Percebi que minha têmpora estava latejando. Meus dedos cutucaram a área e estremeci. Quando os trouxe de volta, encontrei-os pegajosos de sangue. — Eu vou ficar bem também. Só precisamos nos limpar. Voltei meu foco para Mia, estudando cuidadosamente os cortes em sua bochecha perfeita, certificando-me de que não havia cacos de vidro deixados para trás. Eles precisariam ser limpos com álcool e vendados, mas eu não tinha exatamente acesso ao meu kit de primeiros socorros no momento.

Quando terminei de limpar o sangue, dei um beijo na testa de Mia. Você está se sentindo melhor?

Ela não disse nada, apenas se agarrou à alça do meu cinto como se fosse um cordão de segurança pessoal. Passei um braço em volta dela e apertei.

— E você, Cae Cae? Ava perguntou. — Quer que eu limpe sua cabeça?

Peguei um lenço de papel da caixa. — Deixa comigo. Limpei minha têmpora, mas parecia continuar sangrando.

— Os oficiais estão aqui, Will chamou. Eles estão se aproximando da casa.

— Diga a eles que a porta da frente está destrancada, respondi. E quão estúpido foi isso? Eu vim depois de descansar na varanda e nem pensei em trancar a fechadura. Eu poderia muito bem ter recebido os atacantes de braços abertos.

Passos soaram no corredor. Departamento do xerife.

— Estamos aqui, chamei.

— Fique aí dentro por enquanto. Vamos vasculhar a casa e depois estaremos de volta com tudo limpo.

— OK. Minha voz estava firme, mas o resto de mim era tudo menos isso. Enquanto meu olhar varria a sala, tudo que eu conseguia pensar era que essas crianças já haviam passado por algo muito semelhante, e como tudo isso tinha que trazer de volta tantas memórias terríveis. Eu prometi a eles e a mim mesmo que os manteria seguros.

Mas eu falhei.

24

Griffin

Meu telefone tocou assim que dei um longo gole na minha cerveja. O som quase me engasgou com a bebida. Ninguém me ligava. Mas eu comecei a carregar o dispositivo comigo porque tinha dado o número a Caelyn e Will. Eu queria que eles pudessem me encontrar sempre que precisassem.

Ford apareceu na tela e meu estômago afundou. Eu clico em aceitar. — Ei.

— Você vai querer ir para a casa de Caelyn.

Meus músculos se contraíram tanto que pensei que um iria quebrar. — O que aconteceu?

— Alguém jogou um tijolo pela janela. Mia teve alguns cortes. Estamos indo para lá agora, mas achei que você gostaria de saber.

Não ouvi nada depois de – Mia — e cortes. Eu me levantei, deixando meu jantar na mesa de piquenique enquanto me movia em direção à minha caminhonete. Eu liguei e me dirigi para Caelyn em uma velocidade que me faria ser citado por direção imprudente se qualquer policial me parasse. Eu não me importei. A única coisa que eu conseguia pensar era em chegar até Caelyn e as crianças. O rosto de Mia apareceu em minha mente. Tão pequena e confiável.

Eu parei atrás de dois veículos do departamento do xerife. Deixando minhas chaves na caminhonete, e saí. Se alguém precisasse mover meu veículo, eles poderiam leva-lo. Corri em direção à casa, sem dizer uma palavra. Quando cheguei à entrada, vi dois policiais mexendo em vidros

e escombros. Um tijolo estava a trinta centímetros de um jogo de tabuleiro.

Eles estavam sentados bem ali. Jogando. E alguém jogou aquele tijolo pela janela.

— Onde eles estão? Minha voz era feroz.

Um dos policiais se levantou, a mão indo para a arma. E você é?

— Está tudo bem, Kenna chamou da cozinha. Ele é um amigo. Ela se virou para mim. Dê a volta, todo mundo está no quintal. Só estou pegando suco para as crianças.

Eu estava caminhando antes que ela terminasse de falar, descendo os degraus da varanda e contornando a ensolarada casa amarela. Meus olhos se fixaram em Will primeiro. Uma mistura de raiva e medo tomou conta de sua expressão. Ava estava enrolada nos braços de Bell, a cabeça no ombro de Bell. Então eu vi Mia e Caelyn. Caelyn se afastou, falando com Parker.

Mas Mia me viu imediatamente. “Griffin, ” ela lamentou. —"Eu quero Griffin."

Acho que nunca me corri tão rápido. Em um instante, eu a estava tirando dos braços de Caelyn. — “Está tudo bem, *Pequenina*. Você está segura." Eu disse as palavras sem parar, tanto para mim quanto para ela.

— “Não me deixe, ” ela sussurrou.

Suas palavras quebraram algo no fundo do meu peito. —"Eu não vou a lugar nenhum." Mas eu queria. Eu queria correr rápido e longe, e me odiava por isso. Como isso aconteceu? E tão rápido? Eu me importava com todos eles. Cada um dessa família O'Connor. E se algum deles estivesse realmente ferido? Pior? Eu perderia o pouco terreno que ganhei.

Eu me mantive afastado por tanto tempo. Não deixando nem mesmo uma única pessoa quebrar a parede que me protegia da possibilidade de destruição. Mas não era mais assim. Eu estava ligado a esta família e não tinha certeza se havia algo que pudesse fazer para cortar esse laço — mesmo se quisesse.

Meu olhar fixou com o de Caelyn e vi as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Uma raiva como eu nunca tinha conhecido antes acendeu em minhas veias quando eu vi o lado de seu rosto. Um corte longo curvou o lado de sua têmpora. Eu estendi meu braço vazio e Caelyn imediatamente caminhou para ele. Eu os segurei o mais forte que pude, sem machucá-las.

Eu perdi a noção do tempo enquanto estávamos lá. Eu as inspirei. Elas estavam feridas, mas estavam seguras. Eu não iria perde-los.

Parker pigarreou. Os paramédicos estão aqui para verificar Caelyn.

Eu relutantemente a deixei ir, mas Mia continuou agarrada em torno de mim como um macaco. Está tudo bem, *Pequenina*, eu sussurrei em seu ouvido, esfregando a mão para cima e para baixo nas costas de Mia.

— Eu realmente não preciso de paramédicos. Eu só preciso de algumas compressas com álcool e um *Band-Aid*, Caelyn protestou.

— Os paramédicos vão olhar você. Mia também. Tentei manter minha voz calma, mas havia algo nela que não consegui disfarçar.

Caelyn suspirou. — Bem.

Crosby ficou de pé. Agora que Griffin está aqui, Ford e eu vamos pegar um pouco de madeira compensada para que possamos fechar a janela quando os técnicos terminarem.

— Obrigada, Crosby, disse Caelyn.

Ele assentiu. Não houve sorriso malicioso ou comentário espertinho esta noite. Crosby parecia alguém com quem ninguém em sã consciência gostaria de mexer. Ele encontrou meu olhar. — Você vai estar com eles?

— Sim, eu vou estar. Nada mais aconteceria a esta família se eu tivesse algo a dizer sobre isso.

Enquanto Crosby e Ford saíam, Kenna apareceu com dois sucos nas mãos. Você quer um pouco de suco de maçã, Mi?

Ela balançou a cabeça. — Quero meu gigante.

Kenna nos deu um sorriso pálido. Parece que você a ganhou.

Mia se agarrou ainda mais forte a mim. Comecei esfregando suas costas novamente enquanto os paramédicos contornavam a lateral da casa. Seus dedinhos se enrolaram no pescoço da minha camisa. — Não! Eu não quero ir com eles.

— Eu estou aqui, *Pequenina.* Eles vão apenas verificar Caelyn e, em seguida, olhar a sua bochecha. Quem quer que tenha mandado aquele tijolo pela janela, é melhor torcer para que eu não tenha descoberto quem eles são.

— Caelyn, você está bem? Perguntou um paramédico de vinte e poucos anos.

— Estou bem, Nick. Só uma pequena pancada na cabeça.

— Isso não é apenas uma pancada na cabeça, eu rosnei.

Ela revirou os olhos para mim. Se Caelyn estava me causando problemas, isso significava que ela ficaria bem. Soltei um suspiro lento e me inclinei contra a mesa de piquenique, mantendo Mia em meus braços. Olhei para Parker enquanto os dois paramédicos começaram a avaliar os ferimentos de Caelyn. — O que diabos aconteceu?

Will chegou mais perto de nossa conversa quando Parker começou a falar. —Não temos certeza. Jogaram um tijolo pela janela da frente, mas ninguém viu uma pessoa a pé ou em um carro. Fomos de casa em casa neste quarteirão e não encontramos uma única testemunha.

Eu olhei para Will. — O que você viu?

Um músculo em sua bochecha pulsou. — Não vi nada. Eu estava em meu quarto tocando piano e ouvi um estrondo. Achei que alguém tivesse derrubado um prato ou algo assim. Mas então houve gritos. O rosto de Will ficou vermelho enquanto ele fazia o possível para conter as lágrimas. Quando cheguei, quem quer que tenha jogado o tijolo já tinha ido embora. Tiramos as meninas de lá e colocamos no quarto e esperamos pelos policiais.

Eu apertei o ombro de Will. — Você fez bem. Você as manteve seguros.

— Eu não fiz, disse ele em um sussurro áspero. — Caelyn e Mia estão feridas. Elas...

— Não, eu o cortei. Você os tirou de uma situação perigosa. Levou-os a um lugar seguro enquanto você esperava por ajuda. Você sabia que alguém ia jogar um tijolo por aquela janela?

Will balançou a cabeça. — Claro que não.

— Então não há nada mais que você poderia ter feito. Não assuma o que outro idiota fez.

— Você disse um palavrão, Mia sussurrou sonolenta.

Eu ri. — Acho que estarei de serviço na cozinha amanhã.

— Eu vou te ajudar, ela ofereceu.

— Obrigado.

Ouvi Caelyn respirar fundo e minha cabeça virou em sua direção. Nick, o EMT, estava examinando o corte em sua cabeça. Meu maxilar se apertou quando empurrei a mesa e fui em sua direção. — Cuidado. Você não pode ver que ela está sofrendo?

Ele fez uma carranca para mim. — Estou fazendo meu trabalho.

— Bem, faça isso um pouco mais gentilmente, eu cerrei.

Parker colocou a mão no meu ombro. — Está bem, está bem. Vamos todos parar um pouco.

Caelyn forçou um sorriso. Estou bem, sério. Um pedaço de vidro voador deve ter me cortado.

Tudo sobre ela dizia o contrário. Seu rosto estava contraído de dor. Sua pele ainda mais pálida do que sua tez clara normal. E havia algo abaixo da superfície ... medo. Eu engoli uma dúzia de maldições que queria soltar. — Eu acho que devemos levar você para o hospital. Deixe um médico verificar você.

— Não. Eu não preciso de um hospital. Eu nem preciso dos paramédicos. Eu só preciso de um *Band-Aid* e um par de *Tylenol*. É isso aí.

Abri a boca para argumentar, mas Parker chegou primeiro. — O que você acha, Nick? Hospital? Ou ela está bem?

O paramédico colocou cuidadosamente uma bandagem na cabeça de Caelyn. — Não há sinal de concussão. Acho que ela vai ficar bem.

— Você *acha*? Eu gritei. Quem era esse idiota? Ele tinha passado por treinamento médico?

Bell apareceu ao meu lado, um braço ainda em volta de Ava. — Meu pai pode dar uma olhada nela de manhã. Acho que, agora, todo mundo só precisa dormir um pouco. Ford e eu podemos ficar aqui esta noite.

— Eles vão ficar comigo até que Parker descubra quem está por trás disso. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse considerar o que significavam. Tudo que eu conseguia pensar era em ter Caelyn e as crianças atrás de minhas cercas e câmeras e alarmes.

— Estamos? Caelyn perguntou, piscando rapidamente.

— Eu tenho um sistema de alarme, câmeras. E agora há quartos suficientes no andar de cima para que todos tenham os seus. Você só teria que compartilhar dois banheiros.

Ava olhou para mim. — Todos nós compartilhamos um banheiro aqui. Dois serão ainda melhores.

— Eu não sei, Caelyn começou. Eu não quero que invadamos seu espaço e

— Por favor, Mia a interrompeu. — Eu quero ficar com o meu gigante. Ele vai nos proteger.

Senti uma sensação de queimação no peito — uma mistura de orgulho e medo. Esfreguei a mão para cima e para baixo nas costas de Mia. — Farei tudo o que puder para mantê-la segura.

25

Czelyn

Suspirei enquanto fechava a porta. — Nunca pensei que eles fossem dormir.

Griffin apertou meu ombro. Eles passaram por muito hoje. É compreensível.

Eu balancei a cabeça rigidamente. Eu queria me inclinar para o toque de Griffin. Deixar o calor dele me engolir inteira. Como se tivesse percebido, Griffin me puxou para seus braços e simplesmente me segurou. Minha bochecha pressionada contra seu peito, e a batida constante de seu coração acalmou algo dentro de mim.

O queixo de Griffin descansou no topo da minha cabeça. Você está segura aqui. Eu prometo.

— Eu sei. Nunca me senti mais seguro do que quando estava com Griffin. Eu queria lutar contra esse sentimento. Para manter minha autonomia como protetora de minha família. Mas eu estava exausta. E com medo de morrer. Se aquele tijolo tivesse atingido a cabeça de uma das garotas, elas poderiam ter morrido.

Eu estremeci e Griffin me puxou com mais força contra ele. — O que é isso?

— Poderia ter sido muito pior. As meninas poderiam ter ficado gravemente feridas. Morrido. E seus rostos. Deus, Griffin. Prometi a eles que nunca teriam que passar pelo que passaram quando eram mais jovens. Mas aqui estávamos nós com barricadas em um quarto. Novamente. Quebrei minha promessa. Lágrimas transbordaram,

marcando minhas bochechas e a camisa de Griffin. Ele apenas me segurou com mais força.

— Eles são fortes, Caelyn. Eles vão superar isso. Claro, eles vão ficar com medo por alguns dias, mas as crianças são resilientes. E eles têm *você*. Você os faz se sentir seguros.

Eu cheirei a camisa de Griffin. — Não tenho tanta certeza disso. Mia queria seu gigante.

Griffin riu, o som reverberando em seu peito. — Eu acho que às vezes é útil ser alto. Ela acha que posso assustar todos os bandidos.

Eu saí do abraço de em Griffin e me forcei a recuar. — Obrigada. Por tudo. Eu nunca vou ser capaz de retribuir

Ele fez uma careta para mim. — Pare com isso. Você não me deve nada.

Mordi meu lábio para não rir da severidade em sua expressão. — OK. Não devo. Mas ainda posso agradecer.

— Se você precisar.

— Eu faço. Estendi a mão e dei uma tapinha no peito de Griffin, os seus músculos uma manifestação física de como ele era firme e forte. — Então, você só vai ter que descobrir uma maneira de suportar isso.

Os lábios de Griffin se contraíram. — Eu vou aguentar. Sua mão capturou a minha e ele me deu um puxão suave. — Vamos. Eu preciso te mostrar algumas coisas.

Em vez de me soltar quando comecei a seguir, Griffin entrelaçou seus dedos com os meus, para que fôssemos uma força movendo pela casa. Eu queria a sensação por muito tempo. O profundo conhecimento de que alguém estava me protegendo. Um parceiro que enfrentaria todas as provações que a vida trouxe ao meu lado. Tentei me livrar

disso. Porque Griffin era meu amigo, não meu namorado, parceiro ou amante. Ele era simplesmente um homem com a mais gentil das almas.

Griffin parou do lado de fora de seu escritório. — Sua memória realmente é boa?

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Posso me lembrar em que ano JFK foi assassinado ou posso me lembrar onde deixei as chaves do meu carro?

Ele sorriu. — Como você está com as senhas?

— Muito bom, eu acho. Não havia necessidade de admitir que todas as minhas senhas eram variações da mesma coisa.

Griffin balançou a cabeça lentamente como se não tivesse certeza de que eu estava dizendo a verdade. — Você já desligou o sistema de alarme, mas preciso lhe dar alguns outros. — Ele foi até sua mesa, liberando minha mão enquanto caminhava. De repente, eu estava com mais frio e me sentia muito sozinho.

Griffin digitou algumas teclas do teclado. — É *be7mo3da26*. Isso o colocará no sistema.

— Eu não preciso usar seu computador. Tudo que eu preciso está no meu telefone. Eu nem tinha computador em casa. Will tinha um laptop de segunda mão que usava na escola, mas era isso.

— Eu quero que você seja capaz de verifficar as câmeras. Venha aqui. Griffin acenou para mim ao lado dele. Aqui está o aplicativo. Com alguns cliques, de repente vimos várias vistas da propriedade. — Eles estão equipados para visão noturna para que você possa ver o que for necessário a qualquer momento.

Eu assisti com fascinação enquanto ele clicava de câmera em câmera. Algumas das imagens faziam sentido. O portão da frente. Pontos de entrada para a casa. Alguns da oficina. Mas havia pelo menos uma

dúzia de outras. Vistas para a lagoa. A cerca dos fundos. — Isso é muito...

Griffin enrijeceu em sua cadeira e eu queria me dar um chute rápido. Eu coloquei a mão em seu ombro. — Eu não estou julgando. Só estou me perguntando por que você tem tudo isso. Quantas pessoas tentam incomodar você?

Ele saiu do aplicativo da câmera, apertando um botão para que a tela do computador ficasse preta. — Quer beber alguma coisa?

O fato de ele ter evitado a pergunta não deveria ter me incomodado, mas incomodou. Eu odiava que este homem soubesse tudo sobre mim, mas ainda havia muito que ele se continha. — Certo. Você tem chá?

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Griffin enquanto ele se dirigia para a cozinha. Sempre guardo uma caixa. Eu não suporto. Mas minha mãe adorava essas coisas. Simplesmente parecia errado não o ter na cozinha.

Não foi uma resposta ao que eu perguntei, mas era alguma coisa. Um pedaço de sua história. — Qual era o favorito dela?

— *Menta.*

Eu sorri enquanto ele se movia para um armário e puxava uma caixa. Pegando a chaleira, comecei a enchê-la com água. — Eu faço chá de hortelã para as crianças toda vez que têm dores de estômago. Isso ou sassafrás.

— Sassafrás é uma coisa real? Achei que era algo sobre o qual só falavam nos velhos faroestes.

Eu ri, ligando o queimador e colocando a chaleira no chão. — Muito real e é mágico quando se trata de náusea.

— Bom saber. Griffin colocou um saquinho de chá ao lado do fogão e tirou um copo para si, enchendo-o de água. — Fiquei muito obcecado por segurança depois da faculdade. Meu psiquiatra disse que era porque era algo dentro do meu controle. Algo que eu pudesse fazer para me manter seguro.

Eu respirei fundo e não conseguia soltar. Como se qualquer movimento, mesmo uma expiração, fosse impedir Griffin de falar.

Ele girou o copo em círculos sem sentido no balcão. — Você sabe que as pessoas vendiam informações sobre mim. Principalmente mentiras. Alguns deles eram além do ridículo. Eu não me importava muito com isso. Foram as verdades que cortaram. Em questão de meses, o pouco de sanidade que eu construí para mim desmoronou.

Griffin engoliu em seco, parecendo lutar para encontrar as palavras certas. — Primeiro, o contador descobriu que meu tio estava roubando o dinheiro do meu fundo fiduciário. Aparentemente, ele achava que merecia ser pago pelo trabalho de *me* cuidar.

— Que pedaço de merda, murmurei.

As sobrancelhas de Griffin se ergueram. — Pedaço de merda?

— Tornou—se uma das minhas últimas palavras favoritas para idiotas da pior variedade.

Sua boca se curvou na mais leve sugestão de um sorriso. — Bem, meu tio era isso. Mas mesmo depois que ele foi para a prisão, eu ainda estava me segurando. Eu conheci uma garota. Pela primeira vez desde que minha família morreu, eu senti como se tivesse uma pessoa, sabe?

Eu engoli contra a secura repentina na minha garganta. Eu podia ver em minha mente um Griffin mais jovem, com menos de vinte e um anos, e sozinho no mundo. Eu sabia como era isso. Era assustador e te

deixava desesperado para agarrar qualquer coisa ou qualquer pessoa que fizesse a vida parecer um pouco mais estável. — Eu sei.

— Achei que éramos felizes. Talvez fomos por um tempo. Mas aquele repórter a atingiu. Ainda não sei como exatamente. Talvez fosse dinheiro. Talvez ele a convenceu de que ela realmente estaria me ajudando a lidar com o que aconteceu. — Os olhos de Griffin encontraram os meus. — Jen sempre quis que eu falasse sobre minha família. Mas eu não estava pronto. Eu sei que a machucou. *Eu a* machuquei.

Ele desviou o olhar, de volta ao seu copo de água intocado. — Um mês depois da sentença de meu tio, encontrei aquele repórter em meu apartamento. Jen deu a ele a chave. Eu o encontrei mexendo em uma caixa de lembranças. Ainda não sei se Jen sabia da caixa ou se o repórter a tinha encontrado por sorte. Mas eu enlouqueci. Eu nunca tinha enlouquecido assim. Ele tirou uma foto minha e eu o soquei. Ele bateu com a cabeça no canto da minha mesa de cabeceira. Ficou inconsciente por três dias. As pessoas diziam que eu era um monstro.

— Você é tudo menos um monstro, eu rebati.

O olhar de Griffin voltou para mim e ele deu de ombros. — Talvez eu tenha um monstrinho em mim. Eu dei um soco naquele cara que foi um idiota com você na loja.

Eu sorri com a memória. O ex namorado de Kenna apareceu no *The General Store* alguns meses atrás e fez uma cena. Ele tinha sido cruel, e quando virou aquela veia perversa contra mim, Griffin o derrubou com um único soco. — Eu deveria ficar ofendida com isso?

— Poderia ter terminado mal. Eu poderia realmente tê-lo machucado. Mas o olhar em seus olhos ... eu não podia deixar ele te machucar mais.

Minha respiração ficou presa em meus pulmões. Acontece que Griffin prestou atenção muito melhor do que eu pensava. Ele podia ler cada expressão que cruzou meu rosto antes que eu tivesse a chance de esconder. — Talvez isso me torne um pouco monstro que estou feliz que você bateu nele.

Griffin deu um passo à frente. — Acho que só teremos que ser um pouco monstruosos juntos.

Meu coração batia forte contra minhas costelas enquanto ele se chegava ainda mais perto. Seus olhos se encontraram com os meus, congelando-me no local, queimando um buraco dentro de mim. E assim que ele se inclinou, a chaleira soltou um assobio estridente. Eu dei um pulo e me esforcei para desliga-la.

— Desculpe, eu murmurei. Vou apenas encher esta xícara e leva-la para a cama. Obrigada pelo chá. E as câmeras. — e — Griffin pegou meu cotovelo, forçando meu olhar para o dele. — E por nos deixar seguros.

Ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios na minha testa. Durma bem. — E com isso, ele se foi. A cozinha estava vazia e eu estava sozinha. Mas minha testa queimava onde seus lábios estiveram, e eu não achei que fosse pregar o olho.

26

Griffin

Olhei para o teto como se ele pudesse, de alguma forma, magicamente me mandar para a inconsciência. Mas meu teto nunca foi muito bom nisso. Em vez disso, estava muito consciente de cada barulho na casa. Cada estalido ou rajada de vento contra as janelas.

Uma ou duas horas atrás, eu ouvi o som fraco de passos leves. Eu saí da cama para ver Ava e Mia abrindo a porta do quarto de Caelyn. — Podemos dormir com você, Cae Cae? — Ava perguntou timidamente. Caelyn tinha, é claro, dado as boas-vindas a elas.

Talvez eu estivesse errado e demoraria muito mais para as meninas se recuperarem de sua provação. Elas se recusaram a ter quartos separados, e agora elas estavam dormindo com Caelyn. Minhas mãos se fecharam em meus lençóis enquanto o rosto coberto de lágrimas de Mia passou pela minha mente. O corte na cabeça de Caelyn. A maneira como a mão de Ava tremia enquanto pegava a minha quando descíamos a rua até a minha caminhonete. O único que parecia estar se segurando era Will. Mas tive a sensação de que ele estava simplesmente guardando as coisas. Eu tinha feito isso antes. E nunca acabou bem.

Eu joguei as cobertas para trás, balançando minhas pernas para o lado da cama e me dirigindo para a porta. Mentir não ia mudar nada. Eu precisava me mover. Se eu ficasse imóvel nesse estado, minha pele começava a coçar.

O mais silenciosamente possível, desci as escadas em direção ao meu escritório. Eu dei vida ao computador, examinando os diferentes ângulos da câmera. Tudo estava quieto. Jurei que ainda podia sentir o cheiro do xampu de Caelyn no ar. Algo floral que não consegui

identificar. Esse cheiro trouxe tudo de volta. Como ela se sentiu em meus braços. A seda de sua pele sob meus lábios.

Eu me dei uma boa sacudida. Não era a hora. Caelyn tinha passado por muito. Eu precisava ser um amigo e apoiá-la, nada mais.

Eu me endireitei do meu lugar no computador e me dirigi para a estante mais distante. Toda a parede de trás estava coberta de prateleiras, mas uma era um pouco diferente — um projeto que meu pai instalou na casa. Ele não era paranoico, mas *era* cauteloso. Ele sabia que as pessoas desejavam mal à minha família. Ou quem teria adorado sequestrar um de nós para pedir resgate. Então, ele fez tudo que pôde para manter sua família segura.

Eu dei um pequeno puxão na lateral da prateleira. Ele balançou para fora. Entrei na pequena sala que levava a outra porta. Próximo a ele estava um teclado. Digitei um código de seis dígitos e ouvi a fechadura girar. Puxando a segunda porta aberta, uma luz piscou automaticamente. As lâmpadas que iluminavam a escada emitiam uma luz ambiente baixa. Apenas o suficiente para ver para onde você estava indo, mas não o suficiente para expor sua localização a alguém no escritório se as luzes estivessem apagadas.

Desci as escadas para o pequeno porão. Havia alguns catres, algumas cadeiras de acampamento e uma parede de suprimentos de emergência. A maior parte da comida precisava ser eliminada quando eu voltei, mas eu substituí parte dela. Eu tinha um estoque decente de lanches e água. E havia um telefone fixo secundário que permitia ligações caso alguém o invadisse.

Fazia meses desde que eu estive aqui. Mas tudo ainda estava em seu lugar. E havia espaço de sobra para todos os atuais residentes da casa da fazenda. Em alguns dias ou uma semana, quando as crianças estivessem acomodadas, eu mostraria a eles o quarto seguro. Ensine—os a memorizar o código. Mostre a eles como usar o telefone.

Ter o plano ajudou de alguma forma. Era outra ferramenta em meu arsenal para mantê-los todos seguros. Eu apaguei a luz e subi de volta, saindo em meu escritório.

Eu me acomodei atrás do computador, abrindo um navegador de internet dessa vez. Eu odiava quando as pessoas pesquisavam coisas sobre minha vida na internet. Não que eu também quisesse ser questionado sobre isso, mas havia algo na ação anônima que parecia uma violação. No entanto, isso era exatamente o que eu estava prestes a fazer com Caelyn.

Havia coisas que eu precisava saber para que eu pudesse estar preparado para todas as possibilidades que ela poderia estar enfrentando, no entanto. Detalhes que eu não queria força-la a passar novamente. Então, digitei o nome do pai dela: *Sean O'Connor.* Uma longa lista de acessos apareceu na minha tela.

Alguns resultados não tiveram nada a ver com *Anchor* e Caelyn. Mas muito mais o fez. Cliquei em um artigo de um jornal de Seattle. Os julgamentos ocorreram lá. Os casos são um pouco grandes demais para nossa pequena cadeia de ilhas.

Eu li as palavras. O repórter parecia estar cobrindo o caso do começo ao fim. Mais pessoas estavam envolvidas do que eu pensava originalmente. Mais de uma dezena de detenções e oito condenações. A maioria das sentenças estava na faixa de cinco a dez anos. Pessoas que estiveram envolvidas na quadrilha de tráfico de drogas na qual Sean estava inserido.

Parecia que havia mais do que alguns que o promotor não tinha provas suficientes para condenar. Não pude deixar de me perguntar o que teria acontecido com aquelas pessoas e com a rede de preparadores e distribuidores. Eles não tinham simplesmente desaparecido. Talvez eles aprimoraram as maneiras de esconder seus movimentos.

Minha mente não pôde evitar saltar para a possibilidade de que era uma daquelas pessoas que estava causando problemas para Caelyn. Mas não fazia sentido. Se eles realmente culpassem Caelyn e seus irmãos por seus testemunhos, eles não teriam começado o assédio antes?

Meu olhar se fixou em uma foto do artigo. A mulher nele parecia ser bem mais velha. Seu rosto parecia estar enrugado com o peso de suas ações. Chrissy O'Connor. Ela tinha ódio e amargura suficientes para jogar um tijolo na janela de seus filhos?

Estava tão longe de tudo que eu poderia imaginar. Eu sabia que pessoas faziam coisas horríveis. Inferno, eu experimentei mais do que me correspondia. Mas eu não conseguia entender uma mãe sendo tão cruel. Talvez fosse porque a minha tinha sido tão carinhosa. Meu peito ardeu com o pensamento. Com a pergunta que sempre me assombrou. *Por que eles?* Meus pais e minha irmã não eram perfeitos, mas eram pessoas boas, gentis e generosas. Por que os perdemos quando essa lista interminável de criminosos cruéis e violentos teve uma vida longa e feliz?

Eu saí do navegador. Foi um erro descer naquela toca do coelho. Eu não precisava da escuridão dos pensamentos girando em minha mente agora. Porque eu já fui engolido por aquela escuridão antes. E levei anos para sair.

Eu me levantei, bloqueando a tela do computador. A minha pele ainda estava coçando, precisando de algo, *qualquer coisa* para fazer. Normalmente, eu trabalharia na casa da fazenda. Deixar que o esforço fisico resolva toda a tensão e ansiedade. Mas agora eu tinha uma casa cheia de pessoas que acordariam se eu o fizesse.

Eu olhei para o relógio. Passava um pouco das seis. As crianças se levantariam por volta das seis e meia. Café da manhã. Eles precisariam do café da manhã. E isso me daria algo para fazer com minhas

mãos. Uma atividade para vencer os monstros que batiam na minha porta.

Eu caminhei até a cozinha, parando no meio do espaço. Eu não tinha a menor ideia de por onde começar. Ingredientes. Fui até a despensa, tirando um pedaço de pão. Torrar foi fácil. Eu poderia lidar com torradas.

Coloquei no balcão e fui até a geladeira, examinando o conteúdo. A maior parte eram refeições embaladas que Caelyn tinha deixado. Mas não havia o suficiente para todos nós. Eu tinha uma caixa de ovos e um pouco de queijo.

Meu pai era o mestre dos ovos com queijo. Todo sábado de manhã, ele ficava encarregado da cozinha. Ele ligava a rádio em uma estação antiga e cantava desafinado enquanto cozinhava, Beth e eu sentados no balcão observando-o trabalhar.

Tive o desejo repentino e ardente de fazer ovos com queijo para Caelyn e as crianças. Pegar meu alto-falante portátil e encontrar alguns clássicos para tocar. Mas eu traçaria o limite em cantar. Isso estava indo longe demais.

Tirando os ovos e o queijo, fecho a porta com o pé. Mudei de armário em armário, pegando tudo que eu poderia precisar. Pan. Ralador de queijo. Sal e pimenta. Tigela. Imaginei meu pai, os passos que ele dava todas as manhãs de sábado. Mas a imagem, os detalhes dele, eram confusos. Eu podia ver seu rosto claro como o dia, mas suas mãos estavam fora de foco.

Murmurei algumas maldições bem baixinho. Maldições por perder mais um pedaço dele. E foi minha própria culpa. Porque eu não mantive sua memória viva. Em vez disso, eu o guardei por muito tempo. Porque toda vez que eu pensava neles, eu era inundado com a dor de eles terem sido tirados de mim. Então, eu desliguei tudo. O bom e o mau. E eu

aprendi tarde demais que perder o bom era muito pior do que lembrar o ruim.

Quebrei um ovo na lateral da tigela com um pouco mais de força. Pedaços da casca voaram para dentro da tigela. — Droga. Peguei uma toalha e acabei jogando tudo na pia.

— O que está acontecendo?

Eu me virei ao som da voz de Caelyn, minhas mãos cobertas de casca de ovo e clara. — Eu, uh. Inferno. Eu estava tentando fazer ovos com queijo, mas, aparentemente, não fui feito para o trabalho.

Seus lábios se curvaram. — Ovos com queijo, hein?

— Meu pai costumava fazer. Todos os sábados. Eu apenas pensei que seria bom fazê-los para vocês.

A expressão de Caelyn se suavizou. — Eu adoro que você tenha pensado em fazê-lo. Aposto que teria gostado do seu pai. Porque que sou um grande fã de ovos com queijo.

Eu pude ver a imagem. Caelyn na cozinha cozinhando com meu pai. Ela e minha mãe rindo dele. Ela teria se encaixado perfeitamente. Limpei minha garganta. — Ele teria te amado.

Ela foi até a pia, pegando a tigela e enxaguando-a. — Então, o mínimo que posso fazer é fazer alguns ovos de queijo em sua homenagem.

E foi isso que fizemos. Caelyn me acompanhou em seu processo e, ao fazê-lo, a imagem do meu pai ficou um pouco mais clara. A imagem de suas mãos menos borrada. Caelyn foi um milagre, me devolvendo minha família sem nem mesmo saber.

27

Caelyn

— Tem certeza de que vocês querem ir? Eu examinei os rostos de Ava e Mia. Eu já tinha ligado para o Sr. Walters e pedido um dia de folga porque presumi que as meninas iriam querer ficar em casa e não ir à escola. Para descansar, se recuperar. Eu deveria saber melhor.

Mia acenou com a cabeça enquanto comia sua última colher de ovos com queijo. — Se eu não for à escola, não posso ir à ginástica com Katie. Eu não quero perder a aula.

Ava se levantou, levando seu prato para a pia. Tenho um relatório de livro que preciso entregar.

Will me olhou do outro lado da mesa. Eu vou ficar em casa.

Eu o olhei — Desculpe, amigo. Você está preso na velha e chata história hoje.

Ele encolheu os ombros. — Valeu a tentativa.

Griffin riu enquanto se levantava e pegava o prato de Mia. — Eu também teria tentado. Eu odiava história. Sempre confundia as datas das coisas.

Meus olhos encontraram algo quando ele agarrou os talheres de Mia. Cordão colorido tecido em um padrão de arco—íris. Tentei engolir o amontoado de emoção. Não adiantou. Lágrimas picaram os cantos dos meus olhos.

— Oh cara. E agora? — Will perguntou enquanto me olhava incrédulo. — Como no mundo você pode ficar chorando com a aula de história?

Griffin estava na minha frente em um flash. — O que é isso? O que está acontecendo? Sua cabeça dói?

— Não. Não, eu estou bem. Eu rapidamente limpei meus olhos, dando a ele um sorriso com lagrimas. — Você está usando a pulseira de Mia.

Ele olhou para a pulseira em seu pulso. — Isso é bom ou ruim?

— Bom. É bom, eu resmunguei.

— É o melhor, disse Mia, pulando da cadeira.

Griffin me lançou um olhar cauteloso. — Eu nunca si o que dizer com suas lágrimas. Elas são realmente desconcertantes.

Comecei a rir e Will balançou a cabeça. — Eu sempre digo que ela precisa de interruptores.

Apontei meu garfo para Will e então para Griffin. — Vocês dois estão na minha lista você-sabe-o-quê. Não posso evitar quando elas vêm à tona. — Fiquei com pena da expressão ligeiramente assustada ainda no rosto de Griffin. — Na maioria das vezes, são lágrimas de felicidade.

— Mmm—hmm, ele murmurou.

Eu me afastei da mesa, balançando a cabeça. — Quem diria que a única coisa que deixaria os homens imobilizados, assustados mais do que qualquer outra coisa, seriam apenas algumas lágrimas.

Griffin riu. — Você sabe como me pegar.

Passamos por nossa rotina matinal com facilidade. Como se todos nós estivéssemos limpando e nos preparando para nossos dias juntos por

anos. Não deveria ter sido uma surpresa. Tudo com Griffin sempre parecia se encaixar. E as crianças floresceram sob sua atenção. Mas não pude deixar de me perguntar o que aconteceria quando tivéssemos que partir.

Larguei o resto da minha prole, certificando-me de que eles sabiam que poderiam ligar a qualquer momento se estivessem preocupados, assustados ou oprimidos. Então eu simplesmente me sentei no estacionamento da escola primária. O Sr. Walters já havia pedido a Max e Molly para me dar cobertura na loja. Eu tive o dia total e completamente livre. Quando foi a última vez que isso aconteceu? Sinceramente, não conseguia me lembrar. E eu não tinha a menor ideia de como gastá-lo.

A última coisa que eu queria era ser um estorvo na casa da fazenda. Griffin já havia aberto sua casa para nós quando estava acostumado à solidão. Mandei uma mensagem para Parker.

Eu: *Alguma atualização?*

Mal se passaram doze horas, mas continuei esperando por um milagre. Que eles encontraram o perpetrador e estavam na prisão. Que era um bando de crianças que saíram do controle, mas depois de um susto, aprenderam o erro de seus atos. *Alguma coisa.*

Parker: *Nada ainda, mas estamos trabalhando nisso. Vai demorar um pouco para processar todas as evidências. Você está bem?*

Meus ombros caíram. O tempo era o que mais trabalhava contra nós. Porque quanto mais tempo isso demorava, mais oportunidades essa pessoa invisível tinha. Estremeci, sentindo-me subitamente muito exposta no estacionamento da escola meio vazio.

Eu: *estou bem. Obrigada por tudo que você está fazendo.*

Parecia que eu tinha sofrido um acidente de carro e na minha cabeça havia uma banda marcial tocando lá dentro, mas eu não diria nada.

Parker: *Vou atualizá-la assim que tivermos alguma coisa.*

Mas eu não queria esperar pelo processamento das evidências ou tentar rastrear todos os vizinhos em um raio de quatro quarteirões. Eu tinha algumas perguntas que precisava responder por mim mesmo. Liguei o motor do meu SUV e fui para a balsa.

Normalmente, os passeios de balsa de uma ilha a outra eram relaxantes. Eu saía do meu veículo e me sentava no convés superior, apreciando toda a beleza ao meu redor. Desta vez, eu fiquei parada. Deixei minha visão ficar turva na fila de carros na minha frente. Eu joguei os argumentos para frente e para trás em minha mente. Mas eu mantive decidida sobre uma coisa. Eu a tinha que ver.

Parker poderia fazer um milhão de perguntas à minha mãe, mas eu tinha uma chance melhor de saber se ela estava dizendo a verdade. E talvez, apenas talvez, ela fosse honesta comigo. Se ela tivesse atirado aquele tijolo, se ela estivesse realmente com raiva, eu não acho que ela seria capaz de esconder esse tipo de raiva — não se estivéssemos cara a cara.

Eu estava cansada de me esconder. De sentir medo. E ninguém, especialmente minha mãe, machucaria meus irmãos. Eles já haviam passado pelo suficiente. Este novo jogo tinha que parar. Agora.

Em um piscar de olhos, estávamos atracando em *Shelter Island*. Minhas mãos apertaram o volante enquanto esperava minha vez de desembarcar. Quando estava descendo a rampa da balsa, minhas mãos estavam úmidas e meu estômago parecia ter se retorcido em um nó complicado.

Não precisava de um mapa para encontrar o caminho até o estacionamento de trailers. Meus pais costumavam nos levar lá quando crianças, quando amigos deles faziam churrascos. Tentei ver essas memórias por uma nova lente. Eles já estavam usando? Traficando? Eu

ainda não conseguia imaginar. Tudo que eu conseguia lembrar era que me disseram para deixar os adultos em paz e não ter problemas.

Eu dirigi pela cidade. Passando pelo pitoresco distrito comercial, pelos bairros pitorescos onde as casas exibiam flores recém colhidas em vasos e gramados imaculados. Logo, a paisagem ficou um pouco mais rural e, finalmente, avistei uma placa surrada marcando o desvio.

Eu parei no parque. Os trailers ficavam próximos uns dos outros, os quintais, se é que se podia chama-los assim, pequenos. Alguns eram bonitos, como se os proprietários se orgulhassem do ambiente. Eu respeitava muito os donos daqueles trailers. Eu sabia o que era tirar o melhor proveito do que você tinha. Como era difícil esticar aquele dólar. Colocar o trabalho árduo em sua casa após um longo dia de trabalho.

Mas a maioria dos trailers parecia ter desistido. Ou pelo menos as pessoas dentro deles. Parei em frente ao escritório do gerente. Quando desci do meu SUV, uma mistura de música de partir o crânio me assaltou. Hoje, parecia que um fã de country estava enfrentando uma *groupie* de hard rock, tentando ver quem conseguia aumentar o volume do som.

Abri a porta de tela. Havia buracos a malha e a tinta estava descascando em alguns lugares. Uma mulher estava sentada atrás de um balcão. Não, ela reclinada. A cadeira da escrivaninha dela estava tão inclinada para trás que parecia que ela estava a segundos de cair para trás.

Abri a boca para falar, mas ela ergueu um dedo para que eu esperasse, sua atenção concentrada em uma pequena televisão no canto do balcão. O enredo da série era suave, e duas pessoas foram presas em um abraço apaixonado. Assim que o homem aprofundou o beijo, outro entrou na sala. — Como você pode? Então a tela mudou para um comercial.

— Cacete. Eu sabia que isso ia acontecer, mas ainda não posso esperar para descobrir o que vai acontecer. A mulher que parecia estar na casa dos quarenta voltou sua atenção para mim. —Desculpe por isso, querida. Estou muito viciada naquela serie.

Eu não pude deixar de devolver o sorriso da mulher. Talvez eu precisasse adquirir o hábito de TV durante o dia. — Estou procurando o trailer de Chrissy O'Connor. Você pode me dizer qual é?

A expressão da mulher tornou-se cautelosa. — Você é policial? A polícia tem incomodado loucamente aquela pobre mulher. Eu não tenho problemas com ela. O resto desses *hooligans*? Somente dores de cabeça. Mas Chrissy, ela não me dá problemas.

— Eu sou filha dela. Eu odiava até mesmo dizer as palavras. Ela havia perdido o direito de ser minha mãe há muito tempo. Mas eu diria o que fosse preciso para acabar com isso.

Os olhos da gerente se arregalaram. — Eu nem sabia que ela tinha filhos.

— Ela não quis.

— Mas você acabou de dizer... Ela acenou com a mão. — Oh, esqueça, eu tenho drama suficiente com minhas series. Ela está no número doze. No canto de trás.

— Obrigada. — Deixei a mulher com sua série e voltei para o meu SUV. Enquanto eu manobrava pelo parque, meu estômago deu um nó cada vez mais apertado. Eu tentei o meu melhor para bloquear cada emoção, para esconder qualquer expressão do meu rosto. Porque, por tanto tempo, eu não queria dar a minha mãe a satisfação de saber o quanto ela me machucou.

Eu diminuí quando os números se aproximavam do doze. Parando do lado de fora de um trailer que estava em algum lugar entre os dois

extremos. Não havia vasos de flores ou móveis bonitos de jardim. Mas também não havia lixo no quintal ou pintura descascada.

Desliguei o motor e respirei fundo. Saindo do meu veículo, acionei o alarme e agarrei minhas chaves com tanta força que o metal bateu em minha palma. Subi os três degraus até a casa e bati.

Eu não ouvi nada no começo. Mas, novamente, com os amantes da música em guerra do outro lado do parque, eu não teria escutado nada. Quando eu estava prestes a bater novamente, a porta se abriu.

Eu respirei fundo ao ver a mulher na minha frente. A única palavra girando em minha mente era *abatida*. Ela parecia incrivelmente abatida. Eu lutei contra a simpatia que estava voando em minha barriga. Lembrei—me daquele telefonema aterrorizado que recebi tantos anos atrás. Eu me lembrei do tijolo. Os cortes no rosto de Mia. Tudo em mim endureceu.

— Mãe.

Ela piscou rapidamente para mim. — Caelyn. O que você está fazendo aqui?

Não, *Oh meu Deus, é tão bom ver você, menina.* — Sem implorar por perdão. Apenas me perguntando por que diabos eu estava aqui e a incomodando.

— Eu preciso falar com você.

Ela olhou ao redor do estacionamento de trailers como se procurasse alguém. Foi o traficante dela? Alguém com quem ela não queria que eu soubesse que estava associada? — Tudo certo. Ela recuou para o pequeno espaço. — Quer alguma coisa para beber?

Meu olhar saltou ao redor da sala de estar e da cozinha. Tudo estava surpreendentemente limpo e arrumado. — Não, eu estou bem.

Minha mãe se acomodou em uma poltrona reclinável que parecia ter visto dias melhores. O que aconteceu com a sua cabeça?

Eu ignorei sua pergunta. — Você estava em *Anchor* semana passada?

Ela enrijeceu, o leve balanço de sua poltrona reclinável. Ela umedeceu os lábios. — Eu precisava ver vocês. Eu não ia falar com você. Eu só tinha que ver com meus próprios olhos como você estava.

— Você precisava nos ver? Eu repito. Eu não conseguia dizer mais nada.

— Mia está tão grande. — Lágrimas encheram os olhos de minha mãe. — E Ava. Ela é quase uma senhorita.

— Ela ainda é uma criança, eu respondi de volta. — E ver você iria confundi-la. E causar-lhe uma enorme dor.

A cor sumiu do rosto da mamãe. — Eu sei. É por isso que não tentei falar com você. Eu só precisava ver.

— Você não ganhou o direito de ver nada.

— Eu sei que não. Mas eu sempre fui egoísta.

A admissão me fez calar por um momento. Eu simplesmente encarei a mulher na minha frente, tentando ler sob a superfície, para descobrir a verdade. — Você deixou um recado no meu carro?

Seus olhos se arregalaram. — Não. Eu juro. Os policiais vieram perguntar sobre isso e eu disse a eles a mesma coisa.

— Você jogou um tijolo pela minha janela ontem à noite?

Mamãe se endireitou na cadeira. — Não, eu não joguei. O que diabos está acontecendo? Alguém jogou um tijolo na janela do seu carro?

Se ela estava mentindo, era uma atriz incrível. Eu balancei minha cabeça. — Pela janela da nossa casa.

Minha mãe cambaleou e agarrou minha mão. — Você precisa ser cuidadosa. As pessoas com quem seu pai se envolveu… São pessoas perigosas. Pior do que muita gente sabe. E um monte deles já está fora. Saíram antes de mim.

Eu puxei minha mão fora de seu alcance. Eu não queria ter nada a ver com seu toque. Sua preocupação, fosse uma atuação ou real. — Do que você está falando?

Ela começou a olhar em volta furtivamente como se alguém fosse pular a qualquer momento. Meus dentes de trás cerraram-se. — Você está chapada?

— O que? Não. Seu rosto endureceu. Fiquei sóbria na prisão. Seis anos.

Tentei ver a verdade nela. Ou confirmação de uma mentira. Mas eu não sabia. Eu não conhecia mais essa mulher. Ela poderia muito bem ser uma estranha na rua. — Você sabe onde papai está?

Seus olhos mudaram, olhando para algo por cima do meu ombro. — Não.

Isso era mentira. Cada músculo em mim endureceu, incluindo meu coração. — Se você se preocupa com sua família, você dirá a Parker onde ele está. Deixe o FBI trazê-lo. Talvez, se ele for preso, possamos finalmente colocar esse pesadelo de lado. Will e Ava não vão se preocupar se ele vai aparecer do nada um dia.

— Ele é meu marido, ela sussurrou.

— Ele é um traficante que trouxe pessoas violentas para a casa de seus filhos.

A dor parecia derramar de seus olhos, mas ela não vacilou por um momento. Nem mesmo considerou alterar sua postura. — Você não pode mudar quem você ama.

— Então você é mais idiota do que eu pensava. Eu girei no meu calcanhar, indo para a porta.

— Espere, Caelyn. Por favor. Você precisa ser cuidadosa. Você não entende.

Eu tentei esquecer enquanto descia as escadas correndo para o meu SUV. Mas nada silenciaria o conhecimento de que minha mãe sempre escolheria o marido em vez de qualquer outra pessoa. Mesmo que ele estivesse arriscando a vida de seus próprios filhos.

28

Griffin

Desliguei meu telefone pela quarta vez. Ainda sem resposta. Eu agora estava andando de um lado para o outro na frente da minha caminhonete. Eu passaria na *The General Store* para verificar Caelyn, apenas para ter certeza de que ela estava aguentando firme e não se preocupando com as crianças ou alguém fazendo qualquer coisa enquanto ela estava no trabalho. Mas Caelyn não estava lá. Uma mulher que eu só tinha visto algumas vezes estava trabalhando no posto da cozinha. Ela me disse que Caelyn havia tirado o dia de folga. Onde diabos ela estava? Ela deixou as crianças às 8h15 e agora era quase hora do almoço.

Eu caminhei em direção a praia, examinando a costa. Sem dúvida, havia gente andando por aí, a temporada de turismo estava aumentando. Mas eu não vi Caelyn em lugar nenhum.

Toquei o contato de Parker no meu telefone. Depois de dois toques, ele atendeu. — Raines.

— Ei, é Griffin. Você ouviu falar de Caelyn hoje?

— Ela me mandou uma mensagem esta manhã para verificar se tínhamos feito algum progresso. Por quê?

Murmurei uma maldição. — E deixe-me adivinhar, você não tinha nada para ela.

— Ainda não. O que está acontecendo? Caelyn está bem?

Meu coração apertou com a pergunta. — É melhor ela ficar bem. — Ela simplesmente não está atendendo ao telefone, mas tenho quase certeza de que sei onde ela está.

Alguém colocou a família de Caelyn em perigo. As crianças que ela faria absolutamente qualquer coisa para proteger. Então ela iria até a pessoa que poderia ser a fonte. Comecei a voltar para minha caminhonete. — Tenho que ir, mas avisarei se não a encontrar.

— Que tal você me avisar de qualquer maneira?

— Vou fazer. Eu acertei o finalizar na minha tela quando entrei na minha caminhonete. Eu dirigi para a balsa assim que eles estavam carregando. Bati um ritmo no volante como se isso fosse fazer o barco ir mais rápido. Quando isso falhou, tentei Caelyn novamente. Nada ainda.

Um milhão de cenários diferentes passaram por minha mente. Cada um estava pior do que o anterior. Não tínhamos ideia de com quem a mãe de Caelyn estava confusa atualmente. Ela poderia ter saído da prisão e voltado direto para a esquipe que havia abandonado. No entanto, eu teria apostado meu último dólar que era exatamente para onde Caelyn tinha ido.

Os carros começaram a descer lentamente quando chegamos a *Shelter Island* e eu busquei a localização do estacionamento de trailers no meu telefone. Ela mencionou que sua mãe estava hospedada lá, mas eu não tinha nada nem o número de trailer. Com sorte, eu poderia simplesmente dirigir até ver o SUV de Caelyn.

Mas, ao descer a rampa, avistei o veículo que Caelyn chamava carinhosamente de *Big Bertha*. Pela primeira vez na última hora, respirei fundo. Ela estava segura. Mas quando vi sua expressão ao passar, soube que ela estava longe de tudo. Fiz uma rápida meia—volta e entrei na fila com os veículos que voltavam para *Anchor*.

Cada segundo que passava, agarrava o volante com mais força. Assim que estacionei no meu lugar na balsa, desliguei o motor e pulei da caminhonete. Eu era alto o suficiente para ter um ponto de vista decente para examinar os carros. Depois de um minuto, vi o SUV na

esquina da frente. Eu caminhei rapidamente pelo labirinto, mas o veículo de Caelyn estava vazio.

Minha mandíbula tremia enquanto tentava adivinhar onde ela tinha ido. Em algum lugar do lado de fora, mas não muito cheio. Contornei os grupos de turistas e fui para a parte traseira da balsa. O cabelo de Caelyn voou atrás dela em ondas longas e brilhantes. Meu ritmo aumentou sem que eu sequer pensasse nisso, e quando eu apertei seu ombro, ela se virou, os punhos cerrados. — Griffin. Ela soltou uma respiração com a palavra. — O que você está fazendo aqui?

— Você não estava atendendo ao telefone. Como se isso explicasse tudo.

Sua testa franzida. — Mas como você sabia onde eu estava?

— Quando percebi que você não estava na loja, não foi preciso ser um gênio para descobrir onde você foi. Por que diabos você não atendeu o celular? A frustração que parecia um pouco com raiva deslizou em meu tom.

A expressão de Caelyn endureceu. — Eu não ouvi, ok?

— Você não deveria ter ido ver sua mãe sozinha. Você tem ideia de como isso poderia ser perigoso? Você não tem ideia de com quem ela está se juntado atualmente. Essas mesmas imagens, os e se, encheram minha mente, e meu temperamento ficou mais forte. Você poderia ter se machucado. Morto. Então o que Will, Ava e Mia fariam?

Os olhos de Caelyn ficaram glaciais. —Eu sei melhor do que você a responsabilidade que está em meus ombros. Eu faria qualquer coisa por eles.

Eu soltei uma forte respiração, tentando controlar minha raiva. — Eu sinto muito. Eu sei. Eu só estava — eu estava preocupado.

A luta pareceu sair de Caelyn em um flash, e as lágrimas encheram seus olhos. —Não, me desculpe. Eu precisava vê-la. Precisava saber se era nossa mãe que estava fazendo tudo isso.

Puxei Caelyn em meus braços, segurando-a perto, como se isso pudesse garantir que ela estava segura, inteira, não mais em perigo. — Você a viu? — Ela acenou com a cabeça contra meu peito. — Foi ela?

— Sim, e eu honestamente não sei. Acho que não. Caelyn começou a chorar ainda mais forte. Mas ela não se importa. É tudo sobre meu pai. Ele é a única pessoa que ela realmente amou. Mas nem é amor. É esse vício doentio. Ela sabe onde ele está.

Eu fiquei tenso. —Ele está aqui? Em uma das ilhas? Havia dezenas em nossa pequena rede. Alguns maiores, como Shelter, alguns de tamanho médio, como *Anchor*, e outros ainda menores. Muitas eram propriedade privada. Se Sean O'Connor quisesse desaparecer aqui, e ele teve ajuda, não seria difícil.

— Eu não faço ideia. Ela não me disse nada. Mesmo sabendo que alguém está ameaçando seus filhos, ela *ainda* não me disse nada.

E aí estava o motivo das lágrimas. Eu não conseguia entender a dor que perfurava uma pessoa. Ter um pai te traindo assim. Pressionei meus lábios no topo da cabeça de Caelyn. — Ela não merece você. Nunca mereceu.

As mãos de Caelyn agarraram minha camiseta. — Ela disse que está sóbria. Já faz seis anos. Eu pensei que se isso acontecesse, ela se importaria. Que se você tirasse a bebida e os comprimidos, talvez ela ficasse como deveria estar o tempo todo. Mas ela não se importa, Griffin. Ela nunca fez isso. O que há de tão desagradável em mim?

Meus braços se contraíram com suas palavras, estremecendo e apertando ao redor dela. — Não há absolutamente nada sobre você que

seja desagradável, Caelyn. Ela é quem está quebrada. E você não pode assumir o problema de outra pessoa. Isso é deles para carregar.

— Eu sinto que não importa o que eu faça, não importa quantas vezes eu diga a mim mesma que não vale a pena ou quanta evidência eu coloque na minha frente, eu ainda quero o amor dela. E eu me odeio por isso.

Esfreguei a mão para cima e para baixo nas costas de Caelyn, meus dedos dançando sobre a sua coluna. —Provavelmente sempre existirá, a dor de perder o que você sempre quis, mas nunca teve. Mas a dor, o desejo, vai diminuir. Quanto mais plena sua vida, menos você notará que ela não está nela.

Caelyn inclinou a cabeça para trás para que seu queixo descansasse no meu esterno. — Como você ficou tão sábio?

Eu sorri. —Você fica pensando muito quando trabalha sozinho em uma casa. Seus lábios estavam muito perto meus. Eu queria beijá-la tanto que era uma dor física. Eu queria me perder em sua boca e roubar toda a sua dor.

— Nós temos impedido você de ficar sozinho.

— Vale a pena. O único problema era que eu nunca queria que eles fossem embora.

29

Czelyn

Inclinei meu rosto para o sol, deixando seu calor penetrar em mim.

— O que você está fazendo, Cae Cae? Mia perguntou, parando ao meu lado.

"Estou absorvendo todo o calor e a felicidade." Porque depois de ontem, eu precisava de tudo o que pudesse conseguir. Eu ainda sentia que estava com uma ressaca de choro e Griffin estava me tratando como vidro. Mas principalmente, eu estava melhor. Eu só precisava liberar todas aquelas coisas tóxicas que eu tinha dentro de mim e raramente deixava alguém ver, mas depois de arejar, liberar, me senti muito mais leve.

Ela deu uma risadinha. Achei que devíamos estar ajudando Griffin.

Abri meus olhos e olhei para Mia. — Você está certo. Eu estendi a mão e ela a pegou. — Vamos nos livrar de alguns arbustos feios.

Seu rosto se contraiu. — Eles são muito feios.

Algum tipo de arbusto invasor havia feito um lar nos fundos da propriedade de Griffin, entre o jardim e o lago. E nosso projeto de sábado era conseguir tirar o máximo que pudéssemos de lá. Uma lixeira foi entregue e colocada ao lado da oficina, pronta para ser preenchida.

Esta manhã, antes de a maioria de nós acordar, Griffin foi à loja de ferragens e pegou luvas para mim, Ava e Mia. A meu tinha margaridas, o de Ava era verde e, para a alegria de Mia, o dela era rosa. Era exatamente o que todos nós precisávamos. Um senso de propósito, um bom trabalho duro antiquado e estarmos juntos.

— As lentas estão finalmente aqui, Will falou quando nos aproximamos.

— Estávamos absorvendo a felicidade, defendeu Mia.

Os lábios de Griffin se curvaram. — E como você faz isso?

Mia abriu os braços, virando o rosto para o sol. — Como isso.

Ele deu uma risadinha. — Parece bom para mim. Você ficou feliz o suficiente para me ajudar a limpar alguns arbustos?

Mia assentiu com seriedade e ergueu as mãos enluvadas. — Estou pronta.

"OK. Você e Ava vão pegar todos os gravetos e coisas que caíram no chão. Você vai coloca-los nos sacos de lixo ali e, quando elas encherem, nós os colocaremos na lixeira. Você acha que pode fazer com isso?

— Fácil, ela respondeu.

Griffin se virou para Ava. — E você?

Ela sorriu. — Vou garantir que Mia não tente fugir e nadar.

Eu gemi. Mia estava implorando que fôssemos nadar no lago agora que os dias estavam mais quentes, e eu estava constantemente com medo de que ela fosse nadar sozinha.

— Eu não ia, Mia disse indignada. — Você é uma fofoqueira.

— Não estou fofocando, só prometendo mantê-la longe de problemas — Ava argumentou.

Eu gemi. Seria um longo dia se já estivéssemos neste ponto às nove horas da manhã. — Meninas... Que tal isso? Se limparmos todos os arbustos e vocês duas não discutirem, iremos para o lago esta tarde.

O rosto de Mia se iluminou e ela começou a dançar em círculos. — Vamos nadar!

— Só se for um bom dia, avisei.

Sua dança desacelerou e ela ficou muito séria. — Melhor comportamento. Vou pegar cada um dos gravetos.

Will bufou. — Quem diria que bastou a promessa de um lago para controla-la?

As meninas correram para começar suas tarefas, e eu me virei para Griffin e Will, erguendo minhas mãos enluvadas de margarida. — Reportando para o dever.

— Eram margaridas ou marrons sem graça. As margaridas pareciam mais adequadas. Eles estão ensolarados, Griffin disse, seu olhar fixando no meu.

Algo em sua expressão fez minha barriga esquentar, e tudo dentro de mim ficou um pouco mole. — Eu gosto das margaridas.

Will pigarreou. — Podemos começar a trabalhar?

Eu tossi e Griffin se virou, esfregando o pescoço. — Tudo certo. Vou usar uma picareta para chegar às raízes dessas coisas. Então, vocês dois podem retirá-las e jogá-las no lixo. Só me avise se ficar muito ou se você precisar de uma pausa.

Segui Griffin até o primeiro pedaço de mato. — Você esqueceu. Estou acostumada a ficar de pé e cozinhar o dia todo. E eu faço ioga. Eu posso lidar com isso.

Griffin arqueou uma sobrancelha. — Yoga não é exatamente trabalho manual.

— É mais difícil do que você pensa, argumentei. Ele zombou, e eu sabia que o faria pagar por aquele som. — Se é tão fácil, então você não se importa de fazer uma sessão comigo uma manhã qualquer?

Griffin lançou a picareta na terra, atingindo o centro e as raízes do arbusto. — Eu posso fazer com um pouco de ioga.

Will gemeu quando puxamos as raízes que se soltaram. "Você vai se arrepender de que essas palavras tenham passado por seus lábios.

Eu sorri para Will enquanto arrastávamos o arbusto para a lixeira. Ele me conhecia muito bem. Não havia nada que eu amasse mais do que provar como a ioga pode ser difícil. Quando eu costumava dar uma aula normal aos sábados, era sempre o ponto alto do meu mês quando uma das mulheres trazia seu marido duvidoso, e ele suava e praguejava antes que a aula terminasse.

Trabalhamos por mais uma hora ou mais antes de Griffin aparentemente ter suado o suficiente para tirar sua camiseta. Engoli em seco enquanto observava seus ombros largos e músculos definidos. Will bateu em mim. — Você está babando.

Eu dei um empurrão nele. — Só estou preocupado que Griffin tenha queimaduras de sol.

Will revirou os olhos. — Você vai se oferecer para aplicar algum protetor solar?

Peguei minha garrafa de água e borrifei um pouco na direção de Will. Ele saiu correndo pelo caminho do riacho, rindo enquanto caminhava.

— Cae Cae! Mia chorou.

Eu estava instantaneamente em alerta, correndo em direção a sua voz, Griffin bem atrás de mim. Assim que avistamos as meninas, percebi que Mia tinha algo aninhado nos braços.

— O que aconteceu? Griffin gritou.

Mia ergueu os olhos, os olhos arregalados e maravilhados. — Um gatinho bebê.

Eu congelei. Mia se aproximou, revelando uma pequena bola de pelo cinza aninhada em seus braços. Não parecia velho o suficiente para estar longe de sua mãe ainda. Olhei para Griffin e depois de volta para Mia. — Onde você achou isso? Havia mais algum?

— Debaixo de um dos arbustos. Eu não vi mais nada e nós olhamos,

Ava assentiu, por quase trinta minutos. Ela olhou para Griffin. — Desculpe por termos interrompido nosso trabalho. Mas aquele gatinho precisa da mãe, certo?

Griffin bagunçou o cabelo de Ava. — Você fez a coisa certa.

— Eu serei a mãe dela, disse Mia. — Por favor, Cae Cae! Podemos ficar com ela? Por favor?

Meu peito apertou e meus olhos queimaram. — Não podemos, Mi. Você sabe o que o proprietário disse.

Mia imediatamente se virou para Griffin. — Você vai ficar com ela, Griffin? Por favor? Eu vou cuidar dela. Você não terá que fazer nada. Estou economizando minha mesada e posso pagar pela comida dela.

Griffin olhou para mim com pânico nos olhos. — Como você diz não para aquela cara?

— Quase sempre me mata. Quando eu estava prestes a explicar a Mia que Griffin não poderia manter sua nova amiga, a gatinha soltou um *miado* feroz.

— Eu acho que ela quer descer, disse Ava.

Mia colocou o gatinho na grama, e ele imediatamente foi até Griffin. Em vez de se esfregar em sua perna como a maioria dos gatos fazia, ele se lançou sobre ele, prendendo suas garras nos jeans de Griffin e começando a subir.

— Ai, merda, Griffin estremeceu. — Vou chama-lo de Lúcifer.

Eu arranquei o gatinho da perna de Griffin e o abracei, virando-o de costas. — Tenho certeza de que é ela.

Griffin espiou por cima do meu ombro. — Como você sabe disso?

Eu pressionei meus lábios para segurar minha risada. — Sem bolas.

— Acho que é uma evidência sólida.

— Podemos chama-la de Luci! Mia aplaudiu.

Griffin olhou da gatinha para Mia e para mim. — Acho que tenho uma gata.

Meu coração deu um salto engraçado no meu peito. Que este homem faria qualquer coisa para deixar minha garota feliz. Até se inscreveu para o resto da vida com um gato demoníaco.

30

Griffin

Eu segui o som de um canto adoravelmente desafinado. Parando na porta da cozinha, levei um minuto para ver Caelyn. Ela estava de costas para mim enquanto cortava o que parecia ser morangos, colocando os pedaços em uma tigela ao lado dela. Enquanto ela cantava, seus quadris balançavam para frente e para trás. O movimento chamou minha atenção, mas foi o short jeans cortado que me manteve cativo. Eles se moldaram às suas curvas como se fossem feitos apenas para ela.

Eu olhei para outro lado e limpei minha garganta. — Ei.

Caelyn gritou, girando, faca na mão. — Eu vou ter que colocar um sino em você, eu juro.

— Só se for um rosa cintilante, como o que compramos para Luci.

Nas últimas vinte e quatro horas, Luci havia se consolidado como um membro da família. Ela tinha ido ao veterinário, vestida com tudo que uma gatinha poderia sonhar e se apegou a Mia como irmãs separadas no nascimento.

— Acho que terei que voltar para a loja de animais então, ela disse com um sorriso.

Eu olhei para a enorme pilha de morangos atrás dela. — O que você está fazendo?

— Eu roubei esses morangos na banca da fazenda. Estou pensando em bolo de morango para sobremesa.

— Você acha que poderia dobrar essa receita?

Caelyn colocou a faca na tábua de corte. — Claro por quê?

Girei meu celular entre os dedos. — Bell, Ford, Kenna, Crosby e Hunter estão vindo para o jantar.

Seus olhos se arregalaram. — Eles estão vindo? Não temos comida suficiente. E você não gosta de gente na sua casa.

Eu estremeci. Eu me sentia um lixo desde que gritei com Caelyn sobre esse fato. Mas ela estava me mostrando uma e outra vez que abrir minha casa e minha vida não significava que eu estava me colocando em risco. Havia boas pessoas nesta ilha, e Caelyn e suas amigas eram algumas delas. — Eu quero que você se sinta confortável aqui. E eu sei que você costumava organizar aquelas noites de jantar em família.

A expressão de Caelyn se suavizou. — Griffin, você não precisa se sentir desconfortável para nós. Você já fez muito.

Aproximei—me, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu quero. Eu quero que você e as crianças tenham isso. E quero conhecer melhor seus amigos.

Ela ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios na minha bochecha mal barbeada. — Obrigada. Você pode gostar deles, você sabe.

— Se eu não gostar, vou apenas mandar Luci para cima deles.

— Esse gato sabe como usar suas garras.

Eu gemi. Não era verdade? O sofá do meu escritório nunca mais seria o mesmo. — Precisamos descobrir como cortar as garras.

Caelyn ergueu as duas mãos, recuando. — Você está sozinho com isso, amigo. Gosto dos meus olhos onde estão.

Era apenas uma gatinha. Ela não poderia ser tão ruim. Então olhei para os meus antebraços, que já estavam cobertos de arranhões

vermelhos da nossa ida ao veterinário. — Talvez eu só compre para ela um poste para arranhar.

— Parece um plano muito melhor para mim. Caelyn foi até a geladeira, examinando seu conteúdo. Acho que terei de ir à loja se estivermos dobrando nossos convidados para o jantar.

— Fizemos uma festa americana. Estamos encarregados da sobremesa e eles estão cobrindo todo o resto.

Ela fechou a geladeira. — Deixe-me adivinhar, Bell está fazendo a um lado, Crosby se inscreveu para trazer algum tipo de carne e Hunter se ofereceu para trazer a bebida assim que você dissesse a palavra *festa americana*.

— Você certamente conhece seus amigos.

— Somos amigos praticamente desde o nascimento. Bem, todos, exceto Crosby.

Eu me perguntei como seria. Eu não tinha nenhum amigo assim. Mesmo antes de perder minha família, sempre fomos um tanto separados. Talvez seja por causa do fascínio da imprensa por nós. Ou que os pais de meu pai tinham mais dinheiro do que Deus. Mas sempre fomos cuidadosos com quem deixamos entrar nesse círculo interno. Tão cuidadoso, éramos realmente apenas nós quatro. Mas nós gostávamos que fosse assim. O único problema é que, uma vez que eles foram embora, eu estive total e completamente sozinho.

— Obrigado por nos receber. Ford estendeu uma cerveja para mim.

Eu peguei, dando um gole. Sem problemas.

Seu olhar encontrou o meu, uma espécie de compreensão ali. — Não deve ser fácil nos ver invadindo seu espaço.

Eu olhei ao redor do deck da parte de trás e do quintal. Crosby e Hunter cuidavam da churrasqueira, ensinando a Will os melhores pontos de cozinhar frango e bife. As meninas perseguiam Luci pelo gramado dos fundos. E Caelyn, Bell e Kenna sentaram-se amontoadas em cadeiras. De vez em quando, uma gargalhada escapava de seu grupo. E cada vez que isso acontecia, a tensão que vinha percorrendo meu corpo desde a chegada de nossos convidados diminuía um pouco. — Ela precisava disso.

Ford seguiu minha linha de visão. —Ela precisa. Não me entenda mal, Caelyn é durona. Todas as garotas são. Mas elas precisam uma da outra. Há muito tempo elas são a família uma da outra mais do que seu próprio sangue.

— Estou feliz que elas tenham uma a outra. Mas não pude evitar uma centelha de ciúme. Não fazia sentido ter inveja da amizade que Caelyn tinha com Bell e Kenna. Mas eu gostaria de poder ter estado lá para ela o tempo todo. Que *eu* estivesse tão entrelaçado em sua vida quanto as mulheres ao lado dela.

— E estou feliz que ela tenha você agora.

Voltei minha atenção para Ford. — Eu só quero que ela fique segura. Há uma chance melhor disso aqui.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Isso é tudo que você quer?

— Você está tentando saber as novidades agora?

— Esse seria Crosby. Ele é pior do que o círculo de tricô da ilha. Qualquer coisa que você diga a ele provavelmente terá chegado a metade dos residentes da ilha pela manhã.

Fiz uma nota mental para não contar a Crosby nada importante. Mas, mesmo enquanto minha mente arquivava aquele lembrete, meu olhar viajou de volta para Caelyn como se ela tivesse algum poder invisível sobre mim. — Tudo o que posso dizer é que me importo com ela. Para onde vai a partir daí, honestamente não tenho certeza.

— Eu acho que vocês são bons um para o outro.

Observei a cabeça de Caelyn inclinar para trás enquanto ela ria. Tudo nele era livre e sem preocupações. Simplesmente deixando sua alegria de estar com as pessoas que amava fluir para fora dela. Eu sabia, sem dúvida, que ela era a melhor coisa que me acontecera depois de perder minha família. Eu só esperava ter trazido um pouco dessa mesma luz para *a* vida *dela* também. Eu não tinha tanta certeza.

— Que diabos? Hunter murmurou. Quem é aquele?

Eu me virei, seguindo o olhar de Hunter. Lá, no limite da minha propriedade, estava um fotógrafo com lentes telescópicas fixas firmemente em nossa reunião.

— Você só pode estar brincando, gritou Crosby. Will, cuidado com os bifes.

Hunter e Crosby correram em direção à cerca. Comecei a seguir, mas Ford colocou a mão firmemente no meu peito. — Não faça isso. Este idiota quer uma foto de você. Uma história. Não dê isso a eles.

Meus molares traseiros se fundiram. Ele estava certo, é claro. Mas desde os dezesseis anos, sempre fui aquele que lutou minhas batalhas. Ninguém ficou entre mim e qualquer coisa de merda que estava vindo em minha direção. Não até que Caelyn se interpôs entre aquela repórter e eu, usando sua cesta de *muffins* para defender minha honra. Mas agora parecia que eu tinha mais do que apenas ela. Tive o que parecia o início de uma família.

Acenei com o queixo para Ford e ele saiu para seguir Hunter e Crosby. Caelyn estava instantaneamente ao meu lado. — Sinto muito, Griffin.

Eu inclinei meu rosto para olhá-la, preocupação nas curvas de seu rosto. — Por que você está arrependida? Nada disso é culpa sua.

Ela não parecia tão certa. — Se meus amigos não tivessem vindo, eles provavelmente não teriam incomodado você.

Eu odiava a culpa que preenchia seu tom. — Que esses repórteres abutres estavam tentando arruinar nossa noite. Peguei a mão de Caelyn e puxei-a para mais perto de mim, travando meus dedos com os dela. — Eu não estou vivendo minha vida por causa desses idiotas. Farei o que puder para mantê-los longe, mas não estou mais me escondendo. Não estou revelando pedaços da minha existência porque há uma chance de que isso possa ser colocado em alguma manchete.

A mão de Caelyn apertou a minha. — Eu sempre poderia ameaça-los com uma cesta de *muffins*.

Soltei uma gargalhada. — Pareceu funcionar muito bem da última vez.

Mia veio correndo até mim com Luci nos braços. O que está acontecendo? Quem Crosby e Hunter estão perseguindo? É o homem que jogou o tijolo?

Meu intestino apertou com a preocupação e o medo em sua expressão. — — Não, *Pequenina*. Eu a levantei e a Luci em meus braços. Às vezes, as pessoas tentam tirar fotos minhas. Eles vão a lugares que não deveriam.

— Seus olhos se arregalaram. Por que você é um gigante mágico?

Eu ri, um pouco da tensão deixando meus músculos. — Eles estão curiosos por causa da minha família.

— Por que eles morreram? Ela perguntou hesitante.

— Sim, principalmente por causa disso.

Mia se aconchegou em meu peito. — Lamento que você tenha perdido sua família. Mas você está em nossa família agora. Isso é o que a pulseira de arco-íris significa.

Engoli em seco quando encontrei o olhar de Caelyn sobre a cabeça de Mia. Lágrimas se juntaram nos cantos de seus olhos, mas ela sorriu. — Ela está certa. Receio que você tenha sido reivindicado.

Eu não me importei nem um pouco.

31

Caelyn

— Ei, Caelyn.

Eu olhei para cima ao som da voz de Shay. — Ei *pra* você. Eu sinto que não vejo você há muito tempo.

Ela corou e olhou por cima do ombro como se esperasse que alguém estivesse espreitando por perto. — Desculpe, não fui pegar meu pedido. As coisas têm estado confusas.

— Não há necessidade de desculpas. As coisas estão loucas por aqui também. Infelizmente, o fotógrafo da casa da fazenda conseguiu tirar uma foto de Griffin, Mia e eu. Levou algumas semanas, mas eles finalmente descobriram meu nome e os repórteres começaram a adquirir o hábito de ir até a loja. Mas depois que Walters colocou uma grande placa dizendo: *Não é permitido repórteres no local, os infratores serão punidos, as* coisas se acalmaram.

— Eu ouvi. Como você está indo?

A preocupação na expressão de Shay me fez forçar um sorriso mais largo. — Eu realmente estou bem. Acho que todos os repórteres finalmente se foram. Isso não impediu Griffin de estar muito mal-humorado. Ele pode ter chegado a um acordo com seu nome sendo espalhado pelos jornais, mas a minha era outra história. Ele fez seu advogado perseguir todas as ações legais do jornal.

Shay torceu os dedos. — Também ouvi falar do tijolo. Você está sendo extremamente cautelosa, certo?

Eu lutei contra o arrepio que queria vir à tona. — Eu estou. Mas não houve mais nada. Espero que sejam apenas crianças e uma brincadeira

que saiu do controle. Mesmo enquanto dizia as palavras, sabia que não eram verdadeiras. Eu odiava admitir que parecia que a culpada poderia ser minha mãe. Por que mais, tudo iria parar no dia em que fui vê-la?

Shay concordou. — Estou muito feliz em ouvir isso. Agora, pegarei todas as coisas que você tem guardado para mim.

Eu ri. — Não é muito, e você sabe que estou feliz em fazer isso. Aqui. Peguei o livro-razão debaixo do balcão. Apenas assine isto.

Shay rabiscou seu nome na linha que apontei. — Você teve alguma sorte com aquelas cordas de violino?

— Eu fiz algumas ligações, mas recebi dois pacotes. Essas coisas não são baratas.

Ela estremeceu. Eu sei. Mas eles são os melhores. Obrigado por dedicar seu tempo para encontra-las.

— Sem problemas. Tirei a pilha de caixas da despensa dos fundos. Há quanto tempo você toca?

Shay ficou em silêncio por um momento, e achei que ela não responderia. — Quase desde que me lembro.

— Eu adoraria ouvir você algum dia.

— Talvez.

Essa única palavra poderia muito bem ser um *grande não*. Mas eu sabia o que era segurar alguns sonhos perto do peito. Eu não pressionaria Shay a compartilhar o dela comigo. — Você precisa de mais alguma coisa?

— Vou carregar isso no barco e depois volto para fazer as compras.
”

— Parece bom. Estou prestes a sair para buscar Will no futebol, mas Max estará aqui para preparar as coisas para você.

Shay concordou. — Obrigado novamente por tudo isso.

— A qualquer momento. Basta ligar ou enviar um e-mail se precisar de mais alguma coisa.

— Vou fazer.

Eu fiz um trabalho rápido de limpar minha estação. Minha pequena família se estabeleceu em uma espécie de rotina e Griffin se tornou uma grande parte disso. Nos dias em que Will tinha futebol, Griffin pegava as meninas na escola enquanto eu ficava no trabalho, geralmente para pôr em dia a contabilidade. Então pegaria Will e correria para casa para preparar um jantar rápido para todos nós. Os fins de semana eram todos ocupados. Trabalhamos incansavelmente na casa da fazenda, mas todos adoravam. Mia chegou a reclamar quando teve que sair para a ginástica no período da tarde. Panquecas e noites de cinema continuaram sendo uma tradição. E os jantares de nossa família estendida também se tornaram ocorrências regulares.

A vida era boa. Mas eu não pude deixar de me perguntar se estávamos estendendo demais nossa visita. Cada vez que eu tentava trazer isso à tona com Griffin, ele simplesmente balançava a cabeça e dizia: — Você vai ficar. Mas em algum momento, teríamos que voltar às nossas vidas normais. Mas eles estariam perdendo uma peça tão vital.

Fui até Max na caixa registradora. — Tem certeza de que está tudo bem sozinho até Molly chegar?

A cabeça de Max balançou, seu foco indo de seu telefone para mim. — Desculpe, disse ele timidamente. Sim, eu vou ficar bem. Eu aprendi bem a rotina.

Eu examinei o rosto de Max. Ele tinha sido uma grande ajuda desde que subiu a bordo. Nunca atrasado e sempre disposto a fazer o que for necessário. Mas ele parecia exausto e tinha olheiras em seus olhos azuis. Tudo certo?

Ele segurou o telefone com mais força, seus dedos ficando brancos. — A minha ex. Ela está mudando com Trevor para o continente.

— Oh, Max. Eu sinto muito. Estendi a mão para apertar seu ombro, mas ele recuou, um flash de raiva em seus olhos. Eu sabia que não era dirigido a mim, mas me fez recuar, no entanto.

— Eu nunca vou ver meu filho agora.

Meu coração se partiu por ele. Não conseguia imaginar o que faria se alguém tentasse tirar meus irmãos de mim. Eu perderia completamente.

— Avise-me se houver algo que eu possa fazer. Fico feliz em ser uma referência sempre que você precisar ir ao tribunal de família.

A o queixo de Max se moveu para frente e para trás enquanto ele lutava com tudo o que estava furioso abaixo da superfície. — Não tenho certeza se isso vai funcionar, mas agradeço a oferta.

— Claro. Eu tenho que ir, assim não me atraso para pegar Will, mas me ligue se precisar de alguma coisa.

— Certo. Seu olhar encontrou o meu. Aproveite o seu tempo com eles.

A dor nos olhos de Max me atingiu bem no estômago. — Eu vou. Prometo.

Max me deu sacudida silenciosa no queixo e eu saí, e parei quando vi Will correndo pelo estacionamento. "O que você está fazendo aqui? Devo pegar você no campo.

— Saímos cedo, respondeu ele.

— Nós tínhamos um acordo, Will. Nada de ir sozinho até a loja. Não tivemos nenhum incidente recentemente, mas isso não significa que eu estava pronto para arriscar.

Ele suspirou. — Relaxe, irmã mais velha. A mãe de Joe me deu uma carona.

Isso foi melhor, mas ainda não foi ótimo. — Você tem um telefone celular por um motivo. Use-o. Ou acho que posso simplesmente pegar se você não precisar.

— Caelyn ...

— Will ... Eu repeti.

— Tudo certo. Prometo ligar para você com minha localização 24 horas por dia, sete dias por semana. Você gostaria de me injetar um rastreador também?

Comecei a andar em direção ao meu SUV, seguindo Will. Sabe, é uma ótima ideia. Vamos passar no veterinário a caminho de casa. Tenho certeza de que eles podem ajudá-lo.

Will jogou um braço sobre meus ombros. — Nunca se sabe.

Se fosse seguro e não moralmente duvidoso, eu faria em um piscar de olhos. Qualquer coisa que ajudasse a manter essas crianças seguras.

Entramos no SUV e começamos a voltar para a casa da fazenda. — Então, Will começou.

— Uh—oh, eu murmurei.

— Por que uh—oh?

— Porque nada de bom começa com um 'então' que paira no ar.

Will riu. — Isso não é ruim. Prometo.

— Manda ver.

— Quando Griffin e eu estávamos na loja de ferragens depois da escola ontem, vi sua carteira de motorista.

— Ok ... eu comecei. — O que? Ele tem algum nome do meio super vergonhoso ou algo assim?

Will balançou a cabeça. — O aniversário dele é amanhã.

Eu me endireitei, lançando um olhar rápido para Will. — Ele não disse nada. Nem mesmo quando nós dois discutimos o aniversário de Will, que seria em algumas semanas. Claro, ele não tinha. Griffin nunca falava de si mesmo, mesmo quando deveria.

— Você acha que podemos fazer algo por ele? Eu não sei, como fazer algo especial para ele?

Eu diminuí a velocidade em uma placa de pare, olhando mais para Will. — Vocês realmente se conectaram, hein?

As bochechas de Will ficaram vermelhas. — Ele é legal. E um cara legal. E ninguém mais vai comemorar com ele. Deveríamos fazer algo.

— Você está certo. Um plano já estava se formando em minha cabeça.

— Você sabe. Eu poderia ser babá e vocês poderiam sair em um encontro.

Quase lancei o SUV para fora da estrada. — O que? Não precisamos ir a um encontro.

Will sorriu. — Vocês vão se divertir.

— Não é assim entre nós. Mas as palavras pareciam mentiras. A cada dia que passava, havia mais toques persistentes, mais razões que

Griffin encontrava para pegar minha mão. E cada um deles aumentou minha esperança um pouco mais.

Will olhou em minha direção. — Pode não ser assim agora, mas pode ser. Você merece uma vida, Caelyn. Você mais do que ninguém merece ser feliz.

Eu estacionei o SUV para o lado da estrada e me virei para Will, estudando seu rosto. — Eu estou feliz. Você, Ava e Mia me fazem feliz. Meu trabalho e meus amigos. E Griffin também. Eu tenho uma ótima vida, Will.

Ele desviou o olhar para a janela da frente. — Você desistiu de sua vida por nós.

Eu agarrei seu braço. — Isso não é verdade. Você torna minha vida melhor do que eu poderia ter sonhado. Sempre o fará. Mesmo quando você for para a faculdade. Mesmo quando um dia você formar sua própria família. Você e as meninas sempre serão minha maior alegria, as pessoas que mais me orgulho e fico feliz de ver.

Ele engoliu em seco. — Eu só queria que você pudesse ter mais.

— Eu não preciso de mais. Mas quando eu disse isso, o pensamento daquelas aulas de culinária, o sonho de viajar pelo mundo para aprender diferentes culinárias, casamento, bebês, tudo passou pela minha mente. Eu limpei minha garganta. — Você deixa para mim preocupar com o que me faz feliz, ok?

— Ok, ele murmurou.

— Agora, como você vai tirar Griffin de casa amanhã para que possamos dar uma festa surpresa para ele?

Will sorriu. — Eu tive uma ideia…

32

Griffin

— Você tem certeza de que é nisso que deseja gastar seu salário? Eu perguntei quando o pavimento se transformou em cascalho. O dinheiro já havia sido gasto, mas sempre poderíamos devolver as ferramentas.

Will passou a mão em sua nova caixa de ferramentas. Tinha todos os elementos básicos que ele normalmente pegava emprestado. Tenho certeza. Eu realmente gosto de trabalhar na casa. Ele ficou quieto por um momento. Tenho pensado muito sobre a faculdade ... você sabe, se eu for. E estou pensando em arquitetura. Talvez menos em música.

O calor atingiu meu peito — orgulho, eu percebi. Eu faria o que fosse preciso para levar esse garoto para a faculdade. Acho que você daria um ótimo arquiteto. — Will tinha olho para design e cabeça para números. Talvez fosse porque ele tocou música por muito tempo, mas sua mente funcionava de forma diferente da maioria. Ele me deu mais de uma sugestão sobre um projeto que eu peguei e acompanhei.

— Você acha?

— Eu acho. Você tem olho para isso. E combine isso com trabalho árduo, e ninguém poderá impedi--lo.

Ele balançou a cabeça, olhando para a janela enquanto nos aproximávamos do portão da casa da fazenda. Achei que ele ainda estava pensando em seu futuro, mas quando digitei o código, ele disse: — Sinto que preciso avisá-lo sobre algo.

Eu olhei em sua direção. — O que é isso?

— Tenho a sensação de que você não gosta de surpresas e vai haver um monte de gente lá em cima.

O portão se abriu lentamente, mas não movi meu pé no acelerador. — Por que há um monte de gente lá em cima?

Will estremeceu. — Eu devo ter dito a Caelyn que era seu aniversário. Achei que ela só levaria você para jantar, mas ela tem uma queda por aniversários. Realmente deseja que eles sejam devidamente celebrados. Então, ela como que que pegou essa informação e correu com ela...

Eu engoli em seco. – Vocês, cara!

— Não fique bravo com ela. Foi ideia minha. Sinto muito se você odeia isso.

Eu agarrei o ombro de Will. — Eu ia dizer que vocês não tinham que fazer isso. Mas é muito atencioso. — Eu sorri de forma tranquilizadora. E eu meio que gosto de bolo de aniversário.

Will relaxou. — Isso é bom porque tenho a sensação de que Caelyn fez um enorme. É isso que ela está fazendo com Bell's a manhã toda.

Eu balancei minha cabeça. Eu me perguntei por que Caelyn e as meninas tinham partido tão cedo esta manhã. Ela tinha uma expressão ligeiramente culpada ao explicar que elas estavam se divertindo com garotas. —Sua irmã realmente não é a melhor mentirosa.

Will riu. — Ela é a pior. Ela sempre fica vermelha e olha para os pés.

— É bom saber disso. Comecei a subir em direção à casa.

— Estacionei na frente, Will disse. — Eu devo pensar em um motivo para trazê-lo de volta.

— Vou fazer minha melhor cara de surpresa.

— Vamos torcer para que você seja um ator melhor do que Caelyn.

Eu parei e desliguei o motor. Não seria difícil.

Quando contornamos a lateral da casa, ouvi sussurros e um, *Sssshhhhh.* — Eu fiz o meu melhor para manter o sorriso longe do meu rosto. Assim que nossos pés tocaram o gramado dos fundos, um ensurdecedor, "*Surpresa!*" Foi gritado. Meus passos vacilaram e todo o ar pareceu ser sugado para fora dos meus pulmões. Kenna e Crosby seguravam uma ponta de um estandarte, e Bell e Ford a outra. Estava claro que Mia e Ava conseguiram. Unicórnios, arco—íris e purpurina adornavam as letras que diziam: *Feliz Aniversário, Griffin!* Hunter ergueu o meio do banner para que não cedesse enquanto as garotas dançavam na frente dele.

Meu olhar se fixou em Caelyn. Ela ficou parada com as mãos cruzadas na frente da boca, como se rezasse para que eu gostasse de tudo. Ela parecia absolutamente deslumbrante. Ela usava um vestido de verão azul claro que eu nunca tinha visto antes que tocava seu corpo e caia no meio da coxa. Seu cabelo enrolado em torno de seu rosto em ondas soltas, parecendo destacar cada característica. Eu não conseguia recuperar o fôlego.

Will me deu uma cotovelada. — Você está fazendo com essa coisa de surpresa um pouco bem demais.

Eu tossi. — Como vocês fizeram tudo isso?

Mia correu até mim, jogando-se em meus braços. — Você gosta disso? Trabalhamos a manhã toda. Fizemos bolos também!

— Eu amo isso, *Pequenina*. Obrigado pelo meu banner. Você e Ava fizeram, certo?

— Nós fizemos! Ela sorriu para Ava. — Eu disse que ele gostaria.

Ava estudou o banner. — Eu tentei fazer com que ela ficasse nas linhas.

— É perfeito, eu disse.

O banner foi colocado na grama, e houve tapas nas costas e votos de aniversário. Crosby e Hunter acenderam a grelha enquanto Bell e Kenna começaram um jogo com as meninas. Caelyn sorriu. — Você me odeia um pouco agora?

Estava na ponta da língua dizer que não, eu a amava. O desejo me deixou em choque. Mas não deveria. — Nem um pouco.

— Estou feliz.

Ela parecia quase nervosa, como uma criança nova no primeiro dia de aula. Peguei sua mão e apertei. — Obrigado.

Ela ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios na minha bochecha. "Feliz Aniversário."

Enquanto ela se levantava, avistei a mesa de piquenique. Estava coberto com uma toalha de mesa colorida e balões amarrados em quase todas as superfícies. — Tem cinco bolos aí?

Caelyn corou. — Eu não sabia de que tipo você gostava, então fiz opções.

Eu comecei a rir. — Essas crianças vão ficar com um alto teor de açúcar por semanas.

Ela cobriu o rosto com as mãos. —Eu sei. Ela espiou por entre os dedos. —Qual é o seu favorito?

— Tipo de bolo? Perguntei. Ela assentiu. — Sou simples. Baunilha. Cobertura de chocolate.

Sua mão disparou no ar. — A vitória é minha!

Eu reprimi um sorriso. O que mais você adivinhou?

— Eu fiz bolo de baunilha e cobertura de baunilha, bolo de chocolate, bolo com confete e minha criação favorita de frutas vermelhas.

Eu dei um puxão em um de seus cachos. —Vou ter que fazer algumas pesquisas científicas para ter certeza de saber qual é o meu favorito.

— É a única coisa responsável a fazer.

Mia e Ava gritaram para nós nos juntarmos a eles em algum tipo de jogo de gramado. A tarde passou em um mar de comida, risos e, por mais surpreendente que fosse, bons amigos. Nenhum fotógrafo apareceu para estragar nosso dia. Nenhuma ameaça surpresa ou visitas do xerife. Nós simplesmente desfrutando de estar juntos.

Recostei em uma das cadeiras *Adirondack* no convés. Enquanto observava a cena diante de mim, só conseguia pensar em uma coisa: minha família teria adorado isso. Era tudo o que minha mãe desejava que esta casa pudesse ser. Não se tratava de ter a restauração perfeita do próprio edifício. Era sobre a vida que girava dentro e ao redor dele.

— Griffin?

Eu me virei para ver Ava se aproximando hesitante, um pequeno pacote embrulhado em suas mãos. — Ei, Avs. — Ela parou a alguns passos de distância e eu dei uma tapinha na cadeira ao meu lado.

Quando ela se sentou, me entregou o presente. "Feliz Aniversário."

Meu peito inchou e apertou ao mesmo tempo. — Obrigado. Devo abrir agora?

— Se você quiser. Você não precisa.

— Eu quero abri-lo agora.

Um pequeno sorriso curvou a boca de Ava. — É apenas algo pequeno.

Eu encontrei seu olhar. — É de seu. Seja o que for, vou adorar.

Ela mordiscou o lábio inferior, mas assentiu. Enfiei um dedo sob a dobra do embrulho, tomando cuidado para não danificar o conteúdo. Quando o papel caiu, vi um livro feito à mão. Havia um desenho da casa da fazenda na frente que era incrivelmente realista. — Você desenhou isso?

Ava corou. — Sim. Não consegui fazer tudo certo, mas tentei.

— É incrível. Você é tão talentosa. Eu não pude deixar de me perguntar o que mais essa garotinha estava escondendo do mundo. Seus irmãos eram muito ousados com seus talentos, colocando-os em exibição para que todos vissem e não pensassem duas vezes. Mas Ava manteve muitas coisas só para ela.

Eu lentamente abri a capa. Uma foto minha, Caelyn e as crianças foi colada na primeira página. Era de um de nossos jantares tipo festa americana. Will tinha me derrubado em um jogo de futebol americano falso, e as meninas avançaram, jogando-se em cima de nós. Éramos uma confusão de membros emaranhados e risos.

Eu continuei virando. Uma foto de Mia nos meus ombros. Will e eu pendurando os painéis de gesso. Ava agarrando Luci no meio da subida na minha perna. O último roubou minha respiração. Uma foto que eu não tinha ideia que alguém tinha tirado. Eu tinha um braço em volta da cintura de Caelyn e estava olhando para ela. Eu não conseguia lembrar o que ela estava dizendo, mas fiquei extasiado. Preso pela atração.

Enquanto eu olhava para a foto, percebi uma coisa. Eu estava apaixonado por Caelyn O'Connor fazia meses. Uma mulher que eu nem tinha beijado. O conhecimento me fez questionar um pouco minha

sanidade. Mas isso não mudou o fato de que nada no mundo poderia me fazer fugir desse pedaço de loucura.

— Você gostou? Ava perguntou baixinho.

Eu me virei para encará-la. —Este é um dos presentes mais especiais que já recebi. Vou guarda-lo para sempre.

— Mesmo?

A esperança na voz de Ava estava se esvaindo. — Sim. Quando a sala estiver pronta, vou colocá-lo na mesinha de centro para que todos os que vierem possam ver.

Ela sorriu. — Fantástico. — Pulando, ela jogou os braços em volta de mim. — Amo você, Griffin.

Minha garganta apertou. —Também te amo, Avs.

Quando ela me soltou correndo para sua irmã e Luci, meu olhar travou com o de Caelyn, as lágrimas encheram aqueles lindos olhos verdes. *Obrigada*, ela murmurou.

Eu não conseguia nem formar nem as palavras silenciosas. Por que, o que eu deveria dizer a uma mulher que tinha me dado tudo e nem percebeu?

33

Czelyn

— Você não deve limpar depois da sua própria festa de aniversário, eu repreendi enquanto colocava uma pilha de pratos no balcão.

Griffin seguiu o exemplo com seus próprios pratos. — Bem, seus ajudantes habituais estão fora de combate. Deve ter sido a combinação de sobrecarga de açúcar e correr pelo quintal por cinco horas seguidas.

Eu sorri para a bagunça ao nosso redor. Até mesmo Will já havia desmaiado. Eu fui perguntar a ele se ele tinha treino amanhã, e ele estava esparramado de bruços em sua cama. — Valeu totalmente a pena. — Virei para ver Griffin. — Você se divertiu?

Ele encostou o quadril no balcão. —Não comemoro meu aniversário desde que fiz dezesseis anos. Suas palavras cortaram — a percepção de que ele esteve sozinho por tanto tempo. — Foi bom comemorar novamente. Obrigado. Por tudo.

Eu podia sentir minhas bochechas ficando quentes.

— Eu tenho mais uma surpresa para você.

— Você está tentando me matar? Já me engasguei quando Ava me deu seu livro e quando vi seu cartaz. Você está determinada a me tornar um membro frequente do clube dos chorões?

Eu comecei a rir. — É um clube muito bom de se fazer parte.

Ele puxou a ponta de um dos laços do meu vestido de verão. — Se você é um membro, eu quero entrar.

Algo sobre as palavras fez meu pulso bater um pouco mais rápido. Vamos. Está no escritorio. Eu agarrei sua mão e fomos em direção ao anexo. A lua estava quase cheia, dando—nos toda à luz de que precisávamos para seguir o caminho. Mas a cada passo que eu dava, meu estômago se agitava mais forte. E se isso fosse um erro horrível? E se Griffin estivesse bravo por eu ter mexido com algo que era tão importante para ele?

Ignorei as vozes duvidosas e abri a porta do escritório. Acendendo as luzes, dei aos nossos olhos um segundo para se ajustar. Ainda havia algumas coisas espalhadas pelo espaço, mas estava quase vazio. Exceto por algo coberto por uma lona no meio da sala.

Eu caminhei até ele, não me permitindo parar para considerar se eu estava prestes a cruzar alguma linha invisível. Minha mão se fechou em torno do pano, o tecido áspero contra as pontas dos meus dedos. Eu puxei.

Griffin estava totalmente silencioso. Depois de alguns momentos, me forcei a olhar para ele. Lágrimas não derramadas brilharam em seus olhos. — Essa é a mesa do meu pai? Sua voz estava rouca como se ele tivesse passado a tarde fumando um cigarro atrás do outro e bebendo uísque, em vez de perseguir crianças pelo quintal.

— Eu perguntei a Bell se ela poderia consertar. Eu disse a ela que ela tinha que manter as partes talhadas intactas.

Griffin moveu-se lentamente em direção ao móvel. Seus longos dedos roçaram a superfície brilhante, em seguida, mergulharam sob a gaveta para sentir os nomes. Seu olhar encontrou o meu. Como?

— Eu não sei. Ela é uma fazedora de milagres. Eu sabia que, se alguém poderia fazer isso, Bell seria a única. Eu olhei seu rosto, procurando por alguma confirmação de que eu não havia ultrapassado. — Eu não poderia deixar você simplesmente jogar isso fora. Não se houvesse uma chance de trazê-lo de volta à vida.

Ele se moveu tão rápido que eu mal pude piscar antes que ele me puxasse para seus braços. — Obrigado. Essas palavras não são suficientes. Mas também não consigo pensar em nada. Você me deu tanto e continua aumentando. Toda essa bondade, luz e *vida*.

Sua respiração estava irregular, seu peito arfando contra minha bochecha. Eu apertei minhas mãos em sua camiseta. — Você me deu tanto. E Will, Ava e Mia. Nós te adoramos. E queremos que você seja feliz. "*Adorar*" não era a palavra que eu queria usar. Não foi perto. *O amor* foi a única coisa que chegou perto. Porque eu o amava e que prometi a mim mesma que não faria. Eu me apaixonei pelo homem taciturno e seu coração de ouro. Mas eu não me importava mais. Eu ia me permitir amá-lo. Mesmo que ele nunca me amasse de volta.

Griffin se afastou um pouco, suas mãos grandes e calejadas emoldurando meu rosto. Ele se moveu tão lentamente, seus olhos procurando os meus enquanto sua cabeça inclinava. Eu não conseguia respirar. O ar se recusou a entrar em meus pulmões, não importa o quanto meu cérebro insistisse para isso.

O beijo foi tão terno, uma justaposição completa do homem que consumia o espaço ao seu redor. Sua boca era a mesma, lábios macios e um queimar da barba por fazer que os rodeava. Minhas mãos agarraram sua camisa com mais força. Eu precisava de mais de tudo que era esse homem na minha frente.

A língua de Griffin separou meus lábios. Uma carícia provocante misturada com uma fome insaciável. Meu corpo pressionou com mais força contra o dele, buscando mais do fogo que cintilou para a vida entre nós. Em um instante, fui levantada até a mesa, Griffin pairando sobre mim. Ele deixou uma trilha de beijos no meu pescoço e no meu ombro.

Quando ele se afastou, um calor que eu nunca tinha visto nas profundezas de seus olhos azuis antes brilhou. Suas mãos no meu rosto

novamente. — Eu queria fazer isso desde o momento em que ouvi você rir. A primeira vez que entrei na loja.

Eu respirei fundo. — O que?

Seu olhar ficou ainda mais intenso, evidência de uma batalha para a qual eu estava cega. —Eu tentei ficar longe. Eu não confiei em mim. Ou qualquer outra pessoa. Mas eu queria beijar você desde aquele dia. Gostaria de saber como seria engolir aquela risada.

Lágrimas picaram atrás dos meus olhos. — Por que agora? Era a única coisa que eu precisava saber. Isso estava simplesmente satisfazendo uma curiosidade? Um beijo e voltaríamos a ser como as coisas eram? O pensamento queimou.

Griffin arrastou os dedos pelo lado do meu pescoço, traçando padrões invisíveis em minha pele. —Você me mostrou o quanto eu estava perdendo me trancando longe do mundo. Você me mostrou que eu poderia confiar em você com qualquer coisa. Mas você tem me mostrado isso desde o primeiro dia em que te conheci. Em sua gentileza. Seu cuidado. Como você é altruísta. Tudo o que vejo em você me desafia a fazer melhor. *Ser* melhor. Para não fugir da vida porque fui ferido no passado. Eu quero isso com você. Não sei ao certo onde isso vai levar. Mas eu quero descobrir.

Ele estava perguntando. Eu iria lá com ele? Eu poderia correr esse risco? Houve apenas uma resposta.

— Sim.

Com essa palavra, Griffin se moveu novamente, mas uma voz cortou a noite. Caelyn? Você está aí? Will chamou. — Mia precisa de você.

— Já vou, respondi, com a decepção brilhando forte.

A testa de Griffin caiu na minha, e ficamos assim por mais um momento roubado. E eu não pude deixar de desejar que aquele momento durasse uma vida inteira.

34

Griffin

Eu gemi quando tomei o primeiro gole do meu café. Se houvesse uma maneira de injetar cafeína diretamente em minhas veias, eu o teria feito. Normalmente, meus pesadelos me deixam com os olhos embaçados na manhã seguinte. Mas na noite passada foi a sensação dos lábios de Caelyn e o gosto de sua pele que me assombrou.

Tudo que eu conseguia pensar era que ela estava a apenas alguns quartos de distância. Como seria fácil cruzar a distância e estar em sua cama. Então eu me lembrei de que seus irmãos ocupavam o quarto do outro lado do corredor e ao lado dela. Não era uma jogada inteligente.

Eu sorri para o meu café. Ela disse sim para explorar essa coisa entre nós. O pesadelo de Mia significava que não havíamos progredido muito além disso. Mas tínhamos todo o tempo do mundo pela frente.

Eu escutei com atenção. Eu não ouvi nada no começo. E então eu peguei algumas risadas vindo do quintal. Eu me movi em direção ao som.

Abrindo a porta dos fundos, encontrei todo o clã O'Connor fazendo algum tipo de prática de ioga. As crianças pareciam seguir Caelyn enquanto ela ia de uma posição para outra. Até Will passou por isso com facilidade.

Eu respirei fundo quando Caelyn se curvou na cintura, sua bunda coberta de *spandex* apontando diretamente para mim. De repente, eu não precisava mais daquela dose de cafeína. Eu estava bem acordado.

— Ei, Griffin. Você tem um pouco de baba aí.

Eu dei um pequeno salto com a voz de Will, meu café espirrando para fora da minha caneca e escorrendo pela minha mão. Eu olhei em

sua direção, o que só fez Will rir. Caelyn se levantou, virando-se para me encarar e de repente parecendo um pouco tímida. Bom dia.

Eu fui até ela em alguns passos, puxando-a em meus braços e pressionando um beijo em sua têmpora. Bom dia.

Ela se contorceu. Griffin, as crianças.

Eu ri. Eles estão acostumados comigo abraçando você. E eles vão se acostumar comigo beijando você também. Eu examinei seu rosto. A menos que você ache que a noite passada foi um erro.... Apenas dizer essas palavras fez com que o pouco de café que bebi azedasse no meu estômago.

— Não. Caelyn agarrou minha camiseta e me puxou para mais perto. — Eu definitivamente não acho que aquele beijo foi um erro. Ela ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios no canto da minha boca.

Lutei contra a vontade de jogá-la por cima do ombro e leva-la de volta para casa. Will pigarreou. —Então, vocês dois têm algo que gostariam de compartilhar com a classe? Ele estava sorrindo tão amplamente que parecia que seu rosto iria se partir em dois.

Os dedos de Caelyn torceram e destorceram a bainha da minha camisa. — Não acho que haja nada que a classe precise saber neste momento. Ela arregalou os olhos e inclinou a cabeça para Ava e Mia.

— Eu pensei que não havia segredos nesta família? Will brincou.

— Você conhece um segredo? Mia perguntou, levantando Luci em seus braços.

O pânico brilhou brevemente nas feições de Caelyn, mas então ela balançou a cabeça. —Will está apenas me dificultando. Ela voltou seu olhar para o adolescente. E se ele continuar assim, ele ficará de castigo pelo resto da semana.

— Continue assim, Will. Estou lavando pratos esta semana e estou feliz em compartilhar, Ava ofereceu, seus olhos brilhando.

Seu sorriso me disse que ela poderia estar mais ciente das coisas entre sua irmã e eu do que Caelyn pensava. Tomei outro gole de café. — Vocês terminaram com sua ioga? Está na hora do café da manhã? Olhei para Caelyn com meus melhores olhos de cachorrinho enquanto pedia.

Ela apenas balançou a cabeça. —Nós ainda temos algumas posições antes de ir. Por que você não se junta a nós?

O súbito brilho maligno nos olhos de Caelyn me fez querer dar um passo para trás. Em vez disso, coloquei meu café no último degrau do deck. Eu poderia tirar uma soneca matinal, com certeza.

Will me lançou um olhar de advertência. — Não venha chorar para mim quando tudo der errado.

— Como poderia dar errado? É basicamente um alongamento.

— Algumas das coisas são realmente muito difíceis", Ava avisou.

— Sim, Mia ecoou. — Ainda mais difícil do que alguns dos meus exercícios de ginástica.

Caelyn gesticulou em direção à grama. — Mas tenho certeza de que com todos esses músculos, não deve ser um problema para você.

Eu sorri. — Você está de olho nos meus músculos, Caelyn?

Ela revirou os olhos para o céu. — Apenas se apresse e se aqueça. Não vou ter um músculo distendido na minha consciência.

Não vi como os exercícios que vi Caelyn e as crianças fazendo poderiam causar lesões, mas obedeci assim mesmo. Tentei me lembrar dos diferentes períodos que meu técnico de futebol nos levou no ensino médio. Movendo-me por tantos quanto eu podia me lembrar, mantive meus olhos em Caelyn enquanto ela se movia em algum tipo de estocada.

— Por que você não tenta este? Ela perguntou, endireitando-se.

— É um dos guerreiros, acrescentou Mia. Gosto deles porque me fazem sentir forte.

— Você é incrivelmente forte, *Pequenina*. Eu olhei para Caelyn. — Diga o que eu preciso fazer.

Caelyn ajudou a posicionar meu corpo e me mostrou como ficar de pé, mas no segundo em que coloquei meus pés nos lugares certos, comecei a tropeçar. — Merda.

— Ooooooohhhh. Palavrão, Mia gritou.

Eu estremeci, dando a Caelyn um sorriso tímido. — Vou lavar a louça esta noite.

— Vamos ver se você consegue dominar essa pose antes de falarmos sobre punições.

— Estou tentando, reclamei. — Eu acho que é porque eu sou muito alto. Meu centro de gravidade é diferente do da pessoa média.

Caelyn tentou me mostrar a posição que ela queria que eu imitasse novamente. —O equilíbrio é importante. Especialmente quando você está fazendo todos esses projetos malucos de reforma de casas. Você pode cair do andaime.

Eu grunhi. — Tenho quase certeza de que não estou me contorcendo nessas posições ridículas no meu andaime.

Caelyn continuou tentando me mostrar todos os tipos de posições diferentes. Ava e Mia desistiram de seus exercícios e se tornaram minha audiência. — Isso é cinco vírgula cinco, Mia gorjeou.

Eu afundei na grama, o suor escorrendo pelo meu rosto. — Cinco vírgula cinco? Isso foi pelo menos um oito. Ava cobriu a boca enquanto

ria. Voltei meu foco para ela. — Achei que poderia pelo menos contar com você para me proteger."

Ela encolheu os ombros. Will tentou avisá-lo ...

Eu olhei para Will. "Você poderia ter sido um pouco mais claro em seu aviso. Nesse ritmo, eu precisaria de uma semana de banhos de gelo.

Will riu. — Mas que diversão seria?

— Tudo bem, Sr. Mal-Humorado. Você está liberado pelo dia. Apenas uma pose de criança antes de você ir.

As mãos de Caelyn passaram sobre meus quadris enquanto ela me guiava para outra posição. Eu soltei um gemido. — Não sei se algum dia vou te perdoar por isso.

Ela se curvou, sussurrando em meu ouvido. — Pronto para admitir que ioga não é uma forma de exercício de menininhas?

— Prometo nunca mais chamar de alongamento.

Caelyn riu e foi se juntar às irmãs na grama. — Basta segurar por pelo menos mais sessenta segundos.

— Tudo bem — ai, merda! Que diabos? As garras cravaram em minhas costas quando uma pata deu um golpe na minha orelha.

— Não se mova, Griffin! É Luci, Mia implorou.

— Tire esse gato diabólico de cima de mim, por favor, eu falei entre dentes. A besta certamente estava tirando sangue.

— Eu a peguei, disse Ava, levantando a criatura das minhas costas.

Sentei olhando para a gatinha, Mia jogou os braços em volta do meu pescoço. —Não fique bravo. Ela só queria fazer ioga com você.

Eu não pude evitar a risada que me escapou. E quando olhei para Caelyn, que havia tirado a gatinha dos braços de Ava e beijado sua cabeça peluda, meu peito deu um aperto doloroso. Eu não tinha percebido o quão vazia minha vida tinha sido. Não até que eles a encheram. Mesmo se eles trouxessem um gato demoníaco com eles.

35

Caelyn

EU TIREI minha bolsa do banco do passageiro e fechei a porta com meu quadril. Soltei um grito assustado quando fiquei cara a cara com minha mãe. —"O que você está fazendo aqui?"

Ela olhou ao redor do estacionamento vazio. —"Alguém tem seguido você ultimamente?"

—"Me seguindo?" Meu pulso acelerou. —"Não. Do que você está falando?" Eu levei um segundo para examiná-la, verificando suas pupilas. Eles pareciam normais, mas eu não tinha certeza se sabia como seriam se ela estivesse chapada.

Minha mãe estendeu a mão e agarrou meu braço, suas unhas cravando em minha carne. — “Pense, Caelyn. Você sentiu como se houvesse olhos em você? "

Eu arranquei meu braço de suas mãos. "—Não. Agora você precisa me dizer o que está acontecendo. ”

Seu olhar disparou para a rua quando um caminhão passou. — "Alguém invadiu meu trailer."

— “Mãe, aquele trailer não está exatamente em um bairro bom. Você ligou para o departamento do xerife? "

Seu foco saltou de volta para mim. —"Não. Eu não os quero no meu trailer. ”

Eu a estudei, tentando descobrir o porquê disso. Uma paranoia saudável de ficar preso por tantos anos? Escondendo um estoque de drogas? Ou ela tinha algo em sua casa que levaria ao meu pai? Por mais

que olhasse, não conseguia ver a verdade. — “Você precisa ligar para Parker. Diga a ele onde está papai. Diga a ele com o que você está preocupado. ”

O rosto de minha mãe —se de uma forma que dizia que sua teimosia estava saindo para brincar. — “Eu nunca faria isso com seu pai. Ele é meu marido."

— “Nós somos seus *filhos.* Mas acho que você não se importa com isso. ” Apenas dizer as palavras em voz alta alimentou a raiva que estava sempre fervendo dentro de mim. Não demorou muito para fazê-lo ferver. E pensar no que meus pais haviam feito meus irmãos passarem faria isso todas as vezes.

Minha mãe brincou com o chaveiro em suas mãos. —"Eu sinto Muito. Eu sei que te machucamos, mas estou melhor agora. Sei que não posso mudar o passado, mas estou tentando consertar as coisas. Para cuidar de você. ”

— “Consertar as coisas significaria fazer papai pagar por seus crimes. Deixar que os tribunais o condenem. Cuidar de nós significa nos colocar em primeiro lugar. Acima do homem que nos colocou nessa bagunça em primeiro lugar. ”

A dor derreteu em suas feições. —"Eu sinto Muito. Eu não posso. Eu o amo. E ele está melhor agora. Eu juro para você. Ele não está mais andando com aquela gente— ”

Meu corpo inteiro ficou rígido. "Ele está aqui? Em *Anchor*? Ou *Shelter*? "

A boca de minha mãe se fechou e ela não disse mais uma palavra — seu silêncio foi a resposta suficiente.

— “Você sempre o amou mais do que a nós. Esta é apenas a primeira vez que você diz isso em voz alta. ” Eu encontrei seu olhar, permanecendo

em silêncio por um momento, esperando que ela realmente ouvisse o que eu disse a seguir. — “Fique longe de nós. Até que você esteja disposta a colocar seus filhos antes de seu marido perdedor, eu não quero ver você.

Mamãe respirou fundo. —"Compreendo. Sinto muito, Kitten. Eu realmente sinto. Eu te amo. Eu faço. Eu só..."

—"Você não pode desistir dele." Minha voz falhou na frase. Foi demais. Nunca. Nunca fui a principal prioridade de alguém. Claro, eu tive pessoas na minha vida que se importavam comigo, que eram amigos maravilhosos. Mas nem uma vez as pessoas que deveriam me amar cumpriram essa promessa. Eles me deixaram cair uma e outra vez.

Eu tremi enquanto prendia a respiração, as lágrimas enchendo meus olhos. Eu odiava que ela ainda tivesse esse poder sobre mim depois de todos esses anos. Que alguma parte de mim nunca pararia de esperar que ela se recompusesse e me amasse. — “Você tem que fazer essa escolha. Mas eu posso fazer a minha também. E isso acabou. ”

Comecei a ir para a entrada da loja, as lágrimas caindo com força agora. Fugir era minha única escolha. Porque se eu deixasse minha mãe voltar, ela me levaria com ela. Em um ciclo interminável de promessas não cumpridas e belas mentiras. Eu não pude fazer isso. Eu não iria.

O rosto de Griffin encheu minha mente. O calor de seu olhar azul antes de seus lábios encontrarem os meus. A promessa de ver onde as coisas iam entre nós. Eu estava tão animada para me começar com essa exploração. Mas foi só isso. A promessa de um talvez. Limpei meu rosto enquanto destrancava a porta.

"Estamos um pouco atrasados, não estamos?"

Eu me virei ao som da voz de Patti. Parecia que este dia iria continuar dando. “Não abrimos por mais cinco minutos. Sinto muito, mas você terá que esperar. ”

Patti abriu a boca para falar e então viu meu rosto coberto de lágrimas. Aparentemente, até a rainha do gelo tinha coração porque fez uma pausa. "Eu posso esperar. Não tenha pressa."

Meus ombros caíram de alívio. Eu não tinha condições de duelar com Patti também. Rapidamente abri as portas e acendi as luzes. Depois de colocar a caixa registradora em funcionamento, voltei para deixar Patti entrar. “Estamos bem agora. — Obrigada por esperar. ”

Ela acenou com a cabeça, movendo—se ao meu redor e na loja. Mas depois de alguns passos, ela parou e se virou. — "Aquela era sua mãe?"

Tentei reforçar as poucas reservas emocionais que me restavam. — "Sim."

— Eu achei que você ficaria feliz em vê-la, Patti bufou.

— Você ficaria feliz em ver a mulher que deixou seus irmãos sozinhos por três dias enquanto ela estava chapada? A mulher que acha que é mais importante esconder o marido do que proteger os filhos? A mulher que pensava que você nunca era boa o suficiente para ela amar, não importa o que você fizesse? Essa mulher?

A boca de Patti abriu e fechou algumas vezes antes de falar. — Eu — eu sinto muito. Eu não sabia.

Eu joguei minhas duas mãos. — Claro, você não sabia. Você estava muito ocupada inventando histórias em sua cabeça sobre quem você *pensa que* eu sou.

Ela lambeu os lábios. — Seu pai vendia drogas ao meu marido.

— O que? A única palavra saiu em um sussurro. Nada disso foi computado em nada que eu sabia sobre Patti e sua família.

— Ele se machucou no trabalho. Machucou suas costas. A recuperação da cirurgia foi ruim, e quando os médicos o interromperam

os analgésicos, ele precisou de outra coisa para a dor. Seu pai ficou feliz em lhe dar muitas opções. Ela engoliu em seco. Não havia lágrimas em seus olhos, mas o movimento dos seus lábios me disse que ela estava lutando contra elas. Quase perdemos tudo. Ele está melhor agora. Sóbrio. Trabalhando em seu programa.

— Estou feliz. Eu não tinha certeza do que mais dizer. Ou o que fazer com uma Patti que não estava fingindo ser melhor do que todos em sua órbita.

Ela ajeitou a bolsa no ombro. — Posso estar nutrindo alguma raiva que não deveria ter sido dirigida a você.

Eu bufei. — Pode ter?

Patti levantou o queixo. — Estou tentando me desculpar.

Eu sorri. Eu posso ter tido uma pequena visão sobre a vida de Patti, mas ela não se tornaria uma mulher totalmente diferente em uma conversa. — Obrigada. Obrigada. Mas eu apreciaria ainda mais se seus comentários maliciosos sobre mim, meus irmãos e Griffin parassem.

Seus lábios se estreitaram e se fixaram em uma linha tensa. — Ele é um solitário. Instável.

— Oh, ele não é, Patti. Você não o conhece. E ele não te dará a oportunidade de conhecê-lo. Você já foi desagradável com ele muitas vezes. E sabe de uma coisa? Você que está perdendo, porque ele é incrível.

— Vou tentar manter minhas opiniões para mim.

Eu inclinei meu rosto para o teto, pedindo toda a minha paciência. Porque eu sabia que Patti nunca seria capaz de manter uma maldita coisa para si mesma. —Tudo o que posso pedir é que você tente.

Ela acenou com a cabeça e, sem outra palavra, começou a fazer compras como se nunca tivéssemos tido essa estranha confissão de conversa. Mas suas palavras permaneceram comigo muito depois que ela saiu. Enquanto eu trabalhava, preenchendo pedidos de sanduíches e estocando prateleiras, elas fluíam no ar ao meu redor. Às vezes, eu esquecia quantas vidas meu pai afetou. Suas ações esmagaram mais do que apenas nossa pequena família. Quantas pessoas ele havia viciado em substâncias que as destruiriam? Quantas pessoas ele havia atraído para sua rede de revendedores?

As perguntas pareciam um pesado manto de dor e culpa em meu peito. Isso tornou a respiração um pouco mais difícil. E pude entender um pouco melhor porque tantos nesta comunidade me olhavam com desdém. Talvez eles não tenham sido pessoalmente afetados por tudo, mas eles sabiam o veneno que minha família injetou em seu mundo. E eu era um lembrete disso.

Meu telefone vibrou no bolso de trás. Puxando—o para fora, vi o nome da escola primária piscar na minha tela. *Merda.* Eu realmente esperava que uma das meninas não estivesse doente. Acenei para Max na frente da loja e apontei para o meu telefone. Ele acenou com a cabeça e eu voltei para o corredor em direção ao escritório.

— Olá, aqui é Caelyn.

— Caelyn, é Sue da diretoria. Temos um pequeno problema.

Meu coração apertou. Isso soou mais como alguém sendo enviado para a sala do diretor do que alguém com febre. O que está errado?

Ela pigarreou. Alguém que afirma ser o pai das meninas tentou tirá-las da escola.

Eu congelo. — O que?

— Um homem entrou. Disse que ele era o pai de Ava e Mia O'Connor e que precisava tirá-las da escola. Que houve uma emergência familiar.

Minha mente disparou. — Papai estava aqui? Isso não estava acontecendo. Você não — por favor, me diga que você não os entregou a ele.

— Claro que não. Você tem que estar na lista aprovada para pegar crianças, e você tem que mostrar a identidade. Além disso, eu sei exatamente quem é seu pai, e ele deveria estar na prisão, não pegando filhos aos quais não tem direito.

Meus músculos se afrouxaram e eu caminhei pela loja. Eu acenei para Max. — Eu tenho que ir. Emergência na escola para meninas.

Seus olhos brilharam. O que aconteceu? Estão todos bem?

— Eu não posso explicar agora. Eu tenho que ir.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa, ok?

Eu balancei a cabeça, mas continuei caminhando. — Desculpe, Sue. Estou a caminho. Você ligou para o xerife?

— Sim. O xerife Raines e um de seus ajudantes estão a caminho.

— Você pode? Minha voz começou a tremer quando liguei meu SUV. Você pode chamar as meninas para a diretoria? Só quero saber se elas estão à vista de alguém, só para garantir. Espera. Meu pai, ele ainda está aí?

— Sue bufou. — Não. Ele não está. Ele saiu. Mas não antes de dar um soco no rosto do Sr. Reilly.

Eu respirei fundo, imaginando nosso professor de ginástica de meados dos anos cinquenta esparramado no chão. — "Eu sinto muito. Estou a caminho. Estarei aí assim que puder. Por favor, cuide das minhas garotas.

— Eu vou, querida. Nada vai acontecer com elas. Você apenas dirige com segurança.

Se por *seguro* ela quis dizer como um morcego fugindo do inferno, então estava tudo bem. Meus pulmões paralisaram assim que terminei a ligação. Will. Oh Deus. Eu digitei o número do colégio. A secretária atendeu e eu rapidamente expliquei a situação. Por favor, chame-o a diretoria e não o deixe sair. Ninguém apareceu buscando-o, certo? E se minha mãe tivesse ido para o colégio? Will teria ido com ela apenas pela oportunidade de dizer tudo o que ele pensava.

— Ninguém foi tirado da escola hoje, Caelyn. Apenas respire fundo. Vou chama-lo agora.

— Obrigada. Agora eu estava tremendo, pequenos tremores que eu não conseguia parar. Vou mandar alguém o buscar. Não tenho certeza de quem, mas eles estarão na lista.

— Sem problemas. E se você precisar de mais alguma coisa, basta ligar.

Eu balancei a cabeça, mas então percebi que a mulher não podia ver aquela ação através do telefone. — Obrigada.

Desliguei enquanto fazia a curva da estrada que me levaria para a escola primária. Meu dedo pairou sobre os nomes na seção de favoritos dos meus contatos. Mas havia apenas uma pessoa para quem eu queria ligar. Ele atendeu após dois toques. Eu mantive minha voz o mais forte possível, mas sabia que ela vacilou um pouco. — Griffin? Eu preciso de você.

36

Griffin

Meu corpo inteiro travou, congelou no meio de um corredor na loja de ferragens. Um homem murmurou uma maldição enquanto me contornava, mas apenas entendi. — Onde você está? Foi a única coisa que pude pensar em perguntar.

— E—eu estou dirigindo para a escola primária. Eu preciso que você vá para a escola e pegue Will. Então dirija para lá. Você pode fazer isso?

O tremor em sua voz me deu um desejo ardente de destruir a fileira de luminárias na minha frente. O que aconteceu?

— O meu pai. Ele apareceu na escola primária e tentou levar as meninas.

Eu já estava correndo antes que ela terminasse sua frase, deixando cair no chão os pregos que estavam na minha mão sem pensar duas vezes. — Elas estão bem? Ele não os pegou, não é?

— Elas estão seguras. Eu não sei muito mais. Você vai se apressar?

Minhas costelas se contraíram em um aperto brutal. —Estou a caminho. Eu vou chegar lá o mais rápido que puder. Caelyn nunca pediu nada. Absolutamente nada. Provavelmente nem pediria um colete salva-vidas se um navio estivesse afundando. Ela simplesmente tentaria nadar até a costa sozinha. Mas ela estava me pedindo ajuda. Eu estarei lá.

— Obrigada, ela sussurrou.

— Desligue o telefone e dirija com cuidado.

— OK. Ela ficou na linha por mais um momento, em silêncio, como se não pudesse deixar a conexão terminar.

— Eu estarei lá em breve. Prometo.

— Vejo você em alguns minutos.

Ela desligou a ligação assim que eu entrei na minha caminhonete. Eu corri pela cidade, fazendo o meu melhor para pelo menos parar nos sinais de parada. Felizmente, os delegados do xerife já estavam todos na escola. Imagens passaram pela minha mente enquanto eu dirigia. Uma mistura brutal de minha irmã, depois Mia e depois Ava. Todos elas estavam me pedindo ajuda, mas eu não estava lá.

Eu balancei minha cabeça com força, agarrando o volante com mais força. Agora não era hora de enlouquecer. Will já estaria assustado. Eu tive que bloquear tudo por ele. Por Caelyn. Pelas meninas.

Eu estacionei na frente da escola bruscamente. Fui parado em uma pista de incêndio, mas não importava. Eu entraria e sairia em segundos. Abri a porta e corri pelo corredor até a diretoria. Assim que entrei, Will se levantou de um salto. O que está acontecendo? Eles não vão me dizer nada. Onde está Caelyn?

Segurei o ombro de Will enquanto olhava para a secretária. Eu sou Griffin Lockwood. Estou levando Will. Estou na lista.

— Eu sei quem você é, Sr. Lockwood. Diga a Caelyn que eu desejo que tudo melhore, ela precisar de alguma coisa para me ligar.

— Eu vou. Eu conduzi Will para fora da diretoria pelo corredor. Não estávamos correndo, mas nosso ritmo também não era exatamente lento.

— Diga-me, Will rosnou.

— Seu pai apareceu. Tentou tirar as meninas da escola. Elas estão bem. Mas precisamos ir ficar com suas irmãs.

Will deu um passo em falso e tropeçou, mas se controlou. — Eles têm certeza de que era ele?

Olhei na direção de Will enquanto subíamos na caminhonete. Eu não tinha pensado na possibilidade de ser outra pessoa, alguém fingindo ser o pai de Ava e Mia. Mas com que propósito? — Eu não sei. Vamos apenas ir até lá e ver o que é.

Eu dirigi alguns quarteirões até a escola primária o mais rápido possível. Em vez de entrar na via de incêndio como queria, me forcei a encontrar uma vaga adequada para estacionar. Assim que o motor foi desligado, Will e eu saímos do veículo e corremos em direção à escola.

Fomos direto para a diretoria, mas não tivemos que abrir a porta. Delegados do departamento de pessoal e do xerife circulavam, mas eu só tinha olhos para as minhas meninas. Eu ignorei todas as outras pessoas na sala. Parker parou de falar no meio da frase enquanto envolvia Caelyn, Ava e Mia em meus braços. Mia se soltou de Caelyn e colocou os braços em volta do meu pescoço. — Eu sabia que você viria, ela sussurrou.

Caelyn puxou Will para nosso pequeno amontoado. — Você está bem? Ninguém apareceu na sua escola?

Ele balançou sua cabeça. — Apenas Griffin.

Todos nós ficamos lá por um minuto neste abraço coletivo que eu tinha certeza de que parecia ridículo. Eu não conseguia achar que me importava. Eu não queria liberar nenhum deles. Aqui, juntos, eu sabia que eles estavam ilesos.

Parker pigarreou. — Todo mundo está seguro. Isso é o que é importante.

Meu olhar foi para ele e me forcei a dar um passo para trás. — O que é importante é que você descubra quem diabos estava aqui e os coloque no cárcere.

Mia se agarrou a mim com mais força. — Ele não vai me levar, certo? Eu não quero ir com meu pai.

Esfreguei a mão para cima e para baixo em suas costas, olhando para Parker. — Ninguém levará você para qualquer lugar, exceto para casa, *Pequenina*.

— Com você, certo?

Sua voz era tão baixa que eu queria estrangular alguma coisa. — Comigo.

Ela se enterrou no meu pescoço e eu fiz o meu melhor para manter meu controle sobre sua luz. Eu me virei, estendendo a mão livre para Caelyn. Eu precisava tocá-la, para me assegurar de que ela estava bem também. — Você está bem?

Ela assentiu. — Estamos bem. Certo, Ava?

Ava repetiu o aceno de Caelyn, mas não foi de forma convincente. Eu dei a ela o sorriso mais gentil que pude reunir em meio à raiva fluindo em minhas veias. — Você está segura. Ninguém vai te machucar. OK?

— Ok, Griffin, ela sussurrou.

Houve uma comoção na porta e me virei para ver Kenna, Bell e Ford. Kenna estava ao meu lado em um piscar de olhos, seguida de perto pelos outros dois. Ela estendeu as mãos para Mia. — Vou precisar de um abraço.

Mia foi até ela instantaneamente. — Eu sempre tenho abraços para você.

Kenna riu, mas havia lágrimas em seus olhos. — Todo mundo está bem?

— Estamos bem, disse Ava calmamente.

Bell estendeu a mão. — Posso receber um daqueles abraços? Só para ter certeza por mim mesma?

Ava sorriu e caminhou para os braços abertos de Bell. Caelyn pressionou mais perto de mim. — Vocês se importariam de levar as crianças para aquele banco no corredor? Precisamos falar com Parker.

— Claro, respondeu Kenna.

— Eu vou ficar.

Meu olhar travou com o de Will, sua expressão teimosa e desafiadora. Limpei minha garganta e dei a ele um olhar penetrante.

Ele olhou para seus sapatos, repensando seu plano de ataque. — Quer dizer, eu gostaria de ficar. Ele olhou para Caelyn. Eu mereço saber o que está acontecendo.

Ela prendeu a respiração. — OK.

Kenna e Bell levaram as meninas para o corredor, mas Ford ficou conosco enquanto voltávamos nossa atenção para Parker. Puxei Caelyn para o meu lado. Eu não tinha certeza se era por ela ou para mim — talvez nós dois. A sensação de seu corpo contra o meu me assegurou que ela estava aqui. Seguro. Todos estavam.

Eu me concentrei novamente em Parker. — O que você pode nos dizer?

Ele passou a mão pelo cabelo. — Não tanto quanto eu gostaria. Um homem entrou na diretoria esta tarde e perguntou pelas meninas. Disse que era o pai delas e que houve uma emergência familiar. Ele estremeceu quando olhou para Caelyn. E quando Sue pôs alguma resistência,

dizendo que havia uma lista e que ele não estava nela, ele disse que Caelyn tinha sofrido um acidente de carro.

O corpo de Caelyn deu um pequeno tremor em meus braços. — Pode ter funcionado.... Sua voz sumiu enquanto o terror a dominava.

— Não, não teria, Parker assegurou. A escola tem medidas de segurança por um motivo. Identificação com foto e uma lista de nomes aprovados para retirar e entregar. Ele não teria saído daqui com Mia e Ava.

Caelyn assentiu rigidamente, mas eu poderia dizer que nada disso acalmou sua mente. Pressionei meus lábios em sua têmpora brevemente. Mesmo o cheiro dela, aquele toque de baunilha e algo que era exclusivamente Caelyn, não me acalmou como normalmente fazia. Eu ainda continuei respirando nela, esperando que eventualmente me aliviasse.

Will arrastou os pés. — Tem certeza de que era meu pai?

Parker se virou para encará-lo. — Sue não pode dizer com certeza. O homem tinha barba e usava um boné de beisebol. — Por que você pergunta?

— É que ele se foi há muito tempo. Por que ele voltaria agora? Ele nunca deu a mínima para nós. Não faz sentido.

— É porque a mamãe saiu. Os dedos de Caelyn cravaram na minha camiseta do jeito que sempre faziam quando suas emoções estavam intensas. Eu a vi. Duas vezes. Ela ainda o ama. E ela sabe onde ele está.

Parker se endireitou. — Você acha que eles vão tentar fugir?

— Talvez. Sinceramente não sei. Ela disse que está tentando consertar as coisas. Talvez ela queira seus filhos de volta. Mas ela é uma estranha para mim, Parker. A voz de Caelyn falhou. — Eu não conheço aquela mulher. Não tenho certeza se já fiz um dia.

Parker pegou seu telefone e fez algumas anotações. — Você deveria ter me ligado. Dizendo que você teve um encontro com ela.

— Eu disse a ela para ir até você. Para dizer onde nosso pai está. Ela recusou. Tirar um tempo do seu dia para bater na porta dela não mudaria nada. Ela é muito teimosa.

Os olhos de Parker se concentraram em Caelyn, seu olhar duro. — Preciso conhecer todas as peças em jogo. Sem esconder nada mais, ok?

Caelyn apertou seus dedos sobre minha camisa. — Você está certo. Eu prometo que vou te contar tudo de agora em diante.

— Obrigado. Vou mandar alguns policiais para a casa da sua mãe enquanto terminamos aqui. Por que vocês não vão para casa? Deixe as crianças acomodadas. Vou passar por lá depois que terminarmos aqui.

— Obrigada, Parker. Por tudo. Sinto muito por estarmos trazendo você para esta confusão mais uma vez, Caelyn disse.

O rosto de Parker endureceu. — Isso não é culpa sua. Não coloque as ações de outra pessoa em seus ombros.

— Ele está certo, disse Will. Nossos pais são uns idiotas. Mas isso não é por nossa conta.

Os lábios de Caelyn se curvaram um pouco. — Eu prefiro o termo pedaço de merda. Limita o xingamento.

Ford deu uma risadinha. — Vocês, meninas, adoram essa palavra.

Ela encolheu os ombros. —Quando o sapato serve... Caelyn saiu do meu aperto para bagunçar o cabelo de Will. — Vamos. Vamos para casa.

Algo sobre o gesto fez com que o primeiro pouco de tensão deixasse meus músculos. Era tão normal. A maneira como Caelyn e Will sempre brincavam. Ele disse que tudo ficaria bem.

Parker estendeu a mão para parar Ford e eu enquanto Caelyn e Will saíam da diretoria. — Como é a segurança em sua casa?

Esse pequeno pedaço de paz desapareceu em um flash. — É bom. Foi top de linha alguns anos atrás. Mas isso não era bom o suficiente. Eu precisava do melhor que fosse.

Ford pareceu ler meus pensamentos. — Eu tenho um amigo. Ele é muito conhecido e isso o torna louco por segurança. Ligarei para ele no caminho para sua casa. Veja se ele tem alguma recomendação.

— Obrigado, eu disse. Eu realmente gostei disso. Diga a ele que o preço não é um problema e pagarei o dobro se ele puder instalar na próxima semana. Ford balançou o queixo em concordância e me virei para Parker. — Você acha que quem quer que seja vai tentar de novo?

Ele esfregou a mão no queixo. — Eu não sei. E não gosto de ficar no escuro. Com sorte, saberemos mais depois que os oficiais falarem com Chrissy. Mas prefiro ser excessivamente cauteloso.

Eu também. A verdade é que eu daria qualquer coisa, pagaria qualquer preço, se pudesse apenas manter esta família segura. Porque de alguma forma, nos últimos meses, eles passaram a significar tudo para mim.

37

Czelyn

Eu me inclinei contra o peito de Griffin, deixando os sons das crianças brincando e a sensação dele me abraçando, acalmar meus nervos em frangalhos. Crosby convenceu Will, Ava, Mia, Bell e Ford a jogar futebol. Kenna estava na cozinha preparando uma jarra de chá gelado para nós. As pessoas que eu mais amava no mundo estavam todas aqui e estavam seguras.

Griffin pressionou seus lábios na minha têmpora. — Eles estão se recuperando.

Ele estava certo, é claro. Poucas coisas eram mais miraculosas do que a resiliência das crianças. Eu tinha visto isso uma e outra vez. Mas saber que isso era possível não mudou o quanto eu odiava que meus irmãos parecessem precisar usá-lo mais do que a maioria. — Eu não quero que eles se machuquem ou tenham medo. Quando ganhei a custódia deles, prometi a mim mesma que eles nunca teriam o tipo de medo que sentiram quando meus pais os abandonaram e aquele homem invadiu a escola. Mas elas ficaram apavorados duas vezes no mês passado.

Griffin me puxou com mais força contra ele. — Mas você os faz sentir seguros, mesmo quando a vida é assustadora.

Fiz um barulho no fundo da garganta. Não era um acordo ou desacordo. Eu não queria ser apenas um lugar seguro para essas crianças. Eu queria ficar entre eles e qualquer coisa que pudesse lhes causar dano.

Griffin não tentou enfatizar seu ponto de vista. Ele simplesmente me abraçou e deixou sua presença ser um bálsamo. Meus olhos começaram

a fechar quando ele se mexeu, pegando seu telefone. — Ei, Parker. Suba. Houve uma breve pausa. OK. Nos encontraremos na frente.

— Ele está aqui? Perguntei.

— Sim. Ele quer falar conosco, sozinhos.

Meu estômago deu uma reviravolta violenta. *Sozinhos* significava algo ruim. Algo que ele não queria dizer na frente das crianças. —OK. Eu odiava a pequenez da minha voz, mas eu não conseguia infundir mais força nela.

Griffin me colocou de pé. — Não importa o que aconteça, vamos descobrir.

Eu procurei seu rosto, procurando por aquela promessa silenciosa de que eu estaria em primeiro lugar para ele. Que eu não seria tão facilmente posta de lado como fui por meus pais, por garotos e homens com quem namorei no passado. Era injusto, mesmo em silêncio, procurar esse voto. Mal nos conhecíamos; foi apenas um beijo. No entanto, de alguma forma, parecia que eu conhecia Griffin a vida toda. Que ele podia ver dentro de cada parte e cantos da minha alma. E com esse conhecimento e percepção veio o potencial para uma dor devastadora se ele decidisse que eu não era boa o suficiente.

Tentei forçar os pensamentos da minha cabeça, para estabelecer o conhecimento de que não estava sozinha agora. Teria que ser o suficiente. Eu entrelacei meus dedos com os de Griffin. Vamos lá.

Contornamos a casa, escapando sem que os jogadores de futebol percebessem. Chegamos à frente da casa da fazenda quando o SUV de Parker fazia a volta. Segurei a mão de Griffin com mais força quando Parker parou e desceu. Ele tinha uma máscara impecável no rosto. Não pude ler uma única expressão. E isso me assustou ainda mais.

Ele caminhou em nossa direção, parando a apenas alguns passos de distância. — Caelyn, eu tenho algumas novidades.

Meus olhos ardiam em meu esforço para mantê-los abertos, para não desviar o olhar do que quer que estivesse vindo em minha direção. — Diga rápido.

Parker concordou. — Dois policiais foram fazer uma visita à sua mãe. Não houve resposta a princípio. Mas quando bateram com mais força, a porta se abriu. Eu sinto muito. Ela está morta.

Eu fiquei ereta como uma vara, desejando todo o aço que eu pudesse reunir em minha coluna. — Overdose? Eu esperei por essa ligação desde a prisão de minha mãe. Eu não era um idiota. Eu sabia que havia maneiras de obter drogas na prisão. Mas agora? Eu respirei fundo. — Oh Deus. Isso é tudo minha culpa. Meus joelhos começaram a tremer.

Griffin agarrou meus ombros e me virou para encará-lo. Do que você está falando?

— Eu — eu fui horrível com ela esta manhã. Eu disse que não queria vê-la a menos que ela denunciasse meu pai. Oh, Deus. Ela deve ter ido depois fazer disso.

— Caelyn, Parker começou. Não foi uma overdose

— Então o que? Parei no meio da frase ao ver o rosto de Parker, o breve momento em que sua máscara caiu.

— Ela foi assassinada.

Tentei respirar, mas não conseguia segurar o ar. Ele simplesmente saiu pelo meu corpo sem realmente trazer nenhum oxigênio para os meus pulmões. Meus músculos se contraíram e ouvi Griffin murmurar uma maldição, embora parecesse distante. De repente, eu estava deitada, a grama fria contra minhas costas com Griffin pairando sobre

mim. Preocupação, não... *pânico*, gravou suas feições. — Caelyn, eu preciso que você respire. Devagar e constante.

Ele levantou e abaixou a mão, guiando-me através das respirações. Em pouco tempo, meus músculos pareceram relaxar e o mundo não parecia mais tão confuso. — Estou bem, eu resmunguei.

Griffin fez uma careta. — Você não está bem. Ele lentamente me ajudou a sentar. — Você quer ir para o hospital? Vai ver o Dr. Kipton?

— Não. Sem médicos. Estou bem. Eu só... eu não sabia como responder isso. Eu simplesmente perdi.

Griffin segurou meu rosto, envolvendo-o com suas mãos grandes. — Você está autorizada a sentir o que você precisa. Apenas saiba que estou com você.

O ardor em meus olhos estava de volta, mas por um motivo totalmente novo. — Eu sei.

Parker pigarreou. Devo ligar para os paramédicos?

— Não. Fiquei de pé, Griffin do meu lado. — Estou bem. Mesmo. Eu só... preciso saber o que aconteceu.

Parker parecia compreensivelmente cético quanto a compartilhar quaisquer detalhes com uma mulher que quase se hiperventilou até desmaiar. Griffin indicou alguns bancos que ficavam na frente da casa. — Vamos sentar-nos. Então você pode nos contar tudo.

Eu apertei a mão de Griffin. Um agradecimento silencioso por me apoiar, por não permitir que Parker escondesse coisas de mim por algum instinto protetor equivocado. Nós sentamos nos bancos, Griffin colado ao meu lado e Parker em seu próprio banco. Ele examinou meu rosto por um momento antes de proceder como se verificasse se eu conseguiria lidar com isso. — Ela foi esfaqueada.

Eu engoli a bile subindo pela minha garganta. Uma parte de mim odiava minha mãe. Há alguns dias essa peça era maior do que as outras. Mas eu a amava também. E assim como o ódio, esse pouco oscilou. Mas mesmo nos dias em que eu mais a odiava, quando Ava tinha um pesadelo sobre o passado, ou Will colocava muito em seus ombros, ou Mia perguntava por que seus pais não a amavam... Mesmo nesses dias, eu não faria não a desejaria morta. Eu simplesmente queria que a justiça fosse feita. Isso não era justiça.

Parker continuou. — Até agora, nenhuma testemunha. E você conhece aquele bairro. Não é como se houvesse câmeras de segurança. Ele virou um pedaço de cascalho com a ponta da bota. — Havia uma mensagem.

— Onde? Perguntei.

— Na parede. Dizia: *Traidor*.

Eu inalei pelo nariz, tentando desesperadamente não perder meu almoço durante toda a conversa. — O meu pai? Como chegou a isso? Ela disse a ele que ele precisava se entregar, e ele se voltou contra ela? Por mais desprezível que ele fosse, eu simplesmente não conseguia imaginá-lo fazendo isso. Mas, novamente, eu realmente não conhecia meus pais.

Parker olhou para a terra ao nosso redor como se procurasse a resposta certa. — Os sinais apontam para esse lado. Mas pode ser outra pessoa envolvida naquele grupo. Uma pessoa em quem não estamos pensando.

Minha respiração começou a ficar mais rápida. — Se isso for verdade, a lista de possibilidades é infinita. Como faço para manter as crianças seguras quando poderia ser qualquer pessoa? — Você sabia que meu pai viciou o marido de Patti nessas coisas? Deus sabe quantas pessoas nesta ilha nos odeiam por causa do que meus pais fizeram.

Os olhos de Parker se arregalaram. — Eu não sabia. Mas isso não é motivo para odiar você.

Griffin esfregou a mão para cima e para baixo no meu braço. — Ele tem razão. Não é.

— As pessoas nem sempre são lógicas. Não é preciso muito para criar ódio ou medo em alguém. Eu tinha visto isso uma e outra vez, e sabia que Griffin também. Eu encontrei seu olhar, silenciosamente pedindo-lhe para entender.

Ele roçou sua boca contra a minha. — Vamos mantê-la segura.

Eu balancei minha cabeça um pouco. — Não podemos estar em todos os lugares o tempo todo. Estarei no trabalho; as crianças estarão em duas escolas diferentes. Sem mencionar a ginástica de Mia e o futebol de Will. Como é possível ficar de olho neles o tempo todo?

Griffin apertou minha nuca em um ritmo que eu sabia que deveria acalmar. — Vamos dividir e conquistar. Ford e Crosby já se ofereceram para ajudar, e você sabe que Hunter também fará. Entre nós, eles, e Bell e Kenna, as crianças não estarão sozinhas fora da escola. Nem por um único segundo.

— Vou colocar um policial fora da escola primária pelas próximas semanas, pelo menos, acrescentou Parker. — O colégio já tem segurança. E darei a ele um rádio que o manterá em contato com o departamento. Temos os minúsculos terrores cobertos.

Muitos na ilha pensaram que era um pouco ridículo ter um segurança em uma escola do tamanho da *Anchor*. Mas agora, eu estava contando minhas estrelas da sorte por alguém estar de guarda por Will. — E o recreio?

— Todos os funcionários e professores foram informados da situação. Eles ficarão de olho.

Eu entrelacei meus dedos com os de Griffin, traçando um padrão invisível nas costas de sua mão. OK.

— E a loja? Griffin perguntou. — Não é como se você pudesse ter alguém parado na porta pedindo identidade antes de entrar. Sua mão agarrou a minha com um pouco mais de força. — Talvez você devesse pensar em tirar uma folga.

Minha boca se abriu. — Você sabe que não posso. Eu já me sentia incrivelmente culpada por permitir que Griffin me pagasse pelas refeições quando estávamos morando aqui, mas ele insistiu que deveria realmente estar me pagando mais com todo o trabalho que estávamos fazendo na casa da fazenda. Eu não tinha certeza se os desenhos de *glitter* de Mia podiam realmente ser contados como trabalho. Mas a verdade era que precisávamos do dinheiro. Eu ainda estava pagando o aluguel astronômico da velha casa, e a ginástica de Mia não estava ficando mais barata. Eu comecei a guardar um pouco de dinheiro para aquela aula de culinária que esperava fazer, mas se eu parasse de trabalhar na loja, tudo iria desmoronar.

— Por favor. Griffin apertou minha mão. Pense nisso. Você pode se livrar da casa alugada e apenas guardar seus pertences na oficina aqui até que essa bagunça acabe. Você paga muito por aquele lugar de qualquer maneira.

Minha cabeça estava girando. Era tudo um pouco demais. — Esse lugar é nossa casa, Griffin.

Ele parecia como se eu o tivesse golpeado. Não é que não estivéssemos confortáveis aqui. Na verdade, estávamos em casa. Mas aquela casinha amarela foi onde minha família abriu nosso caminho no mundo desde o momento em que saímos por conta própria. Saindo das sombras e entrando na luz. Eu não estava pronta para deixar isso passar. Especialmente quando a casa da fazenda não era nossa para sempre. Pelo menos, não tão cedo.

Esfreguei círculos suaves nas costas da mão de Griffin. — Essa casa tem sido o lar das crianças nos últimos seis anos. Não quero perder isso só para tentar economizar um pouco de dinheiro.

O maxilar de Griffin trabalhou para frente e para trás. — Eu entendo.

Não parecia que sim. De alguma forma, eu não estava transmitindo meu ponto de vista e o magoei no processo. E eu não tinha ideia de como fazer isso melhor.

Parker pigarreou. — Eu terei policiais fazendo visitas regulares e paradas. Sei que seus amigos também têm passado por aqui. Vamos continuar assim. E falei com o Sr. Walters. Ele vai se certificar de que você nunca trabalhe sozinha.

— Isso soa como um bom plano. Só sinto muito que todos tenham que ter todos esses problemas extras.

A mão de Griffin balançou na minha e ele me soltou. A retirada do toque, seu apoio silencioso, era fisicamente doloroso. Griffin se levantou. — Vou pegar uma cerveja e ver como estão as crianças. Vocês precisam de alguma coisa?

Fiquei imóvel e em silêncio, mas Parker balançou a cabeça. — Eu estou bem.

Observei as costas de Griffin enquanto ele se afastava, mordendo meu lábio inferior para não chorar. — Eu errei, eu sussurrei.

Parker deu uma tapinha no meu joelho. — Você não fez. Não há sentimento mais impotente do que quando alguém de quem você gosta está em perigo. Tudo parece fora de controle. E alguns de nós não lidam com isso tão bem.

Eu olhei para Parker. — Eu não tenho certeza se isso é tudo. Ele estava bravo porque eu não desistia da casa. Como se fosse um insulto de alguma forma. "

Um sorriso apareceu no rosto de Parker. —Ele quer você com ele. Segura. Onde ele pode ficar de olho em você.

Meu estômago embrulhou. Griffin *me* queria? Ou ele apenas se fixou em me manter segura?

38

Czelyn

PELO QUE PARECEU ser a milionésima vez naquele dia, eu pulei quando a porta de tela da loja bateu contra sua moldura de madeira. Eu juro que vou quebrar essa porta ao meio, eu murmurei.

— O que isso fez com você?

Soltei um pequeno grito quando avistei Max saindo da sala dos fundos, com os braços cheios de produtos para reabastecer. Minhas bochechas esquentaram. — Desculpe. Estou um pouco nervosa hoje e pronto para descontar naquela pobre porta de tela indefesa.

Ele riu, mas ficou sério quando olhou meu rosto. — Tudo certo?

Havia algo sobre o foco de Max. Foi intenso e parecia que ele podia ler qualquer expressão como se fosse fluente na linguagem corporal. Eu quebrei o olhar. — "Estou bem. Apenas algumas semanas difíceis.

— Bem, eu ia para o *The Catch* depois de fechar com alguns amigos. Por que você não se junta a nós para uma cerveja ou duas?

Eu estudei Max por um momento. Não pude dizer se isso foi simplesmente um gesto amigável ou outra coisa. Eu era convidada para sair ocasionalmente, mas já fazia muito tempo. Uma pequena parte de mim queria dizer sim. Não porque eu tivesse algum interesse em Max, mas porque senti um desejo ardente de ficar com Griffin. Desde a conversa com Parker, ele voltou para seus velhos modos carrancudos e mal-humorados. Só agora era pior. Ele mal tinha dito duas palavras para mim desde ontem à tarde. E quando você morava na mesma casa e fazia todas as refeições com alguém, isso era uma façanha.

Eu soltei um suspiro. Não importa o quanto Griffin estava sendo um rabugento desajeitado, eu não poderia fazer isso. Porque mesmo no seu aspecto mais carrancudo e grunhido, eu ainda amava o desgraçado. Apaixonar-me por um homem que talvez nunca seja capaz de me dar o que eu preciso pode ser o maior erro que já cometi.

— Uh, Caelyn? Max começou. — Você está bem?

Pisquei algumas vezes. — Desculpe. Me perdi no espaço sideral por um segundo. É muito legal da sua parte perguntar, mas tenho planos com Griffin e as crianças esta noite.

Ele acenou com a cabeça, indo para a seção de produtos. — Talvez outra hora. Nos encontramos toda semana.

— Certo. Talvez.

Kenna apareceu bem naquele momento, contornando o balcão e me puxando para um abraço. — Ei, Cae. O novo cara estava te convidando para sair?

Eu belisquei o lado de Kenna. — Pare com isso.

— Ai! Para o que foi aquilo? Você tem sorte de eu não estar enjoada hoje. Algo assim pode fazer você vomitar.

Eu fiz uma careta para ela. — Max pode ter ouvido você. Não o envergonhe.

Kenna arqueou uma sobrancelha. — Você quer que ele te convide para sair?

— Não. Mas ele é legal e não merece ficar envergonhado.

Kenna me estudou cuidadosamente. — O que está acontecendo?

— Oh, eu não sei. Eu tive um tijolo jogado pela janela, minhas irmãs foram quase sequestradas e minha mãe foi assassinada. Apenas algumas coisas.

Ela estremeceu. — Desculpe. Eu sei que é muito. Eu não queria parecer uma vadia sem coração.

— Não, eu sinto muito. Puxei Kenna para um abraço. — Foram apenas vinte e quatro horas muito longas.

Ela esfregou a mão para cima e para baixo nas minhas costas enquanto me abraçava. — Você sabe que não precisa estar aqui hoje. Ninguém espera que você continue como se nada tivesse acontecido.

— Eu não quero estar em nenhum outro lugar. Minha voz falhou na última palavra, as lágrimas lutando para se libertar.

— Ei, ei agora Kenna se afastou, mas continuou segurando meus ombros. Isso é sobre o quê? Sua mãe?

Eu balancei minha cabeça. As lágrimas deveriam ter caído sobre minha mãe, mas eu simplesmente não conseguia derramá-las por ela. A única coisa que senti por minha mãe foi um caminhão carregado de culpa, minhas últimas palavras tocando repetidamente em minha mente. — As coisas estão erradas com Griffin. E isso é realmente inconveniente porque estou apaixonada por ele. Estou com medo de que ele simplesmente acabe comigo e me jogue fora.

— Vamos. Kenna me puxou para o escritório dos fundos e fechou a porta. Há mentiras se enraizando em sua mente agora, e você precisa arrancar esses idiotas. Confie em mim. Eu sei o que é pensar que todos que entram em sua vida estão muito longe de sair dela, especialmente aqueles que você mais ama. Mas não acho que Griffin deu qualquer sinal disso. Ele parece muito preso a você.

Mordi meu lábio inferior, tentando colocar minhas emoções turbulentas sob controle. — Estou com medo o tempo todo, Ken. Antes de Griffin entrar em cena, eu estava com medo de que algo horrível pudesse acontecer com uma das crianças. Que eu iria atrasar minhas contas e acabar sem casa. Que eu perderia a custódia. A lista não tem fim. E eu estava tão cansado de carregar toda aquela preocupação nos ombros. De ter que segurar tudo sozinha. Mas então Griffin apareceu. E ele assumiu parte desse fardo sem eu sequer pedir. As crianças se apaixonaram por ele. Antes que eu percebesse, eu estava me apoiando nele. Dependendo dele. E ele me faz sentir tão segura. Nunca me senti tão segura quanto em seus braços. Mas agora estou ainda mais assustado porquê e se ele decidir que não quer isso. Não nos quer. Eu. Não tenho certeza se algum dia vou me recuperar.

Lágrimas brilharam nos olhos de Kenna, transbordando por suas bochechas. — O amor é o salto mais assustador que você já fez. Mas eu prometo a você, vale a pena.

— Vale a pena para você porque deu certo entre e Crosby no final. Posso não ter tanta sorte.

Kenna enfiou os dedos em meus braços. — Ainda valerá a pena. Porque não importa o que aconteça, você está expandindo seu coração. Aumentando sua capacidade de amar. Mas eu não descartaria Griffin. Acho que ele vai ajudar você no final.

Eu encarei a amiga que conheci por toda a minha vida. Ela sempre foi mais do que um pouco pessimista. Ou uma *realista,* como ela chamava. Eu nunca tinha ouvido nada parecido sair de sua boca. — Quem é você e o que fez com a minha melhor amiga?

Kenna me deu um pequeno empurrão. — Oh pare com isso.

— Você está até *chorando*.

Ela enxugou furiosamente as bochechas. São os hormônios da gravidez. Eles ativaram meus dutos lacrimais com força total.

Eu dei a ela um pequeno sorriso. — Obrigada, Ken. Eu te amo. Você sabe disso, certo?

— Eu sei. Agora você apenas tem que confiar que parte do amor que você dá ao mundo voltará para você.

Eu respirei fundo. Eu não poderia enlouquecer agora. Eu só precisava manter a esperança de que, eventualmente, Griffin e eu encontraríamos nosso caminho, e que o que deveria acontecer aconteceria. Mesmo que tenha havido ferimentos ao longo do caminho.

Mudei o pano ao longo da bancada, com cuidado para pegar cada canto da superfície. Algo sobre a tarefa me acalmou. Sempre foi assim. Tantas coisas estavam fora do meu controle na minha vida — sempre foi assim. Mas uma limpeza boa e profunda sempre me fez sentir como se eu pudesse colocar meu mundo de volta em ordem, não importa o quão longe ele tivesse se desviado do caminho.

Eu levei um momento para esticar minhas costas. Os minutos pareciam diminuir à medida que nos aproximávamos das quatro horas. Apenas mais dez tique-taques no relógio e eu estava livre para ir para casa.

A garganta se limpou e me virei na direção do som. — Sinto muito, estamos fechados por hoje. Minhas palavras foram interrompidas quando reconheci o homem na minha frente. Foi ele quem entrou na loja semanas atrás e praticamente atropelou Shay. Mas ele parecia... menos desgrenhado. Seu cabelo não estava mais oleoso e suas roupas estavam limpas.

O homem torceu o boné nas mãos. Não estou aqui para comer um sanduíche, senhorita. —Eu, uh, sou Dave Herbert.

Eu congelei com o nome. Como não o reconheci quando ele entrou pela primeira vez? Eu passei horas olhando seu rosto através de um tribunal. O homem que invadiu a casa de nossa família e aterrorizou meus irmãos anos atrás. E ele estava parado na minha frente agora. Minha mão lentamente alcançou meu bolso de trás para pegar o spray de pimenta que coloquei lá esta manhã.

— Estou percebendo pelo olhar em seu rosto que você se lembra de mim.

— Seria impossível esquecer o homem que tentou atacar meu irmão e minhas irmãs. Que deixou cicatrizes das quais nunca se livrarão. Burra, burra, burra. A última coisa que eu precisava fazer era ameaçar alguém que tinha um histórico comprovado de violência. Eu deveria ter gritado por ajuda. Mas não pude resistir ao impulso de tentar fazer esse homem entender todas as maneiras como ele machucou minha família.

Em vez de raiva passando por seu rosto, eu vi dor. Pelo menos eu pensei que era isso. Dave torceu o chapéu em uma espiral mais apertada. — Eu não os teria machucado. Ele suspirou, continuando, quase como se estivesse falando sozinho. — Pelo menos, eu não acho que teria. Mas quem sabe quando estou confuso com essas coisas? Sua cabeça se levantou para que ele pudesse encontrar meu olhar. Eu sei que não há nada que eu possa dizer para apagar a dor que causei, mas preciso que você saiba que sinto muito. Mais triste do que você imagina. Estou em liberdade condicional agora. E estou recebendo ajuda.

Eu procurei seu rosto, tentando descobrir a verdade. Ou a mentira. — —Você estava drogado quando entrou aqui antes.

Dave estremeceu. Eu tive um deslize. Pensando em vir aqui, te enfrentar, me desculpar.... Não lidei bem com isso.

A culpa rodou em minha barriga. O rosto de minha mãe apareceu em minha mente. As últimas palavras duras que eu lancei em sua direção. Ela vinha lutando por sua sobriedade, mas isso não foi o suficiente para mim. Lágrimas picaram atrás dos meus olhos. — Não posso esquecer o que você fez. Eu não mentiria para ele. O terror que ele causou à minha família moldou todos nós em quem éramos agora. — Mas eu agradeço por você ter vindo aqui para se desculpar.

Dave engoliu em seco, seu pomo de adão balançando. Eu quero fazer as coisas certas. Talvez eu possa fazer algum trabalho em sua casa. Ou trazer mantimentos. O que você precisar.

— Se você quiser consertar as coisas, ficará sóbrio. Você trabalhará em seu programa e não será a pessoa que machucará minha família nunca mais. Um pouco da minha raiva explodiu, a raiva que se construiu ao longo dos sete anos que eu tinha acalmando pesadelos e medos reconfortantes. Eu engoli de volta. — Isso é o que você pode fazer. Dave acenou com a cabeça. Eu vou. Promessa. Eu tenho um bom guia e ele está me ajudando. Por favor acredite em mim. Não quero machucar ninguém como fiz com aquelas crianças.

— O que você acabou de dizer?" Uma voz rosnou. Eu me virei para ver Griffin vindo em nossa direção. — Quem você diabos é?

Ah não. Isso não ia ser bom.

39

Griffin

Eu dei mais um passo em direção ao homem. A raiva bombeando em minhas veias era uma coisa viva, respirando. Eu não poderia ter ouvido direito. Este não era o homem que aterrorizou Will, Ava e Mia. Ele não teria a audácia de mostrar seu rosto aqui. —Eu lhe fiz uma pergunta. Quem. é. Você?

— Griffin... — Caelyn começou. Minha cabeça girou em sua direção, e ela imediatamente parou de falar ao ver a expressão no meu rosto.

—Eu — eu sou Dave Herbert. Não estou aqui para causar problemas. Eu só vim me desculpar.

—E. por. Que. Você. Está. Se. desculpando? — Pontuei cada palavra como se fosse sua própria frase.

A mandíbula do homem ficou dura e ele perdeu um pouco do medo em sua expressão. —Isso é entre mim e a Sra. O'Connor.

— Oh, é mesmo? Bem, a Sra. O'Connor é da minha conta, então discordo.

Seus olhos se arregalaram em compreensão. —Eu realmente vim me desculpar. Eu juro.

Uma mão rodeou meu braço, o toque firme, mas a pele delicada. — Ele está dizendo a verdade, Griffin. Acalme-se.

Eu olhei para Caelyn. Ela parecia mais do que exausta. Não o tipo de cansaço que significa falta de sono, mas o tipo que fala de uma alma fatigada. Apertei meu maxilar. Foi culpa minha. Eu deixaria meu orgulho e medo tirar o melhor de mim. Quando ela se recusou a abrir mão do

aluguel de sua casa, não pude deixar de levar para o lado pessoal. Todas as velhas dúvidas sobre deixar pessoas entrarem em minha vida criaram raízes em meu cérebro. E o pensamento dela e as crianças voltando para lá... minha ansiedade aumentou para cem. Quem cuidaria deles se estivessem sozinhos? Eu sabia que Caelyn poderia lidar com quase tudo, mas eu não queria que ela tivesse que carregar tudo sobre os ombros. E sempre havia aquela coisa para a qual você não estaria pronto. Eu sabia disso melhor do que ninguém.

Tentei diminuir a ferocidade da minha expressão porque não era de forma alguma dirigida a ela. Foi isso que bagunçou as coisas entre nós em primeiro lugar — eu agindo como um idiota mal-humorado. Mas Caelyn precisava de uma chamada de atenção. Ela sempre viu o melhor nas pessoas. Não importa o que. E ela precisava estar em alerta agora.

Eu apertei sua nuca. —Você não o conhece. Ele poderia estar envolvido em todas essas coisas.

—Ele veio se *desculpar.*

A mente de Caelyn sempre procurou o positivo, nunca considerando as implicações mais sombrias das ações de alguém. Normalmente, eu amava isso nela. Mas agora, eu precisava que ela suspeitasse um pouco mais. Virei meu olhar para o homem que eu sabia que era Dave Herbert. —Onde você esteve nas últimas semanas?

Um breve flash de desafio brilhou em seus olhos. —Você não é meu oficial de condicional.

Minhas mãos se fecharam e flexionaram instintivamente. —Não. Mas posso garantir que o xerife Raines fará uma visita em um futuro próximo. E suponho que, se você estiver em liberdade condicional, terá que responder a essas perguntas. Ele pode até testar você. Esse teste vai ser limpo?

O desafio no olhar de Dave ficou mais quente. —Eu estive aqui. Consegui um emprego trabalhando na construção.

—Você foi até a casa de Caelyn desde que saiu?

—O que? Não. Eu não faria isso, — disse Dave.

Eu não consegui descobrir nada sobre ele. Era como se ele fosse duas pessoas diferentes. Um que realmente estava tentando organizar sua vida, e outro que era governado pela raiva e algo mais sombrio. Onde quer que estivesse a verdade, qualquer que fosse o tom de cinza, eu não iria descobrir agora. —Você disse o que queria. Agora fique longe de Caelyn. E nem pense em chegar perto de uma das crianças.

Ele ergueu as duas mãos, afastando—se lentamente. Seu olhar foi de mim para Caelyn. —Obrigada por ouvir. Quero dizer.

Ela assentiu com a cabeça, mas apertou meu braço com mais força, e ela não disse uma palavra. Quando Dave desapareceu de vista, eu a puxei em meus braços. —Pare de tirar anos da minha vida. — Caelyn ficou em silêncio, suas mãos em punho na minha camisa — o silêncio diz que suas emoções estavam descontroladas. Pressionei meus lábios em seu cabelo. —Eu sinto muito.

Ela inclinou a cabeça para trás para que pudesse ver meu rosto. — Por quê?

—Ser um idiota. Você precisava de apoio, e eu fui um idiota egoísta.

Caelyn procurou meu rosto, procurando por algo. —Eu não lido bem quando as pessoas correm.

Minhas sobrancelhas se juntaram. —Eu não corri. Eu estava bem ali.

—Você poderia muito bem, estar a um milhão de milhas de distância.

Meu peito apertou quando sua voz engasgou. Afastei o cabelo de seu rosto e segurando-o. —Eu sinto muito. É instinto. Uma coisa de autoproteção. Vou tentar ser melhor com relação a isso, mas não posso prometer que não vai aparecer de vez em quando.

O aperto de suas mãos na minha camiseta aumentou. — Proteção? De mim?

—Ninguém tem mais poder de me machucar do que você.

Caelyn respirou fundo. —E você acha que eu vou? Que eu quero te causar dor?

—Não. Não depois de haver pensado nele. Mas, no momento, tudo em que eu conseguia pensar era que entreguei a você tudo que precisaria para me destruir. Eu sei que não faz sentido, mas você se segurando com tanta força em sua casa... parecia que você estava a um passo de sair correndo da minha vida.

—Griffin... — Caelyn colocou a mão no meu peito, sobre o meu coração. —Eu não estou fugindo. Estou apenas sendo inteligente, prática.

Eu entendi isso. Nós mal começamos a namorar. Mas eu não conseguia imaginar a casa da fazenda sem a vida que Caelyn e as crianças trouxeram para ela. —Sentirei sua falta quando você partir. Todos vocês.

Seu rosto se suavizou. —Você honestamente acha que vai nos manter longe por mais de vinte e quatro horas? — Ela revirou os olhos para o céu. —Já posso ouvir o choro. *Eu quero ir para a lagoa. Eu quero jogar futebol com Griffin. Eu quero trabalhar na casa da fazenda.* Eu nunca vou ouvir o fim disso. E você sabe que será uma tarefa simples.

Eu sorri e puxei Caelyn para mais perto de mim, nossos corpos se aquecendo. —E você? Você sentirá minha falta? Você vai reclamar?

Ela ficou na ponta dos pés e roçou os lábios nos meus. —Vou sentir falta da sua boca. — Seus dedos se entrelaçaram com os meus. —Suas mãos. — Seu olhar travou com o meu. —Como você me faz sentir segura.

Meu coração batia trovejante no meu peito. —Você tem tudo. E você não vai perder isso estando a três quilômetros de distância. — Inferno, eu passaria todas as noites naquele sofá destruidor de costas dela se fosse necessário. Qualquer coisa para que ela nunca se sentisse sozinha novamente.

40

Czelyn

— Ei, Molls, eu cumprimentei quando ela entrou na loja para seu turno da tarde.

Ela caminhou até o fundo da loja, me olhando com atenção. — Você está bem? Você saiu daqui com aquela montanha de homem ontem, antes que eu tivesse a chance de falar com você.

— Desculpe. As coisas têm estado um pouco extremas ultimamente. Eu realmente aprecio você e Max fechando. A explicação soou idiota até para os meus ouvidos, mas não havia muito que eu pudesse compartilhar com ela. Parker estava tentando esconder o assassinato de minha mãe até que ele tivesse mais informações. E isso significava que eu ainda não tinha contado para as crianças.

A culpa me corroeu. Will merecia saber. Sabia que algo estava acontecendo. Mas ele achava que eu estava com raiva porque alguém tentou levar Ava e Mia. E ele não estava errado sobre isso. Liguei para a escola pelo menos cinco vezes por dia para ver como estavam. Mas o que aconteceu com nossa mãe... isso me assustou até os ossos.

— O que está acontecendo? Molly perguntou. Alguém deixou outro bilhete para você?

Eu balancei minha cabeça. Eu tive que contar algo a ela. — Alguém tentou tirar as meninas da escola outro dia.

— O que? Elas estão bem?

Eu concordei. — Elas estão bem. Sue não o deixou passar pela diretoria. Mas estou assustada, para dizer o mínimo.

Molly contornou o balcão e me deu um abraço rápido. — Claro que você está. Isso é insano. Há algo que eu possa fazer?

— Eu gostaria que houvesse. Parker está tentando descobrir quem está por trás de tudo isso, mas até agora, sem muita sorte.

— Eu não posso imaginar. Avise-me se pensar em algo que posso fazer para ajudar. O que você precisar, ok?

Eu sorri, e nem foi forçado. Algumas coisas sobre viver em uma comunidade tão pequena eram difíceis, mas muitas outras eram maravilhosas. Como quantas pessoas te protegiam, não importa o quê. — Obrigada. Significa muito.

Meu telefone vibrou no bolso de trás. Puxando-o para fora, eu congelei quando o número do colégio apareceu na minha tela. Isso não estava acontecendo. De novo não. Corri para atender. — Olá? Esta é Caelyn. Algo está errado? Will está bem?

— Ele está bem, Caelyn, a secretária da escola acalmou. Mas eu temo que ele se meteu em alguns problemas. Eu preciso que você desça aqui.

— Ele o quê? Nunca. Nem uma vez nos últimos seis anos fui chamada para a escola porque Will estava com problemas. Simplesmente não estava em sua natureza.

— Ele está no escritório do diretor. E o Sr. Henry quer falar com você.

— OK. Diga a ele que estou indo. Obrigada pela sua chamada. Eu desliguei, meus dedos tremendo um pouco.

Molly olhou para mim com uma expressão preocupada. Está tudo bem?

— Eu tenho que ir para a escola. Will está no escritório do diretor.

— Will? Molly perguntou.

Quase ri. Não seria inédito para mim ser chamado para a escola primária porque Mia estava em apuros. Ela tinha um temperamento explosivo e tolerância zero para valentões. Ela colocaria alguém em seu lugar por qualquer meio necessário. Mas Will ou Ava? Nunca. Tem que haver algum engano. Eu preciso ir. Você acha que pode convencer Max a ficar mais um pouco?

Eu não acho que ele faria objeções. Molly se endireitou. — Você vai. Vou fazer com que ele fique.

Peguei minha bolsa e apertei o ombro de Molly ao passar. — Obrigada.

—A qualquer momento. Se você precisar tirar o resto do dia, basta me enviar uma mensagem. Eu posso cuidar das coisas aqui.

— Você é um salva-vidas. Corri para fora da loja e em direção ao meu SUV, mas parei por um momento no meio do caminho, olhando para o meu telefone. Eu não queria fazer isso sozinha. Eu sabia que poderia. Eu mesmo enfrentei um milhão e uma catástrofes menores e maiores. Mas agora, eu não queria. Em vez de deixar isso me assustar, digitei o nome de Griffin em meus contatos. Ele atendeu no primeiro toque.

— Você está bem?

Meus lábios se curvaram um pouco com a preocupação genuína em sua voz, o cuidado. Estou bem, mas gostaria de saber se você pode me encontrar no colégio. Tudo bem se você estiver muito ocupado e não puder ir. Não é tão importante.

— Caelyn, ele rosnou. — Estarei aí em dez minutos."

— Você irá?

— Sim, disse ele.

— Você nem perguntou por quê.

— Eu não preciso saber por quê. Você me pediu para ir, então eu estarei lá.

A emoção, rápida e feroz, bloqueou minha garganta. Eu engoli para que pudesse pronunciar duas palavras. — Obrigada.

— Sempre. Espere por mim no estacionamento.

— OK. Estava na ponta da língua dizer a Griffin que eu o amava. Era absolutamente insano e provavelmente o mandaria correndo para as colinas, então engoli isso também. Mas eu segurei dentro de mim, o conhecimento dessa verdade, a luz dela. Eu o seguraria lá pelo tempo que precisasse.

— Vejo você em breve.

— Até daqui a pouco, eu respondi.

A linha ficou muda e eu me sacudi do meu estupor. Indo para o meu SUV, desativei o alarme e entrei. Assim que a escola apareceu, todos os pensamentos sobre Griffin fugiram, minha mente se voltando para Will e um fluxo interminável de perguntas.

Eu parei em um estacionamento onde seria fácil de localizar. E enquanto esperava, tamborilei uma batida ansiosa no volante. Eu desejava poderes psíquicos mágicos que me permitissem chegar através das paredes e ler a mente do diretor — e a de Will. Saber o que me esperava para não ser emboscado ao entrar.

Meu coração apertou. E se Will estivesse enlouquecendo agora? Com medo ou coisa pior? Eu desliguei o motor e saltei do meu SUV. Comecei em direção ao prédio assim que a caminhonete de Griffin

parou ao meu lado. Ele saiu rapidamente, carrancudo. — Eu pensei ter dito para você esperar por mim.

— Não vire essa carranca para mim. Comecei a me preocupar e precisava entrar. Eu fui para a escola.

Griffin correu para alcançar-me, sua mão agarrando meu cotovelo, mas não me fazendo parar. — O que aconteceu?

— Will teve problemas. Ele está na sala do diretor.

— Will?

Eu olhei para Griffin enquanto continuava andando. —Eu sei. Tem que haver alguma confusão.

Ele passou um braço em volta dos meus ombros enquanto abria a porta com a mão livre. — Nós vamos descobrir isso.

Um calor agradável se espalhou por mim com suas palavras. — Obrigada.

Ele pressionou seus lábios na minha têmpora. — Não se estresse.

— Fácil para você dizer. Esse garoto não teve problemas um dia em sua vida. Algo está errado. As possibilidades nadaram em minha cabeça. Cada um pior do que o anterior, até que eu inventei todos os tipos de cenários ridículos. Mas eu simplesmente não conseguia parar.

O rosto de Griffin endureceu. Nós vamos consertar isso.

— Mesmo se ele for expulso? Deus, e se todo o seu futuro tivesse sido arruinado hoje?

Griffin parou do lado de fora da diretoria, enquadrando meu rosto com as mãos. A sensação de suas calosidades ásperas contra a minha pele era estranhamente reconfortante. Ele travou seu olhar com o meu. — Will não vai ser expulso.

—Eu prometo.

Algo sobre a ferocidade de seu tom me fez acreditar em cada palavra. Estendi a mão e pressionei meus lábios em sua mandíbula mal barbeada. Assim como as calosidades, eles eram de alguma forma calmantes. Um lembrete de que este homem tinha o exterior mais resistente, mas o mais gentil dos espíritos por baixo. Essas três pequenas palavras ansiavam por sair novamente. Eu me tranquilizei. — Vamos fazer isso.

Griffin puxou a porta da diretoria em sua direção e segurou—a aberta para mim. Eu procurei o espaço, encontrando a secretária atrás de sua mesa. — Oi, Nicole.

— Ei, Caelyn. Desculpe por tudo isso.

— Não é sua culpa. Você pode me contar o que aconteceu? Eu aceitaria qualquer dica que ela me desse.

Seus olhos se arregalaram quando Griffin apareceu atrás de mim. — Eu, uh, não sei muito, mas Will deu um soco em outro aluno no refeitório.

— O que?! Eu gritei.

Griffin agarrou meus ombros. Acalme-se. Você estressar assim não vai ajudar.

Eu me senti como se estivesse em alguma dimensão alternativa estranha. Will, *meu* Will, socando alguém? Podemos entrar?

— Certo. Nicole se levantou, conduzindo-nos a diretoria do Sr. Henry. Ela bateu duas vezes e ele acenou para que entrássemos. Nicole me deu um sorriso simpático e saiu.

Meus olhos foram instantaneamente para Will. Ele sentou—se afundado em uma cadeira, uma bolsa de gelo nos nós dos dedos. Corri,

sentando—se ao lado dele e envolvendo um braço em volta de seus ombros. — O que aconteceu?

Ele não encontrou meu olhar. — Eu sinto muito.

Esfreguei a mão para cima e para baixo em seu braço. — Will, não importa o que aconteça, nós vamos descobrir isso. Somos uma equipe, lembra? Ele balançou a cabeça lentamente. Agora, me diga o que aconteceu.

Sua cabeça ergueu-se, seus olhos brilhando. —Mamãe está morta?

Eu respirei fundo. Meu olhar saltou de Will para o diretor e vice-versa. Pelo menos o Sr. Henry estava nos dando um momento para conversar antes de entrar. Griffin apertou meus ombros. Eu queria afundar de volta em seus braços. Fugir da verdade, eu tive que contar ao meu irmão. Sinto muito, Will.

— Por que você não me contou?

— Eu — eu precisava de algum tempo para descobrir como. E o xerife Raines não queria que as pessoas soubessem ainda...

— Minhas palavras foram interrompidas quando percebi que alguém havia aberto a boca. Quem te contou?

— Drew, Will murmurou.

Eu cerrei meus dentes. A mãe de Drew era despachante do departamento do xerife. Parker estava definitivamente recebendo um alerta de que precisava conversar com ela. Eu me concentrei novamente em Will. — Você deu um soco nele quando ele disse?

— Ele disse que ela provavelmente estava se prostituindo por causa das drogas, e foi por isso que ela foi morta. Ele disse que éramos sem— teto. Will engoliu em seco, sua voz falhando. — Que ninguém nos queria, então você foi forçada a abandonar a faculdade e nos acolher.

Uma raiva feroz me ascendeu tão rápido que quase caí da cadeira. Eu nunca pensei que teria vontade de ser violento com uma criança, mas eu queria derrotar Drew sozinho. Eu agarrei os braços de Will, fazendo-o me encarar. — Você é desejado. Não há ninguém com quem eu prefira estar que você, Ava e Mia. Você é minha vida. Não porque isso foi forçado a mim, mas porque eu te amo. Desde o minuto em que você nasceu e começou a me aterrorizar.

Os lábios de Will deram uma leve contração e eu continuei. — Eu estaria perdida sem vocês três. Você torna minha vida muito melhor. E se alguém disser o contrário, é porque é infeliz. Você está me escutando?

Will concordou. — Eu te escuto. Eu sinto muito. Eu sei que não deveria ter batido nele, mas foi por instinto. Ele começou a me empurrar e eu apenas reagi.

— Ele empurrou você? Eu perguntei, minha voz firme.

— Sim. Tentou me empurrar contra as colunas do refeitório.

O sangue rugiu em meus ouvidos. — Ele não deveria ter feito isso. Mas você está certo, isso não significa que você deveria ter dado um soco nele. Houve um grunhido atrás de mim, e eu não tinha certeza se Griffin estava do meu lado ou com Will. Eu me virei para o diretor. — O que vai acontecer?

O Sr. Henry deu a Will e a mim um sorriso gentil. — É uma situação extrema. Mas temos uma política de tolerância zero para a violência. Meu estômago embrulhou. — Will está suspenso por uma semana.

Soltei a respiração que estava prendendo. Isso não foi tão ruim. — E quanto a Drew?

O maxilar do Sr. Henry endureceu. — Também temos uma política de tolerância zero para o *bullying*. Drew também está suspenso por uma

semana e terá sessões obrigatórias com o orientador da escola pelo resto do ano. Possivelmente continuará quando voltarmos no outono.

— Alguém mais estava envolvido? Griffin perguntou, mas não foi dirigido ao Sr. Henry; ele estava olhando para Will.

Will encolheu os ombros. — Ninguém mais disse nada, realmente. Eu apenas ri.

Um músculo ao longo do maxilar de Griffin pulsou. — Você fez a coisa certa, Will.

— Griffin, eu bufei. — Ele não deveria socar as pessoas para resolver seus problemas.

— Às vezes, não há outra escolha. Eles teriam feito da vida dele um inferno pelo resto do ano se ele não tivesse se defendido, ele se defendeu. Agora, todos eles saberão manter a boca fechada e as mãos guardadas. Griffin se virou para Will. — Mas se você é homem o suficiente para se defender, você é homem o suficiente para lidar com as consequências, as da escola e tudo o que sua irmã decidir em casa.

Will assentiu solenemente. — Farei o que for preciso.

Minha cabeça balançou para frente e para trás, olhando de Griffin para Will. Quando isso aconteceu? E por mais irritada que eu estivesse com Griffin por dizer a Will que socar alguma criança era o movimento certo, especialmente na frente do diretor, eu não poderia argumentar contra ele.

Suspirei e olhei para o Sr. Henry. — Desculpe por... Eu não tinha certeza de como terminar aquela frase.

Os lábios do Sr. Henry pressionaram em uma linha firme, como se ele estivesse tentando não rir. — Não sinta. Você está criando um bom rapaz. Todos nós temos nossos momentos em que temos que nos posicionar.

— Obrigada. Estaremos de volta na próxima semana. Eu me levantei, saindo da diretoria. Vamos. Will, você vai ter que ir para casa com Griffin. Tenho que voltar a trabalhar. Se eu não fui demitida por ter saído muito este mês, claro.

Griffin sorriu, balançando a cabeça. — Você não vai ser despedidoa. Você é muito boa no que faz.

— Veremos. Eu estendi minha mão e olhei para Will. —Telefone.

Sua boca se abriu. — Mas é meu aniversário amanhã. Nenhum dos meus amigos será capaz de me ligar ou enviar mensagens de texto.

Eu vacilei um pouco em minha decisão. Will faria apenas dezessete uma vez. — Você pode ter por uma hora amanhã, mas fora isso, nada de tv, videogame ou telefone por uma semana. Você ajudará Griffin com a casa da fazenda esta semana, quando terminar seus trabalhos escolares do dia, e não receberá o pagamento.

Eu me virei para Griffin. — E nem pense em pagá-lo pelas minhas costas.

Griffin ergueu as duas mãos em sinal de rendição. — Não sonharia com isso. Por que você não volta ao trabalho? Conseguimos a partir daqui.

Eu balancei a cabeça e comecei a me afastar. Então me virei e puxei Will para um abraço apertado. — Eu te amo mais do que a vida. Nunca se esqueça disso. Ele acenou com a cabeça contra meu ombro, e eu lutei contra as lágrimas que queriam vir à tona. Eu o soltei e comecei a sair. Eu só esperava não encontrar Drew no caminho. Eu não tinha certeza se seria capaz de me impedir de lhe dar um belo soco no queixo.

41

Griffin

— VOCÊ NÃO VAI me dar um sermão?

Eu mantive o foco na tarefa na minha frente, rolando uma linha lisa de tinta na parede. Em outras vinte e quatro horas, a sala estaria pronta. Com a ajuda de Will, a casa estaria pronta em meados do outono. — Você precisa de um sermão?

— Eu não sei, ele murmurou. — Eu poderia me sentir menos culpado se Caelyn tivesse gritado comigo.

Eu ri. — O pior é quando dizem que estão decepcionados com você.

Will fez uma pausa em sua pintura. — Eu não acho que Caelyn já disse isso. Não para mim, ou Ava ou Mia. Nem mesmo quando Mia pintou o corredor com seu esmalte rosa brilhante.

Claro, ela não tinha. Muitas vezes me esquecia que essas crianças carregavam um mundo de feridas invisíveis à maioria dos olhos. E o coração terno de Caelyn se recusaria a arriscar a adição de mais. — Isso é porque vocês deixam sua irmã orgulhosa.

— Hoje não, eu não deixei.

Larguei meu rolo de pintura. — Às vezes, você tem que fazer o que é certo para você. Mesmo que isso signifique decepcionar outra pessoa.

Will balançou a cabeça severamente. — Eu nunca quero decepcionar Caelyn.

— Mesmo que isso signifique se abandonar? Eu tive lampejos de preocupação na primeira vez que Will e eu conversamos sobre seu futuro, mas quanto mais tempo eu passava com o adolescente, mais essa preocupação crescia.

Ele flexionou o maxilar. — Eu não estou me abandonando. Estou apenas tornando as coisas mais fáceis para Caelyn. Para Ava e Mia também.

Havia muito naqueles ombros delgados. Muito sobre os ombros de todos na família O'Connor. Todos eles carregavam mais do que sua cota de fardos, na esperança de tornar mais fácil para aqueles que amavam. O peso era completamente desproporcional por causa de tudo o que havia sido colocado sobre eles em uma idade tão jovem.

— Vamos. Fiz sinal para que Will me seguisse. Ele largou o pincel e se dirigiu atrás de mim enquanto eu caminhava pelos corredores e escada acima. Havia dois quartos de hóspedes na outra extremidade da casa que eu queria transformar em um único quarto. Seria uma sala de recreação perfeita. Espaço para uma grande televisão com sofás estofados. E espaço mais do que suficiente para os jogos que as crianças quisessem jogar. Em algum lugar ao longo da linha, comecei a fazer planos para a casa que girava em torno de cada um deles.

Paramos na primeira sala e Will olhou em volta. — Ainda não trabalhamos aqui.

— Não.

— O que você está pensando?

Eu apontei para uma parede. Isso está caindo.

Os olhos de Will se arregalaram. A parede?

— Sim.

— Quando?

— Acho que agora é um bom momento. Uma ideia estava se formando em minha mente, circulando em torno de uma memória. Quando tive problemas para me adaptar na escola, meu pai me levou para cortar lenha. Não tínhamos nem uma lareira a lenha em nossa casa em Marin, mas ele sabia que eu precisava desabafar. Uma liberação de pressão para que eu pudesse finalmente conversar sobre as coisas com ele.

Peguei uma das duas marretas e um par de óculos de proteção e os entreguei a Will. Eu já tinha verificado os planos da casa da fazenda e não havia canos ou fios que pudéssemos perturbar. — Pegue-a.

— Você quer que eu desconte isso na parede?

Eu ri. Will parecia como se eu estivesse tentando enganá-lo para fazer algo. Peguei o outro martelo. Depois de colocar os óculos de proteção no lugar, levantei a outra marreta sobre a cabeça e bati contra a parede.

— Puta merda, Will disse.

Inclinei minha cabeça em direção à parede. — Vamos.

Demorou um pouco, mas finalmente deu um golpe, mandando a ponta da marreta na parede. Gesso e pedaços de painéis voaram. – Uau. Ele se virou para mim. Fantástico.

Eu sorri. — Vamos fazer isso. Nós derrubamos a parede pelos próximos quinze minutos, e quando pensei que ele tinha começado a liberar um pouco da energia para fora de seu sistema, parei na minha destruição. — Você está pronto para conversar?

Will lançou sua marreta na parede novamente. — Sobre o que?

— Sua mãe, Drew, pode escolher.

Ele arrancou o martelo da parede. — Ela não é minha mãe.

Eu congelo. — O que você quer dizer?

— Uma mãe não é apenas alguém que compartilha seu sangue. Ela deveria cuidar de você, cuidar e amar. Ela nunca parecia ser capaz de descobrir isso. Caelyn é mais mãe do que Chrissy jamais será. Ele fez uma pausa, deixando a ferramenta descansar ao seu lado. Sempre seria. Não que ela vá ter a chance de fazer as coisas agora.

Meu coração doeu pelo garoto. Não importava o quanto sua mãe o tivesse decepcionado, uma parte dele ainda tinha esperança de que ela se recuperaria. — Você pode ficar triste. Só porque ela era uma péssima mãe na maioria das vezes não significa que não há uma parte de você que não sentirá falta dela.

Will apertou os dentes e ele lançou o martelo na parede novamente. — Eu não estou triste. Ele sussurrou para a parede mais algumas vezes.

— Então o que é você está sentindo?

Will se virou para mim. — O que é isso? Alguma sessão de terapia? Eu não quero falar sobre isso.

Considerei minhas palavras com cuidado, como se cada uma tivesse o potencial de detonar uma mina terrestre. — Você não pode continuar segurando tudo isso dentro. Depois de passar os últimos meses trabalhando ao lado de Will, comecei a perceber que ele engolia tudo. Ele não queria ser um fardo para sua irmã, preocupa-la, então ele simplesmente ficou em silêncio e fingiu que não estava sentindo nada.

— Por que não? Não é exatamente isso que você faz?

Eu respirei fundo, abrindo minha boca para negar sua acusação e então pensei melhor. — Eu costumava ser assim. E quase me matou.

— Will ficou em silêncio, mas seus olhos estavam intensamente focados. — Depois que minha família morreu e tantas pessoas me traíram, eu não tive uma saída segura para minha dor. Eu guardei tudo. Assim como você está fazendo agora. Mas o fato é que a dor sempre encontra um caminho até a superfície, e geralmente é feia se você estiver tentando controla-la.

— O que aconteceu? Ele sussurrou.

— Comecei a beber muito, é um milagre não ter acabado com insuficiência hepática. Eu precisava de seis ou sete drinques apenas para acalmar as memórias e dormir. E durante o dia, eu mal conseguia viver. Memórias dos anos que passei apenas viajando pelo país inundaram minha mente. Eu não tinha nenhum propósito e estava tão sozinho.

— Eu nunca vi você bêbado.

— Não. Eu bebo uma cerveja de vez em quando, mas fiz uma promessa a mim mesma há muito tempo que encontraria outra maneira de lidar com isso. Levei um tempo para encontra-lo, mas esta casa se tornou minha válvula de escape. Trabalhei até a exaustão, para desmaiar no final do dia. Mas enquanto eu estava transportando o lixo e repintando pisos, comecei a trabalhar com algumas das piores memórias. Não havia mais nada por perto para me distrair. Eu tinha que enfrentar isso.

Will engoliu em seco. — Funcionou?

Encostei-me na parede. "Ajudou. Muito. Mas foi só quando eu deixei as pessoas entrarem que eu finalmente senti um pouco de paz.

— Caelyn?

— Sim. Meu peito apertou. Ela é um lugar suave para descansar que eu nunca pensei que teria. Ela é aceitação incondicional e confiança total. Mas você e suas irmãs ajudaram também. Will parecia cético e eu

ri. — Você trouxe vida de volta a este lugar. De volta para mim. Jamais poderei retribuir isso. Mas posso ser um lugar seguro para você, Will. Você pode me dizer qualquer coisa. Não importa o quão feio, egoísta ou difícil. Estou aqui.

O rosto de Will ficou vermelho com a força de se conter. Eu empurrei a parede e comecei a ir na direção dele. Ele balançou a cabeça, tirando os óculos de proteção. — Não, eu estou bem.

Eu continuei caminhando. — Você não tem que estar bem. Ninguém está o tempo todo.

Sua respiração acelerou, ficando cada vez mais rápida. Eu — eu. Não.

Eu agarrei seus ombros. — Deixe sair.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não sou fraco.

Meu olhar travou com o de Will enquanto eu apertava seus ombros com mais força. — Deixe sair. Você está seguro aqui.

Ele quebrou. Soluços arruinaram seu corpo e eu o puxei em meus braços. — Nunca tenha vergonha de sentir profundamente. Isso não o torna fraco. Isso o torna tão incrivelmente forte.

Ele tremia violentamente enquanto chorava. — Eu a odeio. Mamãe e papai. Pelo que eles fizeram conosco. Por tudo. Ele respirou profundamente. — E é tudo minha culpa.

Eu não o soltei. Eu segurei enquanto ele chorava. — Qual é a sua culpa?

— Eu sabia que eles estavam metidos com coisas ruins, mas não contei a ninguém. Eu só queria que Caelyn terminasse a escola para que ela pudesse nos tirar de lá. Eu não queria ir para um orfanato e talvez

ter que mudar de escola ou ser separado de minhas irmãs. Então, eu mantive minha boca fechada. Quase nos matei.

Meu coração se despedaçou com suas palavras. O peso que esse menino estava carregando era demais para qualquer um. — Eu preciso que você me ouça, Will. Nada disso foi culpa sua. Absolutamente nada. Você fez tudo que pôde para proteger suas irmãs. Você escolheu o caminho errado. Todo mundo faz. Tudo o que você pode fazer é aprender com isso e levar a lição com você.

— Mas escolher o caminho errado quase não costuma matar a sua família.

Eu o segurei com mais força. — Mas eles não morreram. Eles estão vivos e prosperando. Vocês estão juntos, e sua vida é tão boa.

Os soluços de Will diminuíram. — Caelyn trabalha muito duro. Ela não acha que eu entendo, mas até você aparecer, ela estava praticamente se matando só para que pudéssemos ter tudo o que quiséssemos.

Eu me afastei um pouco para que pudesse ver o rosto de Will, mas continuei segurando seus braços. — É por isso que você desiste de tudo que quer?

A cautela encheu a expressão de Will. — O que você quer dizer?

— Você pratica um esporte que odeia na esperança de conseguir uma bolsa de estudos. Mas você diz que talvez nem vá para a faculdade porque Caelyn precisa de ajuda. Você não tem aulas de música, embora ame. Estou supondo porque eles são caros. Do que mais você está desistindo porque acha que pode ser um fardo para sua irmã?

Ele mordeu o lábio inferior. — Eu só quero tornar as coisas mais fáceis para ela.

— Você não ser honesto sobre quem você é e o que você quer não vai tornar as coisas mais fáceis para Caelyn. Está roubando-a e o resto

do mundo de experimentar quem você é. Diga o que você deseja. Persiga. Vamos descobrir como te apoiar, e prometo que não vou deixar sua irmã se machucar por causa disso.

Will ficou em silêncio por um momento. — Eu quero tocar música. E eu quero ir para a faculdade. Quero fazer aulas de arquitetura e ver se gosto. Eu quero ver mais do mundo do que esta ilha.

Eu sorri e sabia que meu rosto esticava tanto que provavelmente era assustador. — Então vamos perseguir esses sonhos.

42

Czelyn

Subi as escadas em direção aos sons de destruição, deixando Ava e Mia desenhando no deck de trás com Kenna. Meus músculos protestaram a cada passo. Os últimos dias pareceram uma vida inteira, e tudo que eu queria era um longo banho e dormir pelo menos doze horas. Em vez disso, precisava ter uma longa conversa com Will.

Parei na porta, observando enquanto Griffin e Will atacavam uma parede que separava dois quartos. Eles pareciam se mover em conjunto, um ritmo silencioso e invisível amarrando os dois juntos. Quando Griffin se afastou para outro golpe, ele me viu na porta. Ele largou o martelo e tirou os óculos de proteção.

Enquanto ele caminhava em minha direção, meu estômago embrulhou. Ele irradiava poder e autoconfiança enquanto se movia pelo espaço. Sem uma palavra, ele me puxou em sua direção. O beijo que ele me deu não foi um olá casual. Estava com fome e um pouco desesperado. Quando me afastei, tive que levar um segundo para me equilibrar. Isso foi um grande de um olá.

— Senti sua falta, disse ele como se essa fosse a única razão necessária.

— Senti sua falta também. Estou pronto para comer, beber vinho e dormir.

Griffin olhou por cima do ombro para Will, que ainda estava trabalhando. Uma centelha de culpa passou por suas feições. Acho que precisamos conversar antes que isso aconteça.

Meu estômago embrulhou. — E agora? Esta semana não tinha acontecido sofrimento suficiente?

Griffin fez uma careta, mas entrelaçou seus dedos com os meus, me puxando para o corredor. Will e eu tivemos uma conversa esta tarde.

— Uma conversa? Isso não era exatamente algo novo. Muitas vezes encontrei Will e Griffin com as cabeças juntas, conversando sobre a casa ou a escola ou um milhão de outros tópicos.

— Eu pressionei. Eu poderia dizer que ele estava segurando muito por dentro, e eu não queria que essa merda o consumisse.

Eu fiquei tensa. Meu primeiro instinto foi gritar com Griffin que pressionar Will não era seu trabalho. Mas engoli as palavras de volta. Eu já sabia há um tempo que Will estava escondendo coisas de mim. Talvez fossem coisas que ele simplesmente se sentia mais confortável em compartilhar com um homem. — O que ele disse?

Griffin olhou por cima do ombro em direção à sala onde Will estava trabalhando antes de voltar seu foco para mim. — Ele se culpa pelo que aconteceu naquela noite.

— Que noite?

— Quando aquele idiota invadiu e aterrorizou a ele e suas irmãs. Ele sabia que as coisas estavam erradas com seus pais, mas não contou a ninguém. Ele está se culpando de tudo o que aconteceu. E agora ele está fazendo tudo o que pode para não ser um fardo.

— Oh Deus. Eu me senti mal do estômago. — Nada disso foi culpa dele. Eu não posso... Lágrimas encheram meus olhos.

Griffin segurou meu rosto, passando seus polegares ásperos em minhas bochechas. —Eu sei. E eu disse isso a ele. Mas acho que ele também gostaria de ouvir isso de você. Vai levar algum tempo para que isso aconteça.

Eu balancei a cabeça rigidamente. — Além da noite em que os peguei na delegacia do xerife, ele não disse uma palavra sobre se culpar.

— Ele tem vergonha.

Meu interior se apertou dolorosamente. Meu lindo menino com o maior dos corações. Eu não poderia lidar com o conhecimento de que ele estava carregando isso por tanto tempo. Eu respirei estremecendo, tentando colocar minhas emoções sob controle. Eu chorar em cima dele não ajudaria na situação. —Eu preciso vê—lo.

Griffin pressionou seus lábios na minha testa e me soltou. — Ele te ama.

— Eu sei. Não consegui disfarçar o tremor em minha voz e orei silenciosamente para conseguir me controlar durante essa conversa.

Griffin me levou de volta para a zona de construção e sinalizou para que Will parasse a demolição. Griffin inclinou a cabeça para mim. —Sua irmã está em casa.

Will enrijeceu, e a ação poderia muito bem ter sido uma faca no coração. Quando Will ficou nervoso para falar comigo? O ácido se agitou em meu estômago. Sempre, eu percebi. Nós conversamos sobre tantas coisas, mas ele nunca compartilhou o que havia de mais profundo em seu coração. Tentei sorrir. — Ei. Isso parece muito impressionante.

Will olhou de mim para Griffin e de volta para mim. — Griffin contou a você sobre o que conversamos, hein?

Griffin deu um tapa reconfortante nas costas de Will. —Só um pouco. Mas acho que é hora de você e sua irmã realmente conversarem. Sim?

Will concordou. — Você vai ficar?

Griffin olhou para mim como se pedisse permissão. Engoli. — Claro, ele pode ficar. Dei mais alguns passos para dentro da sala, hesitante como primeiro, mas não consegui parar quando comecei a me mover. Puxei Will em meus braços, envolvendo—o em um abraço forte. — Eu te amo. Nada disso foi culpa sua. Nem uma só coisa. Você entendeu?

Ele acenou com a cabeça contra meu ombro. — Isso é o que Griffin disse.

— Bem, Griffin pode ser mal-humorado às vezes, mas ele também é muito inteligente, então eu o ouviria se eu fosse você.

Will soltou uma risadinha e se afastou. — Verdade.

Griffin fez uma careta para nós dois. — Quem você está chamando de rabugento?

Will e eu sorrimos um para o outro. Mas depois de um momento, o sorriso de Will sumiu de seu rosto. —Eu quero sair do futebol.

Minha boca abriu e fechou algumas vezes. — Mas você adora futebol.

Ele fez uma careta. — Eu odeio, na verdade. Prefiro fazer algumas aulas de música. Posso pagar por eles com o que ganho trabalhando para Griffin.

Eu agarrei o braço de Will, apertando. — Você não tem que pagar por elas, você mesmo. Eu adoraria te dar aulas. E graças à generosidade de Griffin, eu nem sequer tive que verificar minha conta bancária antes de oferece-la. Eu examinei meu irmão. — Se você odiava tanto, por que continuou jogando?

Will encolheu os ombros. — Eu era bom no futebol. E o treinador disse que provavelmente poderia conseguir uma bolsa.

— E você não queria que eu precisasse me preocupar com as mensalidades da faculdade. Eu não podia acreditar que não tinha juntado as peças até agora. Will nunca ficava animado em dias de jogo ou muito animado quando seu time ganhava um jogo. Mas eu sempre pensei que era simplesmente sua maneira de permanecer centrado e focado. Enquanto isso, ele passava horas a fio todas as semanas fazendo algo que odiava, apenas para me tirar um pouco da pressão.

— Eu não queria que você tivesse que se preocupar com isso.

— Esse é o meu trabalho, Will. Eu sou a mais preocupada aqui.

Seus olhos brilharam. — Não é o seu trabalho. Era trabalho da mamãe e do papai, mas eles falharam e isso foi jogado em você. Não é justo.

A raiva ganhou vida dentro de mim. Com nosso pai. Em nossa mãe. Com as drogas que destruíram tudo em seu caminho. Mas eu não conseguia ficar furiosa com meus pais ou objetos inanimados. Então, minha raiva me consumia de dentro para fora. — Pode não ter sido meu trabalho cuidar de você desde o nascimento. Mas é o trabalho que amei mais do que qualquer coisa que já fiz. Eu não desistiria se você me pagasse um milhão de dólares. Claro, às vezes é difícil, mas isso faz com que valha ainda mais a pena quando temos sucesso.

Will ainda parecia cético. Eu pressionei. — Somos uma equipe. Você, eu, Ava e Mia. Nós descobrimos as coisas juntos. Isso significa que vamos descobrir a faculdade também. Mas não quero que você esconda seus sonhos de mim porque acha que os seguir é pedir demais. Se você quiser estudar música na escola, nós faremos isso acontecer.

O olhar de Will pousou brevemente em Griffin. Acho que quero estudar arquitetura.

Meu peito queimou. Arquitetura. Porque ele adorou trazer esta velha casa de volta à vida. E Griffin tinha dado isso a ele. — Eu acho que você seria um arquiteto incrível. E veja toda a experiência que você já está obtendo.

— Você não acha que é idiota? Ele perguntou hesitante.

— Nem um pouco idiota. E farei o que puder para ajudá-lo a chegar lá.

Coloquei o prato final do jantar na máquina de lavar e fechei a porta. A máquina ligou assim que eu pressionei os botões. Apoiando-me contra a pia da cozinha, olhei para o céu noturno. Will, Griffin e eu conversamos por horas. Bem, Will tinha falado. Griffin e eu ouvimos principalmente. E eu testemunhei um lado do meu irmão que nunca tinha visto antes. As coisas que ele queria não eram extravagantes. Elas eram normais. Mas ele estava com muito medo de alcança-las.

Havia calor nas minhas costas e braços fortes em volta de mim. — Você está bem?

Inclinei para o calor de Griffin, absorvendo o conforto de sua presença. —Você estaria?

Ele grunhiu. — Você teve algumas semanas difíceis.

Eufemismo do século. — Eu me sinto um grande fracasso.

Griffin me virou para encará-lo, procurando meus olhos. — Por quê?

Minha respiração acelerou enquanto eu tentava em vão segurar as lágrimas. — Ele está sofrendo, e eu nem vi. Que tipo de pseudo—mãe isso me torna? Talvez Patti estivesse certa. Eu simplesmente não tenho os instintos certos.

A expressão de Griffin endureceu. — Não se atreva a concordar com aquela mulher. Você é o melhor pseudo—mãe que já vi. Mas crescer é complicado e difícil, e ele vai tropeçar ao longo do caminho.

— Mas você viu. Você viu que ele estava se segurando e sabia que tinha que quebrar aquela parede.

Griffin afastou o cabelo do meu rosto. — Eu vi por que estive lá.

Eu torci meus dedos em sua camiseta. — Eu sinto muito. Por ambos. Eu odeio que qualquer um de vocês esteja sofrendo. Que você se sentiu sozinho.

Griffin roçou seus lábios contra minha têmpora. — Não me sinto mais sozinho.

Inclinei meu rosto para o dele, nossos lábios separados por um suspiro. — E você não está. Nunca mais.

Sua boca veio ata a minha. Uma fome penetrante assumiu enquanto eu me perdia nos lábios e língua de Griffin, na sensação de seu corpo pressionado contra o meu. Eu me afastei, respirando com dificuldade. — As crianças estão dormindo. Ele assentiu. — Me leva para a cama.

Ele procurou meu rosto, procurando por algo. Que eu era emocionalmente estável o suficiente para tomar essa decisão, talvez. Eu agarrei sua camisa com mais força. — Por favor. Eu preciso sentir você. Completamente. Eu queria me perder neste homem que veio a significar conforto e segurança, mas ao mesmo tempo, poderia colocar fogo em minhas terminações nervosas.

O que quer que Griffin estivesse procurando, ele parecia ter encontrado porque ele me levantou em um flash. Minhas pernas envolveram sua cintura e abafei meu grito em seu pescoço enquanto ele subia as escadas de dois em dois. Quando chegamos ao quarto principal,

Griffin me abaixou lentamente. A fricção quando meu centro passou sobre o cume em seu jeans me fez respirar fundo.

Quando meus pés tocaram o chão, Griffin tocou meu rosto com as mãos. — Você é tão linda. Eu não posso te dizer há quanto tempo eu queria este momento. Para saber como é o seu corpo ao redor do meu. O sabor da sua pele. Ser consumido por aquela luz que pisca ao seu redor.

O calor ardente nos olhos de Griffin me iluminou de dentro para fora. Nunca em minha vida me senti mais desejada do que neste momento. Desejada por meu corpo e mente, meu coração e alma. Minhas mãos foram para o botão da calça jeans de Griffin, abrindo e puxando o zíper. Deixei escapar um som estrangulado quando minha mão encontrou o seu pau. Eu o peguei na palma da minha mão e Griffin soltou um gemido. — Continue fazendo isso e não vamos conseguir nos divertir.

Eu sorri. — Isso parece muito divertido para mim.

— Você não sabe o significado da palavra. Griffin congelou. — Merda.

Eu tirei a minha mão, olhando para cima. — O que?

— Eu não tenho nenhum preservativo. Seu olhar percorreu meu rosto. Faz muito tempo que não estou com ninguém.

Meu estômago embrulhou. — Eu também não. E estou tomando pílula.

Ele arrastou um dedo pelo meu pescoço, enganchando—o na alça do meu vestido de verão e puxando—o para baixo. — Posso ver você nua? Sentir cada centímetro de você?

Eu estremeci. — Sim.

De repente, meu vestido estava em uma poça aos meus pés e os olhos de Griffin brilharam. — Sem sutiã?

Minhas bochechas esquentaram. — Não posso usar um com este vestido.

Seus dedos engancharam nas laterais da minha calcinha, e ele lentamente a puxou para baixo em minhas pernas, cada milímetro alimentando a chama que havia acendido em mim. Ele levantou uma perna e depois a outra, seus olhos focados apenas no ápice das minhas coxas. Seu polegar acariciou minha boceta. — Não deveria ficar surpreso que você seja linda aqui também.

— Por favor, eu gemi.

Griffin olhou para mim com os olhos semicerrados. — O que você precisa?

— Você. Era uma resposta tão simples, mas era a única verdade que eu tinha. Eu precisava sentir ele se movendo em mim. Tê-lo queimando sua essência em meus ossos para que eu nunca o perdesse.

Griffin ficou de pé, puxando a camisa pela cabeça e tirando as calças. Ele estava na minha frente em um flash, me movendo de volta para a cama. — Você me tem.

— Prove.

Quando Griffin me abaixou na cama, eu tremi. Não por medo ou nervosismo, mas porque eu sabia que esse momento mudaria tudo. Eu levantei meus joelhos, enganchando minhas pernas em volta dele. Seu pau bateu contra a minha boceta, mas ele parou aí, olhando nos meus olhos.

Então, sem uma palavra, ele deslizou para dentro, me mostrando tudo que eu precisava saber sem outro som. No toque suave de seus dedos ásperos em meus mamilos. No rastro de sua língua pela minha garganta. Na construção lenta e constante de suas estocadas.

Eu respirei fundo enquanto ele dirigia mais fundo. Griffin ficou imóvel. — Você está bem?

— Mais. Por favor.

Ele sorriu e começou a se mover de verdade. Levando-me mais alto com cada impulso de seus quadris. O ponto em que ele alcançou torceu um fio invisível dentro de mim com tanta força que pensei que certamente quebraria, para nunca mais me recuperar.

O polegar de Griffin encontrou meu clitóris, circulando. Cada provocação e golpe paravam apenas tímido do lugar que eu sabia que me enviaria ao limite. A cada passagem, ele chegava um pouco mais perto. Faíscas de luz dançaram em minha visão enquanto eu tentava alcança-lo, aquele fio invisível nos segurando juntos, nos puxando para mais perto.

Meus dedos cravaram em seus ombros, meus olhos travando nos dele, um milhão de coisas silenciosas passando entre nós. Eu pude ver então. O amor que brilhou ali. E quando Griffin passou a ponta do polegar onde eu mais precisava dele, eu desmoronei. E fiz isso sabendo que ele pegaria cada pedaço de mim.

43

Griffin

Não havia nada como segurar Caelyn em meus braços. O conhecimento de que ela era totalmente minha e eu dela. O cheiro dela enchendo meus sentidos, e a sensação de seu corpo envolvido pelo meu. Foi como voltar para casa. Para uma casa que estava perdida há tanto tempo, e eu havia perdido qualquer esperança de encontrá-la novamente.

Fizemos amor duas vezes, mas ainda não consegui impedir meus dedos de vagar, de explorar cada centímetro de sua pele sedosa. Ela se contorceu quando eu passei a ponta do dedo sobre a parte interna de seu cotovelo. Eu sorri. — Cócegas?

— Pode ser…

— Bom saber. Eu queria anotar cada reação que ela teve. Como se eu pudesse fazer um mapa de seu corpo, descobrindo caminhos escondidos e tesouros secretos.

Caelyn deixou escapar um pequeno gemido. — Estou com tanto sono.

Era compreensível. Ela passou por um dia difícil hoje. Continuei acariciando sua pele. — Devo avisá-la, tenho pesadelos com bastante frequência. A última coisa que eu queria era aterrorizar Caelyn porque eu estava me debatendo. Pior, eu poderia machucá-la.

Ela se virou em meus braços para que ficássemos cara a cara. — Sobre sua família?

Eu balancei a cabeça, meus dedos traçando um padrão invisível em seu ombro nu. — Sobre o afundamento do barco. Minha irmã. Tudo se reproduz como um filme.

— Eu sinto muito. Isso parece banal. Mas não é. Não consigo imaginar ter que reviver isso indefinidamente.

Normalmente, simpatia como Caelyn estava demonstrando parecia muito com pena. Mas eu sabia que ela não tinha pena de mim. Caelyn simplesmente tinha o maior coração que eu já encontrei. A empatia que sentia pelos outros tornava a dor deles dela. Pressionei meus lábios em sua têmpora. — Obrigado.

Ela colocou a palma da mão no meu peito, bem sobre o meu coração. — Você quer que eu saia?

Houve um lampejo de dor em sua voz que me fez chutar a mim mesmo e aos meus demônios. Eu procurei seu rosto. — Não se você não quiser. Mas se eu começar a falar enquanto durmo ou me mexer, quero que você vá. Não tente me acordar. OK?

— Eu prometo. Ela se enterrou em meu peito. — Por que eu sinto que já ficamos assim um milhão de vezes antes? Que você me segurou assim?... E isso soou muito bobo.

Eu a segurei com mais força contra mim. — Não. Eu me sinto da mesma forma. Como se, de alguma forma, sempre conhecesse você.

Sua cabeça inclinada para trás para que ela pudesse ver meu rosto. — É exatamente isso. Como isso acontece?

— Eu não sei. Eu nunca experimentei isso antes.

Os dedos de Caelyn percorreram meu peito. — Eu também.

Observei enquanto seus pensamentos pareciam vagar. Eu queria ver aquela bela mente dela e conhecer cada pensamento e sonho. — Se a sua vida pudesse se parecer com qualquer coisa, o que seria?

Sua boca se curvou. — Eu amo esse jogo. Eu teria meu próprio pequeno café. Algo pequeno onde eu pudesse ter uma conexão real com os clientes. Um lugar onde eu era responsável pelo cardápio, mas não sentia que tinha que estar lá para abrir e para fechar todos os dias. Eu seria casada e teria muitos filhos. Nossa casa seria um caos mal organizado, mas cheia de tanta alegria. E Will, Ava e Mia amariam seus irmãos honorários. Teríamos noites de jogos e de cinema e um milhão de tradições de feriados diferentes. Ela ficou quieta por um momento. — Tudo que eu não tive enquanto crescia.

Eu não pude deixar de me ver na visão que Caelyn pintou. Perseguindo os pequenos com seus olhos verdes pelo nosso quintal. Eu queria que ela tivesse tudo. Cada pequena peça que ela imaginou para sua vida. Eu beijei meus lábios nos dela. — Isso vai acontecer. Eu sei que vai.

— Espero que sim.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, mas eu não conseguia parar de pensar nos sonhos de Caelyn. Sobre a família que ela estava tão desesperada para criar. Sobre aquele que ela já havia reunido de uma forma tão bonita. Eu quero fazer algo especial para o aniversário de Will.

A expressão de Caelyn se suavizou. — Você já está nos deixando fazer uma festa aqui. E vou preparar todas as suas refeições favoritas amanhã. Café da manhã, almoço e jantar. Nada do que eu deveria estar fazendo porque, tecnicamente, ele está de castigo.

Eu ri. — Você sabe que nunca deixaria o aniversário de Will passar sem comemorá-lo.

— Tudo bem, ela bufou. Eu sou bem simples. Faça o que quiser para tornar este dia especial para ele.

Eu toquei minha boca contra a dela. — Obrigado.

Caelyn parecia querer perguntar mais, mas se conteve. — Acho que ambos ficaremos surpresos então.

— Eu acho que você vai.

Eu dei uma andada para o caminhão de entrega, que tinha parado na oficina naquela tarde. Quando me virei para observar o espaço, não pude acreditar que consegui. Crosby sorriu para mim. — Will vai pirar.

— Espero que sim. Eu estremeci. — Eu também espero que Caelyn não me mate.

Crosby deu uma risadinha. — Está um pouco exagerado.

Eu esfreguei a mão no meu queixo. — Talvez um pouco. Mas obrigado por me ajudar a fazer isso acontecer. Liguei para Ford e Crosby esta manhã e contei a eles meu plano. Ford ficou com Will, mantendo-o ocupado enquanto Crosby e eu transformamos a oficina. Agora, eu não podia esperar para mostrar a ele.

— O jantar está pronto, Caelyn chamou do deck traseiro.

Enquanto Crosby e eu voltávamos para a casa, tive uma visão que nunca pensei que veria na casa da fazenda novamente. Estava cheio de gente. Hunter e Will cuidavam da churrasqueira. Ford deu uma carona a Mia pelo quintal, enquanto Kenna gritava para eles irem mais rápido. Ava ajudou Bell e Caelyn a colocar travessas de comida na mesa de piquenique excessivamente decorada.

— Vou precisar de mais móveis aqui, murmurei. Do jeito que estava, tivemos que montar uma daquelas mesas e cadeiras dobráveis para assentos extras.

Crosby sorriu. — Aposto que você nunca pensou que diria isso.

— Sem brincadeiras.

Caelyn acenou com todos em direção à mesa. — Tudo bem, pessoal, vamos sentar-nos.

A refeição era tudo o que eu esperava desses jantares de família. Turbulento e cheio de risadas, embora esta noite tivesse a diversão adicional de comemorar o aniversário de Will. Todo mundo trouxe algo para ele. De um novo videogame a um cartão-presente para a loja de ferragens local para continuar a construir sua coleção de ferramentas. Caelyn de alguma forma conseguiu obter para ele um livro sobre arquitetura e um cartão-presente para as aulas de música de sua escolha nas últimas doze horas. Will estava fora de si.

Crosby pigarreou. — Antes que Griffin lhe dê seu presente, tenho outra coisa para você.

As sobrancelhas de Will se juntaram. — Mas você e Kenna já me deram esse jogo.

Crosby engoliu em seco, olhando para Kenna, que lhe deu um sorriso encorajador. — Na verdade, é de Harriet. Quando ela me pediu para redigir seu testamento, ela pediu que este fosse dado a você no seu aniversário de dezessete anos.

A mesa ficou instantaneamente quieta. Mia olhou para Caelyn. — Harriet mandou um presente do céu para ele?

Os olhos de Caelyn brilharam. — Parece que sim.

Crosby entregou um cartão a Will. Movendo-se com cuidado, Will abriu o envelope. Enquanto ele examinava a página, seu corpo ficou rígido. Quando ele olhou para cima, seus olhos estavam um pouco vermelhos. — Ela me deixou um fundo para a faculdade. Pagarei onde eu quiser estudar.

Caelyn se engasgou, seus olhos se encheram de lágrimas quando ela olhou para Kenna. — Você sabia sobre isso?

Kenna balançou a cabeça. — Não até hoje.

Will olhou para o papel. — Eu não posso nem agradecer a ela.

Caelyn passou um braço em volta dele, mas foi Kenna quem falou. — Ela sabe, Will. É por isso que ela deu a você. Porque ela sabia o quanto você valorizaria isso.

Deus, eu caí em um grupo tão bom de pessoas. Provavelmente não merecia, mas não desistia de nada. Eu limpei minha garganta. — Você ainda pode contar a ela. Will encontrou meu olhar. Falo com meus pais e minha irmã o tempo todo. Talvez haja um lugar que você se sentiu perto dela. Vá lá e diga a ela o quanto você é grato.

Ele acenou com a cabeça e olhou para Kenna e Crosby. — A praia de *The Gables*. Talvez eu possa passar algum dia e dizer obrigado.

O sorriso de Kenna foi um pouco vacilante, mas ela conseguiu conter as lágrimas. — Você é bem-vindo a qualquer hora.

Ava olhou para mim. — E quanto a Griffin? Ele ainda tem algo para Will.

Sorri para a garota cujo consolo ao meu redor foi um dos melhores presentes que já recebi. — Isso mesmo, eu tenho. Vamos ter que fazer uma viagem de campo, no entanto. — E o que eu tinha não poderia exatamente corresponder a uma corrida completa para a faculdade de

sua escolha, mas isso não importava. O importante era que Will se sentia amado, cuidado e compreendido.

Eu me levantei da mesa e fiz sinal ao nosso grupo para me seguir até a oficina. Caelyn veio para o meu lado, e passei um braço em torno dela. — Você está bem? Eu sussurrei.

Ela assentiu. — Não acredito que Harriet fez isso. Ela já fez muito por nós. Sem ela, eu nunca teria ficado de pé.

— Ela te amava, e esta era apenas outra maneira que ela poderia mostrar a você.

— Você está certo. Caelyn deu um beijo na parte inferior do meu rosto. Agora, você vai me dizer no que esteve trabalhando o dia todo?

— Isso estragaria a surpresa.

— Oh, tudo bem, ela bufou.

Quando chegamos à oficina, Crosby empurrou Will para a frente do nosso grupo e depois se juntou a mim nas portas deslizantes. Cada um de nós pegou uma. Com um aceno de cabeça, nós os abrimos. Houve alguns suspiros e Mia soltou um grito. — Will! Veja todos os instrumentos.

Will ficou em silêncio atordoado, olhando ao redor da sala. Ele pegou a bateria e o piano de cauda. A guitarra elétrica e o baixo. O violão e o banjo. Também havia algum equipamento básico de gravação. Ele lentamente deu um passo à frente e depois outro, seus olhos saltando de uma coisa para outra. Então ele se virou para mim. — Isso — isso é tudo para mim? Eu concordei. — Por quê?

A única palavra quebrou algo em mim. — Porque você deve perseguir qualquer sonho que tiver.

Ele correu até mim, seus braços me envolvendo em um abraço forte. — Amo você, Griffin.

Uma queimadura se enraizou no fundo da minha garganta. — Também te amo.

44

Czelyn

—Panquecas? Mia perguntou esperançosa ao entrar na cozinha.

Minha boca se curvou. Nunca estive tão feliz por receber essa pergunta. Griffin e eu tínhamos conversado com as meninas algumas noites atrás para dizer a elas que mamãe havia falecido. Mia estava confusa, mas Ava estava com raiva, batendo portas até que ela finalmente desabou e chorou muito. Ambas ficaram quietas desde então.

Nada poderia partir meu coração mais do que saber que meus minúsculos terrores estavam sofrendo. Pior ainda, não havia nada que eu pudesse fazer para consertar. Mas Mia me pedindo panquecas disse que pelo menos ela estava voltando ao normal.

—Desculpe, Mi. Você vai ter que se contentar com ovos cozidos e *muffins*.

Ela me olhou com desconfiança. —*Muffins* de farelo ou bolinhos saborosos?

Griffin se engasgou com uma risada enquanto erguia seu copo de suco de laranja. Eu me virei, apontando minha espátula para ele. —Não a incentive.

—Nem sonharia com isso, — disse ele, tomando um gole de seu suco.

Will sorriu. —Gostosos.

Mia soltou um pequeno grito. —Que tipo?

—Meus *muffins* de farelo estão gostosos, — argumentei.

Ava apareceu na porta. —Desculpe, Cae Cae. Eles têm gosto de papelão.

Eu fiz uma careta para todos eles. —Se meus *muffins* têm gosto de papelão, então talvez eu não deva compartilhar estes biscoitos de canela com você.

—Biscoitos de canela! — Mia gritou.

—Você foi ao *The Mad Baker* esta manhã? — Ava perguntou.

—Não. Jules compartilhou sua receita comigo para que eu pudesse fazer algumas para vocês, *hooligans*. Mas acho que terei que comê-los todos sozinha.

—Não! — Mia gritou, puxando minha mão livre. —Comerei as verduras que você quiser, se puder.

Eu sorri para ela. —Vou me lembrar disso no jantar esta noite.

Ela franziu o rosto. —Eu não deveria ter dito *tudo*. Eu deveria ter dito que comeria uma verdura.

Will colocou um pedaço de ovo cozido na boca. —Erro de novato.

Eu bufei quando trouxe a cesta de *muffins* para a mesa e me sentei. —Vocês provavelmente seriam deficientes em vitaminas se não fosse por mim. — Entreguei a cesta para Griffin. —E você provavelmente estaria a meio caminho de um ataque cardíaco com toda a porcaria que colocou em seu corpo.

Ele roçou os lábios nos meus enquanto pegava a cesta. —Graças a Deus eu tenho você para me manter vivo.

—Vocês vão se casar? — Mia interveio.

Griffin e eu congelamos, nossos olhos se arregalando. Limpei a garganta e olhei em volta da mesa. Will estava ficando vermelho,

tentando conter a risada. Ava simplesmente parecia curiosa. Mas Mia... ela parecia esperançosa. Tomei um gole rápido do meu suco. —Mia, as pessoas costumam namorar muito antes de se casar. Griffin e eu não nos conhecemos há muito tempo.

As palavras tinham gosto de mentira. Parecia que Griffin e eu nos conhecíamos desde sempre. Tínhamos caído tão facilmente nessa vida pseudo—familiar. Mas ele nunca mencionou o futuro. Se ele queria casamento e bebês ou se estava feliz com as coisas como elas eram agora.

Mia olhou para um e para o outro entre Griffin e eu. —Bem, se você se casar, eu quero ser a menina das flores. Ou uma dama de honra. A mãe de Lisa se casou e ela ganhou um vestido novo muito bonito. Foi tudo brilhante.

Eu não pude segurar minha risada. Mia não estava confusa ou preocupada com o status de relacionamento de sua irmã ou se sua vida estava prestes a mudar. Ela simplesmente queria um vestido novo e brilhante. Olhei para Griffin, que estava sorrindo para seu prato. — Vamos manter isso em mente.

—Eu acho que seria bom, — Ava disse suavemente. —Se estivéssemos sempre juntos assim.

Eu alcancei debaixo da mesa e agarrei a coxa de Griffin. Meu aperto era tão forte que fiquei surpresa que ele pelo menos não murmurou uma maldição. Em vez disso, ele passou um braço em volta dos meus ombros e encontrou o olhar de Ava. —Eu gosto de estar junto assim também. Você torna esta casa muito mais divertida.

—Isso é porque somos incríveis, — acrescentou Mia, prestativa.

Will sorriu. —Ela não está errada. Nós somos muito radicais.

Eu engoli as emoções acumuladas no fundo da minha garganta. — Bem, meus amigos radicais, apressem e terminem o café da manhã para não chegar atrasado à escola.

As crianças correram para terminar o que estavam comendo e Mia pediu um segundo *muffin* em sua merenda escolar. Eu assegurei a ela que já havia uma em sua lancheira de arco—íris. Enquanto eles corriam para pegar suas mochilas, me virei para encarar Griffin. —Então, isso foi, hum, interessante.

Ele passou a mão pelo meu pescoço. —O amor de Mia por vestidos brilhantes não tem limites.

Eu não pude evitar a centelha de decepção que cresceu com suas palavras. Não que eu esperasse que ele caísse de joelhos, mas uma dica do que ele viu para o nosso futuro teria sido bom. Eu me levantei, empurrando minha cadeira para trás. — Sim ela ama.

Griffin me seguiu, agarrando minha mão. —Ei, há algo errado?

Eu balancei minha cabeça. —Não. Eu só estou cansada. Meu café ainda não fez efeito.

Ele me estudou cuidadosamente. —Se você tem certeza.

—Tenho certeza. — A última coisa que eu queria fazer era pressionar Griffin para nomear o que era essa coisa entre nós. Para me prometer coisas que ele não estava pronto para dar. Eu dei a ele um beijo rápido. — Vejo você depois do trabalho.

Comecei a descer o corredor e abri a porta da frente. —Pequenos terrores, encontro vocês no carro. — Um coro de acordos encontrou meus ouvidos, e comecei a ir em direção ao meu SUV estacionado atrás da caminhonete de Griffin.

Parei quando vi um papel tremulando contra o para—brisa, mantido no lugar apenas pelo limpador de para—brisa. Um arrepio percorreu

minha espinha. Provavelmente era apenas um desenho que Mia tinha feito para mim. Eu disse a mim mesma várias vezes enquanto caminhava lentamente em direção ao meu SUV. Não havia como alguém entrar na propriedade da fazenda. Havia portões trancados, câmeras e alarmes.

Minha mão tremia enquanto puxava o papel. O sangue foi drenado da minha cabeça. Havia uma foto pregada no bilhete, uma minha e das crianças dois natais atrás em nossos pijamas combinando, mas os rostos de Will, Ava e Mia estavam todos riscados. E escrito em letras maiúsculas estava: *Você roubou minha vida. Agora vou tirar a sua.*

45

Griffin

Eu ri enquanto passos trovejavam escada abaixo. Você pensaria que uma manada de elefantes estava indo para a escola em vez de três crianças. —Tem tudo que você precisa?

—Sim! — Mia ligou. Ava acenou com a cabeça, sorrindo. E Will me ofereceu um golpe de punho.

Eu encontrei seu olhar. —Lembra do que conversamos?

—Evite Drew sempre que possível.

—Bom homem.

Mia abriu a porta da frente, mas foi recebida por Caelyn correndo para dentro da casa assim que ela o fez. —Não, volte para dentro agora.

Seu tom afiado fez Mia recuar, colidindo com meu corpo. Eu passei meus braços em volta da menina. —O que é isso? O que está errado?

Caelyn bateu à porta, trancando—a. —Todas as outras portas estão trancadas?

Eu rapidamente passei Mia para um Will preocupado, que a envolveu em um abraço. Eu caminhei até Caelyn. —Eu não sei. Diga—me o que está acontecendo agora.

Ela estava pálida, trêmula, e seu olhar saltou de criança para criança e depois ao redor da entrada como se alguém pudesse aparecer a qualquer momento. —Precisamos trancar as portas. — Sua mão tremia quando ela me entregou um pedaço de papel. —Estava no meu carro.

Eu examinei a página, meu corpo travando. —Venha comigo agora. — Corri com eles para o meu escritório, abrindo a estante e indo para a sala do pânico. Eu digitei o código rapidamente e acendi as luzes. — Desça as escadas. Vou trancá-lo até que o departamento do xerife chegue aqui. Não saia, a menos que Parker ou eu venhamos buscar você. Você entende?

Mia choramingou. —Luci. Eu não tenho Luci.

—Lá está ela, — disse Will, correndo para o escritório para pegar a gatinha.

Mia continuou balançando a cabeça e puxou meu braço. —Eu quero que você venha conosco.

Eu me agachei, tomando seu rosto em minhas mãos. —Eu preciso esperar pelo xerife, ok? Tudo vai ficar bem. E tem jogos lá embaixo. Will vai brincar com você. Certo, Will?

Ele acenou com a cabeça, Luci se contorcendo em seus braços. — Sim, Mi. Vamos ver o que ele tem. — Will conduziu Mia e Ava escada abaixo, mas Caelyn permaneceu.

Ela ainda estava pálida, mas sua mandíbula estava rígida. —Eu vou ficar com você.

— Não, você não vai. Você está indo para lá e vai manter essas crianças calmas.

Suas mãos agarraram minha camisa. —E se algo acontecer com você?

Eu a puxei para mim. —Nada vai acontecer comigo.

—Jura.

—Eu juro. — Eu a soltei, indo para o cofre da arma na parede. Eu digitei o código e desbloqueei. Peguei minha Glock e fechei a porta. —

Veja, completamente protegido. Agora, desça as escadas. Mantenha—os calmos.

—Griffin? — Ela perguntou.

—Sim?

—Eu te amo.

Eu congelo. O conhecimento de suas palavras parecia zunir pelo meu corpo como se alguém tivesse acendido uma série de fogos de artifício em minha corrente sanguínea. —O que você disse?

Caelyn apertou os lábios. —Eu te amo. Eu só precisava que você soubesse disso. Eu sei que você pode não estar pronto

Eu a beijei, rápido e forte. —Eu te amo. Acho que uma parte de mim te amou desde o primeiro momento em que te vi. Uma parte de mim reconheceu que você era a única pessoa que poderia me entender. Quem poderia me ajudar a encontrar o caminho de volta.

Os olhos de Caelyn se encheram de lágrimas, mas uma batida forte soou na porta da frente. Nós congelamos. Levei um dedo aos lábios e apontei escada abaixo. Ela parou por um momento, mas quando eu apertei seu braço, ela seguiu minhas instruções. O mais silenciosamente possível, fechei a porta da sala do pânico e coloquei a estante de volta no lugar.

Outra batida soou. Eu caminhei em direção à porta do escritório, mas fiquei protegida pela parede. —Quem é esse?

—É Parker.

A tensão em meus músculos diminuiu um pouco. —Você está sozinho?

—O que diabos está acontecendo? — Ele gritou.

Eu rapidamente caminhei até a porta, destrancando—a e criando uma abertura suficiente para Parker entrasse. Assim que ele passou pela soleira, eu fechei e tranquei atrás dele. Ele me examinou da cabeça aos pés, seu olhar persistente na arma em minha mão. —O que aconteceu?

Percebi que deixei o bilhete cair no chão na entrada na minha pressa para colocar Caelyn e as crianças em segurança. Abaixei, pegando—o e entregando—o a Parker. Ele soltou uma ladainha de maldições e, em seguida, puxou o telefone, ligando. —Os policiais da *Anchor* estarão aqui em minutos. Mas mais reforços estão chegando. Onde estão as crianças? Caelyn?

Hesitei por um breve momento. Não contei a ninguém que tinha um quarto do pânico. Eles funcionavam melhor quando eram um segredo que ninguém sabia. —Eles estão no meu quarto do pânico.

Os olhos de Parker se arregalaram um pouco e ele assentiu. —Acha que aguenta verificar a casa comigo?

Eu apertei o punho da minha arma. —Vamos lá.

Mudávamos de cômodo em cômodo em todos os andares, e não foi até que voltamos para a entrada e vimos outro veículo do departamento do xerife subindo rapidamente que relaxei um pouco. Eu olhei para Parker. —Você deixou meu portão aberto?

Ele parecia um pouco envergonhado. —Não pensei que ficaria aqui por muito tempo.

Eu balancei minha cabeça. Eu dei a ele o código no caso de haver uma emergência de verdade. —Vou pegar Caelyn e as crianças. Mantenha os policiais do lado de fora por enquanto.

Parker acenou com a cabeça, saindo pela porta da frente. Voltei para o meu escritório, passando pela estante de livros e até a porta de aço

reforçada escondida atrás dela. Liguei o código e liguei lá embaixo. —É Griffin. Você pode subir agora.

Caelyn foi a primeira a subir as escadas, praticamente me abordando. —Você está bem? Diga que você está bem.

—Estou bem. Está tudo bem. Parker está aqui com alguns outros oficiais. — Eu olhei para as crianças. —Vocês estão bem? — Eles assentiram, mas Ava e Mia pareciam mais do que um pouco abaladas. Eu me agachei, puxando as duas em meus braços. —Está tudo bem. — Eu os segurei por um longo momento e então os soltei. —Vocês podem me fazer um favor?

—Claro, — Will respondeu.

—Não conte a ninguém sobre aquele quarto. É o nosso esconderijo secreto, ok?

Mia olhou para mim pensativamente. —Como um forte.

Eu me forcei a sorrir para ela. —Exatamente. Como um forte *secreto.* Só nós podemos saber sobre isso. Entendeu?

—Entendi, — ela concordou.

Olhei para Ava e ela assentiu.

—Ok, vamos falar com Parker. — Eu os conduzi para fora do pequeno espaço, fechando a porta atrás de nós. A próxima hora passou voando. Tínhamos verificado a filmagem da câmera, mas não tínhamos os ângulos certos para pegar quem pulou a cerca e deixou o bilhete no SUV de Caelyn. Em pouco tempo, o que parecia ser o departamento do xerife inteiro invadiu minha propriedade, em busca de pistas. Kenna, Bell, Crosby e Ford apareceram assim que Caelyn ligou para avisá-los do que estava acontecendo. Kenna e Bell foram uma dádiva de Deus, levando as crianças para cima para estar abraçadas e assistir a um

filme. Will não queria ir, mas quando eu murmurei, — *Por favor. Cuidado com eles* —, ele disse sem outra palavra de argumento.

Eu mantive Caelyn em meus braços, incapaz de deixa-la ir. De alguma forma, eu pensei que se eu apenas continuasse a tocá-la, seria impossível para ela sofrer algum dano. Ela ficou quieta, com as costas pressionadas na minha frente, e não disse mais do que um punhado de palavras desde que enviamos as crianças para cima. Pressionei meus lábios em seu cabelo, respirando-a. —Você precisa de alguma coisa?

Ela balançou a cabeça, virando-se em meus braços para que sua bochecha ficasse pressionada no meu peito. —Só você.

—Você me tem. Sempre.

Suas mãos agarraram minha camisa. —Obrigada, — ela sussurrou.

Ford digitou na tela de seu telefone. —A empresa de segurança do meu amigo deve fazer a instalação hoje, certo?

Murmurei uma maldição. —Sim. — Eu tinha esquecido completamente.

—Você ainda quer que ele venha? — Ford perguntou.

Eu examinei a propriedade ao nosso redor, vendo a maioria dos policiais se dirigindo para seus veículos. Não conseguia imaginar que alguém trabalhasse muito mais tempo. Não poderia haver um pedaço da propriedade que eles não haviam investigado. Acenei para Parker. —Eu deveria ter uma nova segurança esta tarde. E dadas as circunstâncias, eu realmente, não quero cancelar essa instalação.

Parker esfregou a mão no queixo. —Compreensível. Não deve ser um problema. Infelizmente, não encontramos muito.

Um músculo em minha bochecha pulsou. Iríamos encontrar alguma coisa antes que fosse tarde demais? Eu segurei Caelyn com um pouco

mais de força, mas mantive meu olhar fixo em Parker. —Por que você estava vindo, afinal?

—Inferno, eu quase esqueci. Ele me mostrou uma impressão da primeira nota. Aquele que Caelyn encontrou em seu SUV fora da loja.

Ela endureceu em meus braços. —De quem?

Parker pegou o telefone e mostrou uma foto policial. —Darryl Kidman. Ele parece familiar?

Caelyn estudou seu rosto com cuidado e eu fiz o mesmo. Ele era magro, as bochechas magras, mas cobertas por uma barba. Cabelo e olhos castanhos. Nada nele era de forma alguma notável. Nada que dissesse que ele era capaz de ameaçar as pessoas que eu mais amo neste mundo.

Caelyn balançou a cabeça, deixando escapar um rosnado frustrado. —Eu nunca o vi antes. Quem é ele?

—Ele andou com a velha turma do seu pai. Ele foi pego por posse inúmeras vezes, mas nada violento.

As mãos de Caelyn formaram punhos em seus lados. —Eu nem mesmo o conheço. Ele foi pego na apreensão sete anos atrás?

—Não, — respondeu Parker. —Isso é o que não faz sentido. Ele nunca passou por momentos difíceis. Só consigo pensar em uma coisa.

—O que é isso? — Eu rosnei.

—Dizem que ele era o braço direito do seu pai. Traficava muitas drogas para ele.

Caelyn empalideceu. —Você acha que é meu pai mexendo os pauzinhos?

O queixo de Parker se mexeu. —Acho que está parecendo assim.

—Ele não fez o suficiente? Ele já traumatizou seus filhos. Deixou— os quase mortos. E agora isso? O que fizemos com ele além de pedir que nos amara?

Parker olhou de Caelyn para mim e vice-versa, a inquietação preenchendo sua expressão.

— Por causa de vocês, o rosto dele está em todos os bancos de dados da polícia. Por sua causa, ele perdeu toda a sua rede. Suponho que lidar com ele o fazia se sentir um grande homem, embora fosse o um peixe pequeno. Você destruiu o que ele via como seu reino. E isso é o suficiente para um homem pervertido buscar vingança.

46

Czelyn

Assim que Parker e o resto dos oficiais partiram, eu estava andando, antes mesmo de pensar para onde estava indo. Eu só precisava fugir. Das revelações de Parker sobre meu pai. Dos olhares preocupados e investigativos. Até de meus amigos. Contornei a casa em direção à floresta. Pela paz tranquila do lago.

Eu não estava exatamente correndo, era mais uma caminhada furiosa. Conforme o vento aumentava, picava minhas bochechas. Essa foi a única maneira que eu ainda percebi que estava chorando. Rastros de lágrimas silenciosas correram pelo meu rosto. Lágrimas porque o homem que deveria me amar simplesmente porque eu era sua filha, queria me causar a maior dor que se possa imaginar.

Quando cheguei à beira da floresta, sentei no chão, encostando—me no grosso tronco de uma das árvores e envolvendo os braços em volta das minhas pernas como se de alguma forma pudesse me proteger do conhecimento de que meu pai me odiava até a sua medula.

Passos soaram, abafados pelo chão da floresta. Eu mantive meu olhar focado na lagoa. A leve ondulação da água. Um pássaro que desceu na esperança de avistar um pequeno peixe.

Griffin se sentou ao meu lado. Sem uma palavra, ele me levantou como se eu não pesasse nada e me colocou em seu colo. —Eu sinto muito. — Ele sussurrou as palavras contra minha têmpora, seus lábios roçando a pele macia ali.

Eu deixei que ele me abraçara, para tentar absorver um pouco da sua força. —Por que ele me odeia tanto?

—Eu gostaria de ter a resposta para essa pergunta. Mas algumas pessoas simplesmente têm almas feias. Eu não sei se é a vida que eles viveram que apodrece seu interior, ou se eles simplesmente nasceram assim.

Eu me enterrei mais profundamente nos braços de Griffin. Eu sabia que ele tinha experimentado mais do que deveria das pessoas com o interior podre. Pessoas que queriam usá-lo e traí-lo das piores formas possíveis. No entanto, de alguma forma, ele conseguiu manter sua boa alma. Ele não tinha permitido que a dor que outros infligiram a ele apodrecesse seu interior.

Eu tracei um dedo sobre seu coração como se a ação fosse de alguma forma me permitir absorver um pouco dessa bondade. Eu queria me afogar na luz que o enchia. Eu inclinei meu rosto para encontrar seu olhar. —Faça-me esquecer. — Suas sobrancelhas se juntaram, intrigadas. Minha mão deslizou por seu peito para segurar seu rosto e eu colei meus lábios contra os dele. —Me faça sentir. Apenas o bom. — Ele estudou meu rosto como se estivesse tentando decidir se isso era uma jogada inteligente. —Por favor. — Eu estava implorando.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, descendo sob a barra do meu vestido de verão. O toque de suas palmas contra minha pele criou algum tipo de energia estranha que zumbia ao nosso redor. Algo que pertenceria apenas a Griffin e a mim. Eu nunca quis perde-lo. Era segurança e conforto, paixão e desejo, fome e saciedade completa, tudo ao mesmo tempo.

Os dedos de Griffin dançaram sobre a minha boceta coberta de renda. Eu respirei fundo enquanto ele me acariciava através da minha calcinha. Forcei meus olhos a ficarem abertos, a ficarem presos aos de Griffin. Eu não queria perder um segundo de como seus olhos azuis pareciam mudar de cor na luz do fim da manhã. Com cada toque de seus dedos, seu olhar parecia escurecer.

Minha respiração começou a ficar mais rápida, meu coração martelando contra sua caixa como se quisesse levantar voo, para chegar ao homem que o possuía inteiramente. —Por favor.

—O que você precisa? — Griffin perguntou, parecendo sem pressa. Como se ele pudesse simplesmente ficar assim o dia todo.

—Eu preciso de você.

Seus olhos brilharam e sua mão foi para o lado do cinto para ferramentas que ele sempre carregava. —Fique quieta.

Eu congelei quando ele abriu a faca e colocou-a sob o meu vestido de verão. Um movimento de seu pulso, e depois outro, e minha calcinha de renda estava caindo. Eu fiquei boquiaberta com ele. —Aquele era um par de calcinhas novas.

Griffin sorriu para mim, segurando a renda triunfantemente. —E eu vou considera-los como o presente precioso que são. — Ele enfiou o pedaço de tecido no bolso. —Venha aqui. — Griffin me levantou, então eu estava montada nele, seus dedos indo para o botão de sua calça jeans. Seu pau saltou livre e eu sorri. Aparentemente, ele não estava tão afetado quanto parecia. —Você vai me montar. E vou fazer você sentir apenas as coisas boas.

Minha expressão se suavizou, e tomei sua boca em um beijo lento enquanto me abaixava sobre ele. O alongamento e a plenitude fizeram meus olhos vibrarem. Havia uma sensação inegável de completude. Não que eu não estivesse inteira sozinha, mas de alguma forma com Griffin, eu estava muito mais. Meus pontos fortes eram maiores e minhas fraquezas não eram tão perceptíveis. Com ele, nunca me senti sozinha.

Comecei a balançar contra ele, movimentos lentos e testando. As mãos de Griffin chegaram aos meus quadris, ajudando a guiar meu caminho. Juntos, encontramos um ritmo. O que nós dois precisávamos. Estava ao mesmo tempo terno e um pouco desesperado. A

necessidade de saber que o outro estava bem aqui e que estávamos vivos nos estimulando.

Griffin passou a mão por baixo do meu vestido, seu polegar encontrando meu clitóris e circulando, chegando cada vez mais perto de onde eu mais precisava dele. Sua outra mão se enroscou na parte de trás do meu cabelo. —Olhe para mim. Mantenha seus olhos em mim quando gozar. Eu quero ver aquela centelha verde. — Outra passagem de seu polegar e eu estava quase lá. —Eu te amo, Caelyn.

Suas palavras. As mãos dele. O corpo. Mas acima de tudo, o conhecimento de que eu era inteiramente dele. Era tudo que eu precisava para me desfazer em seus braços, os pedaços de mim se despedaçando e se colando de uma forma que não era exatamente a mesma pessoa que eu era antes. Porque agora eu sabia que era completamente amada por este homem.

Lentamente, eu voltei a mim, minha respiração se estabilizando enquanto meu coração ainda batia acelerado. —Eu também te amo. Eu gostaria que você pudesse alcançar dentro do meu cérebro e coração para que você pudesse ver o quanto.

O rosto de Griffin suavizou. —Eu não preciso ver isso. Eu sinto isso todos os dias.

Meu lábio tremeu. —Não me faça chorar quando você ainda está dentro de mim.

Ele riu, enviando tremores deliciosos através de mim. O aperto dos meus músculos o fez gemer. —Você vai me matar.

—Mas será um bom caminho a percorrer, certo?

Griffin afastou o cabelo do meu rosto. —O melhor. — Ele cuidadosamente me levantou de cima dele e deu um beijo no canto da minha boca antes de me colocar em seu colo novamente.

Ficamos em silêncio por um momento, apenas apreciando a proximidade e a paz. Griffin brincou com uma mecha do meu cabelo. — Quero que você e as crianças se mudem para a casa da fazenda permanentemente.

Eu congelei. Eu segurei nossa casinha amarela por tanto tempo. Era como um cobertor de segurança. Por muito tempo, pensei que se apenas tivesse aquela casa, estaríamos seguros. Mas com Griffin, encontramos uma vida totalmente nova. Um que era ainda melhor do que aquele que criamos para nós mesmos naquela casinha amarela. Eu inclinei meu rosto para o dele. —Tem certeza de que não são apenas endorfinas sexuais? Você disse que faz um tempo para você.

Griffin sorriu e segurou meu rosto. —Mude-se. Faça desta uma casa de verdade. Se não o fizer, vou morar naquele *loft* minúsculo com você.

Eu ri com a imagem de Griffin subindo a escada até o loft do meu quarto. —OK.

Seus olhos se arregalaram. —OK? — Eu concordei. —Eu realmente pensei que teria mais luta em minhas mãos.

Dei de ombros. —Eu gosto de mantê-lo alerta. — Eu pressionei um beijo na parte inferior de seu rosto. —Estamos felizes aqui. Mesmo com todas as coisas horríveis que aconteceram nos últimos meses, somos os mais felizes do que nunca. E não é isso que todos esperam? Para ter alegria em meio a todas as provações. Você nos dá alegria, Griffin.

Seu olhar queimou em mim. —Você não tem ideia da alegria que você me dá. Você fez deste palácio destruído um lar.

47

Griffin

—Temos câmeras adicionais configuradas agora. Elas estão colocadas em intervalos regulares ao longo de toda a linha da cerca. Agora, você obterá um bom número de alarmes falsos da vida selvagem. Provavelmente veados pulando sua cerca. Mas podemos ajustar as câmeras assim que você não estiver em um ponto de crise.

O ponto da crise era para dizer o mínimo. Não achei que tivesse dormido mais do que alguns minutos na noite passada. Mesmo com um policial em um carro fora de casa. Eu pegaria um milhão de alarmes falsos se me permitisse saber o que estava acontecendo em minha propriedade. —Nós podemos lidar com isso, — eu disse ao especialista em segurança, envolvendo um braço ao redor de Caelyn.

Cain acenou com a cabeça. —Boa. Todos os alertas irão direto para seus telefones. Você poderá ver imagens ao vivo da câmera e retroceder para ver o que acionou o alarme. Também há um botão no aplicativo que você pode pressionar para alertar o departamento do xerife imediatamente sobre uma emergência.

Caelyn soltou um suspiro trêmulo. —Obrigada. Espero que não tenhamos que usá-lo. Mas agradeço saber que está no lugar.

Estendi a mão para Cain, apertando a dele. —Obrigado por se esforçar para fazer tudo isso tão rapidamente.

Cain e sua equipe de duas pessoas instalaram todas as câmeras e ajustaram o sistema de segurança da casa em questão de horas ontem. Agora, estava tudo instalado e funcionando. Cain soltou minha mão. —Sem problemas. Eu sei o que é se preocupar com as pessoas de

quem você gosta. Estou feliz por haver algo que posso fazer para ajudá-lo a mantê-los seguros.

Caelyn deu ao homem rude um sorriso gentil. —Parece um bom trabalho para mim. Você vai conseguir ficar em *Anchor* por um tempo ou terá que voltar para Oregon hoje?

Um sorriso que eu não tinha visto em nenhuma das horas que ajudei o homem a instalar a segurança se estendeu em seu rosto. —Vou ficar alguns dias. Assim que minha esposa soube para onde eu estava indo, ela começou a planejar as férias.

—Isso é maravilhoso, — disse Caelyn. —Certifique—se de pegar comida no *The Catch* e *Rocco's*. E dê uma passada no *Second Chances* se sua esposa gosta de antiguidades e móveis reformados.

Cain balançou a cabeça. —Se eu levar Kennedy àquela loja, iremos para casa com um milhão de pequenas bugigangas de que não precisamos. —

Caelyn riu. —Você provavelmente vai, mas vai valer a pena.

—Bem, nessa nota, é melhor eu ir encontrar minha esposa. Você tem meu número de celular, se tiver alguma dúvida ou problema. — Cain encontrou nossos olhares. —Fique seguro.

—Nós iremos. — Eu apertei minhas mãos sobre Caelyn. —Obrigado de novo, cara.

—A qualquer momento.

Esperamos enquanto Cain subia em seu SUV e descia o caminho. Quando ele desapareceu de vista, Caelyn se virou em meus braços para que ela ficasse de frente para mim. Seu sorriso era quase tímido, mas um pouco vertiginoso também. —Quer dizer às crianças que estamos nos mudando?

Afastei o cabelo de seu rosto e dei um beijo em sua testa. Isso era real. Um novo começo. Uma família. —Vamos lá.

Voltamos para dentro, em direção à cozinha e ao som de gritos.

—O rosa é meu, Will, — Mia gritou.

— Will, — Caelyn avisou quando ela entrou.

Ele balançou a cabeça, mas sorriu. —Eu só queria ver o ataque ela teria se alguém se interpusesse entre ela e o *donut* rosa.

Mia olhou para ele. —Vou colocar sua mão em água morna enquanto você dorme.

Os olhos de Will se arregalaram, entregando o *donut*. —Malvada, eu gosto.

Ava ergueu os olhos de onde estava sentada à mesa da cozinha, lendo seu livro. —Eles estão assim desde que você começou a falar com o Sr. Hale. Mas enquanto eles lutam, eu tenho comi.

—Ei, — Will disse, estudando a caixa sobre a mesa. —Você comeu o creme de Boston?

Ela encolheu os ombros. —Você dorme, você perde.

Eu estendi a mão para Ava, e ela me deu um *high—five*. Caelyn gemeu. —Vocês estão desesperados. Um pouco de açúcar e vocês se tornam maníacos.

—O que é um maníaco? — Mia perguntou com a boca cheia de *donut.*

—Alguém que é um pouco louco, — respondeu Caelyn.

Mia sorriu, seus dentes rosados. —Eu sou louca por *donuts*.

Passei um braço em volta de Caelyn. —Desista agora. Você nunca vai vencer o açúcar.

—Oh, tudo bem, — ela bufou e então olhou para as crianças. — Griffin e eu temos algo para conversar com você.

—Tudo bem... — Will disse, parecendo um pouco desconfiado.

—Como você se sentiria em ficar na casa da fazenda? Não voltar para a nossa casa?

O rosto de Mia parecia que ia se quebrar em dois, ela estava sorrindo amplamente. —Ficar aqui para sempre?

Sua pura alegria enviou uma sensação de queimação em meu peito. —Contanto que você queira.

—Para sempre! — Ela aplaudiu.

—Para sempre, então. — Meu olhar encontrou o de Caelyn em uma promessa silenciosa. Posso não colocar um anel em seu dedo amanhã, mas não me conteria por muito tempo.

Mia se lançou sobre mim e eu a peguei com um braço, evitando por pouco um *donut* no rosto. Eu olhei para Will, que estava sorrindo. —Bem, meu estúdio de música está aqui, então é muito conveniente.

Caelyn revirou os olhos. —Facilmente subornado.

Nosso foco se voltou para Ava, que estava quieta, sua expressão ilegível. Eu dei a ela um sorriso gentil. —O que você acha, Avs?

Seus lábios se apertaram como se ela estivesse segurando algo. — Você nos quer? — Ela perguntou sem encontrar meus olhos.

A queimadura em meu peito se intensificou. Coloquei Mia no chão e fui até Ava, agachando para ficar ao nível dos olhos dela. —Eu quero você. Todos vocês.

—Por quê? — Ela perguntou, seus olhos se enchendo de lágrimas.

—Porque eu te amo. E você faz esta casa parecer um lar.

Ela me deu um sorriso vacilante. —Eu acho que a casa da fazenda também parece um lar.

—Então, você vai ficar? — Perguntei. Ava assentiu e eu a peguei em meus braços. —Então vamos, minúsculos terrores. Precisamos decidir de que cor pintar seus quartos.

Liderei um desfile das pessoas que mais amo neste mundo escada acima. Fomos do banheiro das meninas para o de Will, discutindo as opções de cores que eles queriam. Rosa ou azul para as meninas. Verde ou cinza para Will.

Mia puxou minha mão. —Podemos pintá-lo hoje?

Eu ri. —Acho que primeiro precisamos testar nossas opções. Mas posso correr até a loja de ferragens e pegar algumas amostras. — Eu congelo. Na alegria do momento, esqueci o que aconteceu ontem. Não havia como deixá-los sozinhos e desprotegidos.

Caelyn pareceu entender minha batalha e apertou minha mão livre, sussurrando em meu ouvido. —Estamos bem. Temos um sistema de segurança que deixaria a Casa Branca com ciúmes e a sala do pânico se algo der errado. — Um músculo ao longo do meu maxilar pulsou e Caelyn apertou minha mão novamente. —Eu prometo. Nada vai acontecer. Vá pegar um pouco de tinta para que possamos manter este trem feliz em movimento.

Eu pressionei um beijo rápido na boca de Caelyn. —Ok, mas mantenha o telefone com você.

—Senhor, sim, senhor, — ela brincou.

Meus olhos se estreitaram para ela. —Posso estar fazendo você dizer isso novamente, mas em um contexto totalmente diferente.

Caelyn corou furiosamente e eu ri. —OK. Volto em uma hora.

As meninas já estavam tagarelando sobre o que fariam do quarto, perdidas em seus planos e sonhos. Will me deu uma saudação simulada e Caelyn me enxotou para fora da sala.

Minha ida à loja de ferragens me fez adicionar todo tipo de outras coisas à minha lista de tarefas para a casa da fazenda. As crianças precisavam de uma casa na árvore e um balanço. Um que faria os olhos da minha pequena ginasta se arregalarem. E algo com um recanto de leitura para Ava. Enquanto dirigia de volta para casa com uma dúzia de amostras de tinta em mãos, comecei a projetar as estruturas em minha cabeça. Seria o projeto perfeito para lidar com Will. Ele poderia ser o responsável pelo design.

Abaixei minha janela para inserir o código do portão. Assim que passei, meu telefone apitou. Um alerta. O sistema de segurança de Cain. Meu sangue congelou quando puxei a câmera e vi duas figuras fugindo da cerca. Em direção à casa da fazenda.

48

Czelyn

EU ME INCLINEI PARA TRÁS, apoiando meus cotovelos contra uma das escadas do convés, e virei meu rosto para o sol. Respirando profundamente, senti o cheiro dos pinheiros, a pitada de sal no ar. As risadas de Ava e Mia enquanto perseguiam Luci pelo quintal.

Will se abaixou ao meu lado. —Feliz?

Eu sorri para meu irmão. —Sabe, apesar de todos os momentos loucos e aterrorizantes dos últimos meses, eu estou.

—Boa. — Havia ferocidade em seu tom. Como se eu não estivesse feliz, ele faria tudo ao seu alcance para que isso acontecesse.

—E você?

O pomo de Adão de Will balançou enquanto ele engolia. —É estranho. Mas muito do que eu estava preocupado... parece que tudo se foi em um piscar de olhos. Harriet cuidando da faculdade. Griffin cuidando de você

—Ei, agora, — eu disse, dando um puxão em seu ombro. —Sou muito capaz de cuidar de mim mesma.

—Eu sei que você é, mas alguém precisa cuidar de você.

—Você tem um grande coração poderoso aí, sabia disso?

O rosto de Will ficou vermelho. —Eu herdei da minha irmã mais velha.

Eu apontei um dedo para ele. —Não me faça chorar.

—Oh, caramba, — ele disse, revirando os olhos.

Meu telefone tocou e eu o tirei do bolso. Um alerta. O sistema de segurança. Meu batimento cardíaco acelerou. Era um veado. Tinha que ser. Ou talvez Griffin tenha acionado acidentalmente um sensor quando voltou. Toquei alguns ícones no meu telefone.

—O que é isso? — Will perguntou, aproximando-se.

A visão da câmera apareceu e eu peguei apenas um flash de movimento. Uma figura saindo da imagem. —Meninas! Para dentro, agora.

Ambas congelaram com o meu tom. Mas Luci, alheia a isso, continuou pulando em direção à floresta. Will pegou meu telefone da minha mão e apertou um botão. —Eu enviei o alerta para o xerife.

Corri para as meninas. —Vamos, rápido.

—Espere, — gritou Mia. —Luci.

—Nós a pegaremos mais tarde. Ela vai ficar bem. — Rezei para estar certa. Quem quer que estivesse aqui não se importaria menos com um gato. *Éramos* quem eles queriam ferir.

—Não! — Mia se soltou e correu em direção à floresta onde Luci havia desaparecido.

O pânico tomou conta de mim, forte e feroz. Eu empurrei Ava para Will. —Leve—a para dentro da sala do pânico. Você se lembra do código, certo?

— Você vai com Ava, — ele argumentou. —Vou encontrar Mia e Luci.

—Não. Will, eu preciso que você faça isso. Por favor.

Ele balançou a cabeça lentamente, devolvendo meu telefone. —Seja cuidadosa. Fique na floresta até que chamemos você com o tudo limpo.

—Vamos.

Ele era tão inteligente, meu irmão. Porque depois que eu encontrar Mia, não poderíamos voltar em segurança para casa. Não com alguém rondando a propriedade. Corri em direção à linha das árvores e ao som de passos contra o chão da floresta.

—Mia, — eu assobiei, mas ela continuou correndo. Finalmente, eu a alcancei com uma Luci se contorcendo em seus braços. —Mia, venha aqui.

Seu rosto estava vermelho e manchado. —Sinto muito, Cae Cae, mas eu não poderia deixar Luci.

Meu estômago se revirou. Minha doce menina. Puxei ela e o gato em meus braços. —Está tudo bem. Vamos ficar bem, mas temos que ficar bem quietos. Vou encontrar um lugar para nos esconder.

Mia acenou com a cabeça, segurando Luci com mais força contra o peito. Eu os conduzi para longe da casa da fazenda, constantemente examinando as árvores ao redor em busca de qualquer sinal de movimento, meus ouvidos preparados para qualquer indício de ruído. Não havia nenhum edifício aqui, nenhum lugar para realmente se esconder. Apenas as árvores e a lagoa.

—Caelyn, — um homem chamou. —Eu sei que você está aqui. Aquela garotinha também. Se você sair, não vou machucar a garota.

A voz era tão familiar, mas eu não conseguia identifica-la. Com certeza não parecia meu pai.

—Que diabos, cara? Eu não vou machucar uma criança, —outro cara gritou. —E eu quase fui pego quando tentei tirá-las da escola.

—Cale a boca, — o primeiro homem respondeu.

Apressei Mia, rezando para que seus pés se movessem mais rápido. Quase passamos pela grande árvore quando congelei. Havia uma abertura no tronco. Não era grande o suficiente para mim. Mas era suficiente para Mia.

Eu me inclinei, apontando para ela. —Você vai se esconder aqui, ok? Você fica aqui até eu vir busca-la. Promete? Só saia para alguém em quem você confia. Apenas nossa família, ok?

Seu lábio tremeu. —Está escuro aí.

—Eu sei, querida, mas você é tão corajosa. E você sabe quem provavelmente mora lá?

—Quem?

Eu tentei o meu melhor para forçar um sorriso. —Fadas. Mas você tem que ficar muito quieta. É a única maneira que eles vão se mostrar a você.

—OK. — Sua voz tremeu. —Você vai voltar para mim, certo?

—Eu prometo.

Ela lentamente se forçou a entrar no tronco da árvore, Luci ainda em seus braços. Coloquei a mão dentro do tronco e apertei seu joelho. — Eu te amo. Voltarei em breve.

—Amo você, Cae Cae.

Eu corri para longe da árvore, esperando não ter mentido. Não importa. Tudo o que importava era afastar os homens de Mia. Contornei a lagoa, permanecendo ao abrigo das árvores. Quando cheguei ao outro lado, sabia que estava ficando sem lugares para ir. O resto das terras de Griffin estava muito aberto.

Eu examinei as árvores ao meu redor. Havia apenas uma opção. Subir. Encontrei um pinheiro que tinha alguns galhos baixos o

suficiente para eu alcançar. Com um salto com corrida antes, eu abaixei um galho. A casca machucou minhas mãos, mas não emiti nenhum som.

Com o máximo de cuidado possível, fui de galho em galho até ter certeza de que estava pelo menos um pouco escondido de qualquer olhar curioso abaixo. Esforcei—me para ouvir qualquer coisa, mas apenas o vento soou. Deslizando meus dedos no bolso de trás, tirei meu telefone. Rapidamente, mudei para o modo silencioso e abri um novo texto. Mordi meu lábio inferior enquanto considerava minhas opções. Eu adicionei Griffin e Parker ao bate—papo.

Digitei uma mensagem, explicando que havia dois intrusos, onde escondi Mia e mais ou menos onde eu estava. Em segundos, houve uma resposta.

Griffin: *Fique onde está. Estou chegando.*

Parker: *Griffin, não se envolva. Estamos a dois minutos.*

Griffin: *Estou armado. Avise seus oficiais.*

As mensagens apareciam rapidamente antes que eu pudesse responder. A ajuda estava chegando. Nós ficaríamos bem.

Vozes cortam o ar. Os passos se aproximavam cada vez mais. —Eu sei que você está aqui em algum lugar. Existem tantos lugares aonde você pode ir, Caelyn...

Eu respirei fundo e agarrei o galho em que descansei. A dor da casca cortando minha pele mal foi registrada.

—Onde diabos ela está, chefe? Temos que pegá-la e ir embora. Os policiais vão chegar a qualquer minuto.

—Cale a boca, Darryl. Estamos bem, — disse o primeiro homem.

Darryl. Darryl Kidman. O homem cujas impressões digitais estavam na primeira nota que recebi. Por quê? O que eu fiz com ele? Eu me

inclinei um pouco para frente, tentando dar uma olhada no outro homem. Seu *chefe.*

Enquanto eu me movia, meu telefone escorregou do meu alcance. Tentei agarrá-lo quando ele caiu, mas não consegui fazer contato. Ele pousou com um barulho no chão da floresta. O ar parou em meus pulmões.

—Bem, o que temos aqui? — O homem não identificado disse, pegando o dispositivo. —Ela caiu bem aos nossos pés.

Eu não estava aos pés deles, ainda não. Mas não havia outro lugar para eu ir. Meu olhar se concentrou nas armas em suas mãos. Armas que poderiam facilmente atirar em mim se quisessem. Mas a polícia estava aqui. Eles sabiam onde eu estava. Onde Mia estava. Mesmo se algo acontecesse comigo, pelo menos as crianças estariam seguras. Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos. Ford e Bell ou Senna e Crosby os acolheriam.

—Desça aqui. — O homem olhou diretamente para mim, o rosto não mais escondido pelas sombras e pela aba do boné.

Máx. O homem gentil que queria um segundo emprego para tentar recuperar o filho. Max, que se ofereceu para me acompanhar até meu carro depois que saímos do trabalho. Minha voz tremia enquanto eu falava. —Se eu descer aí, você vai me matar.

Max tirou o chapéu e apontou a arma na minha direção. —Se você não descer aqui, eu vou te matar. Que tal isso?

—Jesus, Max. Este não era o plano. Precisamos do dinheiro de seu homem. Ele vai nos dar para recuperá-la — Daryl choramingou.

Max apontou a arma para o amigo. —Talvez eu não me importe mais com o dinheiro.

—Merda, cara. O que deu em você?

—Quase sete Anos preso. Isso é o que deu em mim. Minha esposa vadia pensando que poderia se divorciar de mim enquanto eu estivesse lá dentro. E leve meu filho com ela quando ela for. *Meu* menino. E é tudo culpa dessa vadia.

—Por quê? — Eu murmurei.

Seu olhar disparou para mim, a arma junto com ela. —Você me afastou. Você me tirou *tudo.*

—Meu pai que te encerrou. Foi ele quem abandonou o telefone quando começou a consumir drogas. — Eu segurei minha língua para não acrescentar que se Max não tivesse feito nada ilegal, ele não teria ido para a cadeia.

—E ele pagou o preço. Ele e sua mãe vadia.

—O meu pai? — Quase engasguei com as palavras.

—Estripado como um peixe. Tive uma pequena luta com sua mãe antes de matá-la. Você deveria ter visto como ela implorou. Patético.

Eu engoli a bile subindo pela minha garganta. Sirenes cortam o ar.

—Merda! — Darryl chorou. —Estou fora daqui. Eu não vou cair nessa.

Sem um segundo de hesitação, Max apontou sua arma para Darryl e puxou o gatilho, a bala atingindo em sua perna. —Boa sorte para resolver isso. — Um segundo tiro atingiu a mão que segurava a arma. — Apenas no caso de você estar pensando em vingança.

Eu não pensei, simplesmente pulei. Eu me lancei da árvore em direção a Max. Talvez se eu caísse com força suficiente, eu o mataria. A única coisa que eu sabia com certeza era que a surpresa era a única ferramenta em meu arsenal.

A força da minha aterrissagem tirou todo o ar dos meus pulmões. A dor cresceu em minhas costelas e bochecha, meus músculos com a descarga de adrenalina. Mas a maldição e o movimento do corpo abaixo do meu me estimularam a entrar em movimento. Lutei para agarrar a arma, para aponta-la para longe de mim, para Max.

—Eu vou matar você, — ele rosnou. —E você vai sofrer.

—Caelyn! — A única palavra berrada por entre as árvores pertencia a apenas um homem. E ouvir Griffin enviou uma onda de força por mim. Lutei com mais força, finalmente conseguindo pegar a arma.

Mas era tarde demais. Eu ouvi um estrondo alto. O calor explodiu em meu estômago, uma dor ardente diferente de tudo que eu já experimentei. Meus olhos se arregalaram quando meu corpo ficou mole. Muito tarde.

49

Griffin

O MUNDO PARECIA desacelerar ao meu redor, quase como se eu estivesse me movendo através de um campo de força invisível. Uma pressão me impedindo de chegar a Caelyn. Em seguida, um barulho violento. Seu corpo ficou mole e rolou para longe do homem que queria machucá-la, tirá-la de mim. O homem ergueu a arma novamente, desta vez apontada para mim. Eu nem pensei. Eu simplesmente disparei. Dois tiros o mais próximo possível entre os olhos.

O outro homem estava gritando, mas eu mal conseguia ouvir as palavras. Peguei a arma ao seu lado e ele rastejou para longe o melhor que pôde. —N—não atire em mim.

—Então não se mexa, porra. — Enfiei a arma extra na parte de trás do meu jeans, correndo para Caelyn sem esperar para ver se o homem obedecia.

Seus olhos vibraram em um ritmo lento. Abrir. Fechadas. Abrir. Fechadas. Eu me agachei ao lado dela. O sangue vazava pela camiseta que ela vestia, manchando o algodão azul. Eu levantei o tecido e amaldiçoei. Havia muito sangue. Tirei minha camiseta e a pressionei no ferimento. Caelyn deixou escapar um gemido baixo.

—Sinto muito, mas tenho que parar o sangramento.

Eu mal conseguia distinguir as vozes do outro lado da lagoa. — Estamos aqui, — gritei. —Precisamos de um médico.

Os olhos de Caelyn brilharam. —Mia.

—Nós vamos pegá-la. Não se preocupe. Eu só preciso que você se concentre em sua respiração. Mantenha seus olhos em mim.

Sua respiração era muito superficial e não importava o quanto eu pressionasse seu ferimento, o sangramento não parecia diminuir. Inferno, eu nem sabia se a bala ainda estava dentro de seu corpo.

—Griffin, — ela ofegou.

—Eu estou bem aqui.

Lágrimas escorriam do canto dos olhos. —Cuide deles, meus pequenos terrores. Prometa que vai cuidar deles.

Meu coração deu um salto no meu peito. —Não. Não fale como se não fosse estar aqui. A ajuda está a caminho. É apenas uma questão de minutos.

—Prometa-me. — Seus olhos imploraram, as lágrimas brilhando em suas bochechas.

—Eu prometo. — As palavras saíram da minha garganta. Foi uma promessa que eu nunca quis fazer.

—Amo você, — ela sussurrou.

—Eu também te amo. E vou mostrar a você todos os dias pelo resto da sua vida. Você é a pessoa mais importante do mundo para mim e não vai nos deixar. — Por que esperei para torna-la minha completamente? Para pedir a ela para ser minha esposa. Para ficar para sempre comigo. Parecia tão trivial agora. O tempo que estivemos juntos. Nada disso importava quando ela e as crianças eram todo o meu coração. Pressionei com mais força contra a ferida enquanto o sangue começava a escorrer entre meus dedos. —Fica comigo.

Mas não houve resposta. Apenas silêncio.

MUDEI Mia em meus braços enquanto olhava ao redor da sala de espera. Assim que ela chegou ao hospital, ela saiu dos braços de Will e veio até mim. E ela não tinha me largado desde então. Ela finalmente adormeceu cerca de trinta minutos atrás, mas quando Bell se ofereceu para segura-la, eu descobri que era eu que não conseguia deixa-la ir.

Essas crianças eram as únicas peças de Caelyn que eu tinha que segurar. A única coisa que me ajuda a manter a esperança. Porque enquanto Caelyn foi transportada de avião para Seattle, seu coração parou. Por dois minutos inteiros, Caelyn deixou de existir. E eu podia sentir cada segundo daquele tempo gravado em minha alma. Assim que pousamos, os médicos e enfermeiras a levaram às pressas para a cirurgia e eu estava sozinho.

Uma enfermeira gentil me ofereceu para usar de seus chuveiros e um par de roupas limpas. Mas quando olhei para as minhas mãos apoiadas nas costas de Mia, vi que ainda havia sangue sob minhas unhas. Quanto tempo isso duraria? Talvez para sempre. Eu engoli o grito que queria escapar.

Crosby encontrou meu olhar do outro lado da sala. Não havia nenhum sorriso característico em seu rosto agora. Apenas linhas de preocupação gravadas profundamente em sua pele. Seu braço envolveu sua noiva enquanto ela se encostava em seu peito. Não pude evitar de me perguntar se algum dia voltaria a sentir aquele peso. O peso da cabeça de Caelyn descansando sobre meu coração.

Eu me forcei a desviar o olhar. Mas eu só fui recebido com mais dor. Will e Ava ao meu lado, seu braço esfregando para cima e para baixo em suas costas enquanto ela olhava para o espaço. Bell sentou—se no lado oposto, segurando uma garrafa de água com tanta força que fiquei chocado que ela não tinha explodido em cima dela.

A dor visceral de cada pessoa na sala parecia obstruir o ar. De repente, eu não conseguia respirar. Kenna pareceu ver meu pânico porque se levantou e estendeu as mãos. —Deixe-me leva-la um pouco. Você toma um pouco de ar.

—Obrigado, — eu resmunguei, cuidadosamente entregando Mia. Assim que ela descansou nos braços de Kenna, sem acordar, saí correndo do quarto. Mas eu não tinha para onde ir. Eu não queria sair do chão, muito menos do hospital. Então, simplesmente caminhei para cima e para baixo no curto trecho do corredor, meus pés rangendo contra o linóleo cada vez que me virava para seguir na outra direção. Assim que alcancei a extremidade oposta pela quinta vez, quase colidi com Ford.

Ele parou. —Você está bem? — Eu apenas grunhi. —Tudo bem, essa foi uma pergunta estúpida. Claro, você não está bem. O que eu posso fazer?

—Retroceder o relógio. Não me permitir deixá-los desprotegidos. — Cada uma das palavras deixou um rastro de dor e culpa na minha garganta.

A expressão de Ford endureceu. —Você não os deixou desprotegidos. Você os deixou com um sistema de segurança de última geração.

—Eu não deveria ter deixado eles de jeito nenhum, — eu berrei. E eu nunca me perdoaria por isso.

Ford agarrou meus ombros, seus dedos cravando nos músculos e me dando uma boa sacudida. —Não se deixe levar por aí, cara. Não vai ajudar as crianças ou Caelyn. Você precisa manter a cabeça no lugar. Você não pode perde-la.

Eu dei um aceno brusco. —Estou apavorado *pra* caralho.

Ford me puxou para um forte abraço. —Eu sei. Mas Caelyn é forte. Se alguém pode vencer isso, é ela.

—Senhor Lockwood?

Virei para enfrentar a médica, que estava com a mesma enfermeira que me deu o uniforme limpo. —Sim. Como está Caelyn? Ela está bem?

Não consegui ler nada no rosto da médica. Ela parecia estar na casa dos cinquenta anos, a imagem do profissionalismo com suas tranças tecidas em um coque apertado no topo da cabeça e uma expressão cuidadosamente vazia no rosto. —Ela está sendo transferida da recuperação para a UTI agora.

UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA. Isso não era bom. A UTI era para pessoas em situação de risco. A enfermeira ficou com pena de mim e acrescentou: —Isso é completamente normal para pacientes que saem de uma cirurgia séria. —

A médica concordou. —A bala danificou um pedaço do fígado da Srta. O'Connor. Realizamos uma remoção parcial da área danificada

—Você tirou uma parte do fígado dela? — Eu gritei. —Ela precisa disso para viver, não é?

—O fígado se regenera. Ela tem potencial para se recuperar totalmente, — explicou.

—Potencial? — Minha voz falhou com uma única palavra.

—A Srta O'Connor tinha um segundo código durante a cirurgia. Conseguimos fazer seu coração bater novamente, mas não saberemos se houve algum dano cerebral até que ela acordasse.

Danos cerebrais. As palavras ecoaram na minha cabeça. —Mas ela vai viver?

Os lábios do médico franziram. —As primeiras vinte e quatro horas são cruciais, mas estamos otimistas.

Eu balancei minha cabeça lentamente, tendo ficado completamente entorpecido. A enfermeira deu um passo em minha direção. —Eu posso te levar para o quarto dela, se você quiser.

—Sim. Por favor.

Ford bateu nas minhas costas. —Vou informar a todos.

—Obrigado. — Achei que não conseguiria repetir essas palavras. Eu silenciosamente segui a enfermeira pelo corredor e até uma fileira de elevadores. Ela não tentou conversar enquanto o elevador nos levava cinco andares. Eu agradeci por isso. Ela me levou por outro corredor até uma enfermaria de formato oval. Quartos individuais rodeavam o que parecia ser um posto de enfermagem. Era claro que havia mais enfermeiras para os pacientes aqui do que em um andar normal.

A enfermeira foi até um quarto de canto e então parou. —Ela vai parecer um pouco dura, mas está respirando sozinha, e isso é um ótimo sinal. Vá em frente.

—Obrigado. — Eu me movi ao redor dela e através da porta que estava aberta. Assim que avistei Caelyn, eu congelei. Ela estava pálida. Quase totalmente branco. E seu rosto parecia inchado como se ela tivesse sido espancada. Um hematoma floresceu em sua bochecha. Eu só podia imaginar como era o resto do corpo dela.

Essa mulher tão cheia de vida estava muito quieta. Eu odiava tudo sobre isso. Obriguei—me a me aproximar, um pé na frente do outro, como se eles estivessem sobrecarregados com blocos de cimento. Quando cheguei à cama, minha respiração estava difícil e meu peito estava tão apertado que pensei que poderia estar tendo um ataque cardíaco.

Eu me abaixei na cadeira ao lado de sua cama. —Caelyn. — Seu nome era uma oração. Um apelo para ela voltar para mim. Enfiei uma mão sob a dela, colocando a outra por cima, com cuidado para não interromper o monitor de oxigênio. —Estou aqui. E eu não vou a lugar nenhum. Não até você acordar.

Não houve resposta. Apenas o bip constante de seu monitor cardíaco e o zumbido fraco das outras máquinas. —Eu te amo. Mais do que pensei ser possível. Achei que nunca mais poderia deixar ninguém entrar. Mas você e aqueles pequenos terrores.... Você se infiltrou no meu coração. Então, você não pode sair agora.

Uma lágrima caiu contra nossas mãos unidas; era a única maneira de eu saber que estava chorando. —Eu perdi muitas pessoas que eu amava, Caelyn. Não me deixe também.

50

Caelyn

Eu parecia flutuar em meio à dor nebulosa. Ocasionalmente, vozes me puxavam. Sons que eu queria seguir, mas não conseguia encontrar o caminho até lá.

—Vamos, Caelyn. Você consegue. O médico disse que você está tentando acordar. Abra esses olhos.

Griffin. Eu queria vê-lo. Seus olhos azuis. Caramba, eu até aceitaria sua carranca. Eu soltei um gemido.

—Aí está. Continua a lutar. Volte para mim. Eu preciso de você.

Minhas pálpebras tremeram. Mas eles sentiram como se alguém tivesse amarrado minúsculos pesos em meus cílios. Griffin apertou minha mão e eu lutei mais. A luz brilhou, cegando-me por um momento, e então minha visão estava cheia de Griffin. Lágrimas brilharam em seus olhos. —Você está acordada.

—Oi, — eu resmunguei.

Ele pegou um copo com um canudo. —Aqui, tome um pequeno gole.

A água era como um bálsamo para minha garganta, acalmando a queimação ali. Mas em pouco tempo, Griffin estava se afastando. —Eu não quero que você fique doente. Como você está se sentindo?

—Tudo machuca. — E minha mente estava turva. Eu estava em um hospital, mas por que...? Meus olhos se arregalaram. —Mia, ela está bem? Ava e Will?

Griffin levou minha mão ao peito. —Eles estão bem. Todo mundo está bem. Eles estão na sala de espera. Quando você estiver pronta, nós os traremos. Mas eu quero que você vá com calma.

Eu afundei contra a cama. Meu lado gritou em protesto, uma dor quente e ardente me envolvendo. Griffin deve ter me visto estremecer porque ele chegou ainda mais perto. —Você está bem? Você quer que eu chame a enfermeira?

—Não. Não. Eu só quero ficar com você por um minuto. Só eu! Está tudo bem?

Griffin afastou o cabelo do meu rosto. —Você vai ficar bem. Agora que você acordou, eles dizem que terá uma recuperação completa. Mas…

—Mas o que? — O medo absoluto no rosto de Griffin, a dor, me fez agarrar sua mão com ainda mais força.

—Seu coração parou duas vezes. Quase perdi você. — Sua voz falhou, a emoção saindo através de suas palavras. —Eu não sei o que eu teria feito.

—Estou aqui. Eu estou bem aqui. — Eu puxei minha mão de seu alcance e emoldurei seu rosto com as minhas mãos, esfregando os dedos contra a barba por fazer em suas bochechas. —Eu não vou a lugar nenhum.

Seus olhos se fecharam e ele deu um beijo na minha testa. — Não. Você não vai. E você está presa comigo para o resto da vida.

Soltei uma risadinha, arrependendo instantaneamente quando a dor surgiu na minha cintura. Eu deixei minhas mãos caírem para os lados.

—O que é isso?

Eu dei a Griffin um sorriso fraco. —Eu não acho que rir está em pauta ainda.

Ele encontrou minha mão livre novamente, segurando-a perto. —Vai demorar um pouco para se recuperar. Mas temos você em cada etapa do caminho.

—Os homens? São eles...? Parker os pegou?

Os olhos de Griffin se desviaram para o lado. —Um está sob custódia. O outro está morto. — Ele parou por um momento. —Eu atirei nele.

Minha mão tremia na de Griffin. —Eu sinto muito.

Ele olhou de volta para mim. —Você sente muito?

—Que você teve que fazer isso. Mesmo se ele merecesse, eu odeio que você tenha que carregar esse peso.

Ele engoliu em seco. —Eu faria isso um milhão de vezes se isso significasse mantê-la segura.

—Eu te amo, — eu sussurrei. —Muito. — Nunca pensei que encontraria alguém que me amasse o suficiente para me colocar em primeiro lugar. Para ficar ao meu lado quando os tempos ficam difíceis. Mas em questão de meses, Griffin provou ser esse homem e muito mais. —Não sei como tive tanta sorte.

Seu olhar queimou no meu. —Eu prometi a mim mesmo que esperaria. Que eu daria a você e às crianças tempo para se estabelecerem em casa e em nossa nova rotina. Mas não quero esperar. Se os últimos dias me ensinaram alguma coisa, é que não devemos desperdiçar nenhum dos momentos preciosos que recebemos. Case comigo, Caelyn. Comece o para sempre comigo agora.

Minha respiração tinha cessado completamente enquanto meu batimento cardíaco trovejava em meus ouvidos. —Sim. É total e completamente insano. Mas sim.

Os lábios de Griffin encontraram os meus no mais gentil dos beijos. Mas com aquele toque básico, eu senti tudo. Seu amor, proteção, devoção. Eu sabia, com ele, eu nunca duvidei do quão querida eu era.

Ele se afastou, balançando a cabeça. —Eu nem tenho um anel para colocar em sua mão.

Liguei meus dedos aos dele. —Eu não me importo com um anel. Você me deu tudo que eu poderia querer. Um lar. Uma família. Você.

—Eu te amo, Caelyn.

Uma batida suave soou na porta. Ele abriu uma fração, e o rosto de Will apareceu. —Eu só queria — Caelyn! Você está acordada. — Ele correu para dentro do quarto e parou derrapando ao lado da minha cama. —Você está realmente acordado. Eles disseram que se você acordasse, você ficaria bem. — Lágrimas encheram seus olhos.

—Venha aqui, — eu disse, acenando para ele se aproximar. Griffin soltou minha mão para que eu pudesse pegar a de Will. —Estou bem. Eu prometo.

—Eu estava com tanto medo, — disse ele, com a voz rouca.

—Mas você foi tão corajoso. Você manteve Ava segura. Você fez o que eu pedi.

Ele balançou a cabeça lentamente. —Você está sofrendo?

Eu sorri. —Um pouco. Mas ver seu rosto ajuda.

Griffin cruzou para a porta sem outra palavra, como se sentisse que eu precisava ver Ava e Mia também. Em questão de segundos, ele voltou com elas — Mia enrolada em seus braços e Ava bem ao lado deles. Assim que me viram, Mia começou a chorar e Ava correu para a minha cama.

—Minhas garotas. Minhas lindas garotas.

Will passou um braço ao redor de Ava, trazendo-a para mais perto da cama. E Griffin se sentou na cadeira ao lado da minha cama com Mia em seus braços.

—Estou bem. Eu prometo, —eu assegurei.

—Eu sinto muito, — Mia lamentou. —Eu não deveria ter fugido atrás de Luci. Então você não teria se machucado.

—Mia, não. — Estendi a mão e agarrei seu joelho, ignorando a pontada de dor. —Isso não é sua culpa. Os únicos responsáveis são aqueles que fizeram isso e eles não vão nos machucar nunca mais.

—Promete? — Ela perguntou, a voz vacilante.

—Nós prometemos, — Griffin disse, segurando-a mais perto.

Eu olhei para Ava. —Você está bem?

—Eu estou bem se você estiver, — ela sussurrou.

—Eu estou melhor do que bem, — eu disse, olhando para as pessoas ao meu redor. O amor que sentia por eles, me aquecendo de dentro para fora. —Que tal uma boa notícia?

Will deu um sorriso vacilante. —Acho que só tenho espaço para boas notícias nos próximos dez anos.

—Parece uma ótima regra para mim. — Eu olhei para Mia. —Você acha que pode ser uma florista? Ou uma dama de honra júnior?

Ava se engasgou, olhando de mim para Griffin e vice-versa. —Vocês vão se casar?

—Nós iremos, — eu disse.

—O que você diz? — Griffin perguntou. —Como vocês se sentem por estarem comigo para sempre?

Will sorriu. —Eu acho que posso viver com isso.

—Você já é família, — disse Ava.

Mia sorriu. —Eu ganho um vestido brilhante?

Griffin riu. —Vamos comprar o vestido mais brilhante que pudermos encontrar.

—Que tal neste verão? — Perguntei.

Os olhos de Griffin brilharam, uma mistura de surpresa e calor. — Você quer fazer isso logo?

—Não quero perder um segundo de minha vida com você.

EPÍLOGO

Czelyn

DOIS MESES DEPOIS

—Perfeito. — Deixei a ponta do meu caminho de mesa ao mesmo tempo que Bell colocou a dela. —Eu não posso acreditar que você fez tudo isso acontecer. Obrigada.

Ela se virou para mim e colocou um braço em volta dos meus ombros. —Não consigo pensar em um uso melhor para algumas das minhas peças de mobiliário.

Eu examinei o quintal da casa da fazenda. Estava com um punhado de mesas e cadeiras incompatíveis com caminho de mesa engenhosos e logo se enchendo de flores. Nossos amigos trabalharam horas extras para fazer esse casamento acontecer.

Griffin concordou em ter um pouco mais de ajuda na casa. E entre ele, Will, Crosby e Ford, eles terminaram completamente a restauração na semana passada. Bell se ofereceu para cuidar de todos os móveis de nosso pequeno caso. E Kenna estava lidando com flores.

Apenas pensar nela, ela já aparecia. A forma arredondada de Kenna deu a volta na casa com o noivo em seus calcanhares. —Olhos Castanhos. Pare de andar tão rápido. Algo pode acontecer com o bebê.

Ela revirou os olhos. —Você o ouve? Não é como se esta pequena mocinha fosse simplesmente cair da minha barriga.

—Mocinha? — Eu gritei.

Ela corou. —Ops. Eu ia manter isso uma surpresa. É uma menina.

Soltei um grito e corri na direção de Kenna, puxando-a para um abraço. —Você percebe que isso significa que podemos começar a comprar todas as coisas fofas para bebês agora.

Ela sorriu. —Eu gosto do jeito que você pensa.

—Ei, — Bell choramingou. —Eu quero entrar nisso.

Nós nos envolvemos em um de nossos abraços de grupo. —Amo vocês, garotas, — sussurrei. —Irmãs do meu coração.

—Sempre, — Bell respondeu.

Kenna fungou. —Vocês duas estão sempre me fazendo chorar agora.

Eu ri. —Quem poderia imaginar que veríamos o dia em que Kenna se tornaria uma chorona? Sempre pensei que esse seria o meu papel.

Ela se endireitou e arrumou as rugas invisíveis em seu vestido de verão. —Estou grávida. O que significa que tenho uma desculpa. —

Crosby parou perto do nosso grupo. —Vocês estão bem?

—Oh, estamos bem, — reclamou Kenna. —Assim como sua progênie está bem.

Crosby sorriu. —Ela disse que é uma menina? Eu vou estraga-la demais.

—Você não vai, — argumentou Kenna.

Crosby apenas sorriu ainda mais. —Nós apenas teremos que ver. — Ele se virou para mim. —Temos as flores na traseira da caminhonete. Pronto para coloca-las nas mesas?

—Estamos prontas, — eu disse.

—Flores! — Mia gritou, saltando do convés com um vestido brilhante que poderia ter cegado algumas pessoas enquanto ela girava em

círculos. Um vestido brilhante não foi suficiente para minha Mi. Ela precisava de três. Um para o chá de panela, um para o jantar de ensaio desta noite e um para o grande dia de amanhã.

—Mia, você está linda, — disse Bell.

Mia a cumprimentou com uma reverência profunda. —Obrigada.

Eu me engasguei com uma risada. —Tenho certeza de que ela pensa que vamos nos casar com alguém da família real, — sussurrei.

— Bem que poderia ser, — disse Kenna.

Tentamos manter nosso casamento fora do radar. Apenas cerca de vinte pessoas compareceram, além da festa de casamento. Mas de alguma forma, o maldito repórter que nunca parava de assediar Griffin tinha ficado sabendo do nosso noivado. Pode ter sido a rocha maciça que Griffin plantou no meu dedo uma semana após minha alta do hospital. Ou ela pode ter começado a procurar depois que o relatório policial do meu incidente foi divulgado.

Griffin fora inocentado de qualquer delito e Darryl Kidman ficaria na prisão por um longo tempo. A polícia encontrou meu pai enterrado no quintal de Max, e pudemos colocar meus pais para descansar em um cemitério em Shelter. Nunca haveria sentimentos simples quando se tratasse deles e dos eventos que ocorreram, mas estávamos nos curando juntos como uma família. E ter esse casamento para se concentrar tinha ajudado muito.

Will se abriu com Griffin enquanto eles trabalhavam na casa, deixando sua culpa e medo fluírem. Griffin estava lá a cada passo do caminho, encorajando e sendo um ombro para se apoiar.

Mia vinha lutando com pesadelos, mas estávamos lá sempre que ela gritava. Ajudou o fato de ela e Ava dividirem um quarto e Luci nunca sair

do seu lado. Eu juro que aquele gato se tornou o defensor mais feroz da minha irmã.

Ava processou do jeito que ela normalmente fazia — silenciosamente e com pensamentos profundos. Havíamos passado muitas tardes caminhando pela propriedade, apenas nós duas enquanto eu lentamente recuperava minhas forças. E minha garota se abriu para mim com o tempo.

Todos nós ficaríamos bem.

Ava e Will saíram para fora da casa. —Ei, — Crosby gritou, — precisamos de suas mãos para descarregar flores.

—Eu também posso ajudar, — eu disse, começando a me dirigir naquela direção.

—Na verdade, Griffin quer ver você. Ele está em seu escritório, — disse Will.

Parei e voltei para a casa. —Tudo certo. Estarei pronta para ajudar assim que terminar.

Eu caminhei para dentro da casa, passando pela cozinha que se tornou meu lugar favorito e pelo corredor até o escritório de Griffin. —Ei lindo.

Ele olhou para cima e sorriu, aqueles olhos azuis brilhando. — Venha aqui, linda.

Eu fui até ele e ele me puxou para o seu colo. —Eu já te disse recentemente que te amo?

—Hmmmm, — eu disse, tocando meus lábios com um dedo. —Eu acho que você pode ter mencionado isso uma ou duas vezes. Mas nunca me canso de ouvir isso.

Ele arrastou seus lábios até o lado do meu pescoço. —Eu te amo.

—Griffin. — Seu nome era mais uma arfada. —Tem meia dúzia de pessoas lá fora.

Ele riu, o som enviando arrepios por mim. —Serei bom. Eu prometo.

—Eu odeio que você tenha que ser.

Ele apertou minhas pernas. —Confie em mim, eu também.

—Então, — eu disse, torcendo em seu colo, —o que você precisa?

—Para lhe dar isso. — Ele acenou com a cabeça para uma longa caixa em sua mesa. A peça que pertenceu ao seu pai e se tornou seu bem mais precioso.

—O que é isso? — Eu perguntei, deslizando a caixa para mais perto de mim.

—Seu presente de casamento. Eu queria dar a você antes que toda a loucura começasse.

Minha boca se curvou enquanto eu brincava com as pontas da fita. —Você sabe que não precisava me dar nada. Você já me deu tanto.

Ele pressionou seus lábios na minha têmpora. —Abra.

Eu puxei a fita, deslizando a caixa para fora de seu suporte. Eu lentamente levantei a tampa. Dentro havia papéis dobrados ordenadamente em três partes. Enquanto desdobrava a pilha, engasgueime. —O que é isso? — Havia fotos e listas de lugares. Roma e o sul da França. Mallorca, Espanha e Mikonos, Grécia.

—No próximo verão, você, eu e as crianças vamos para a Europa. E em todos os lugares que vamos, você está tendo uma aula de culinária.

Lágrimas picaram meus olhos. —Meu sonho.

Seus lábios roçaram meu cabelo. —Adoro fazer com que cada um se torne realidade.

Eu pulei de seu colo, correndo para uma caixa decorativa em sua estante. Griffin grunhiu. —Essa não era exatamente a reação que eu esperava...

Eu levantei a tampa da caixa e tirei meus próprios papéis, eles estavam enrolados no que parecia ser um pergaminho com uma fita vermelha amarrada em volta deles. Eu me virei, correndo de volta para Griffin e levando sua boca com a minha em um beijo duro. —Eu te amo muito. Nunca pensei que pudesse amar uma pessoa tanto quanto amo você.

Ele sorriu. —Ok, isso é um pouco melhor.

Entreguei a ele o pergaminho. —Isso é meu, Will, Ava e Mia.

Griffin ergueu uma sobrancelha, e desamarrou o laco. Enquanto ele examinava a página inicial, seu corpo inteiro travou. Seu olhar disparou para o meu. —Isso é papelada para entrar com o tribunal. Para me tornar um guardião das crianças.

Minhas lágrimas transbordaram, rastreando minhas bochechas. — Queremos oficializar de todas as maneiras possíveis que somos uma família. Will, Ava e Mia também. Crosby pode entrar com os papeis na próxima semana. Se você quiser.

Griffin deixou os papéis caírem em sua mesa e emoldurou meu rosto com as mãos. —Eu quero. — Ele deslizou seus lábios contra os meus no beijo mais terno. —Você me deu meu sonho também.

—O que é isso? — Perguntei.

—Uma família. Para sempre.